

# OS SENTIDOS DAS PALAVRAS

Terminologia económica e social em  
*La Comédie humaine*

por

João Bernardo

Outubro de 2013

## Índice

Nota sobre a tradução: 3

1. A França da *Comédie*: 5

2. «Operários» e «proletários»: 43

3. Que nome tinham os burgueses?: 62

3. Anexo: 135

## Nota sobre a tradução

Hesitei sobre a conveniência de traduzir as citações num livro dedicado ao estudo da terminologia. Uma tradução é sempre uma transposição, e no contexto de outra língua uma palavra perde a constelação de termos próximos e de acepções cruzadas que lhe define o sentido na língua original. Quando é a globalidade do texto que importa, o tradutor tenta compensar umas deslocções semânticas com outras em sentido inverso, de maneira que no final o equilíbrio se mantenha. Mas isto é impossível quando visamos palavras, o que aliás obriga a um grau de literalidade nem sempre consentâneo com a fluência do estilo. No entanto, o esquecimento em que a língua francesa caiu fora dos países francófonos condenaria este livro a ter ainda menos leitores se as citações não fossem traduzidas e, além disso, a proximidade entre o francês e o português permite que muitas vezes as esferas semânticas originais não sofram distorções significativas. Para aquelas palavras cuja tradução não seja incontroversa ou unívoca ou nos casos em que mais de uma palavra se verta para o mesmo vocábulo português, inseri entre parênteses rectos a forma original. Noutros casos procurei mostrar o contexto que rodeava o termo francês. Note-se ainda que deixei ficar no original as expressões destinadas a vincar hierarquias sociais e formas de comportamento que perdessem a precisão ao ser traduzidas.

Para o leitor familiarizado com a língua francesa será talvez útil explicar algumas das minhas opções. Traduzi *mécanique* por «maquinismo» e *mécanisme* por «mecanismo», não porque haja uma diferença de acepções entre os dois vocábulos, mas para manter a distinção terminológica. No único caso em que isto não sucedeu, assinalei entre parênteses rectos a palavra original. Quanto ao emprego de *rouage*, o *Dictionnaire* de Littré dá à palavra tanto a acepção de «roda dentada» como de «conjunto das rodas dentadas de uma máquina», ou seja, uma «engrenagem». Em regra, traduzi *rouage*, no singular, por «roda dentada» e *rouages*, no plural, por «engrenagem» sempre que se trata de um movimento conjunto ou por «rodas dentadas» quando se trata de uma enumeração de peças.

O *Dictionnaire* de Littré explica também que a *bêtise* revela ignorância e limitação de espírito, enquanto a *sottise* denota incapacidade de ajuizar. Isto levou-me a traduzir *bêtise* por «estupidez» e *sottise* por «tolice», o que será importante nas passagens que pretendem caracterizar o comportamento da burguesia. Ainda a este respeito, o *niais* é um «simplório», um «palerma», e as *niaiseries* são «palermices».

Na caracterização profissional dos burgueses Balzac usou uma profusão de vocábulos que eu talvez não mantivesse se se tratasse de uma tradução literária. Por exemplo, a palavra «mercador» parece-me incerta para a época da *Comédie* e reservá-la-ia aos séculos anteriores ao capitalismo, mas neste caso decidi seguir rigorosamente o critério de verter cada termo do original para um termo português correspondente. Deste modo distingo o *marchand*, «mercador», o *négociant*, «negociante» e o *commerçant*, «comerciante», sendo o *commerçant en gros* um «comerciante grossista» e o *détaillant* um «retalhista». E se um *épicier* é obviamente um «merceeiro», um *mercier* um «retroseiro» e um *droguiste* um «droguista», convém prevenir que traduzo *débitant* por «fornecedor» e *boutiquier* por «lojista». Passando para o fabrico de bens, *industrie* é «indústria» e *industriel* é «industrial», e verto *manufacturier* como «manufactor» e *fabricant* como «fabricante». Uma *manufacture* é uma «manufatura», mas para designar uma «fábrica» Balzac e os seus personagens tanto empregaram *fabrique* como *usine*, o que me levou a manter o termo original entre parênteses rectos. No âmbito da administração, o *employé* é o «funcionário». Finalmente, no plano financeiro, o *banquier* é o «banqueiro», o *agent de change* é o «corretor da Bolsa» e o *financier* é o «financeiro». Mais genericamente, um *capitaliste* é um «capitalista», um *entrepreneur* é um «empresário» e um *rentier* é um «rentista», o que exige uma explicação. «Rentista» é um galicismo, designando uma pessoa que vive de rendimentos sem ter qualquer papel activo na organização da economia, e embora a maior parte dos dicionários, tanto em Portugal como no Brasil, não mencione o termo, o enorme *Dicionário de Moraes*, na sua décima edição, regista *rentístico*, que define como relativo a renda ou rendimentos, e dá um exemplo de emprego citando Brito Camacho, igual conhecedor da língua e da economia, que escreveu «os monopólios rentísticos», na acepção de «parasitários».

Apesar de tudo, pensando naqueles que souberem consultar as citações no original, as notas remetem para a edição de *La Comédie humaine* organizada por Pierre-Georges Castex e publicada em doze volumes, de 1976 até 1981, na Bibliothèque de la Pléiade (Paris: Gallimard).

## A França da *Comédie*

Os capitalistas, tal como os encontramos em *La Comédie humaine*, dedicavam-se principalmente a especulações. Na província «os reveses do clima regem a vida comercial», a tal ponto que «há um duelo constante entre o céu e os interesses terrestres»<sup>1</sup>. O carácter aventureiro dos empreendimentos era ainda mais pronunciado nas grandes metrópoles mercantis, porque às intempéries somavam-se os percalços da história e o inesperado das acções individuais. Este predomínio da especulação revela o atraso económico da França relativamente à Grã-Bretanha. «Não há dúvida», disse Canalis referindo-se à França, «de que ela foi ultrapassada na indústria, no comércio, na navegação pela Inglaterra; e, apesar disto, ocupa, na minha opinião, o primeiro lugar no mundo pelos seus artistas, pelos seus homens de talento, pelo bom gosto dos seus produtos»<sup>2</sup>.

O sempre vaidoso Canalis estava ali a fazer o seu próprio elogio enquanto «homem de talento», mas nem por isso a observação deixa de ser incontestável. «[...] o nosso comércio», resumiu Balzac, «vive apenas graças ao luxo»<sup>3</sup>. É revelador que, comparando o passado medieval com o presente, o romancista tivesse enumerado como traços da sua época «os tecidos preciosos, os jornais, as máquinas a vapor»<sup>4</sup>. «Os jornais» constituíam o instrumento da opinião pública, em que se fundava a monarquia constitucional, mas a proximidade entre «os tecidos preciosos» e «as máquinas a vapor» indica que tipo de produção fabril era prosseguido em França. A indústria francesa vendia ao estrangeiro sobretudo artigos de luxo em quantidade limitada, contrariamente à Grã-Bretanha, que conquistou os mercados graças a uma produção industrial maciça e de baixo custo. A expansão britânica era já tão plenamente assimilada à manufatura moderna que Balzac pôde escrever, a respeito dos novos costumes da vida em sociedade, que se tratava de «uma dessas invenções inglesas que tendem a mecanificar as outras nações»<sup>5</sup>. O romancista criou aqui o neologismo «*mécánifiser*», «*mecanificar*» – que quase só ele empregou e nem Littré nem o *Dictionnaire* da Académie Française registaram – decerto para distinguir entre, por um lado, um processo de

---

<sup>1</sup> *Eugénie Grandet*, III 1029.

<sup>2</sup> *Modeste Mignon*, I 644.

<sup>3</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1196. Balzac criticou o governo «que deixa definhar o comércio mais florescente que a França deveria ter em tempo de paz», as novidades literárias [*la librairie de nouveautés*] – Préface da primeira edição de *Pierrette*, IV 26.

<sup>4</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1017.

<sup>5</sup> *Autre étude de femme*, III 674.

expansão cultural e, por outro, a «*mécanisation*», «*mecanização*», enquanto processo de adopção material das máquinas. Durante a primeira metade do século XIX, enquanto a Grã-Bretanha exportou 41% da sua produção têxtil, a França não exportou, em média, mais de 18%, mostrando que ainda não era capaz de fabricar volumes elevados de tecido a baixo custo. Mesmo até ao final daquele século, as exportações da França praticamente não incluíam produtos que integrassem tecnologias avançadas e limitavam-se a géneros agrícolas, tecidos e os inevitáveis *articles de Paris*, objectos da moda, fabricados especialmente na capital. Apesar disto, David Séchard, proprietário de uma tipografia em Angoulême, compreendeu que a França se aproximava da produção de massas. «*Entrámos numa época em que, diminuindo as fortunas devido ao seu nivelamento, tudo se empobrecerá: haveremos de querer roupa barata e livros baratos, como já se começa a querer quadros pequenos, por falta de espaço para colocar grandes. Em suma, as camisas e os livros não serão duradouros. A solidez dos produtos está a desaparecer*»<sup>6</sup>. Mas perante este desafio, o que fez Séchard? A sua história foi o drama de um inventor frustrado e de um empresário fracassado, e nisto pode simbolizar a economia francesa da época. «*[...] um ceptro comercial que faz da Moda em França aquilo que a Marinha é em Inglaterra*»<sup>7</sup>, só que os navios britânicos transportavam os produtos que iam abrir o mercado de massas, enquanto a moda parisiense contribuía para manter tudo o que era retardatário em França. Aliás, alguns países estavam numa situação pior ainda, e se Vendramin convocava para Veneza «*a moderna potência da indústria*» e «*amplia[va] a Idade Média graças ao mundo do vapor*», isto apenas se devia a sonhos provocados pelo ópio<sup>8</sup>.

*La Comédie humaine* permite-me proceder a um teste para aferir o atraso tecnológico da França. Se já nas primeiras linhas de uma obra publicada originariamente em 1842 o romancista previra que os caminhos-de-ferro tornassem em breve obsoletas as demais formas de transporte<sup>9</sup>, o certo é que eles, quando não foram descritos como objecto de especulação, limitaram-se em geral a fornecer um pretexto para figuras de estilo. Num romance de 1831, *Émile*, muito possivelmente Émile Blondet, lamentou-se de que «*a vida pálida da nossa civilização, uniforme como o carril [rainure] de um caminho-de-ferro, provoca-me náuseas de desalento*»<sup>10</sup>. A palavra «*rainure*», «*carril*», traduzindo o inglês *rail*, não se implantou, o que mostra que esta tecnologia era demasiado recente em França para ter então um vocabulário consagrado, e nos outros casos Balzac usou o anglicismo «*rail*», que acabaria por ser acolhido na língua francesa. Igualmente curioso é alguém mencionar as novas técnicas a

---

<sup>6</sup> *Illusions perdues*, V 220-221.

<sup>7</sup> *Les Employés*, VII 1047.

<sup>8</sup> *Massimilla Doni*, X 575.

<sup>9</sup> *Un début dans la vie*, I 733.

<sup>10</sup> *La Peau de chagrin*, X 93.

propósito do *spleen*, e mais inesperada ainda, na mesma acepção de enfadonha previsibilidade, é a junção que um texto de 1835 operou entre o misticismo e as ferrovias. «Talvez o Misticismo fique beneficiado pela língua tão positiva do nosso país, obrigado a ir a direito, como uma carruagem nos carris do seu caminho-de-ferro»<sup>11</sup>. Num breve conto publicado em 1844 os «caminhos-de-ferro» foram incluídos na lista dos assuntos variadíssimos que demonstravam a fictícia erudição dos empregados de comércio parisienses<sup>12</sup>. Nesse ano e no ano seguinte, ao publicar em folhetim a última parte de um romance, Balzac recorreu a uma metáfora repleta de modernidade quando referiu «essas existências saídas dos carris sobre os quais se move o grande comboio social»<sup>13</sup>; e num livro estreado em 1846 a figura principal afirmou que «vivemos [...] numa época de caminhos-de-ferro»<sup>14</sup>, levando decerto um dos comparsas do enredo a classificar a amante, que o ajudava a subir na vida, como «une fière locomotive»<sup>15</sup>, no cruzamento das acepções de «uma bela locomotiva» e «uma intrépida locomotiva». Ainda neste romance «o apaixonado Crevel tinha transferido para Valérie Fortin dez mil francos de rendas, o fruto do que ganhara nos negócios [affaires] de caminhos-de-ferro nos últimos três anos»<sup>16</sup>, e a cantora Josépha Mirah, uma *demi-mondaine* de grande coração e sem papas na língua, disse ao barão Hulot, quando ele a procurou, desonrado e na miséria: «Olha! eu cá prefiro um gastador, apaixonado como tu pelas mulheres, a um desses frios banqueiros sem alma a quem chamam virtuosos e que arruinam milhares de famílias com os seus carris, que são ouro para eles e ferro para os Otários!»<sup>17</sup>. A vertente bolsista e especulativa do novo meio de transporte surgiu também numa cena escrita ainda em 1846, onde um personagem recordou a outro que ele lhe dissera «farei tudo por ti se me arranjares ao par acções de caminhos-de-ferro que estão a ser postas no mercado por du Tillet e Nucingen»<sup>18</sup>. E mais adiante outro personagem lembrou que «du Tillet dá uma festa a pretexto de rail-ways, porque agora, mais do que nunca, se assalta nos caminhos»<sup>19</sup>. O facto de aparecer de novo um anglicismo mostra como os caminhos-de-ferro eram geralmente considerados uma novidade britânica, e aliás o mesmo anglicismo foi usado pelo romancista noutras ocasiões. No ano seguinte, persistindo nos efeitos estilísticos, Balzac escreveu que «a ciência transforma a face da civilização graças ao caminho-de-ferro, a gíria já o designa como *roulant vif*»<sup>20</sup>, o que se

---

<sup>11</sup> *Préface do Livre mystique*, XI 506.

<sup>12</sup> *Gandissart II*, VII 848.

<sup>13</sup> *Béatrix*, II 937.

<sup>14</sup> *La Cousine Bette*, VII 238.

<sup>15</sup> *Ibid.*, VII 328.

<sup>16</sup> *Ibid.*, VII 253. Na pág. 286 vemos Crevel mencionar de novo a Valérie os lucros que obtivera graças à especulação com acções dos caminhos-de-ferro.

<sup>17</sup> *Ibid.*, VII 358.

<sup>18</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1180.

<sup>19</sup> *Ibid.*, VII 1199.

<sup>20</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 830.

traduz literalmente por «rolante vivo», no sentido de «ágil», «veloz». Um personagem de uma obra deixada incompleta, mas começada a publicar também em 1847, pretendeu gracejar dizendo «eu cá já não duvido de nada, numa época em que o asfalto, o cauchu, os caminhos-de-ferro e o vapor transformam o solo, as sobrecasacas e as distâncias»<sup>21</sup>, e avaliamos o quilate desta ironia quando Balzac introduziu assim o seu autor: «Se Deus, no seu paraíso terrestre, tivesse querido, para completar as *Espécies*, colocar um burguês da província, não faria com as suas próprias mãos um tipo mais perfeito, mais completo do que Philéas Beauvisage»<sup>22</sup>. «Pretender-se homem de progresso», lemos nesta obra acerca da situação oito anos antes, «era proclamar-se filósofo em todas as coisas e puritano na política. Tomava-se assim partido pelos caminhos-de-ferro, os impermeáveis [mackintosh], as penitenciárias, a pavimentação em madeira, a independência dos pretos, as caixas de depósitos, os sapatos sem costura, a iluminação a gás, os passeios asfaltados, o voto universal, a redução da lista civil»<sup>23</sup>. E as ferrovias continuaram a ser um tema jocoso neste troço de romance, porque alguém disse, para explicar o mistério de uma figura que fora recebida igualmente pelas facções opostas de uma pequena cidade de província: «Há uma única razão para justificar que um cristão vá a ambos os campos, aos Montecchi e aos Capuletti!... Ah! já sei quem é esse desconhecido. É... – É?... perguntaram todos. – O director dos caminhos-de-ferro entre Paris e Lyon ou entre Paris e Dijon ou entre Montereau e Troyes. – É isso!», interveio outro personagem. «O senhor acertou! A banca, a indústria e a especulação são as únicas bem recebidas em qualquer lado». E embora o autor nos tivesse deixado sem sabermos que rumo tomaria este enredo, a mais bela das meninas casadoiras comentou «melancolicamente» à mais esperançosa das meninas herdeiras: «O nosso romance está a tornar-se uma locomotiva»<sup>24</sup>. As referências ferroviárias não foram menos abundantes noutra obra publicada também em 1847, onde se mencionou um alemão que havia sido «um dos fundadores dos caminhos-de-ferro de Baden»<sup>25</sup>, onde outro personagem «afirmava que investira mais do que podia nos caminhos-de-ferro»<sup>26</sup>, onde vemos Gaudissart, já associado a uma firma bancária «nos empreendimentos de caminhos-de-ferro que essa casa lançava», aspirar a uma posição «à frente de um caminho-de-ferro»<sup>27</sup> e onde alguém aconselhou «compre ações do caminho-de-ferro de Orléans, estão trinta francos abaixo do par, em três anos terá duplicado os seus fundos»<sup>28</sup>. Depois de ter recordado o «prodigioso desenvolvimento financeiro produzido pela implantação dos

---

<sup>21</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 731.

<sup>22</sup> *Ibid.*, VIII 730.

<sup>23</sup> *Ibid.*, VIII 736.

<sup>24</sup> *Ibid.*, VIII 790. Na pág. 799, mesmo depois de saber que se tratava de um emissário secreto do governo, o subprefeito aconselhou-o a disfarçar-se sob a identidade de «administrador do caminho-de-ferro».

<sup>25</sup> *Le Cousin Pons*, VII 537-538.

<sup>26</sup> *Ibid.*, VII 660.

<sup>27</sup> *Ibid.*, VII 651.

<sup>28</sup> *Ibid.*, VII 678.



*caminhos-de-ferro*» e de ter anunciado a intenção de «*pe[dir] emprestada uma imagem aos railways, quanto mais não seja como reembolso dos empréstimos que eles nos pedem a nós*», Balzac evocou ainda neste romance «*a nossa sociedade lançada na sua via metálica com uma velocidade de locomotiva*»<sup>29</sup>; mas mesmo tendo em conta uma presença tão constante dos caminhos-de-ferro, fico perplexo ao ler que a segunda senhora Brunner, «*apesar de esforços dignos de uma locomotiva, [...] não podia ter filhos*»<sup>30</sup>. Esta associação de uma máquina poderosa a uma poderosa vontade repetiu-se quando o romancista mencionou «*a locomotiva napoleónica*»<sup>31</sup>, imagem tanto mais anómala quanto não havia locomotivas em França no tempo do imperador. Em 1847-1848, evocando a mesma máquina para proceder a uma comparação muito diferente, o agente de um credor disse «*nunca vi um devedor como aquele, é uma locomotiva, adormece em Paris para acordar no Seine-et-Oise*»<sup>32</sup>. E no entanto, apesar de não escassearem menções ao transporte ferroviário, em toda a *Comédie* houve um único personagem a viajar pelo caminho-de-ferro, o procurador Fraasier, «*doutor em direito e sem peúgas*», que tratava apenas «*dos assuntos dos pequeno-burgueses, dos operários, das pessoas do povo*»<sup>33</sup>. «*Vou a Mantes pelo caminho-de-ferro*», anunciou ele numa cena passada em 1845<sup>34</sup>. E se o barão Hulot acabou por ocupar, também em 1845, «*um lugar num caminho-de-ferro*»<sup>35</sup>, foi um lugar de funcionário, não de viajante, embora as suas malas, quando fugiu de casa na miséria e coberto de vergonha, tivessem sido expedidas «*pelo caminho-de-ferro de Corbeil*»<sup>36</sup>.

Nesta omissão o romancista foi realista, porque não se tratava de qualquer arcaísmo seu, mas de um efectivo atraso da França. Numa longa carta onde deplorou um regime que formava com grande custo profissionais científicos brilhantes em escolas públicas ilustres para em seguida os votar a tarefas mediócras que lhes embotavam a inteligência e lhes faziam esquecer o que haviam aprendido, um jovem engenheiro desabafou: «*[...] há-de suceder que nós estejamos ainda a discutir acerca dos caminhos-de-ferro quando os outros países já tiverem terminado os deles. Ora, se a França tivesse alguma vez de demonstrar a superioridade da instituição das escolas especiais, não seria precisamente nesta magnífica fase de obras públicas, destinada a transformar a face dos Estados, a duplicar a vida humana modificando as leis do espaço e do tempo? A Bélgica, os*

---

<sup>29</sup> Ibid., VII 499.

<sup>30</sup> Ibid., VII 534. Compare-se com a confidência de La Peyrade à senhora Colleville: «*A minha mulher [...] terá de ser só uma máquina de fazer filhos [...]*» – *Les Petits Bourgeois*, VIII 114.

<sup>31</sup> *Modeste Mignon*, I 485.

<sup>32</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1162.

<sup>33</sup> *Le Cousin Pons*, VII 643, 665.

<sup>34</sup> Ibid., VII 667.

<sup>35</sup> *La Cousine Bette*, VII 449. Já numa carta endereçada à senhora Marneffe, na pág. 298, o barão Hulot tinha concebido o plano de se aposentar da administração superior do Ministério da Guerra, acrescentando «*bei-de encontrar um belo lugar em qualquer caminho-de-ferro*».

<sup>36</sup> Ibid., VII 357.

*Estados Unidos, a Alemanha, a Inglaterra, que não têm Escolas Politécnicas, hão-de ter redes de caminhos-de-ferro quando os nossos engenheiros estiverem ainda a traçar as nossas, quando horrendos interesses escondidos por detrás dos projectos impedirem a sua execução»<sup>37</sup>.*

Com efeito, se no período de 1821 a 1825 ocorrera em França o primeiro surto de construção de caminhos-de-ferro, eles dependiam ainda da tracção animal, e a primeira locomotiva a vapor só foi introduzida em 1830, um ano depois de estar escrita a mais antiga obra de ficção da *Comédie*. Em 1837 o governo apresentou um plano destinado a colmatar o atraso na construção de caminhos-de-ferro, e no ano seguinte avançou com um novo projecto. Considerando que os capitais privados eram insuficientes para edificar a rede ferroviária, este projecto previa a sua construção pelo Estado, mas deparou com a oposição tanto da maioria da comissão parlamentar como da maioria da Câmara dos deputados, que preferiam o recurso às companhias privadas. A iniciativa estatal ficou paralisada, e em 1840 a França possuía apenas 400 quilómetros de caminhos-de-ferro, enquanto a rede ferroviária da Grã-Bretanha chegava aos 2.000 quilómetros e a dos Estados Unidos aos 5.000 quilómetros. Só a lei de 11 de Junho de 1842 veio fornecer um quadro ao desenvolvimento dos caminhos-de-ferro franceses, numa forma mista que associou o Estado, as autarquias locais e as grandes companhias concessionárias, instalando um certo equilíbrio entre, por um lado, a centralização e, por outro, a concorrência empresarial e departamental ou mesmo municipal. Mas tratou-se de um equilíbrio precário, e na *Comédie* o paradoxo da existência de «*dois caminhos-de-ferro de Versailles*» foi certamente explicado por «*interesses ocultos*»<sup>38</sup>. De 1842 até 1846 entrou-se na época dos grandes projectos e em 1850 a França contava com uma rede ferroviária de 1.931 quilómetros, mas o seu atraso fica caracterizado ao sabermos que nesse ano havia no mundo 38.000 quilómetros de linhas férreas, dos quais 23.000 na Europa e o resto na América, atingindo então a rede ferroviária 11.000 quilómetros na Grã-Bretanha. É sugestivo que Balzac tivesse associado Walter Scott, que ele tanto apreciava, ao progresso ferroviário britânico, quando escreveu que os editores ingleses «*andavam à procura de obras de Walter Scott como mais tarde se haveria de andar à procura de asfalto nos terrenos pedregosos, de betume nos paludes e se haveriam de obter lucros com os projectos de caminhos-de-ferro*»<sup>39</sup>. E se nos lembrarmos de que os pintores do final do século XVIII e do começo do século XIX gostavam de projectar as maravilhas tecnológicas contemporâneas num futuro de ruínas, compreendemos que Émile Blondet tivesse escrito numa carta endereçada a Nathan: «*Quando o globo der uma volta como um doente a*

---

<sup>37</sup> *Le Curé de village*, IX 805.

<sup>38</sup> *Albert Savarus*, I 984.

<sup>39</sup> *Illusions perdues*, V 498.

*sonhar e os mares se tornarem continentes, os franceses dessa época acharão no fundo do nosso Oceano actual alguns carris, uma máquina a vapor, um canhão, um jornal e uma carta constitucional, envoltos num bloco de corais*<sup>40</sup>.

Apesar dos devaneios arqueológicos de Blondet, na França daquela época as estradas não só continuaram a sustentar os principais meios de transporte como adquiriram uma importância crescente. De 1830 até 1848, precisamente enquanto Balzac escrevia *La Comédie humaine*, completou-se a rede geral das estradas francesas e de 1830 até à década de 1860 esses grandes eixos foram suplementados por uma rede de estradas departamentais. O transporte terrestre melhorou em qualidade e em rapidez e os veículos tornaram-se mais numerosos, mas como estes aperfeiçoamentos ocorreram num sistema arcaico eles não suscitaram uma ruptura tecnológica. As «*diligências chamadas Gôndolas, que resistem hoje na estrada de Versailles à concorrência dos dois caminhos-de-ferro*»<sup>41</sup>, revelavam, por um lado, o atraso das ferrovias e, por outro, contribuía para manter este atraso e para perpetuar um meio de transporte antiquado, o que decerto agradava a *Monsieur de Bourbonne*, um fidalgo de província, que «*era capaz de fazer boa figura junto aos frequentadores da corte desde que ninguém lhe fosse falar de Mosè*», a ópera de Rossini *Moisés no Egípto*, «*nem de drama, nem de romantismo, nem de cor local, nem de caminhos-de-ferro*»<sup>42</sup>. E alguém, de modo nenhum um retardatário, escreveu a um amigo que todos os passageiros de viaturas puxadas por cavalos eram inclinados a fazer confidências, enquanto «*ninguém conversa nos caminhos-de-ferro*»<sup>43</sup>, desvendando assim a questão do anonimato do indivíduo na sociedade industrial.

Embora «*o turista dos barcos a vapor*»<sup>44</sup> fosse uma figura de indubitável modernidade, em França os rios só acessoriamente serviram de vias de comunicação, havendo, em 1826, 24 navios a vapor no Baixo Sena, que decuplicaram para 242 em 1843. «*[...] quando ele viu o franziño La Baudraye partindo tão desembaraçadamente para os Estados Unidos como se se tratasse de ir a Rouen nos barcos a vapor [...]*»<sup>45</sup>. Em 1842 havia no Ródano 31 barcos a vapor, todos eles de grande potência, e mesmo que «*a barra do Loire torn[e] bastante imprevisível a navegação dos barcos a vapor*»<sup>46</sup>, em 1842 navegavam neste rio 27 desses barcos. E assim dois amantes que viajavam pelo Loire num «*barco a vapor*» puderam contemplar uma visão fantasmagórica<sup>47</sup>. Havia ameaças mais reais, senão veja-se o acidente que desfigurou Rosalie de Watteville

---

<sup>40</sup> *Les Paysans*, IX 62.

<sup>41</sup> *Un début dans la vie*, I 879.

<sup>42</sup> *Madame Firmiani*, II 149.

<sup>43</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 140.

<sup>44</sup> *Modeste Mignon*, I 474.

<sup>45</sup> *La Muse du département*, IV 770.

<sup>46</sup> *Béatrix*, II 641.

<sup>47</sup> *La Peau de chagrin*, X 294.

quando se encontrava «no Loire, no barco a vapor cuja caldeira explodiu»<sup>48</sup>. E tal como *Monsieur de Bourbonne* detestava Rossini e odiava os caminhos-de-ferro, também Sabine du Guénic, née de Grandlieu, escreveu numa carta para a duquesa sua mãe: «Com efeito, um barco a vapor é muito pior do que uma carruagem. Viajar em público é uma invenção desse monstro moderno, o Monopólio»<sup>49</sup>. Ficou claramente anotada na *Comédie* a relação entre o atraso técnico da economia e o reaccionarismo de uma parte da elite, avessa à sociedade de massas.

A situação dos transportes constitui um excelente indicador do que se passava em França com a indústria em geral e com a tecnologia moderna. Na época napoleónica a máquina a vapor era rara no território francês e em 1816 não existiam no país mais de 150 a 200 máquinas a vapor. Este número progrediu devagar de 1820 até 1827, multiplicou-se rapidamente de 1828 até 1832 e mais depressa ainda de 1842 a 1847. Na indústria usavam-se 625 máquinas a vapor em 1830 e 4.853 em 1847, sendo mais veloz o aumento da potência. Apesar disto, as 5.000 a 6.000 máquinas a vapor recenseadas em França em 1850 representavam uma força global que não ultrapassava os 67.000 cavalos-vapor, enquanto a Grã-Bretanha tinha instalados nessa data 500.000 cavalos-vapor. Neste contexto, que máquinas, além das locomotivas, surgem em *La Comédie humaine* e como nos são apresentadas? Deixo de parte os vocábulos designando maquinismos e os termos de conotação mecânica relativos a épocas anteriores<sup>50</sup>, abordadas pelo romancista em alguns dos *Études philosophiques*, e vou cingir-me ao capitalismo industrial. A propósito das falsas nevroses femininas, que forneciam às esposas o «poder de vaporizar os seus fluidos», Balzac ironizou: «[...] não há dúvida de que foi nos meados do século passado que os vapores começaram a mostrar-se em França. Assim, enquanto Papin aplicava a problemas de mecânica a força da água vaporizada [...]»<sup>51</sup>. Dalí resultaram «as máquinas que constituem o orgulho da nossa Época»<sup>52</sup>.

«Esta cidade», Paris, «não pode ser mais moral, nem mais cordial, nem mais asseada do que a caldeira motriz desses magníficos piróscafos que admirais a cortarem as ondas! Não é Paris uma sublime nave carregada de inteligência?»<sup>53</sup>. Ou ainda, «Paris continua a ser essa monstruosa maravilha, espantoso

---

<sup>48</sup> *Albert Savarus*, I 1020.

<sup>49</sup> *Béatrix*, II 854.

<sup>50</sup> *L'Enfant maudit*, X 900; *Maître Cornélius*, XI 64; *Sur Catherine de Médicis*, XI 165-166, 260, 348. Em *L'Élixir de longue vie*, XI 481, um relógio com um galo que cantava as horas «era uma dessas máquinas engenhosas» e o seu «mecanismo» «compunha-se de madeira, roldanas, cordas, rodas dentadas», mas este conto situa-se num plano intemporal e, de qualquer modo, trata-se aqui de um dos muitos autómatos que encantaram a sociedade pré-industrial.

<sup>51</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1166. A associação de ideias foi semelhante noutra obra. «Ela», Caroline, a multimoda esposa, «vem sentar-se nos joelhos de Adolphe, que não pode deixar de sorrir. Ela aguardava este sorriso, obtido com a ajuda da máquina a vapor, para usá-lo como arma» — *Petites misères de la vie conjugale*, XII 74.

<sup>52</sup> *L'Élixir de longue vie*, XI 474.

<sup>53</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1052.

conjunto de movimentos, de máquinas e de pensamentos»<sup>54</sup>. Mas se na Paris da *Comédie* não faltam movimentos nem pensamentos, piróscafos não vemos nenhum, e quanto a máquinas industriais encontramos «uma prensa hidráulica» que o perfumista Birotteau instalara para fabricar o seu «Óleo Comageno», «uma essência para fazer crescer o cabelo»<sup>55</sup>. Sabemos também que a «mulher de um operário», que trabalhava como «mulher-a-dias», «ia durante o resto do tempo dar à manivela de um maquinismo e neste cansativo ofício ganhava dez sous por dia»<sup>56</sup>. E constitui um irónico, embora involuntário, resumo da situação a referência, nos arredores da capital, às «velhas máquinas de Marly, que já não conseguem puxar água para as matas de Versailles sem ficarem ameaçadas de dissolução súbita»<sup>57</sup>. «Velhas máquinas», com efeito, construídas no último quartel do século XVII para fornecer água a Versailles e a que os engenheiros, de 1812 até 1827, se esforçaram por aplicar a força do vapor sem alcançarem grande sucesso. Afinal, é revelador do atraso da capital francesa que as únicas máquinas cujo funcionamento foi ali descrito se relacionassem com a actividade científica e com experiências laboratoriais. O físico Planchette explicou a Raphaël de Valentin que «a expansibilidade da água criou a máquina a vapor»<sup>58</sup> e disse-lhe, referindo-se ao movimento, que «as nossas máquinas utilizam ou decompõem este acto, este facto»<sup>59</sup>. Pouco depois, quando Planchette anunciou «vou demonstrar-lhe em duas palavras a existência de uma máquina debaixo da qual o próprio Deus seria esmagado como uma mosca», Raphaël exclamou «que máquina horrível!»<sup>60</sup>. Entremos agora na oficina de Spieghalter, que Planchette classificou como «ce mécanicien distingué», «este mecânico eminente», uma designação que só pode entender-se numa época em que eram ainda ténues as fronteiras entre o engenheiro, o cientista e o artesão de talento, neste caso um «mecânico». «Era uma chuva de fogo, um dilúvio de pregos, um oceano de êmbolos, de parafusos, de alavancas, de vigas, de limas, de porcas, um mar de metais fundidos, de madeira, de válvulas e de barras de aço»<sup>61</sup>. A actividade científica suscitou o aparecimento de outras máquinas, desta vez em Douai, onde Balthazar Claës encomendou «máquinas», «algumas máquinas preciosas», para o laboratório de química que instalara em casa<sup>62</sup>. Este laboratório era «uma sala imensa, intensamente iluminada, apetrechada com máquinas e objectos de vidro cobertos de pó», e entre estes instrumentos destacava-se «uma

---

<sup>54</sup> Ferragus, *chef des Dévorants*, V 795.

<sup>55</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 46. A mesma «prensa hidráulica» aparece novamente nas págs. 96 e 131.

<sup>56</sup> *Facino Cane*, VI 1021.

<sup>57</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 952

<sup>58</sup> *La Peau de chagrin*, X 247.

<sup>59</sup> *Ibid.*, X 243.

<sup>60</sup> *Ibid.*, X 245.

<sup>61</sup> *Ibid.*, X 248.

<sup>62</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 688, 692. Na pág. 756, Balthazar Claës referiu de novo as «máquinas» do seu laboratório, e Balzac mencionou-as na pág. 804.

*máquina pneumática*<sup>63</sup>, havendo ainda outras «*máquinas estranhas*»<sup>64</sup>. Além destes aparelhos de vocação científica, não vemos funcionar máquinas em *La Comédie humaine* a não ser na tipografia dos Séchard, situada em Angoulême. A evolução das técnicas tipográficas ao longo da história foi descrita por David Séchard à noiva, Ève Chardon<sup>65</sup>, e em algumas passagens deste romance abundam as referências esparsas aos mecanismos tipográficos<sup>66</sup>. Ficamos também a saber que «*naquela altura o maquinismo para fazer papel ao comprido entrava em funcionamento na Inglaterra*»<sup>67</sup> e vemos que um dos irmãos Cointet «*encomendava máquinas para fabricar papel contínuo*»<sup>68</sup>.

Na *Comédie* aparecem também, ocasionalmente, máquinas de outro tipo. Pierre Grassou, que era um «*mero pintor de genre*», «*limitava-se ainda ao cavalete*» e não tinha necessidade «*des machines énormes qui ruinent les peintres d'Histoire*»<sup>69</sup>, afirmação que só se compreende no contexto do estilo *pompier*, pois estas «*máquinas enormes que arruinam os pintores de História*» eram os aparelhos exigidos pelas telas colossais que recebiam a primazia nos *Salons*. Ainda nesta esfera das máquinas de artista, salienta-se o Panharmonicon, instrumento inventado por Gambara, «*que podia substituir uma orquestra inteira*» e foi classificado como «*esta máquina singular*»<sup>70</sup>. Aliás, embora Balzac fosse um melómano e os personagens da *Comédie* tivessem frequentado assiduamente teatros e óperas, é curioso que raramente encontremos maquinismos de cena. «*Para Lucien, aquelas duas horas passadas no teatro foram como um sonho. [...] Naqueles sujos corredores atravancados de máquinas [...]*»<sup>71</sup>. Noutra obra aparece o «*machiniste à l'Opéra*»<sup>72</sup>, literalmente «*maquinista da Ópera*», mas o termo designava o encarregado dos cenários e de tudo o mais que provocasse no palco os efeitos de ilusão. Foi a pensar nestes profissionais que Corentin disse, acerca do seu lugar de director da polícia secreta, «*somos o maquinista dos dramas políticos*»<sup>73</sup> e que Balzac escreveu: «*Os Chouans nem tentaram resistir, ao verem as muralhas do castelo cobrirem-se de soldados, como se a arte do maquinista [machiniste] ali tivesse aplicado linhas azuis [...]*»<sup>74</sup>. Em ambos os casos não se tratava decerto de «*maquinistas [machinistes] desajeitados cujos cenários deixam à mostra os artifícios,*

---

<sup>63</sup> Ibid., X 779.

<sup>64</sup> Ibid., X 780.

<sup>65</sup> *Illusions perdues*, V 218 e segs.

<sup>66</sup> Ibid., V 560 e segs.

<sup>67</sup> Ibid., V 560.

<sup>68</sup> Ibid., V 728.

<sup>69</sup> *Pierre Grassou*, VI 1093.

<sup>70</sup> *Gambara*, X 495, 496.

<sup>71</sup> *Illusions perdues*, V 391.

<sup>72</sup> *Les Employés*, VII 1048.

<sup>73</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 919.

<sup>74</sup> *Les Chouans [...]*, VIII 1093.

os contrapesos e os bastidores»<sup>75</sup>. O estranho ancião que surgia misteriosamente nos bailes dos Lanty evocava também as ilusões do palco, «parecia saído de baixo da terra, impelido por qualquer mecanismo de teatro»<sup>76</sup>. Do mesmo modo, se um melómano italiano disse a outro, numa discussão acerca da beleza de certos efeitos musicais, «pretendes que a água passe através dos mil canais do maquinista para cair em repuxos deslumbrantes»<sup>77</sup>, este «maquinista» era o profissional encarregado dos efeitos de cena. E não esqueçamos, para um público popular, as «máquinas dos saltimbancos»<sup>78</sup>. Restam outras máquinas mais humildes, como a que se ocultava numa «boca com dentadura mecânica»<sup>79</sup> ou o «estribo em ferro, de anéis duplos, fixado na carruagem por um horrível mecanismo com grandes parafusos»<sup>80</sup>; mas este parece-me um dispositivo de tal modo arcaico que, mesmo classificado como «horrível», só as condições retardatárias da França daquela época justificam que fosse considerado um «mecanismo». Foi decerto na mesma perspectiva que Balzac denominou «frágil máquina» «um péssimo cabriolé com duas rodas muito altas, no fundo do qual mal caberiam duas pessoas um pouco corpulentas»<sup>81</sup>. A referência aos maquinismos serviu também para descrever outro veículo igualmente modesto. «Aquela carruagem de quatro rodas e montada em molas inglesas [...] tem vidraças, uma infinidade de mecanismos económicos. Sege quando o tempo está bom, transforma-se em coupé nos dias de chuva»<sup>82</sup>. É também revelador que a língua francesa tivesse mantido em uso a expressão arcaica «machine infernale», «máquina infernal», para designar um certo tipo de engenho explosivo, e a respeito do atentado de 24 de Dezembro de 1800 contra o Primeiro Cônsul vemos mencionada «a explosão da máquina infernal da rue Saint-Nicaise»<sup>83</sup>.

Mesmo como objecto de meras evocações, aparecem com pouca frequência as máquinas propriamente ditas. Ao proceder à apologia da cama, Balzac mencionou «esta admirável criação do génio humano, invenção que devemos inscrever na nossa gratidão muito acima dos navios, das armas de fogo, do isqueiro de Fumade, das carruagens e das suas rodas, das máquinas a vapor de pressão simples ou dupla [...]»<sup>84</sup>. E quando o polícia Peyrade, disfarçado de inglês, citou uma interminável sucessão de *lords*, Bixiou baixou-se, olhando para os sapatos de Peyrade, e em resposta a uma interrogação de Émile Blondet disse que estava à procura da «mola onde se

<sup>75</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 239.

<sup>76</sup> *Sarrasine*, VI 1050.

<sup>77</sup> *Massimilla Doni*, X 582.

<sup>78</sup> *Les Employés*, VII 956.

<sup>79</sup> *Les Paysans*, IX 258.

<sup>80</sup> *La Vieille Fille*, IV 892.

<sup>81</sup> *Les Chouans* [...], VIII 946-947.

<sup>82</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 37.

<sup>83</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 548. Na pág. 526 encontra-se uma referência a «uma máquina da rue Saint-Nicaise» e está mencionada «a máquina infernal» na pág. 552.

<sup>84</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1041.

carrega para parar a máquina»<sup>85</sup>. Por vezes nem sequer eram máquinas industriais, mas entretenimentos de criança, «um brinquedo mecânico»<sup>86</sup>, ou divertimentos de adulto, os autómatos que tanto entusiasmaram o século XVIII, como sucedia quando o louco Margaritis «se levantava à última badalada com a precisão mecânica das figuras postas em movimento por uma mola»<sup>87</sup>. Do mesmo tipo era «o movimento espontâneo da criadagem e dos senhores», que «parecia produzido por um desses mecanismos que fazem figuras de madeira executarem um gesto único ou um piscar de olhos»<sup>88</sup>. Sabemos, contudo, que o comandante Mignonnet, antigo oficial do exército napoleónico, que fizera o curso da Escola Politécnica, «se dedicou aos problemas que a máquina a vapor deixara por resolver»<sup>89</sup>. Os mecanismos modernos podiam também surgir como assunto de conversa, e Séraphîta/Séraphîtüs, na sua apologia do mistério divino, preveniu: «[...] vós acreditais nos resultados obtidos pela Química, se bem que ela ainda não conheça qualquer meio para calcular as transformações operadas pelo fluxo ou pelo refluxo dessas substâncias que vão ou vêm através dos vossos cristais e das vossas máquinas [...]»<sup>90</sup>. Num ambiente mais fútil, como sucedeu no salão onde estavam presentes os Mignon, os amigos da família e os pretendentes de Modeste, as máquinas foram muito faladas a propósito de uma querela entre o útil e o artístico<sup>91</sup>.

Com esta escassez de referências a máquinas reais contrasta a abundância de máquinas e mecanismos considerados em sentido metafórico. «[...] vendo que Deus tinha de fabricar a máquina dos mundos», disse Séraphîta/Séraphîtüs<sup>92</sup>, e se estas palavras eram naturais na boca de uma entidade proto-angélica, ouvimo-las também a seres mais terrenos. «Para um mecânico», entenda-se, um físico especializado na mecânica, «o universo é uma máquina que requer um operário»<sup>93</sup>, e o doutor Benassis disse que Deus «atenuou mediante leis que nos são desconhecidas os atritos no mecanismo dos seus mundos»<sup>94</sup>. Mas estas imagens da mecânica celeste estavam já estafadas naquela época e é preferível desviarmos o olhar dos céus para a terra, pois com muita frequência a sociedade foi descrita ou analisada na *Comédie* com vocábulos relacionados com as máquinas. Castanier, depois de ter herdado o pacto diabólico de Melmoth, via «o princípio e o mecanismo do mundo»<sup>95</sup>. Na introdução geral que lhe serviu para

<sup>85</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 658.

<sup>86</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1162. «[...] a criança que, depois de ter disparado o gatilho de uma aterradora máquina, fica com um incrível respeito pela mais pequena mola» – *ibid.*, XI 1169.

<sup>87</sup> *L'illustre Gaudissart*, IV 579.

<sup>88</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 570.

<sup>89</sup> *La Rabouilleuse*, IV 371.

<sup>90</sup> *Séraphîta*, XI 822-823.

<sup>91</sup> *Modeste Mignon*, I 642-644.

<sup>92</sup> *Séraphîta*, XI 810. «[...] não seria uma brincadeira de crianças o mecanismo desta matéria, saída de Deus, regressando a Deus?» – *ibid.*, XI 813.

<sup>93</sup> *La Peau de chagrin*, X 252.

<sup>94</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 513.

<sup>95</sup> *Melmoth réconcilié*, X 376.



apresentar a totalidade da sua obra, Balzac chamou às regras de funcionamento da sociedade, regras ocultas que seria necessário desvendar, «*esse motor social*»<sup>96</sup>, e Félix Davin, em duas introduções que escreveu sob o olhar atento do romancista, mencionou «*o assustador movimento da máquina social*»<sup>97</sup> e, curiosamente próximo das palavras que o doutor Benassis empregara a respeito de Deus e das órbitas celestes, «*os atritos do mecanismo social*»<sup>98</sup>. Balzac usou palavras idênticas, «*a máquina social*»<sup>99</sup>, «*o mecanismo das sociedades humanas*»<sup>100</sup>, «*o mecanismo das paixões públicas*»<sup>101</sup> e o doutor Benassis, ele de novo, falou das «*reflexões sérias a que procedi acerca da base das sociedades, acerca do seu mecanismo*»<sup>102</sup>. Referindo-se à Inglaterra, um engenheiro explicou que «*a alta propriedade, os lords governam ali o mecanismo social*»<sup>103</sup>. Se o governo era «*a máquina governamental*»<sup>104</sup>, naturalmente podia dizer-se de alguém que estava «*engrenado na máquina ministerial*»<sup>105</sup>, e Félix de Vandenesse mencionou «*a máquina política*»<sup>106</sup>. Por seu lado, o sistema administrativo foi chamado «*a máquina*»<sup>107</sup>, tal como o sistema das finanças públicas foi designado «*essa admirável máquina*»<sup>108</sup>, «*essa máquina chamada Orçamento*»<sup>109</sup>. «*Usar habilmente as paixões dos homens ou das mulheres como molas que fazemos mover em benefício do Estado*», explicou um agente da polícia secreta no tempo do Directório, «*pôr as engrenagens no devido lugar nessa grande máquina a que chamamos governo e divertirmo-nos a encerrar ali os mais indomáveis sentimentos como gatilhos que nos entretemos a vigiar [...]*»<sup>110</sup>. Balzac recordou «*a diligência que uma simples palavra do Imperador incutia à sua máquina política ou administrativa*»<sup>111</sup>, mas o jogo de imagens foi muito intrincado – e, como já disse, anacrónico – noutra passagem evocativa do Império. «*O mecânico tem receio da máquina admirada pelo viajante, e os oficiais foram como que fogueiros da locomotiva napoleónica, quando não lhe serviram de carvão*»<sup>112</sup>. Mais tarde, no regime saído da Restauração, a administração foi classificada como «*a máquina*»

---

<sup>96</sup> *Avant-propos*, I 11.

<sup>97</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1147-1148.

<sup>98</sup> Id., *Introduction aos Études philosophiques*, X 1205. «*[...] as engrenagens deste mundo mecânico*» – id., *ibid.*, X 1205.

<sup>99</sup> *Les Paysans*, IX 347.

<sup>100</sup> *L'Élixir de longue vie*, XI 486.

<sup>101</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 936.

<sup>102</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 553-554.

<sup>103</sup> *Le Curé de village*, IX 822.

<sup>104</sup> *La Cousine Bette*, VII 436.

<sup>105</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 30.

<sup>106</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1001.

<sup>107</sup> *Les Employés*, VII 905.

<sup>108</sup> *Ibid.*, VII 913. A palavra «*mecanismo*» foi empregue na pág. 914 a propósito do sistema de impostos, e na pág. 915 a administração das contribuições indirectas é uma «*máquina*».

<sup>109</sup> *Les Paysans*, IX 145.

<sup>110</sup> *Les Chouans [...]*, VIII 1148.

<sup>111</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 639.

<sup>112</sup> *Modeste Mignon*, I 485.

nas palavras de um ministro que não podia ser outro senão *Monsieur de Villèle*<sup>113</sup>. Na mesma época, foi com as imagens da indústria que o falso abade Herrera aconselhou Lucien de Rubempré a comportar-se «*como um político, e que vai entrar em breve na vasta máquina do governo para ser um dos seus mais importantes êmbolos*»<sup>114</sup>. E depois de ter considerado a marquesa d'Espard como «*o tipo mais acabado do egoísmo*»<sup>115</sup>, Horace Bianchon disse que «*ela é polida como o aço de um maquinismo*»<sup>116</sup>, ao que Rastignac respondeu que «*a mulher de um político é uma máquina de governo, um maquinismo de belos cumprimentos*»<sup>117</sup>. Ainda durante a vigência da *branche aînée*, tendo pedido uma audiência ao célebre banqueiro François Keller, deputado e um dos chefes da oposição, Birotteau foi conduzido a uma sala onde ficou rodeado de deputados, jornalistas, importantes homens de negócios e engenheiros. «*“O que sou eu no meio desta máquina?” pensou Birotteau, atordoado pelo movimento dessa forja intelectual onde se confeccionava o pão quotidiano da Oposição, onde se ensaiavam os papéis da grande tragicomédia representada pela Esquerda*»<sup>118</sup>. Note-se que o romancista escreveu «*où se manutentionnait le pain quotidien*», e o *Dictionnaire* de Littré regista «*manutentionner*» como um termo exclusivo da administração militar, empregue relativamente ao fabrico do pão para o exército, o que deu ao vocábulo a conotação de especulação sempre associada aos fornecedores das forças armadas. Depois de a *branche aînée* ter sido derrubada pela «*Oposição*» e pela «*Esquerda*» e uma vez instaurada a monarquia de Julho, Balzac denunciou «*a irrupção no poder de uma dúzia de escritores, de professores, de metafísicos e de historiadores que se incrustaram na máquina durante as tormentas de 1830 a 1833*»<sup>119</sup>, pelo que a «*máquina*» aqui é exactamente sinónimo de «*regime político*».

«*A seguir à religião e à realzeza, não é ela*», a Justiça, «*a maior máquina das sociedades?*»<sup>120</sup>. Noutros lugares a Justiça foi igualmente evocada com imagens da mesma origem. «*[...] algumas das engrenagens dessa grande máquina chamada Justiça*»<sup>121</sup>, e o seu funcionamento foi designado como «*as engrenagens da máquina*»<sup>122</sup>. Aliás, a este respeito parece que a analogia semântica entrara no uso corrente. «*[...] a penhora, as custas, toda a cavalaria judiciária se punha logo em movimento, com a rapidez daquilo a que o carrasco chama o maquinismo*»<sup>123</sup>. Efectivamente,

<sup>113</sup> *Les Employés*, VII 1111.

<sup>114</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 556.

<sup>115</sup> *L'Interdiction*, III 423.

<sup>116</sup> *Ibid.*, III 425.

<sup>117</sup> *Ibid.*, III 425.

<sup>118</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 207-208.

<sup>119</sup> *Une fille d'Ève*, II 303.

<sup>120</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 653.

<sup>121</sup> *L'Interdiction*, III 432.

<sup>122</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 809.

<sup>123</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 107.

se outrora as torturas eram executadas «*mediante horríveis máquinas*»<sup>124</sup>, como eram as «*máquinas*» que haviam servido no século XVI para o interrogatório de Christophe Lecamus<sup>125</sup>, as coisas podiam ter mudado sob o ponto de vista do conforto do condenado, mas não no plano da linguagem, porque a guilhotina era um «*maquinismo*»<sup>126</sup> ou «*a máquina*»<sup>127</sup>, «*a fatal máquina*»<sup>128</sup>. Também a polícia, indispensável aos juizes e aos carrascos, foi descrita com as mesmas imagens, e a propósito do funcionamento da polícia secreta o falso abade Herrera preveniu: «*Os melhores maquinismos largam manchas de óleo ou sujam em redor*»<sup>129</sup>.

Quando Butscha, referindo-se a alguém que só vivia para os negócios, o classificou como «*um dos êmbolos da imensa máquina chamada Comércio*»<sup>130</sup>, estava a empregar uma metáfora duplamente reveladora, em primeiro lugar porque caracterizava o comércio, que em França era especialmente retardatário, com palavras originárias da esfera mais moderna; e, em segundo lugar, porque parece que as máquinas, tendo pouca aplicação na indústria, serviam sobretudo de pretexto para jogos verbais noutros ramos da economia. Podemos pensar o mesmo ao lermos que o banqueiro Graslin era «*um homem que se tornara o pivô de toda a máquina financeira do Limousin*»<sup>131</sup> ou quando Grandet chamou «*esse maquinismo*» à oscilação das cotações dos fundos públicos<sup>132</sup> ou quando vemos mencionado «*o mecanismo do crédito*»<sup>133</sup>, e essa reflexão é igualmente adequada na análise de um conto dedicado a negócios na área comercial e financeira. O caixeiro-viajante, peça fundamental daquele empreendimento, foi classificado como uma «*máquina humana*»<sup>134</sup>, e colectivamente eles foram também designados como «*esses inteligentes êmbolos da máquina a vapor denominada Especulação*»<sup>135</sup>. Aliás, o «*ilustre*» Gaudissart, o mais hábil dos caixeiros-viajantes, iniciara-se na profissão representando uma companhia de seguros cujo secretário-geral «*lhe explicou as obscuridades do negócio, [...] lhe desmontou o mecanismo peça a peça*»<sup>136</sup>. Tantos mecanismos e peças de máquina numa actividade onde as máquinas eram inexistentes! A relação semântica foi mais ambígua quando Bixiou descreveu uma das operações do banqueiro Nucingen

---

<sup>124</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 849.

<sup>125</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 289, 290.

<sup>126</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 829, 840, 848, 863.

<sup>127</sup> *Ibid.*, VI 859.

<sup>128</sup> *Le Curé de village*, IX 739.

<sup>129</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 556.

<sup>130</sup> *Modeste Mignon*, I 478. «*[...] essa máquina comercial*» – *La Maison Nucingen*, VI 372.

<sup>131</sup> *Le Curé de village*, IX 658.

<sup>132</sup> *Eugénie Grandet*, III 1117.

<sup>133</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1186.

<sup>134</sup> *L'Ilustre Gaudissart*, IV 562.

<sup>135</sup> *Ibid.*, IV 563.

<sup>136</sup> *Ibid.*, IV 567, 568.

evocando «a encenação de uma máquina tão vasta»<sup>137</sup>, porque a proximidade de «encenação» recordava «uma máquina» que nada tinha a ver com a indústria e era usada no palco para sustentar as ilusões dos espectadores; além disso, poderia estar subjacente à palavra o sentido de «maquinação», cuja afinidade com as máquinas era muito remota. Parece-me mais claro o jogo de contrastes no poema composto por Dinah de La Baudraye, uma verdadeira trivialidade, que «opunha a vida das cidades industriais à vida indolente da Espanha, o amor do céu e das belezas humanas ao culto das máquinas, enfim, a poesia à especulação»<sup>138</sup>. A indústria e as máquinas ficaram colocadas do mesmo lado que a especulação, e basta o facto de o termo «especulação» resumir o mundo dos negócios para revelar o carácter incipiente dos empreendimentos industriais. A oscilação semântica foi igualmente flagrante ao sabermos que Ève Séchard, esposa de um impressor e dono de tipografia, se dedicara a «estudar o mecanismo comercial da tipografia»<sup>139</sup>. A palavra «mecanismo» foi usada para caracterizar a parte comercial da empresa, apesar de se tratar da única obra na *Comédie* onde as inovações mecânicas ocuparam o primeiro plano.

Evocando os maridos cépticos face às pretensas nevroses das esposas, Balzac escreveu que «eles concentram a atenção na cena que lhes é representada, examinam a actriz, procuram uma das molas que a fazem mover; e, quando descobrem o mecanismo deste cenário, divertem-se a imprimir um leve movimento a um dos contrapesos [...]»<sup>140</sup>. «Adeus, velha carcaça!... pensei comigo mesmo, adeus, casamento ambulante. Adeus, esqueleto de fogo de artifício, adeus, máquina!»<sup>141</sup>, servindo nestes dois casos o «mecanismo» e a «máquina» para recordar os artifícios teatrais. Mas apesar de Balzac considerar a família como o elemento fundamental da sociedade, ele analisou-a abundantemente com um vocabulário inspirado pela maquinaria industrial no mais irónico dos seus tratados, e designou o próprio matrimónio como «uma máquina» ao perguntar retoricamente: «Mas em termos de dinheiro, que interesse quereis vós que uma mulher tenha por uma máquina onde lhe dão emprego como contabilista?»<sup>142</sup>. Referindo-se às normas que os maridos deveriam seguir para não serem «minotaurizados», e que constituíam aliás o objectivo expresso do livro, Balzac mencionou «a aplicação de todos os meios mecânicos cujo emprego vos vamos propor»<sup>143</sup>. «Até aqui só protegestes a vossa honra mediante a acção de uma potência inteiramente oculta», explicou o autor. «De agora em diante as engrenagens das vossas máquinas conjugais ficarão às

---

<sup>137</sup> *La Maison Nucingen*, VI 371. De novo a especulação foi referida como «essa máquina» na pág. 371.

<sup>138</sup> *La Muse du département*, IV 659.

<sup>139</sup> *Illusions perdues*, V 562.

<sup>140</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 1169-1170.

<sup>141</sup> *Ibid.*, XI 1194.

<sup>142</sup> *Ibid.*, XI 1104.

<sup>143</sup> *Ibid.*, XI 1011.

claras»<sup>144</sup>. A concluir o tratado, na última Meditação, Balzac escreveu, referindo-se metaforicamente a ele mesmo e ao objecto do seu estudo: «Se o exame da máquina nos levar a aperfeiçoar uma das rodas dentadas; se, ao limparmos um peça enferrujada, tivermos activado este mecanismo, concedei um salário ao operário»<sup>145</sup>. O epílogo veio no tratado complementar deste, quando Adolphe, símbolo dos maridos, explicou a um dos seus amigos que ele e Caroline, símbolo das esposas, haviam passado a entender-se muito bem, cada um admitindo a liberdade do outro. «Pusemos óleo nas engrenagens [...]»<sup>146</sup>. Até ao fim o matrimónio foi apresentado em termos de máquina.

As imagens conotadas com mecanismos implicavam uma noção de funcionamento regular e previsível, as máquinas podiam ser dirigidas e algo as fazia mover. Ora, se havia construtores de máquinas, haveria igualmente uma engenharia social. As metáforas que associaram a sociedade a uma máquina só tinham sentido numa época que perdera a fé nos milagres e aceitava a existência de regras por detrás do que sucedia. Malvina d'Aldrigger «ignorava o mecanismo da vida»<sup>147</sup>, mas Gobseck, que tudo sabia porque tudo tinha aprendido, perguntou retoricamente: «Não é a vida uma máquina a que o dinheiro imprime o movimento?»<sup>148</sup>. A respeito desta concepção de sociedade assente na «teoria da felicidade individual obtida com destreza à custa de todos», Madame de Mortsauf evocou, na carta-guia entregue a Félix de Vandenesse, as «engrenagens de uma máquina de ouro e de ferro»<sup>149</sup>. Seriam estas, sem dúvida, «as engrenagens de aço polido da sociedade moderna»<sup>150</sup>, e aí de quem as confundisse com os sentimentos, porque «um político que seja homem de bem», disse o banqueiro Couture, «é como uma máquina a vapor que sinta ou como um piloto que faça amor enquanto segura o leme: o navio vai ao fundo»<sup>151</sup>. Fora esta, aliás, a lição de Napoleão, quando dissera a respeito de um membro da polícia secreta: «Um agente deixa de ser um homem, já não deve ter sentimentos; é uma roda dentada numa máquina»<sup>152</sup>. Outros mestres deram ensinamentos semelhantes. «Comecei por surpreendê-lo», disse Jacques Collin, na sua encarnação de Vautrin, a Rastignac, «ao mostrar-lhe o carrilhão da ordem social e a acção da máquina»<sup>153</sup>. E, agora falso abade Herrera, quando Collin concebeu e dirigiu a trama que deveria ter levado à ascensão social e política de Lucien de Rubempré,

---

<sup>144</sup> Ibid., XI 1082.

<sup>145</sup> Ibid., XI 1201.

<sup>146</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 181.

<sup>147</sup> *La Maison Nucingen*, VI 361.

<sup>148</sup> *Gobseck*, II 976. Descrevendo os usurários amigos de Gobseck reunidos no café Thémis, Balzac mencionou «as suas cabeças metálicas» e acrescentou «quem os visse, julgaria ouvir os guinchos de máquinas mal oleadas» – *Les Employés*, VII 1038.

<sup>149</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1085, 1086.

<sup>150</sup> *Une fille d'Ève*, II 358.

<sup>151</sup> *La Maison Nucingen*, VI 379.

<sup>152</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 313.

<sup>153</sup> *Le Père Goriot*, III 186.

ele era «o fogueiro dessa máquina»<sup>154</sup>. Jacques Collin foi um dos grandes engenheiros sociais da *Comédie*, e para explicar que ele levava onde queria os seus colegas do crime, Balzac escreveu que «era capaz de manobrar admiravelmente aquelas máquinas terríveis»<sup>155</sup>. Mesmo num plano menos exaltado houve quem entendesse as engrenagens e soubesse dar lições, como o preceptor de Henri de Marsay, que lhe ensinou as artes da vida e «lhe enumerou as máquinas do governo»<sup>156</sup>, ou como Louise de Chaulieu, quando escreveu a Renée de Maucombe dizendo que a guiaria na vida social de Paris e a ensinaria a fazer o seu futuro marido ser eleito deputado, e acrescentou «hás-de usar muito bem esta máquina»<sup>157</sup>.

Encontramos discípulos à altura dos mestres, ou quase. «[...] nunca um homem que se deixou apanhar nas triturações ou na engrenagem destas imensas máquinas», a rapidez das operações económicas, a concorrência, a disputa pela ascensão social, «conseguirá atingir a grandeza»<sup>158</sup>. Rastignac «adivinhou antecipadamente que, na acção complicada dos interesses deste mundo, devia agarrar-se a uma roda dentada para chegar ao alto da máquina, e sentia-se com força para entrar na roda»<sup>159</sup>. Mas houve quem quisesse fazer o mesmo e acabasse esmagado. «Seria preciso abarcar todo este mundo, cingi-lo para o refazer», escreveu Louis Lambert numa carta dirigida ao tio; «mas aqueles que assim o cingiram e refizeram não começaram por ser uma roda da máquina? por meu lado, eu seria esmagado»<sup>160</sup>. Por isso, ao se aperceber da complexidade da disputa pela sucessão de Jean-Jacques Rouget, o procurador Desroches escreveu a Joseph Bridau, sobrinho de Jean-Jacques: «Mas como poderá a tua mãe, com a sua ignorância do mundo, [...] conduzir uma máquina destas?...»<sup>161</sup>. «Nos países devorados pelo sentimento de insubordinação social escondido sob a palavra igualdade, qualquer triunfo é um desses milagres que não sucedem, como aliás certos milagres, sem a colaboração de hábeis maquinistas»<sup>162</sup>. Aqui as áreas semânticas sobrepuseram-se ou fundiram-se, porque estes «hábeis maquinistas», se eram decerto «maquinistas» como os da Ópera e de outros palcos de ilusões, governavam também os mecanismos fabris que serviram de inspiração a estas metáforas de engenharia social. «O meu entusiasmo, agora reprimido», disse Étienne Lousteau a Lucien de Rubempré, «a minha antiga efervescência ocultavam-me o mecanismo do mundo; foi preciso vê-lo, esbarrar em todas as engrenagens, chocar com os pivôs, sujar-me no óleo, ouvir o

---

<sup>154</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 631.

<sup>155</sup> *Ibid.*, VI 868.

<sup>156</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1055.

<sup>157</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 228.

<sup>158</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1048.

<sup>159</sup> *Le Père Goriot*, III 158.

<sup>160</sup> *Louis Lambert*, XI 655.

<sup>161</sup> *La Rabouilleuse*, IV 452.

<sup>162</sup> *Illusions perdues*, V 653.

*tinido das correntes e dos volantes*»<sup>163</sup>. Lucien, graças aos lugares que Lousteau o fizera percorrer, «*apercebia-se do avesso das consciências, da acção das engrenagens da vida parisiense, do mecanismo de todas as coisas*»<sup>164</sup>. Mas Lousteau estava muito longe de ser um «*bábil maquinista*» e, mesmo que o fosse, Lucien nunca seria um discípulo possível, como tragicamente mostrou quando não foi capaz de aproveitar os ensinamentos de um dos maiores engenheiros sociais da *Comédie*. Toda a Segunda Parte de *Illusions perdues, Un grand homme de province à Paris*, é a descrição do funcionamento dos mecanismos sociais a que Balzac aludiu como imagem de estilo. Neste caso a imagem passou a sustentar a própria estrutura da narrativa, mas as engrenagens foram apresentadas como invisíveis, ou grandes demais para que Lucien conseguisse vê-las, e assim ele foi triturado e destruído quando julgava que as rodas dentadas estavam a elevá-lo aos píncaros. E se nessa Segunda Parte conhecemos por dentro os mecanismos do jornalismo e do meio editorial, na Terceira Parte, *Les Souffrances de l'inventeur*, presenciamos com não menos minúcia o maquinismo da justiça, vitimando um inventor de máquinas. Em ambos os casos o leitor assiste a um esmagamento tão impiedoso como o de alguém que tivesse caído entre gigantescas peças de aço, e tão inelutável como uma engrenagem depois de ter sido posta em funcionamento.

Entre estes dois extremos, o do triunfo pela ascensão social e o do fracasso trágico, o que restava à esmagadora maioria dos indivíduos? A imagem da máquina serviu também para representar uma sociedade capaz de converter as pessoas em peças tão obedientes como as rodas engastadas umas nas outras e que se moviam sem necessitar de raciocínio. Foi esta, aliás, uma das críticas de Balzac à burocratização da administração pública. «*Cabendo todos os lugares importantes à influência parlamentar e não já à realeza, os funcionários acabariam mais tarde ou mais cedo por se encontrar na situação de rodas dentadas aparafusadas a uma máquina: tudo o que podiam era ser mais ou menos untados*»<sup>165</sup>, tendo a palavra «*graisés*», usada pelo romancista, o mesmo duplo sentido de «*untados*», ao mesmo tempo oleados e subornados. A este respeito, o diagnóstico não foi otimista. «*Entre as inteligências, as do magistrado e do burocrata, dois caracteres humanos privados de acção, convertem-se em máquinas antes de todas as outras*»<sup>166</sup>. Acerca do supranumerário que servia de copista a Rabourdin para o seu plano de reforma administrativa, Balzac mencionou «*a sua participação mecânica nesta grande ideia*»<sup>167</sup>. E depois de ter descrito as salas dos tribunais parisienses, o romancista acrescentou que «*passado um certo tempo, o mais viçoso jovem converte-se numa pálida máquina de considerandos, um*

<sup>163</sup> Ibid., V 342.

<sup>164</sup> Ibid., V 386.

<sup>165</sup> *Les Employés*, VII 910.

<sup>166</sup> *Théorie de la démarche*, XII 300.

<sup>167</sup> *Les Employés*, VII 950.

*maquinismo aplicando o código a todos os casos, com a fleuma dos volantes de um relógio*<sup>168</sup>. Estas metáforas eram inteiramente adequadas à descrição de uma sociedade que conseguia ocultar as regras do seu funcionamento aos indivíduos que a compunham. «*A importância desta época é ignorada pela maior parte dos seus autores e que, sendo os pivôs ou as engrenagens desta grande máquina [...]*»<sup>169</sup>.

Mas era ainda possível outro resultado. Se a sociedade era uma «*máquina*» porque funcionava de maneira rigorosa e podia ser dirigida, não esqueçamos que podia estourar também, como Claude Vignon preveniu. «*Quanto mais repressiva for a lei, mais o espírito explodirá, como o vapor numa máquina de válvulas*»<sup>170</sup>. Do mesmo modo, depois de ter deplorado o facto de a juventude francesa estar afastada da vida política, Zéphirin Marcas avisou: «*A juventude explodirá como a caldeira de uma máquina a vapor*»<sup>171</sup>. E Émile Blondet anunciou os mesmos temores, numa roda de amigos, em 1836. «*Que época a nossa, caros senhores, disse Blondet, esta época em que mal o fogo da inteligência surge, logo o extinguem mediante a aplicação de uma lei de circunstância. Os legisladores, quase todos provenientes de uma pequena circunscrição onde estudaram a sociedade através dos jornais, encerram então de novo o fogo na máquina. Quando a máquina rebenta, temos prantos e o ranger de dentes!*»<sup>172</sup>.

As mesmas metáforas que haviam sido usadas para a sociedade foram aplicadas também aos indivíduos, tanto no âmbito físico como no psicológico. É curioso que, sendo os trabalhadores descritos com imagens do mundo mecânico – «*semelhantes às máquinas a vapor, os homens arregimentados pelo trabalho apresentam-se todos eles com a mesma forma e nada têm de individual*»<sup>173</sup> – também o tivessem sido os personagens de uma certa média burguesia, que «*são aparelhos maravilhosamente aperfeiçoados, cujas bombas, correntes, pêndulos, cujas engrenagens, enfim, cuidadosamente polidas, ajustadas, oleadas, executam as suas revoluções a coberto de respeitáveis jaezes bordados*»<sup>174</sup>. Mais do que certas classes sociais especificamente consideradas, era a própria sociedade a ser concebida como mecânica, como o eram as pessoas que a compunham. No tratado que dedicou à maneira de andar, e embora tivesse prevenido no oitavo Aforismo que «*o movimento humano decompõe-se em TEMPOS muito distintos; se os confundirdes, caireis na rigidez dos maquinismos*»<sup>175</sup>, Balzac aplicou às mulheres as imagens da máquina. Não se salvaram as gordas. «*[...] a maneira de andar dessas mulheres encorpadas que, tendo as ancas um tanto ou quanto*

---

<sup>168</sup> *L'Interdiction*, III 430-431.

<sup>169</sup> *Préface* da primeira edição de *Une fille d'Ève*, II 271-272.

<sup>170</sup> *Illusions perdues*, V 405.

<sup>171</sup> *Z. Marcas*, VIII 847.

<sup>172</sup> *La Maison Nucingen*, VI 374.

<sup>173</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 212.

<sup>174</sup> *Ibid.*, XII 214.

<sup>175</sup> *Théorie de la démarche*, XII 287.



*fortes, as sobem e descem alternadamente em tempos iguais, como as alavancas de uma máquina a vapor [...]»<sup>176</sup>. Nem se salvaram as magras. «[...] uma solteirona alta que [...] avançava aos solavancos, como se, maquinismo imperfeito, as suas molas estivessem obstruídas [...]»<sup>177</sup>.*

Era todo o corpo humano, e a mente também, que se descreviam com o vocabulário industrial. «[...] o homem não era, com efeito, senão uma máquina mobilizada por acção dos sentimentos [...]», enunciou Félix Davin a pedido de Balzac<sup>178</sup>. «[...] esse mecanismo próprio do homem, chamado coração [...]»<sup>179</sup>. Raphaël de Valentin mencionou o «*meu organismo, esse mecanismo de carne e osso animado pela minha vontade e que faz de mim um indivíduo homem*»<sup>180</sup> e, no romance simétrico a este, o cérebro de Louis Lambert habituara-se «*ainda jovem ao difícil mecanismo da concentração das forças humanas*»<sup>181</sup>. Não espanta, portanto, que uma companhia financeira se propusesse adiantar empréstimos sobre o carácter promissor do talento, já que «*as qualidades morais [...] são [...] forças vivas, como uma queda de água, como uma máquina a vapor de três, dez, vinte, cinquenta cavalos*»<sup>182</sup>. Numa estranha metáfora, no meio de «*o talento da palavra*» e «*o génio do poeta*», Balzac referiu «*as máquinas de alta pressão do escritor*»<sup>183</sup>, e o mesmo tipo de imagens serviu-lhe para exprimir estados psicológicos extremos. Escondido em casa daquela que julgava ser a mulher por quem se apaixonara, o barão de Nucingen «*estava submetido a todas as ansiedades de um homem favorecido pelo amor. Sentia-se viver, parecia-lhe que o sangue lhe fervia nos dedos dos pés*», escrevera Balzac até à edição de 1844, para acrescentar então «*e a cabeça ia-lhe explodir como uma máquina a vapor demasiado aquecida*»<sup>184</sup>. E a respeito do medo, o romancista evocou «*essas terríveis descargas da vontade dilatada ou concentrada por um mecanismo desconhecido*»<sup>185</sup>. No pólo oposto das aceções mecânicas, como símbolo da fleuma implacável, Bixiou, num dos seus *mots*, definiu de Marsay como «*um maquinismo de Birmingham*»<sup>186</sup>, enquanto, com outro tipo de imperturbabilidade, conferido pela senilidade, o misterioso ancião que aparecia nos bailes dos Lanty mostrava «*as marcas impressas pela decrepitude nesta frágil máquina*»<sup>187</sup>.

---

<sup>176</sup> Ibid., XII 289.

<sup>177</sup> Ibid., XII 290.

<sup>178</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1153.

<sup>179</sup> *L'Élixir de longue vie*, XI 481.

<sup>180</sup> *La Peau de chagrin*, X 253-254.

<sup>181</sup> *Louis Lambert*, XI 593.

<sup>182</sup> *L'illustre Gaudissart*, IV 584.

<sup>183</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 928.

<sup>184</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 554, 1370 n. a da pág. 554.

<sup>185</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 38.

<sup>186</sup> *La Maison Nucingen*, VI 381.

<sup>187</sup> *Sarrasine*, VI 1051. Balzac classificara o ancião como uma «*casuelle machine*», e o *Dictionnaire de Littré* explicou que *casuel* adquirira naquela época a aceção de «frágil», aconselhando a evitar este uso, que considerou injustificado.

Numa carta dirigida a Paul de Manerville, Henri de Marsay mencionou «os primeiros princípios que movem o mecanismo feminino»<sup>188</sup> e, malgrado a aura de idealismo etéreo com que o mito as rodeava, as mulheres suscitaram na *Comédie* abundantes metáforas mecânicas. É certo que algumas haviam quase abandonado o plano da feminilidade. Referindo-se a Sylvie Rogron, cuja limitada inteligência se concentrava no seu estabelecimento comercial, escreveu Balzac «um fundo de comércio para pagar! este pensamento era o êmbolo que accionava esta máquina e lhe comunicava uma espantosa actividade»<sup>189</sup>, e por duas vezes ela e o irmão foram designados como «dois maquinismos»<sup>190</sup>. Mas mesmo a respeito da «sensibilidade» de outro tipo de mulheres Balzac mencionou, embora num tratado irónico, «essa propriedade da sua máquina»<sup>191</sup>. Compreendemos, por isso, que a prostituta usada para montar a armadilha destinada ao banqueiro Nucingen terminasse a carta que lhe enviou com as palavras «aquela que se declara, por toda a vida, a vossa máquina de prazer, ESTHER»<sup>192</sup>. No pólo oposto da moral, mas não das figuras de estilo, La Peyrade confidenciou à senhora Colleville que «a minha mulher [...] não poderá ser senão uma máquina de fazer crianças [machine à enfant]»<sup>193</sup>. Entre estes dois extremos cabia todo o mundo feminino. Na conversa decisiva em que esclareceu Montriveau acerca do verdadeiro carácter da duquesa de Langeais, Ronquerolles mencionou ironicamente «as molas metálicas dessa máquina de lágrimas, de afectação, de desmaios, de frases açucaradas»<sup>194</sup>, sendo impossível desvendar melhor a frieza de alguém que se pretendia sensível. Mas a imagem da máquina serviu igualmente para descrever uma sensualidade tão instintiva e uma carne tão voluptuosa como a de Paquita Valdès, pois Henri de Marsay «reconhecia em Paquita o mais fértil organismo que a natureza se entreteve a formar para o amor. A acção esperada dessa máquina, posta de lado a alma, teria assustado qualquer homem que não fosse de Marsay [...]»<sup>195</sup>.

Precisamente porque a psicologia era um mecanismo, Gobseck pôde pretender que «a felicidade consiste ou em emoções fortes que consomem a vida ou em ocupações certas que a convertem num maquinismo inglês funcionando por períodos regulares»<sup>196</sup>. Mas os resultados deste último método nem sempre seriam os mais aliciantes, e na melhor das hipóteses resultaria a

---

<sup>188</sup> *Le Contrat de mariage*, III 643.

<sup>189</sup> *Pierrette*, IV 44.

<sup>190</sup> *Ibid.*, IV 45, 66. Na segunda vez, na pág. 66, descrevendo os dois irmãos depois de aposentados, quando chegavam ao fim do dia cansados de não ter feito nada, Balzac comentou: «Estes dois maquinismos não tinham nada para moer nas suas engrenagens enferrujadas [...]».

<sup>191</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1162.

<sup>192</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 615. Note-se que a frase «a vossa máquina de prazer» data apenas da edição de 1846, lendo-se nas versões anteriores «a vossa amiga» – *ibid.*, VI 1386 n. a da pág. 615.

<sup>193</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 114.

<sup>194</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 983.

<sup>195</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1082.

<sup>196</sup> *Gobseck*, II 970.

frigidez do carácter. Na carta que endereçou a Paul de Manerville, de Marsay descreveu a mulher com quem ia casar, herdeira de um rico industrial britânico. «[...] *essa jovem é uma demonstração irrefutável do génio inglês; ela constitui um produto da maquinaria [mécanique] inglesa no seu supremo grau de aperfeiçoamento; foi sem dúvida fabricada em Manchester entre a oficina das penas Perry e a das máquinas a vapor*»<sup>197</sup>. Note-se que, tal como na lição de Gobseck e na *boutade* de Bixiou, estas máquinas imperturbáveis vinham de Inglaterra. Na pior das hipóteses, a mecanização do comportamento levava à imbecilização, quando não era a própria imbecilidade que a propiciava. Apercebendo-se da escassez de dotes do seu filho, o doutor Rouget pretendeu inculcar-lhe hábitos que suprissem a inteligência e acostumá-lo «*a uma vida mecânica*»<sup>198</sup>. Neste círculo vicioso era impossível distinguir os efeitos da causa. «[...] *esses seres sem poesia, que conseguem petrificar as suas pobres companheiras, reduzindo a vida a tudo o que ela tem de mecânico*»<sup>199</sup>. Quando César Birotteau ficou imobilizado ao saber da falência fraudulenta de Roguin, que arrastaria a sua própria ruína, Balzac referiu «*a máquina inerte que tinha por nome César*»<sup>200</sup>, e ao entrar na prisão Lucien de Rubempré «*tinha a aparência do culpado sem ânimo, pois estava desprovido de vontade, entregava-se como uma máquina*»<sup>201</sup>, o que significa que se abandonava totalmente. Por seu lado, absorta numa enorme preocupação, Agathe Bridau caminhava de uma maneira «*quase mecânica*»<sup>202</sup>. «*O senhor Poiret era um velho aparvalhado*», escrevera Balzac no manuscrito, mas riscou a classificação e substituiu-a por «*uma espécie de maquinismo*»<sup>203</sup>, o que define rigorosamente o vocábulo. Do mesmo modo, «*semelhantes a velhos esposos, eles*», os personagens que povoavam a pensão da senhora Vauquer, «*nada mais tinham para conversar. Só lhes restavam as relações de uma vida mecânica, a acção de uma engrenagem sem óleo*»<sup>204</sup>. «*A máquina*

---

<sup>197</sup> *Le Contrat de mariage*, III 649.

<sup>198</sup> *La Rabouilleuse*, IV 396. Uma vida quotidiana de extrema regularidade é «*essa vida mecânica*» – *Le Député d'Arès*, VIII 769. O doutor Benassis mencionou «*deveres puramente mecânicos*» no sentido de um trabalho maquinal, feito sem necessidade de empregar a imaginação – *Le Médecin de campagne*, IX 574. Na mesma acepção, Félix de Vandenesse designou o trabalho das vindimas como um «*movimento mecânico*» – *Le Lys dans la vallée*, IX 1061. Mas podia dizer-se o mesmo de todas as fainas rurais, já que o romancista evocou «*a existência mecânica e sem desejos de um camponês da Bretanha*» – *La Peau de chagrin*, X 209. Generalizando, temos «*a espécie de distração mecânica proporcionada pelo trabalho*» – *La Rabouilleuse*, IV 532. Por isso, os servidores domésticos de Mademoiselle Cormon «*iam e vinham todos os dias nas mesmas ocupações com a infalibilidade de um maquinismo*» – *La Vieille Fille*, IV 866. No mesmo registo, três cegos, num baile popular, que tocavam mal e sem qualquer inspiração eram «*aquelas três máquinas*» – *Facino Cane*, VI 1025. E a respeito das «*professoras primárias*», Balzac mencionou «*as molas dessas espécies de mecanismos*» – *Pierrette*, IV 122.

<sup>199</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1020.

<sup>200</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 189.

<sup>201</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 714-715.

<sup>202</sup> *La Rabouilleuse*, IV 336.

<sup>203</sup> *Le Père Goriot*, III 58, 1230 n. c da pág. 58. O romancista acrescentou na pág. 194 que quando Poiret «*começava a série das suas frases e Mademoiselle Michonneau não o interrompia, ele nunca parava de falar, como um maquinismo com corda*».

<sup>204</sup> *Ibid.*, III 62.

vai indo», observou Bianchon a propósito de Goriot moribundo<sup>205</sup>, querendo dizer que o corpo funcionava, embora a mente fosse já incapaz de raciocinar. E adiante Balzac referiu, sempre a respeito da agonia de Goriot, «o combate travado entre a morte e a vida numa máquina que já não tinha aquela espécie de consciência cerebral de que resulta o sentimento do prazer e da dor para o ser humano»<sup>206</sup>. Seria esta a felicidade segundo Gobseck, segundo Spinoza também? Era a hipotética felicidade de Louis Lambert, o maior dos filósofos da *Comédie*, em estado permanente de catalepsia, uma «felicidade mecânica»<sup>207</sup>. Intimamente ligada à biografia intelectual de Lambert, *La Peau de chagrin* serve-lhe de espelho, talvez um espelho deformador, mas nem por isso menos elucidativo. Neste romance, vítima do dilema entre uma existência intensa mas breve, ou prolongada mas sem prazeres nem desejos, Raphaël de Valentin transformou-se a si mesmo num «jovem cadáver» e «levou a vida de uma máquina a vapor»<sup>208</sup>. Finalmente, drogado pelo ópio e procurando prolongar a existência mediante um sono quase permanente, vemos Raphaël de Valentin «voltar a ser máquina»<sup>209</sup>.

Servindo para caracterizar a sociedade e para caracterizar as pessoas, as máquinas serviram também para caracterizar as relações interpessoais. «Os anciãos em quem a acção da vida se deslocou e se transferiu para a esfera dos interesses sentem muitas vezes a necessidade de uma bonita máquina, de um actor jovem e ardente para lhes executar os projectos»<sup>210</sup>. Chegamos neste caso à curiosa situação em que a sociedade, sendo uma máquina, é ela mesma operada por máquinas, como se a liberdade das analogias verbais permitisse ao romancista antecipar uma era de automatização que ninguém previra naquela época. Mais terra a terra, disse Dinah de La Baudraye que «na província, a vida no estado de observação índia» – talvez a musa de Sancerre fosse, como Balzac, uma apreciadora de Fenimore Cooper e esta estranha expressão significasse que na província todos se observavam uns aos outros com a vigilância dos índios norte-americanos – «obriga uma mulher a seguir docilmente pelos carris ou a abandoná-los de súbito como uma máquina a vapor que depara com um obstáculo»<sup>211</sup>. E quando Félicité des Touches se sentiu destruída pela estratégia sentimental por si mesma imaginada, ela ficou «esmagada na engrenagem da máquina que ela punha em movimento»<sup>212</sup>. Havia ainda quem caísse em engrenagens montadas por outros. Ao combinar o esquema que lhe serviria para

---

<sup>205</sup> Ibid., III 279.

<sup>206</sup> Ibid., III 284-285. «[...] o espírito em que se apoia a nossa frágil máquina [...]» – *Le Contrat de mariage*, III 636.

<sup>207</sup> *Le Curé de Tours*, IV 220.

<sup>208</sup> *La Peau de chagrin*, X 217.

<sup>209</sup> Ibid., X 289.

<sup>210</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 473.

<sup>211</sup> *La Muse du département*, IV 671.

<sup>212</sup> *Béatrix*, II 794.

ir sucessivamente extorquindo somas elevadas ao barão de Nucingen, o falso abade Herrera disse que «Nucingen só meteu o braço na máquina, precisamos da cabeça»<sup>213</sup>. E no conflito que a opôs à mãe, *Madame* de Mortsauf ficou, como disse Félix de Vandenesse, «esmagada na engrenagem de uma máquina de aço polido»<sup>214</sup>. Nas camadas sociais mais humildes as imagens não eram muito diferentes. Para envolver o bom Schmucke na horrível teia de calúnias que iria vitimar Pons, a detestável senhora Sauvage contou-lhe que a não menos detestável senhora Cibot «afirma [...] que o senhor deu a volta ao juízo do senhor Pons, que o mecanizou», numa tradução literal de «que vous l'avez mécanisé», «que o deixou doido varrido»<sup>215</sup>. Ora, o *Dictionnaire* de Littré explica «mécaniser» como um termo popular significando «atormentar», o que aproxima esta metáfora das anteriores.

A evocação das máquinas foi tão frequente em *La Comédie humaine* que as imagens perderam a acuidade e, por conseguinte, ampliou-se a área semântica do vocabulário de origem fabril, até as palavras se converterem em lugares-comuns. A ironia constituiu a fase inaugural neste processo de descaracterização, por exemplo quando o romancista pretendeu que «Mademoiselle Thuillier tricotava com movimentos tão precipitados que parecia impelida por uma máquina a vapor»<sup>216</sup> ou quando comentou que, «se foi descoberta a forma de parar as máquinas a vapor, a de fazer stop na língua de uma porteira há-de esgotar o génio dos inventores»<sup>217</sup>. Balzac escreveu «stopper», em itálico porque se tratava de um anglicismo, que aliás o *Dictionnaire* de Littré regista apenas na forma «stopper», explicando que o termo se empregava sobretudo a respeito de máquinas, o que deixou a metáfora reforçada. A verborreia não caracterizava só as porteiras, porque «a força do vapor, a dos cavalos, dos homens ou da água são belas invenções: mas a natureza dotou a mulher com uma força moral a que estas últimas não se comparam: chamar-lhe-emos força da cegarrega. Este poder consiste numa perpetuidade do som [...]»<sup>218</sup>. O «ilustre» Gaudissart, um caixeiro-viajante tão entusiástico nas palavras como era em pessoa, escreveu numa carta à amante: «De fil en ruban, je me mets à dominer mon homme, en lâchant les phrases à quatre chevaux, les raisonnements en fa dièse et toute la sacrée machine»<sup>219</sup>, que posso verter para «a saltar de uma coisa para outra, começo a ter o fulano nas mãos, dando tratos de polé às frases, fazendo raciocínios em fá dièse e todo esse raio de encenação», mas a tradução requer explicações. As «phrases à quatre chevaux», literalmente «frases a quatro cavalos», evocavam o

---

<sup>213</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 586.

<sup>214</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1047.

<sup>215</sup> *Le Cousin Pons*, VII 746.

<sup>216</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 60.

<sup>217</sup> *Le Cousin Pons*, VII 608.

<sup>218</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 995.

<sup>219</sup> *L'Illustre Gaudissart*, IV 574.

antigo suplício do esquartejamento, em que cada membro do condenado era puxado e arrancado por um cavalo, daí a transposição que operei para uma expressão corrente em português. E em «*la sacrée machine*», literalmente «o raio da máquina» (pois é usual em francês o emprego blasfematório de «*sacré*», «*sagrado*»), «*machine*» neste contexto só podia ser o aparelho que criava as ilusões de cena, mas a relação do termo com a área semântica original ficava já muito ténue e indirecta.

O mesmo sucedeu quando um camponês referiu «*une machine aussi considérable que cette ferme-là*»<sup>220</sup>, literalmente «uma máquina tão considerável como aquela quinta», tendo «*machine*» aqui a acepção de «*coisa grande*», «*coisa importante*». Aliás, foi na época da *Comédie* que começou a difundir-se coloquialmente o termo «*machin*», corrupção masculina de «*machine*», no sentido de «*coisa*». «*Nous sommes tellement machines (et j'en rougis!)*»<sup>221</sup>, «*Somos a tal ponto máquinas (e como isto me envergonha!)*», disse alguém, mas o que quis dizer ao certo? Expressões como «*a trepidação mecânica que se apodera de nós ao sermos acordados daquela maneira*»<sup>222</sup>, «*gestos que tinham a velocidade mecânica dos movimentos do macaco*»<sup>223</sup>, «*os sons que saíam da boca*», da boca de Bartholomé Belvidéro moribundo, «*tinham, enfim, algo de mecânico*»<sup>224</sup> ou a evocação das mãos esqueléticas de uma cartomante, que «*baralhavam molemente as cartas, como uma máquina cujo movimento está prestes a parar*»<sup>225</sup>, tinham entrado a tal ponto nos tiques da linguagem corrente que servem apenas para nos recordar a presença avassaladora das máquinas no léxico da *Comédie*. E penso o mesmo perante frases como «*esta reforma [...] baseava-se num mecanismo muito simples*»<sup>226</sup>, «*o mecanismo da imprensa*»<sup>227</sup>, o «*mecanismo moral*»<sup>228</sup>, «*o mecanismo engenoso dos nossos pensamentos*»<sup>229</sup>, «*o mecanismo dos sentimentos*»<sup>230</sup>, «*o mecanismo [da] existência*»<sup>231</sup>, «*a máquina muscular*»<sup>232</sup> ou «*a máquina humana*», empregue na banal acepção de constituição do ser humano, tanto física como moral<sup>233</sup>. Depois desta série de exemplos,

---

<sup>220</sup> *Le Curé de village*, IX 832.

<sup>221</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1139.

<sup>222</sup> *La Muse du département*, IV 691.

<sup>223</sup> *Adieu*, X 1007.

<sup>224</sup> *L'Élixir de longue vie*, XI 479.

<sup>225</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1191-1192.

<sup>226</sup> *Les Employés*, VII 913-914.

<sup>227</sup> *Une fille d'Ève*, II 347.

<sup>228</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 73.

<sup>229</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1160.

<sup>230</sup> *Ibid.*, XI 1092.

<sup>231</sup> *Ibid.*, XI 1068.

<sup>232</sup> *Théorie de la démarche*, XII 274.

<sup>233</sup> *Le Curé de Tours*, IV 244; *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 38. Na *Théorie de la démarche*, XII 272, Balzac evocou o «*mecanismo humano*», designando o corpo humano, na pág. 301, como «*a nossa máquina*», e na pág. 294, referindo-se a Fontenelle, ele escreveu que «*aquela pequena máquina delicada [...] viveu assim mais de cem anos*». No *Traité des excitants modernes*, XII 308, o organismo humano foi denominado «*a máquina*», e mais uma vez «*a nossa máquina*» na pág. 323, enquanto, na mesma pág., o

admitimos que Balzac tivesse podido descrever as funções biológicas em termos mecânicos sem que a conotação semântica do termo deva ser acentuada. «[...] absorver, eliminar, decompor, assimilar, rejeitar ou recriar qualquer substância que seja, operações que constituem o mecanismo de todos os prazeres sem exceção [...]»<sup>234</sup>. Mesmo nestas frases reduzidas à banalidade, porém, a palavra podia chocar alguns personagens, e se um dia Balthazar Claës usou o termo «*máquina*» acerca do ser humano<sup>235</sup>, a sua esposa, tanto mais avessa à modernidade científica quanto ela lhe roubara a felicidade doméstica, retorquiu-lhe ironicamente «*e apesar de tu pretenderes que mais não somos do que máquinas eléctricas*»<sup>236</sup>. Talvez seja interessante que onde no manuscrito de uma das suas novelas Balzac escrevera «*sem o saber*» passasse a ler-se «*maquinalmente*» a partir da primeira edição<sup>237</sup>, mas parece-me inútil proceder à listagem dos empregos de palavras como «*machinal*», «*maquinal*» e «*machinalement*», «*maquinalmente*», usadas pela primeira vez no século XVII e no século XVIII, respectivamente, a crer no *Dictionnaire* da Académie Française. A relação etimológica entre estes vocábulos e as máquinas era já demasiado ténue para sustentar, na maior parte dos casos, qualquer proximidade semântica.

A situação talvez tivesse sido diferente, porém, quanto ao termo «*machination*», «*maquinação*», apesar de o *Dictionnaire* da Académie indicar que ele já estava em curso no final do século XIII e de o *Dictionnaire* de Littré mencionar dois exemplos do século XIV. Foi, portanto, sem anacronismos de linguagem que o romancista descreveu o conspirador Chaudieu, «*ajudante-de-campo de Calvino e de Théodore de Bèze*», como «*le foyer conducteur des machines populaires*»<sup>238</sup>, literalmente «*o foco condutor das máquinas populares*», tendo «*machines*» neste caso a acepção de «*maquinações*». O mesmo sucedeu noutro lugar. Ao explicar que o síndico da corporação dos peleiros, depois de lhe terem libertado o filho, procurara aproveitar as circunstâncias para promover a ascensão social da sua família, Balzac escreveu literalmente: «*Em nenhuma época da vida o síndico recorrera a tantas máquinas*», ou seja, «*maquinações*», «*para chegar aos seus fins [...]*»<sup>239</sup>. Passando para a época da *Comédie*, quando de Marsay esclareceu o segredo do estranho rapto do senador Malin, remontando para isso às conspirações que os políticos de Paris haviam urdido durante a campanha italiana de

---

funcionamento dos órgãos da salvação foi classificado como «*admirável mecanismo*». «[...] aquelas boras crepusculares em que a razão adormecida quase já não brilha na nossa máquina» – *Physiologie du mariage* [...], XI 1070. Até o doutor Caméristus, apesar de ser considerado o «*chefe dos vitalistas*», que «*via na vida humana um princípio elevado, secreto, um fenómeno inexplicável [...] uma espécie de chama intangível, invisível, submetida a alguma lei divina*», se referiu ao corpo humano como «*a máquina*» – *La Peau de chagrin*, X 257, 257-258, 260-261.

<sup>234</sup> *Traité des excitants modernes*, XII 307.

<sup>235</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 719-720.

<sup>236</sup> *Ibid.*, X 723.

<sup>237</sup> *Le Curé de Tours*, IV 227, 1200 n. d da pág. 227.

<sup>238</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 217.

<sup>239</sup> *Ibid.*, XI 363-364.

Bonaparte, ele disse que Malin havia sido «o pivô da máquina e a alma da maquinação»<sup>240</sup>, restabelecendo assim o sentido etimológico de «maquinação». Também Madame Rabourdin, procurando a todo o custo promover a carreira administrativa do marido sem que ele o soubesse, tratava «de lhe esconder as molas das suas máquinas»<sup>241</sup>, imagem a que o romancista não poderia recorrer se tivesse escrito «maquinações», e o mesmo sucedeu ao exclamar «como conseguem as mulheres deste género que casem com elas depois de sete ou oito anos de intimidade? que molas usam? que máquinas põem em movimento?»<sup>242</sup>. Aliás, parece que a conotação etimológica de «maquinação» ressaltava com especial evidência a propósito das mulheres e dos artifícios do amor, ou pelo menos das ciladas do matrimónio<sup>243</sup>.

Balzac não foi, muito longe disso, o único escritor da época a recorrer às máquinas como inspiradoras de imagens. O que o singularizou foi não só a frequência com que usou essas metáforas mas ainda o facto de em numerosíssimos casos elas se desdobrarem, como que expondo por dentro o funcionamento mecânico do que começara por ser apenas uma imagem. Em *La Comédie humaine* a sociedade e os seus órgãos, bem como os indivíduos, tanto física como mentalmente, inseriram-se num sistema de rodas dentadas, alavancas, êmbolos e outras peças, criando-se no leitor a noção de que todo aquele universo era um maquinismo, tal como Deus havia fabricado «a máquina dos mundos»<sup>244</sup>. Com esta presença obsessiva da metáfora mecânica contrasta a raridade com que as máquinas reais apareceram na *Comédie*, pelo simples motivo de que escasseavam também no país. E assim se chegou à estranha situação em que as figuras de estilo de Balzac eram muitíssimo mais modernas do que sociedade francesa daquela época, o que possivelmente explica uma boa parte da relutância com que muitos leitores, para já não mencionar os críticos literários, encaravam a linguagem do escritor.

De passagem, e porque o assunto me interessa, faço notar que o facto de os caminhos-de-ferro e as máquinas a vapor surgirem mais frequentemente na *Comédie* como imagem do que como referência material deve servir de lição aos historiadores,

---

<sup>240</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 690. Em *Illusions perdues*, V 585, sabedor de uma dívida contraída por Lucien de Rubempré, um dos irmãos Cointet «montou a partir dessa dívida uma formidável máquina» dirigida contra David Séchard e de igual modo, em *La Cousine Bette*, VII 194, a prima Bette e a senhora Marneffe «tinham as duas inventado uma prodigiosa máquina cuja acção poderosa contribuía para este resultado».

<sup>241</sup> *Les Employés*, VII 917.

<sup>242</sup> *Un prince de la bohème*, VII 826-827.

<sup>243</sup> «Esses pequenos seres, sobretudo as parisienses, são os mais lindos brinquedos inventados pela indústria social [...] construindo com os seus frágeis dedos máquinas destinadas a esmagar as mais poderosas fortunas» – *Petites misères de la vie conjugale*, XII 175. «[...] aqueles dias em que deliciosos desejos propiciaram sinceras confidências, em que as molas da sua política accionaram algumas máquinas habilmente preparadas» – *Physiologie du mariage* [...], XI 1114-1115. «[...] mas se as nossas quatrocentas mil esposas fizerem felizes, graças a esta engenhosa máquina, um milhão de celibatários e ainda por cima os seus quatrocentos mil maridos [...]» – *Physiologie du mariage* [...], XI 1200.

<sup>244</sup> *Séraphita*, XI 810.



recordando-lhes que a ideologia pode exprimir uma sociedade existente ainda em germen como se ela estivesse já plenamente desenvolvida. «Regra geral», escreveu Michael Roaf acerca do sítio arqueológico de Chatal Huyuk, na Anatólia, «as provas científicas acerca do modo como a população vivia diferem do que é descrito nas suas pinturas de parede e mostram a divergência entre a realidade e a ideologia nas suas vidas». Mas esta divergência faz parte das vidas e serve para compreender a realidade das vidas, tal como a análise dos sentidos da palavras da *Comédie* nos ajuda a entender a realidade da França.

Um jovem engenheiro que tinha certa simpatia pelos saint-simonianos declarou um dia: «[...] considero que ao esconderem os seus capitais o pequeno-burguês e o camponês estão a adiar a construção dos caminhos-de-ferro em França»<sup>245</sup>. E embora Balzac tivesse escrito que a poupança «se assemelha ao óleo que confere agilidade e suavidade às rodas de uma máquina»<sup>246</sup>, o certo é que tanto ele como alguns personagens da *Comédie* denunciaram o entesouramento como um dos grandes obstáculos erguidos ao desenvolvimento económico do país. «Ignorais tudo acerca de Paris», disse Bixiou. «Ide lá pedir cem mil francos para realizar a ideia mais útil para o género humano, para pôr à prova algo de semelhante à máquina a vapor, deixam-vos morrer [...]»<sup>247</sup>. E depois de ter comentado que, até ao momento em que se viu em risco de falência, o comerciante e industrial César Birotteau nunca havia recorrido a empréstimos, Balzac observou: «Talvez seja um erro não se apoiar num crédito, mesmo que inútil: as opiniões dividem-se a este respeito»<sup>248</sup>.

O crédito, com efeito, era raro e os banqueiros interessavam-se mais pelas especulações do que pela participação em investimentos, o que deixava os empresários e os pequenos proprietários nas mãos dos usurários. «A usura, essa rémora fixada na ambição dos camponeses, devora as zonas rurais»<sup>249</sup>. A insuficiência das instituições bancárias era igualmente grave nas grandes cidades. «Em Paris, entre a alta banca e o comércio existem firmas secundárias, intermediários úteis à Banca, que nelas encontra uma garantia suplementar», escreveu Balzac<sup>250</sup>, e é elucidativo que ele tivesse considerado estes intermediários proveitosos não ao comércio e à indústria, se servissem para lhes facilitar o crédito, mas à grande banca. «A invasão de 1814 e de 1815, dizia Rabourdin aos amigos, estabeleceu e mostrou em França uma instituição que nem Law nem Napoleão haviam conseguido implantar: o crédito»<sup>251</sup>. Mas parece que aqui o eminente *chef de bureau* foi demasiado optimista, e a escassez de espécies monetárias tornava o

---

<sup>245</sup> *Le Curé de village*, IX 823.

<sup>246</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 239.

<sup>247</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1190.

<sup>248</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 207.

<sup>249</sup> *La Rabouilleuse*, IV 402.

<sup>250</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 207.

<sup>251</sup> *Les Employés*, VII 913.

problema mais grave ainda. David Séchard, industrial de tipografia, acertou no alvo ao dizer: «O fisco ainda não descobriu a maneira de controlar os negócios comerciais a ponto de obrigar todos os que se dedicam sub-repticiamente à banca a pagar imposto de banqueiros [...]»<sup>252</sup>. O negócio a que ele se referiu consistia no desconto de letras, imperioso numa época em que escasseavam as notas bancárias. Assim, um comerciante ou o dono de uma manufactura, através do desconto sistemático de letras, procediam a uma actividade de tipo bancário, sem terem os encargos de um banco. É certo que na *Comédie* aparecem já algumas concepções novas de crédito e, através das ideias atabalhoadas de Claparon e da sua mentalidade excessivamente crapulosa, é a multiplicação bancária do dinheiro e a facilitação do seu acesso que podemos perceber. «*Tosque o público, dedique-se à Especulação*», aconselhou Claparon a César Birotteau. «— *A Especulação?* disse o perfumista, que comércio é esse? — *É o comércio abstracto*, respondeu Claparon, *um comércio que ainda vai permanecer secreto durante uma dezena de anos, como disse o grande Nucingen, o Napoleão da finança, e mediante o qual uma pessoa abarca as totalidades dos números, sorve os rendimentos antes de eles existirem, uma concepção gigantesca, uma maneira de lucrar com a esperança e de tirar partido dela, enfim, uma nova Cabala! Por enquanto somos só dez ou doze homens decididos, iniciados nos segredos cabalísticos destes magníficos projectos*»<sup>253</sup>. Mas tudo isto era ainda prematuro, e nem na França de Balzac nem na outra o «*comércio abstracto*», para empregar a expressão de Claparon, se impôs naquela época. O jovem engenheiro modernizador já nosso conhecido, que manifestava alguma simpatia pelos saint-simonianos, resumiu este estado de coisas quando disse que na Inglaterra «*o dinheiro é ousado e activo, aqui é tímido e desconfiado*»<sup>254</sup>.

O doutor Benassis evocou a província, «*onde as pessoas se envaidecem com a fortuna e não com a despesa, onde a ambição própria do homem se extingue e se converte em avareza, à falta de alimentos abundantes*»<sup>255</sup>. Num dos seus últimos romances, deixado incompleto, Balzac, depois de exprobrar o *putting-out system* na indústria de malhas da Champagne, que elevava o preço do produto com a multiplicação de intermediários entre os operários e os comerciantes, lastimou o insuficiente investimento de capitais na agricultura. «*Podemos ver, pela energia industrial exercida por uma região onde a natureza é madrasta, como a agricultura haveria de progredir se o dinheiro aceitasse comanditar o solo, que não é mais ingrato na Champagne do que é na Escócia, onde os capitais operaram prodígios. Assim, no dia em que a agricultura tiver conquistado as partes estéreis destes departamentos, quando a indústria tiver semeado alguns capitais na greda da Champagne, a prosperidade há-de triplicar. [...] o comfort dos ingleses*», e note-se que Balzac escreveu a palavra no original,

---

<sup>252</sup> *Illusions perdues*, V 584-585.

<sup>253</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 241-242.

<sup>254</sup> *Le Curé de village*, IX 822.

<sup>255</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 540.

a tal ponto esta noção era recente em França, «há-de penetrar ali, o dinheiro adquirirá aquela circulação rápida que já é metade da riqueza e que está a começar em muitas áreas inertes da França. [...] entesourar é um crime social. A economia da província, desprovida de inteligência, estanca a vida do corpo industrial e prejudica a saúde da nação»<sup>256</sup>.

Noutro livro o romancista reflectiu igualmente sobre a necessidade de apressar a circulação pecuniária e de aumentar o investimento nas regiões rurais. «Na opinião da província, a riqueza das nações consiste menos na activa rotação do dinheiro do que em amealhar esterilmente», censurou ele com pertinência<sup>257</sup>, e escreveu no esboço inicial da obra: «Se o orçamento fosse de dois milhares de milhões, o dinheiro, que é o sangue da França, passar-lhe-ia duas vezes pelo coração durante o ano, em vez de o atravessar a custo uma única vez, e a riqueza pública ficaria assim aumentada. Mas convençam disto os economistas da província, que se acham ricos quando têm o dinheiro enterrado na cave e que deixam os estrangeiros investir nos fundos públicos franceses e levar os juros para fora do país!»<sup>258</sup>. É instrutivo observar que no desenvolvimento deste romance, e consoante uma dialéctica que lhe era habitual, Balzac, em vez de colocar as suas opiniões próprias na boca de um só personagem, dispersou-as por várias figuras que podiam até situar-se na intriga em campos antagónicos, de modo que o pensamento do autor não se encontra em qualquer discurso mas na teia tecida entre eles. Roubourdin, *chef de bureau*, em torno de quem a história se desenrola, empregara todo o seu saber para elaborar um plano de reforma administrativa visando diminuir o número de funcionários do Estado e reduzir as despesas orçamentais. «Na sua expressão mais simples, este plano consistia na remodelação dos impostos de maneira a diminuí-los sem que o Estado perdesse os seus rendimentos e a obter, com um orçamento igual ao orçamento que suscitava então as mais alucinadas discussões, resultados duas vezes superiores aos resultados actuais»<sup>259</sup>. Quando o marido lhe confiou as linhas gerais do seu plano, Célestine Roubourdin exclamou: «Queres reduzir o orçamento, mas é uma ideia vulgar e burguesa! O que era preciso era que o orçamento chegasse a dois milhares de milhões, a França seria então duas vezes maior. Um sistema novo seria fazer com que tudo se movesse graças ao empréstimo, como proclama Monsieur de Nucingen. O tesouro mais pobre é o que está repleto de escudos sem emprego; a missão de um Ministério das Finanças é atirar o dinheiro pelas janelas, pois regressa pelas caves, e tu queres que ele vá amealhar tesouros! O que é preciso é multiplicar os empregos em vez de os reduzir. Em vez de pagar a dívida pública, seria preciso multiplicar os credores. Se os Bourbons quiserem reinar em paz, terão de fazer com que haja credores da dívida pública nas mais pequenas aldeias e sobretudo não deixar que os estrangeiros recebam juros em

---

<sup>256</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 750.

<sup>257</sup> *La Vieille Fille*, IV 914.

<sup>258</sup> *Les Employés*, VII 1554.

<sup>259</sup> *Ibid.*, VII 905.

*França, senão um dia vão exigir-nos o capital; enquanto que se toda a dívida pública estiver em França, nem a França nem o crédito hão-de morrer. Foi isto que salvou a Inglaterra. O teu plano é um plano ao gosto da pequena burguesia*<sup>260</sup>. Como se vê, as polémicas do keynesianismo não nasceram com a crise de 1929. Mas o problema da intervenção do Estado no fomento económico ocupava o próprio Rabourdin, e mais tarde, quando obteve a atenção da esposa, ele *«conseguiu explicar-lhe o seu plano fazendo-a compreender que, em vez de restringir o orçamento, pelo contrário, aumentava-o, mostrando-lhe em que actividades seriam empregues as verbas públicas, explicando-lhe como o Estado decuplicaria o movimento do dinheiro se se responsabilizasse por um terço ou por um quarto das despesas a serem suportadas por interesses privados ou locais»*<sup>261</sup>. Segundo as concepções de Rabourdin, *«o orçamento não é um cofre-forte, mas um regador; quanto mais água ele atrair e espalhar, mais um país será próspero»*<sup>262</sup>. No epílogo, depois de Rabourdin ter lançado o seu plano ao fogo e apresentado a demissão, ouvimos o próprio ministro, que na realidade não era outro senão *Monsieur de Villèle*, comentar, numa roda de personalidades em que o episódio era assunto de conversa: *«Decretar todo o tipo de despesas, mesmo inúteis, não constitui uma má gestão. Não será que se anima assim o movimento do dinheiro, cuja imobilidade se torna, sobretudo em França, nociva em consequência dos costumes avarentos e profundamente ilógicos da província, onde se escondem montes de ouro...»*<sup>263</sup>. Neste romance, tão cheio de acontecimentos e marcado pelo ritmo dos *vaudevilles* que constituíam a especialidade de um dos personagens, existe uma conclusão que talvez seja a principal. No momento em que reconheceu o fracasso da sua tentativa de reformar a administração pública, Rabourdin anunciou à esposa que ia tentar o êxito nos negócios privados. *«[...] trabalhei com completa inutilidade em prol do meu país ou, pelo menos, pensei que poderia ser-lhe útil... Agora sigo por outro caminho. Se me tivesse dedicado à mercearia, estaríamos milionários. Pois bem, sejamos merceeiros»*<sup>264</sup>, comerciantes, portanto, e não industriais. Todavia, o facto de um filho dos Rabourdin se encontrar na penúria onze anos depois de o pai ter abandonado o cargo na administração pública parece mostrar que também nos negócios ele falhou<sup>265</sup>.

O comportamento económico que o romancista e estes seus personagens censuravam tinha raízes muito fundas, pois na França daquela época a riqueza móvel era precária e essencialmente especulativa. Durante o Directório, as companhias que fizeram fortuna em fornecimentos ao exército e noutros negócios aplicaram os seus enormes lucros

---

<sup>260</sup> Ibid., VII 1053.

<sup>261</sup> Ibid., VII 1059.

<sup>262</sup> Ibid., VII 914.

<sup>263</sup> Ibid., VII 1114.

<sup>264</sup> Ibid., VII 1099.

<sup>265</sup> Z. *Marcas*, VIII 1649 n. 4 da pág. 854.

muito menos em investimentos industriais do que na aquisição de terras e em despesas sumptuárias. Esta preferência continuou durante a época napoleónica e, segundo Albert Soboul, embora a taxa de lucro na indústria fosse superior à do comércio, as fortunas obtidas graças ao grande comércio eram mais reputadas do que as provenientes das manufacturas. E este historiador observou, na sequência do que já fora afirmado por Georges Lefebvre, que os autores do código civil napoleónico se preocuparam muito mais com a propriedade fundiária do que com a propriedade industrial ou com as sociedades e o crédito. Era na aquisição de terras rurais que convergiam os lucros das operações comerciais e fabris e das especulações, e eram estas grandes propriedades que asseguravam prestígio social e influência política. Na primeira metade da década de 1820 ocorreram elevados investimentos de capital fixo na indústria e a partir de então o grande comércio perdeu a preponderância económica que havia tido. Mas apesar disto a terra continuou a ser a modalidade principal de riqueza, perdurando a situação até 1848 ou mesmo até à década de 1870.

«No comércio», afirmou Charles Mignon, que perdera já uma vez a fortuna e muito diligenciara para refazê-la, «os únicos capitais seguros são os aplicados em terras, depois de saldadas as contas»<sup>266</sup>. Era esta a opinião da senhora Birotteau, que aconselhou o marido, comerciante e fabricante de perfumes, a investir na aquisição de uma propriedade rural, em vez de proceder a despesas sumptuárias na sua casa de Paris, exigidas pelas ambições políticas<sup>267</sup>. E em 1836 o banqueiro Louis Mongenod censurou uma cliente: «A senhora foi imprudente... Não se confia um milhão e seiscentos mil francos ao comércio...»<sup>268</sup>. É certo que a respeito da firma Mongenod, Balzac observou que ela «se limita a proceder à actividade bancária com uma prudência, um bom senso, uma lealdade que lhe permitem agir com segurança de um a outro lado do mundo»<sup>269</sup>. Mas não era diferente a opinião da própria Banque de France, onde «os nomes de des Grassins e de Félix Grandet de Saumur [...] eram conhecidos e [...] beneficiavam da estima concedida às celebridades financeiras apoiadas em imensas propriedades territoriais livres de hipotecas»<sup>270</sup>. Do mesmo modo, um velho notário cauteloso, depois de recordar que «o senhor Évangélista se dedicava aos negócios, participava no grande comércio» — note-se que o notário disse «il jouait le grand jeu des commerçants», literalmente «jogava o grande jogo dos comerciantes», o que involuntariamente

---

<sup>266</sup> *Modeste Mignon*, I 676. Na carta que enviara ao seu fiel intendente a comunicar-lhe que havia conseguido refazer a fortuna, Charles Mignon já o previnira: «Depois de nos termos dedicado à guerra e ao comércio, vamos dedicar-nos à agricultura [...]» — *ibid.*, I 558.

<sup>267</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 44.

<sup>268</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 233.

<sup>269</sup> *Ibid.*, VIII 232.

<sup>270</sup> *Eugénie Grandet*, III 1142.

evocou o carácter especulativo da actividade económica naquela época — «*expedia navios e ganhava somas consideráveis*», observou que o seu cliente era «*um proprietário cujo capital está aplicado, cujos rendimentos são inflexíveis*»<sup>271</sup>. E nos últimos meses de 1838, num dos esboços preliminares de *Béatrix*, que não foi aproveitado, Balzac notou, a propósito de um personagem suprimido na versão definitiva, que «*a sua fortuna estava aplicada e imune a todas as variações possíveis, consistia em quintas na cercania de Paris, numa bela terra bem sólida, em rendas*»<sup>272</sup>. Ainda numa cena situada em 1845, quando o juiz Camusot tentou, aliás sem êxito, casar a filha com o banqueiro Fritz Brunner, ele estipulou as condições: «*[...] como vou dar por contrato a minha terra de Marville à minha filha, pretendo casá-la sob regime dotal. O senhor Brunner deverá então aplicar um milhão em terras para aumentar Marville, instituindo um imóvel dotal que porá o futuro da minha filha e das crianças ao abrigo dos acasos da Banca*»<sup>273</sup>.

Em nenhum livro como em *Les Paysans* Balzac relatou tão minuciosamente as lutas entre classes. Aliás, são estas lutas que constituem o enredo do romance, e não meramente um pressuposto ou um pano de fundo, como sucedeu em outras obras, ou um episódio, como noutras ainda. Assim, é esclarecedor da situação económica da França que Balzac tivesse localizado os principais conflitos sociais nos campos e não na indústria. Todavia, apesar deste facto revelar o atraso tecnológico do país, foram confrontos de classe modernos que o romancista descreveu, sendo especialmente atento à luta no interior da plebe rural entre, por um lado, a burguesia e, por outro lado, os pequenos camponeses e os trabalhadores dos campos.

Neste contexto, Balzac e alguns dos seus personagens atribuíram o atraso económico do país ao facto de a Revolução Francesa ter facultado à população rural a aquisição de terra, ao mesmo tempo que dissolvera os morgadios. As grandes propriedades eram repartidas, talhadas e retalhadas de novo, até se fraccionarem em porções ínfimas, e o dinheiro distribuído em salários rurais era sistematicamente amealhado pelos jornaleiros para, passados muitos anos, se afundar na compra de minúsculas parcelas de terra. Deste modo eram drenadas da circulação somas que estagnavam em vez de se investirem produtivamente. Adolphe Blanqui, um dos mais conhecidos economistas daquela época, calculou que por volta de 1840 o entesouramento retirava da circulação cerca de 1/4 da massa de moeda metálica. Foi este o diagnóstico a que procedeu em 1831 um velho banqueiro de província, afastado dos negócios. «*O acesso do camponês e do pequeno-burguês à propriedade provoca à França um imenso prejuízo [...] Pode calcular-se em três milhões de famílias a massa*

---

<sup>271</sup> *Le Contrat de mariage*, III 571.

<sup>272</sup> *Les Amours forcés*, II 1458.

<sup>273</sup> *Le Cousin Pons*, VII 551.

dos camponeses, abstraindo os indigentes. Estas famílias vivem de salários. O salário é pago em dinheiro [...] Assim, o proletário atrai o dinheiro da região. Ora, o camponês não tem outra paixão, outro desejo, outra vontade, outro alvo senão morrer proprietário. [...] esses três milhões de famílias enterram anualmente cinquenta francos, e subtraem assim cento e cinquenta milhões ao movimento do dinheiro. A ciência da economia política estabeleceu como axioma que um escudo de cinco francos, se passar por cem mãos ao longo de um dia, equivale de maneira absoluta a quinhentos francos. [...] A aquisição pelos camponeses deve [...] ser calculada por períodos de sete anos. Assim, os camponeses deixam durante sete anos, inerte e sem movimento, uma soma de mil e cem milhões; mas como a pequena burguesia enterra outro tanto e age da mesma maneira em relação às propriedades que estão longe do alcance do camponês, em quarenta e dois anos a França perde os juros de pelo menos dois mil milhões, ou seja, cerca de cem milhões por sete anos ou seiscentos milhões em quarenta e dois anos. Mas não perdeu somente seiscentos milhões, deixou de criar o equivalente a seiscentos milhões de produtos industriais ou agrícolas, que representam uma perda de mil e duzentos milhões; pois se o produto industrial não fosse o dobro em valor do seu preço de custo em dinheiro, o comércio não existiria. O proletariado priva-se a si mesmo de seiscentos milhões em salários! Estes seiscentos milhões de perda total [perte sèche], mas que, para um economista rigoroso, representam, devido aos ganhos que deixam de suscitar na circulação, uma perda de cerca de mil e duzentos milhões, explicam a situação de inferioridade em que se encontram o nosso comércio, a nossa marinha e a nossa agricultura em comparação com a Inglaterra». Na Inglaterra, explicou o banqueiro, «como a base colectável da propriedade torna a sua aquisição praticamente impossível às classes inferiores, todos os escudos entram no comércio e circulam»<sup>274</sup>.

Por sua vez, o engenheiro com tintas de saint-simonismo que mencionei repetidamente confirmou este raciocínio. «Com a fragmentação da propriedade, a Inglaterra já não existiria. A alta propriedade, os lords governam ali o mecanismo social. [...] O Capital inglês, graças ao seu contínuo movimento, criou aproximadamente dez mil milhões de valores industriais e de ações portadoras de renda, enquanto que o Capital francês, superior em abundância, não criou sequer a décima parte»<sup>275</sup>. Isto significa que a aristocracia britânica, impedindo o acesso das massas rurais à propriedade, as levava obrigatoriamente à proletarianização e criara as condições sociais para o desenvolvimento do capitalismo, enquanto em França a revolução burguesa tivera o efeito paradoxal de retardar a proletarianização e de condenar o país a um arcaísmo económico que acabaria por se revelar duradouro. Num dos mais curiosos paradoxos da *Comédie*, a crítica de Balzac à burguesia do seu país foi feita em nome do desenvolvimento económico, e esta perspectiva permitiu-lhe estar atento às doutrinas socialistas e comunistas, que também,

---

<sup>274</sup> *Le Curé de village*, IX 819-820.

<sup>275</sup> *Ibid.*, IX 822.

embora por motivos muito diferentes, consideravam a burguesia um estorvo ao progresso social.

No contexto retardatário da França burguesa, os acidentes das especulações, os seus êxitos como os seus fracassos, não eram explicados na literatura por leis económicas mas por golpes da fortuna, introduzindo os contrastes do Sublime na trama prosaica do dinheiro. Balzac situou o romance *gótico* na sociedade sua contemporânea e usou os mecanismos do terror, as maldições e a restante parafrenália de apetrechos criados por Maturin, por Horace Walpole, por Ann Radcliffe e tantos outros, para animar a mais corriqueira das realidades. Que o acidente que desfigurou Rosalie de Watteville quando ela se encontrava «no Loire, no barco a vapor cuja caldeira explodiu», fosse apresentado como um dos aparentes acasos onde o dedo de Deus pune os crimes secretos<sup>276</sup>, eis o que remeteu o progresso técnico para uma função muito pouco moderna, e o mesmo sucedeu quando dois amantes que viajavam pelo rio Loire num «barco a vapor» contemplaram uma visão fantasmagórica<sup>277</sup>. Mas se adoptarmos a perspectiva inversa, isto significa que Balzac percebeu o carácter burguês dos romances *góticos*, apesar do medievalismo confuso de que eles se revestiam e dos cavaleiros e monges que os povoavam. Ao fazê-lo, Balzac conferiu à sociedade burguesa as suas cartas de nobreza estéticas.

Tomando no sentido pleno, e não como mero lugar-comum, uma passagem da dedicatória de um dos seus romances, em que Balzac referiu «o dedo de Deus, tão frequentemente chamado o acaso»<sup>278</sup>, temos de concluir que o jogo, muito corrente na *Comédie*, era um repto a Deus. Jogava-se em todos os níveis da sociedade urbana, uns na lotaria, outros nos estabelecimentos especializados ou em casa de atrizes e bailarinas, nas pequenas recepções domésticas, com mais requinte nos salões da nobreza, mas em todos os casos o jogo era uma das soluções a que os personagens de Balzac mais frequentemente recorriam quando queriam desafiar o destino ou simplesmente obter dinheiro de maneira rápida. Num jantar íntimo com amigos tão cínicos como ele, Émile Blondet referiu «o desejo de jogar que existe no fundo de todos os corações, na jovem, no homem de província do mesmo modo que no diplomata, porque todos querem uma fortuna de graça»<sup>279</sup>. Jogava-se também na Bolsa, e os maiores capitalistas balzaquianos, os banqueiros, dedicaram-se mais a este tipo de especulação do que aos

---

<sup>276</sup> *Albert Savarus*, I 1020.

<sup>277</sup> *La Peau de chagrin*, X 294.

<sup>278</sup> *La Rabouilleuse*, IV 271. Em *La Vieille Fille*, IV 889, Balzac escreveu que «o acaso é o maior de todos os artistas» e na *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 82, evocou «um desses felizes acasos que nos fazem crer na Providência». Em *Le Curé de village*, IX 804, um dos personagens classificou o «acaso» como «a grande palavra dos tolos».

<sup>279</sup> *La Maison Nucingen*, VI 378.



investimentos empresariais. Se a fatalidade era o dedo de Deus, na Bolsa o divino acaso passara a reger os mecanismos económicos. Situada no coração da economia francesa da época, a Bolsa podia apresentar-se também no centro da teologia balzaquiana, transportando num mesmo impulso as banais questões pecuniárias para a esfera do sobrenatural e abrindo as operações aparentemente rigorosas da economia às lições inesperadas de uma potência irracional. Na obra de Balzac, como na de muitos dos seus contemporâneos, os altos e baixos da fortuna, se por um lado eram objecto de uma contabilidade fria e racional, eram por outro lado sintoma da acção de forças ignoradas.

Sucedida até que as falências desabassem da mesma maneira que nos romances de capa e espada surgiam os mensageiros desconhecidos. Esta aparente contradição entre a forma da história e a sua matéria é muitíssimo reveladora. Para a nova cultura burguesa, as paixões atribuídas às ficções aventurosas haviam passado a realizar-se através dos mecanismos pecuniários. No século XIX a fatalidade localizou-se no instrumento humano por excelência, o dinheiro. Permeando todo o corpo social e ligando o visível ao oculto, o dinheiro era benesse e ameaça, e em qualquer caso uma inquietação permanente. Em vez de serem pensados na sua novidade, os investimentos e as operações comerciais eram vistos como simulacro das guerras e dos duelos. A cena demoníaca em que um misterioso visitante sem nome paralisou com o olhar a família do marquês d'Aiglemont e levou consigo a filha mais velha foi o sinal de catástrofes prosaicas. «*A terrível noite de Natal, em que o marquês e a esposa sofreram o desgosto de perder a filha mais velha sem terem conseguido opor-se ao estranho domínio exercido pelo seu raptor involuntário, foi como que um aviso enviado pelo acaso*» – Balzac escreveu aqui «*fortune*», que tanto significa «*acaso*» como implica as noções de «*sorte*», «*riqueza*» ou «*fatalidade*» e «*desgraça*». «*A falência de um corretor da Bolsa arruinou o marquês*»<sup>280</sup>. Que no auge do sucesso um personagem fosse precipitado na miséria pelos maus resultados de uma especulação realizada por outra pessoa e à qual ele havia sido inteiramente alheio, ou que, arrastado pela má sorte até ao limiar entre a penúria e a indigência, fosse de novo elevado aos píncaros da sociedade pelos efeitos inesperados de outra especulação, estes acidentes imprevistos introduziam o temor do divino, de um Deus inexplicável e absurdo, numa sociedade cujos interesses eram estritamente numéricos e materialistas. E assim um racionalismo de contabilista podia conjugar-se com o mais completo irracionalismo.

Balzac encarou esta situação com lucidez, prevenindo os leitores de que não aguardassem «*catástrofes emocionantes*» nem «*páginas dramáticas*». «*O autor*», explicou ele, «*conta*

---

<sup>280</sup> *La Femme de trente ans*, II 1179.

na sua obra suficientes desfechos em harmonia com as leis da poética do romance para se atrever a seguir, uma vez por outra, os da natureza social, em que tudo parece firmemente ligado e em que tudo acaba por se arranjar de maneira bastante burguesa, muitas vezes sem a mínima comoção»<sup>281</sup>. É sugestivo da cultura de uma época que um romancista tivesse de se justificar pelo facto de dar uma conclusão «em que tudo acaba por se arranjar de maneira bastante burguesa» a uma história cujos mecanismos obedeciam às leis económicas e sociais da burguesia. O passo principal da argumentação reside na tese de que na «natureza social» «tudo parece firmemente ligado», o que conferia à sociedade o carácter de sistema e explica que Balzac tivesse criado não uma pluralidade de romances mas um único universo fictício, onde os personagens eram recorrentes e as intrigas se entrecruzavam. Por isso ele verberou, como tantas vezes o fez ao protestar contra a incompreensão dos contemporâneos, «as críticas descuidadas que se obstinam a julgar isoladamente partes de uma obra destinadas a adaptar-se a um todo»<sup>282</sup>. Se a sua obra valia, escreveu Balzac, devia-o «a combinações hábeis, a um vasto imbróglio, semelhante àquele que se tece perante os nossos olhos, todos os dias, na grande comédia deste século»<sup>283</sup>. Será que a força da estrutura global de *La Comédie humaine* conseguiu até dar um significado racional ao próprio *travestissement* dos negócios capitalistas em estilo gótico?

---

<sup>281</sup> *Préface* da primeira edição de *Une fille d'Ève*, II 261, 262.

<sup>282</sup> *Ibid.*, II 262.

<sup>283</sup> *Ibid.*, II 266.

## «Operários» e «proletários»

«Proletário» é um termo com conotação política vincada. Ainda hoje o seu eco é subversivo. Em Portugal, durante o salazarismo, sob um regime de censura severa e atenta, a palavra dificilmente podia ser publicada nos jornais. Pelo contrário, «operário» é um vocábulo corrente na economia, sendo-lhe conferida a objectividade e a neutralidade que se atribuem a essa ciência. Como se gerou a distinção entre as duas palavras?

Quando os juizes que o julgavam em Janeiro de 1832, no Processo dos Quinze, lhe perguntaram a profissão, Blanqui declarou-se «proletário», como um desafio. Se se tivesse declarado «operário», o burguês Blanqui não estaria senão a prestar falsas declarações acerca do seu modo de vida, mas proclamando-se «proletário» o jovem revolucionário estava a fazer um manifesto de intenções políticas. E como ambos os termos pretendem designar as mesmas pessoas, temos de concluir que classificam aspectos diferentes da sua actividade. Que aspectos? Pela vastidão do pensamento filosófico e pela quantidade de meios sociais e regionais que cobre, *La Comédie humaine* reuniu toda a França da primeira metade do século XIX, e através dessa obra vamos entender a diferença entre os empregos de «ouvrier», «operário», e de «prolétaire», «proletário».

Ao descrever o ambiente espiritual da França, que se concentrava em Paris, Balzac delimitou-lhe a geografia social, «desde o poeta até ao operário, desde a duquesa até ao garoto das ruas»<sup>1</sup>. Para Balzac o «operário» era aquele que vivia de um trabalho humilde, como sucedia quando a fortuna operava clivagens nas famílias prolíficas, e «há Massins ricos a dar inevitavelmente emprego a Massins operários»<sup>2</sup>. No rol dos indigentes «da décima segunda circunscrição, o bairro mais pobre de Paris», Balzac colocou quase no fim da lista os «operários sem trabalho»<sup>3</sup>, e os pobres eram «esses operários doentes»<sup>4</sup>, devendo realçar que Balzac não escreveu aqui «malades» mas «souffrants», o que remete a palavra para o âmbito da «souffrance», o «sofrimento». «É um desses operários que mal conseguem trabalhar durante metade da semana», disse alguém noutra obra<sup>5</sup>. E em algumas linhas que rejeitou quando tratava da composição de

---

<sup>1</sup> *Honorine*, II 526.

<sup>2</sup> *Ursule Mirouët*, III 782.

<sup>3</sup> *L'Interdiction*, III 427.

<sup>4</sup> *Ibid.*, III 434.

<sup>5</sup> *La Cousine Bette*, VII 374.

Modeste Mignon, o romancista escrevera «o trabalhador que luta com os dois braços contra o destino», riscando em seguida o sujeito e substituindo-lhe «o operário»<sup>6</sup>. «[...] a minha mulher-a-dias, que é mulher de um operário», disse o narrador numa curta novela<sup>7</sup>. Aliás, pela sua profissão uma empregada doméstica como Françoise Cochet, que não residia em casa dos patrões e trabalhava «a dias»<sup>8</sup>, era ela mesma «operária»<sup>9</sup>. Podia continuar indefinidamente a lista de exemplos, tirá-los muito abundantes de *Illusions perdues* e de *La Cousine Bette*, as obras onde é mais frequente a presença dos «operários» ou da «operária», mas para quê? Limitam-se a corroborar os casos citados. Nas suas divagações pelo tempo e pelo espaço, enquanto contemplava as preciosidades de todas as épocas e de todos os países armazenadas numa fantástica loja de antiguidades, Raphaël de Valentin, ao deparar com alguns quadros de Teniers o Jovem, imaginou «a miséria de um operário»<sup>10</sup>.

Pobre, o «operário» era-o em tudo, a ponto de nem sequer ter nome, como sucedera com o defunto marido da ama de Ursule Mirouët, «um pobre operário sem outro nome além do nome de baptismo»<sup>11</sup>.

O «operário» vestia pobremente. Ele vestia pouco. «[...] os braços nus como os de um operário [...]»<sup>12</sup>. E vestia mal. «Tão mal vestido como os operários [...]»<sup>13</sup>. Disse Moreau ao jovem e incorrigível Oscar Husson: «[...] não és homem capaz de começar uma carreira despindo o fato e envergando uma roupa de servente [*manœuvre*] ou de operário»<sup>14</sup>. Embora fosse certo que esse traje humilde ajudava quem o vestisse a ser solidário com os que partilhavam a mesma miséria. «Cérixet depressa fraternizou com os operários dos Cointet, atraído pelo poder da roupa, da blusa, enfim pelo espírito de corpo, mais influente talvez nas classes inferiores do que nas classes superiores»<sup>15</sup>. Sabemos também que «os frequentadores do pátio da prisão estão geralmente vestidos como as pessoas da classe operária»<sup>16</sup>, o que não nos deve espantar, porque que outra classe alimentava as prisões? Bastava escrever «um dos dois, vestido como um operário»<sup>17</sup>, para termos uma imagem mental. Por isso David Séchard, apesar de ser um patrão, proprietário de uma tipografia, pôde prevenir o seu amigo Lucien de Rubempré de que se sentia incapaz de frequentar os salões da nobreza. «Eu cá teria ar de operário no meio dessas pessoas, ficaria embaraçado, não estaria à

---

<sup>6</sup> Modeste Mignon, I 1363 n. a da pág. 509.

<sup>7</sup> *Facino Cane*, VI 1021.

<sup>8</sup> Modeste Mignon, I 510.

<sup>9</sup> *Ibid.*, I 529.

<sup>10</sup> *La Peau de chagrin*, X 72.

<sup>11</sup> *Ursule Mirouët*, III 799.

<sup>12</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 779.

<sup>13</sup> *Facino Cane*, VI 1019.

<sup>14</sup> *Un début dans la vie*, I 876.

<sup>15</sup> *Illusions perdues*, V 567.

<sup>16</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 826.

<sup>17</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 218. «Vestidos de operário [...]» – *Une ténébreuse affaire*, VIII 540.

vontade, diria tolices ou não abriria a boca»<sup>18</sup>. Mesmo quando Ève «não usava a roupa de operária, ela deixava David prodigiosamente intimidado»<sup>19</sup>. Aliás, entre as trabalhadoras a *coquetterie* feminina reduzia-se à expressão mais simples. «Consoante o hábito das operárias de Paris, ela achava que tinha acabado a toilette quando alisara os cabelos e enrolara em dois caracóis as madeixas junto às têmporas [...]»<sup>20</sup>.

Não era só o traje do «operário», mas o físico também, a sofrer da sua situação. É certo que, apesar de trabalhar numa fábrica de porcelanas, Jean-François Tascheron tinha uma aparência agradável e até traços de beleza. «A sua postura não denotava nenhum dos maus hábitos dos operários» – «maus hábitos», «mauvaises habitudes», empregue aqui na acepção de atitudes físicas incorrectas – a tal ponto que «parecia evidente que uma mulher amaciara aquelas fibras habituadas ao trabalho, enobrecera o aspecto daquele homem do campo e dera elegância à sua pessoa»<sup>21</sup>. Nem todos haviam tido a mesma sorte, se no seu caso se puder chamar sorte. «O fabrico de tapeçaria, executado como tem de o executar uma operária que quer ganhar a vida, provoca a pulmonia ou o desvio da espinha dorsal»<sup>22</sup>. Quanto à «pulmonia», «pulmonie», que os dicionários de língua portuguesa registam hoje como uma variante popular de «pneumonia», o *Dictionnaire* de Littré explica que o sentido da palavra era impreciso, significando tanto «pneumonia» como «tuberculose pulmonar». Por seu lado, caído na miséria, o antigo chefe de esquadrão dos Dragões da Guarda imperial Philippe Bridau mostrava «mãos tão negras como as de um operário»<sup>23</sup>.

Torto e mal vestido, o «operário» alimentava-se mal. «Quando pára a procura, o operário morre de fome [...]»<sup>24</sup>. Noutras ocasiões não era o trabalho que faltava, mas simplesmente o pagamento. «[...] um operário cuja família cheia de fome espera que lhe seja paga uma factura»<sup>25</sup>. Uma «operária» ingeria, de manhã, «o mais modesto dos almoços»<sup>26</sup>, e podia dar-se por contente, porque nem todas tinham a sorte de comer. «[...] uma pobre operária do bairro, que ela sabia perfeitamente que estava sem comer desde há dois dias»<sup>27</sup>. «Uma operáriazinha excessivamente bonita» descreveu a «um dos mais ricos capitalistas de Paris», que se interessava por ela, a sua vida, «em que se misturavam bailes no Mabille», um recinto de bailes populares, «dias sem pão, espectáculos e

---

<sup>18</sup> *Illusions perdues*, V 184-185. Note-se que Balzac havia originariamente escrito «j'aurais l'air d'un perruquier», que traduzo como «teria ar de barbeiro», e só durante a correcção de provas alterou para «operário» – *ibid.*, V 1175 n. d da pág. 184. Isto reforçou a conotação humilde da palavra.

<sup>19</sup> *Ibid.*, V 212.

<sup>20</sup> *Une double famille*, II 21-22.

<sup>21</sup> *Le Curé de village*, IX 733.

<sup>22</sup> *Honorine*, II 567.

<sup>23</sup> *La Rabouillense*, IV 353.

<sup>24</sup> *La Maison Nucingen*, VI 375.

<sup>25</sup> *La Peau de chagrin*, X 147.

<sup>26</sup> *Une double famille*, II 21.

<sup>27</sup> *Les Petits bourgeois*, VIII 103.

trabalho»<sup>28</sup>. Os ingredientes da alimentação de um «operário» eram vulgares e até malcheirosos. «[...] couves, cebolas, alho, os legumes favoritos da classe operária [...]»<sup>29</sup>. «Ela trabalha dezasseis horas por dia a bordar tecidos preciosos para os comerciantes de sedas e ganha dezasseis sous por dia, uma miséria!... E faz como os irlandeses, come batatas, mas fritas em gordura de rato», uma melhoria introduzida na edição de 1848, porque nas versões anteriores era «gordura humana», «pão cinco vezes por semana, e bebe água do Ourcq nos canos da Cidade, porque a água do Sena é cara demais»<sup>30</sup>, o que se compreende, pois a água do Sena era vendida a domicílio pelos aguadeiros, enquanto a água do Ourcq abastecia os chafarizes públicos de Paris. Agora vejamos as outras bebidas. O romancista evocou «o operário que morre velho aos trinta anos, o estômago curtido por doses progressivas de aguardente»<sup>31</sup>, e repetiu a ideia adiante, ao escrever «sem beber aguardente como o operário»<sup>32</sup> e ainda «o operário abusa da aguardente»<sup>33</sup>. Um artista que morrera devido ao consumo excessivo de café «entrava num café como um operário entra na taberna, a cada momento»<sup>34</sup>. «[...] nas imediações do mercado central, em Paris», ou seja, junto à «grande halle», situavam-se as tabernas que de madrugada vendiam aguardente a uma multidão de miseráveis. «Destes balcões provêm os seres débeis que compõem a população operária»<sup>35</sup>.

A mesma mediocridade caracterizava a habitação do «operário». «A primeira das duas divisões que constituíam o apartamento da prima Bette servia-lhe ao mesmo tempo de sala, de sala de jantar, de cozinha e de lugar de trabalho. Os móveis eram os das casas de operários remediados [...]»<sup>36</sup>. E quando Jules Desmarets procura uma viúva «que trabalhe em passamanaria» e toca à campainha, «a maneira como os sons se repercutiram no interior indicou-lhe um apartamento atravancado de coisas que não deixavam subsistir o mínimo eco, traço característico das habitações ocupadas por operários, por casais com poucos meios», Balzac escreveu «par de petits ménages», «onde faltam espaço e ar»<sup>37</sup>.

Finalmente, «o operário morre no hospital, ao chegar à derradeira fase de atrofiamento»<sup>38</sup>. «Quereis ir perder a saúde nas infâmias de Paris», exclamou Bette ao escultor Wenceslas Steinbock, «como tantos operários que acabam por ir morrer no hospital»<sup>39</sup>. E quando Madame

---

<sup>28</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 550-551.

<sup>29</sup> *Les Paysans*, IX 81.

<sup>30</sup> *La Cousine Bette*, VII 360, 1342 n. c da pág. 360.

<sup>31</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1044.

<sup>32</sup> *Ibid.*, V 1045.

<sup>33</sup> *Ibid.*, V 1050.

<sup>34</sup> *Traité des excitants modernes*, XII 316.

<sup>35</sup> *Ibid.*, XII 311.

<sup>36</sup> *La Cousine Bette*, VII 138.

<sup>37</sup> *Ferragus, chef des Dévorants*, V 867.

<sup>38</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1045.

<sup>39</sup> *La Cousine Bette*, VII 108.

Graslin estipulou no seu testamento a manutenção de algumas «*camas no hospício*», não espanta que elas fossem «*unicamente destinadas aos operários*»<sup>40</sup>.

Resumindo esta situação, uma das empregadas de uma engomadeira, que aliás a beleza e a inteligência levariam mais tarde a outros destinos, disse de si própria: «*Uma pobre operária como eu [...]*»<sup>41</sup>. «*[...] eu, uma pobre operária sem futuro*», suspirou outra engomadeira<sup>42</sup>. Ouve-se nestas vozes o eco de um queixume: «*[...] eu, que tantas vezes passei a noite a trabalhar por si! [...] eu que, durante quatro anos, partilhei o meu pão, o pão de uma pobre operária [...]*»<sup>43</sup>. «*[...] uma operária a quinze sous por dia [...]*»<sup>44</sup>. «*Sou operária florista, meu caro senhor, respondeu ela. [...] É o que basta para dizer que sou pobre [...]*»<sup>45</sup>. Naturalmente, o vaso de flores que se via na sacada de uma janela numa das velhas ruas de uma cidade de província pertencia a «*uma pobre operária*»<sup>46</sup>. E a esposa do dono de uma tipografia, debatendo-se ambos na penúria, disse que «*trabalhamos como pobres operários*»<sup>47</sup>. Enfim, quando Félix Davin, sob a inspiração directa de Balzac ou servindo-o com a sua assinatura benevolente, enumerou entre os tipos que o romancista soubera encarnar «*a pobre operária rendeira*»<sup>48</sup>, a frase bastou para exprimir o que pretendia.

A pobreza do «operário» era hereditária, transformando a condição pessoal numa situação social. «*[...] ele é operário, eu sou operária, se tivéssemos filhos, haveriam de ser operários...*»<sup>49</sup>. Reciprocamente, esta pobreza social limitava o trabalhador à sua condição. «*Il est très Louis XV, le gaillard!*», exclamou um burguês invejoso a propósito de um barão ameaçado pela penúria, e as duas expressões, que não sei traduzir sem lhes retirar o sabor, reforçavam-se na descrição de alguém que era ao mesmo tempo libertino, atrevido e vigoroso; «*oh! que sorte ele tem de ter boa figura! Apesar disso, começou a envelhecer, tem as marcas da idade... deve estar com qualquer operariazinha*»<sup>50</sup>. Expressão suficientemente elucidativa para que outro personagem a empregasse também. «*Ele continua sem emenda! [...] deve estar a viver com uma operariazinha*»<sup>51</sup>. O diminutivo era desprezivo sem ser insultuoso. Não eram defeitos pessoais, mas a modéstia

---

<sup>40</sup> *Le Curé de village*, IX 871.

<sup>41</sup> *La Vieille fille*, IV 835. No manuscrito primitivo alguém referiu este personagem, a futura Madame du Val-Noble, como «*uma pobre rapariga, engomadeira de roupa delicada, operária no estabelecimento da senhora Lardot*» – *ibid.*, IV 1471.

<sup>42</sup> *Illusions perdues*, V 215.

<sup>43</sup> *La Cousine Bette*, VII 166.

<sup>44</sup> *Modeste Mignon*, I 528.

<sup>45</sup> *Honorine*, II 564.

<sup>46</sup> *Engénie Grandet*, III 1028.

<sup>47</sup> *Illusions perdues*, V 323.

<sup>48</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1157.

<sup>49</sup> *La Cousine Bette*, VII 88.

<sup>50</sup> *Ibid.*, VII 161.

<sup>51</sup> *Ibid.*, VII 373.

de uma situação, que faziam de uma jovem «*uma operariázinha*». Era-se «*simples operário*»<sup>52</sup> e «*simples operária*»<sup>53</sup>, e só alguém tão altivo como a duquesa de Langeais, personificação do faubourg Saint-Germain, seria capaz de assimilar numa mesma frase «*uma simples burguesa, uma operária*»<sup>54</sup>. Mesmo fora do seu ofício, passeando na rua, um «*operário*» reconhece-se pelo aspecto. «*[...] entre as onze horas e a meia-noite encontrei um operário e a mulher, que regressavam juntos do Ambigu-Comique [...] Essa boa gente começou por falar da peça que tinha visto; passando de umas coisas para outras, acabou nos seus problemas [...]*»<sup>55</sup>. E ainda que pudesse ser irónico, o «*operário*» nunca era malévolo ou sequer sarcástico nem se servia do bom humor para tentar iludir a sua situação social. Desesperado pelas ambições frustradas, mais desesperado ainda por não conseguir libertar-se dos elos com que o cúmplice o mantinha à sua disposição, Théodose de La Peyrade exclamou, em plena rua: «*“Hei-de matá-lo!...”*». «*“Olha, um que não está bem disposto!” disse um operário, que com esta brincadeira acalmou a incandescente loucura que se apoderara de Théodose*»<sup>56</sup>. Em resumo, quando uma autoridade mencionava «*um operário da porcelana cujo comportamento é excelente*»<sup>57</sup>, isto significava que não haveria de ser ele a pôr em causa as instituições.

Pobre, inofensivo, eventualmente divertido, embora digno de lástima, o «*operário*» nunca foi para Balzac objecto de aversão. A palavra só se tornava insulto quando aplicada a alguém que queria fazer-se passar pelo que não era. «*A fortuna não é tão considerável como se diz. [...] Às primeiras palavras, logo que o vimos, ficámos com uma opinião formada sobre esse senhor que nada sabe das nossas maneiras. Vê-se pelas luvas, pelo colete que é um operário, o filho de um taberneiro alemão, sem nobreza de sentimentos, um bebedor de cerveja [...]*»<sup>58</sup>. Chamaram-lhe «*operário*» – neste caso sem qualquer razão – para o reduzir à insignificância social, o que confirma a conotação do termo. E de novo, noutra obra, aqui a respeito de um verdadeiro «*operário*»: «*Aliás, não é uma pessoa distinta, [...] é um operário*»<sup>59</sup>. Em suma, só quando pretendia apresentar-se como «*uma*

---

<sup>52</sup> *Le Père Goriot*, III 123; *Ferragus, chef des Dévorants*, V 827; *La Cousine Bette*, VII 72; *Le Curé de village*, IX 794; *Théorie de la démarche*, XII 267.

<sup>53</sup> *La Cousine Bette*, VII 82; *Le Cousin Pons*, VII 621.

<sup>54</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 1000.

<sup>55</sup> *Facino Cane*, VI 1019-1020. O Ambigu-Comique era uma sala de teatro frequentada por um público bastante popular. A respeito de um personagem criado na mediocridade e com grandes dificuldades financeiras, Balzac escreveu em *Un début dans la vie*, I 766, que «*ele não ia frequentemente a espectáculos e, mesmo assim, não passava além do teatro do Ambigu-Comique, onde os seus olhos não deparavam com muita elegância*». Isto não impediu, porém, que em *Béatrix*, II 925, uma mundana de luxo como a apócrifa Madame Schontz anunciasse a intenção de assistir a uma estreia no Ambigu-Comique, nem que o marquês d'Aiglemont, em *La Femme de trente ans*, II 1148, promettesse levar os filhos àquele teatro. E em *Illusions perdues*, V 464, Lucien de Rubempré assistiu a um espectáculo no Ambigu-Comique no camarote do duque de Rhétoré, mas é verdade que o duque estava acompanhado pela amante bailarina.

<sup>56</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 150.

<sup>57</sup> *Le Curé de village*, IX 685.

<sup>58</sup> *Le Cousin Pons*, VII 565.

<sup>59</sup> *Le Curé de village*, IX 697-698.



*pessoa distinta*» é que o «operário» era detestável ou ridículo. «*Que pensaríeis de um desconhecido que transmitia obliquamente ao ombro esquerdo o movimento da perna direita e reciprocamente, o da perna esquerda ao ombro direito, por um movimento de fluxo e refluxo tão regular que, ao vê-lo andar, tê-lo-íeis comparado a dois grandes paus cruzados com um fato pendurado? Não podia deixar de ser um operário enriquecido*»<sup>60</sup>.

Além de viver pobremente e se apresentar de maneira humilde, o «operário» trabalhava bem, muito e depressa.

Nos limites da sua profissão o «operário» trabalhava bem, por um motivo que Balzac não ignorava. «[...] o íntimo conhecimento que o operário tem da sua ferramenta»<sup>61</sup>. Era mais do que um mero conhecimento, pois «esse género de afecto que nasce do hábito» pôde ser comparado ao «que um operário tem pelo seu instrumento criador»<sup>62</sup>. As lojas de tecidos de Paris exibiam «musselina trabalhada por essas hábeis operárias»<sup>63</sup>. E, também na capital, «os operários são tão numerosos como hábeis», escreveu Balzac numas páginas destinadas a *La Fleur des pois*, romance a que deu depois outro nome<sup>64</sup>. Embora tivesse acabado por suprimir esta passagem, a sua opinião acerca dos «operários» da capital permaneceu inalterada, e seis anos depois Balzac evocou «o fecundo, o industrioso, o rápido operário de Paris»<sup>65</sup>. Foi decerto por eles possuírem estas qualidades que *Mademoiselle des Touches*, quando decidiu remodelar a sua casa nos confins da Bretanha, «mandou vir operários de Paris»<sup>66</sup>. Atitude sensata, porque «na província» sentia-se a falta de «operários hábeis»<sup>67</sup>. De qualquer modo, dentro do limite das suas qualificações o «operário» correspondia ao que dele se esperava. Um «operário jovem» só era apelidado de «preguiçoso» quando era «fraco» e estava «à beira da morte», em suma, quando «o olhar cheio de inteligência anunciava altas faculdades reprimidas por necessidades combatidas em vão»<sup>68</sup>. A aplicação pertinaz do «operário» ao trabalho podia até servir de metáfora, por exemplo quando, «na biblioteca Sainte-Geneviève», Lucien de Rubempré encontrava habitualmente «no mesmo canto um jovem de cerca de vinte e cinco anos que trabalhava com aquela concentração persistente que não se distrai nem se perturba com nada e pela qual se reconhecem os verdadeiros operários literários»<sup>69</sup>. Daniel d'Arthez, este «operário literário», viria a ser «um dos mais ilustres escritores da nossa

---

<sup>60</sup> *Théorie de la démarche*, XII 290-291.

<sup>61</sup> *Les Paysans*, IX 82.

<sup>62</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 818.

<sup>63</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1043.

<sup>64</sup> *Le Contrat de mariage*, III 1427.

<sup>65</sup> *La Fausse maîtresse*, II 201.

<sup>66</sup> *Béatrix*, II 700.

<sup>67</sup> *Le Curé de village*, IX 750.

<sup>68</sup> *L'Interdiction*, III 438.

<sup>69</sup> *Illusions perdues*, V 308.

época»<sup>70</sup>. Sem dúvida, fora da sua esfera restrita um «operário» perdia qualquer inteligência, como sucedeu com o velho Goriot, que «fora, antes da Revolução, um simples operário de massas alimentares», forma longa de denominar um «ouvrier vermicellier», e conseguiu depois fazer certa fortuna no seu ramo de negócios. «Fora da sua especialidade», no entanto, «voltava a ser o operário estúpido e ordinário, o homem incapaz de compreender um raciocínio, insensível a quaisquer prazeres do espírito»<sup>71</sup>. A inteligência dos trabalhadores concentrava-se-lhes nas mãos. «É o povo das fábricas, povo inteligente no trabalho manual, mas cuja inteligência se absorve nisso»<sup>72</sup>. «Por todo o lado o homem extasia-se perante uns montões de pedras; e se por acaso se lembrar dos que as juntaram, é para os prostrar sob a sua piedade; se o arquitecto ainda lhe pode surgir como um grande pensamento, os operários mais não são do que uma espécie de guinchos e ficam confundidos com os carrinhos de mão, as pás e as picaretas. [...] Semelhantes às máquinas a vapor, os homens arregimentados pelo trabalho apresentam-se todos eles com a mesma forma e nada têm de individual»<sup>73</sup>. O «operário» era apenas capaz de executar mecanicamente as tarefas que lhe cumpriam porque, «ao trabalhar para as massas, a Indústria moderna está a destruir as criações da Arte antiga, cujos trabalhos reflectiam a personalidade tanto do consumidor como do artesão. Temos produtos, já não temos obras»<sup>74</sup>. Foi para depreciar o poeta Canalis, «mais orgulhoso da sua fidalguia do que do seu talento»<sup>75</sup>, que Butscha preveniu Modeste de que «um operário em frases ocupado a ajustar palavras é muito maçador»<sup>76</sup>. O corcunda anjo da guarda queria dizer que a arte de Canalis era mecânica e desprovida de inspiração, no que seguia a opinião do editor Dauriat, para quem Canalis «é um poeta feito à força de artigos»<sup>77</sup>, e do próprio Balzac, que classificou o poeta como «fabricante de baladas»<sup>78</sup>. Com uma simetria que não deixa de ser irónica, foi Canalis, por sua vez, quem disse a respeito de Léon Giraud: «[...] é verboso, é confuso. É um operário em raciocínios [...]»<sup>79</sup>.

Parece não ter sido possível trabalhar bem sem trabalhar muito. «Não há decerto muitos cantões onde os operários sejam tão escrupulosos como os nossos quanto ao tempo requerido pelo trabalho», ufanou-se o *maire* de uma aldeia perdida nas montanhas do leste da França<sup>80</sup>. Mas o mesmo sucedia na capital. «A qualquer hora do dia, os transeuntes viam aquela jovem operária, sentada numa velha poltrona de veludo vermelho, o pescoço debruçado sobre os instrumentos de bordar,

<sup>70</sup> Ibid., V 311.

<sup>71</sup> *Le Père Goriot*, III 123-124.

<sup>72</sup> *Le Cousin Pons*, VII 751.

<sup>73</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 212.

<sup>74</sup> *Béatrix*, II 638. Apesar disso, uma mesa de refeição podia apresentar «o rico e brilhante aspecto que o luxo moderno imprimiu ao serviço, ajudado pelos aperfeiçoamentos da indústria» – *ibid.*, II 732.

<sup>75</sup> *Illusions perdues*, V 277.

<sup>76</sup> *Modeste Mignon*, I 579.

<sup>77</sup> *Illusions perdues*, V 369.

<sup>78</sup> *La Peau de chagrin*, X 99.

<sup>79</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1201.

<sup>80</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 502.

*trabalhando com ardor*», mal erguendo os olhos daquele «*trabalho obstinado, infelizmente necessário, que consumia as forças da sua preciosa juventude*». A bordadeira, com «*mãos ágeis*», e a sua mãe, que «*se dedicava a fazer tule*», eram «*duas diligentes criaturas*» e «*pelo aspecto fortuito daquele interior, o mais egoísta dos transeuntes ficava com uma imagem completa da vida que leva em Paris a classe operária, pois a bordadeira parecia viver apenas da agulha*»<sup>81</sup>. E, também em Paris, explicou a inspiradora de uma curiosa congregação que por vocação religiosa e escrúpulo político pretendia imitar os hábitos da classe trabalhadora: «*Não nos levantamos exactamente como os antigos monges, respondeu amavelmente Madame de La Chanterie, mas como os operários... às seis horas no Inverno, às três e meia no Verão. E deitamo-nos igualmente conforme o ritmo do sol*»<sup>82</sup>. Com efeito os «*operários*», junto com os «*garotos das ruas*» e os «*bortelões*», incluíam-se em «*toda essa população parisiense que começa a vida antes do alvorecer*»<sup>83</sup>. Foi por ser «*excessivamente diligente*» que Balzac, num texto polémico, se intitulou com ironia «*operário literário*». «*Ora, como não faço quaisquer exigências e não peço nada aos meus colaboradores nem aos directores de Revistas, é bastante difícil não ficar satisfeito com um operário literário, excessivamente diligente, que contribui com achas para a lareira das Revistas e se vai embora sem ter ganho nada*»<sup>84</sup>.

Não bastava trabalhar durante muito tempo, era necessário também fazê-lo intensamente. «*[...] procure operários activos, dedicados, porque será necessário substituir a falta de dinheiro pela dedicação e pelo trabalho*»<sup>85</sup>, ordenou Madame Graslin a Farrabesche, mas decerto não seria difícil encontrar quem correspondesse ao requisito, pois a rapidez era outra característica do «*operário*». «*Ficou impressionado com a destreza notável com que trabalhava aquela mulher, em quem tudo indicava a grande dama; ela tinha uma celeridade de operária, pois toda a gente pode, pelo jeito, reconhecer a maneira de um operário e a de um amador*»<sup>86</sup>. E quando os vemos «*cheios de ardor*» já calculamos que não podiam deixar de ser «*operários seleccionados*»<sup>87</sup>. «*Passados vinte dias*», contou Maurice de l'Hostal aos seus convivas, «*fui morar na casa [...], que tinha sido limpa, arranjada e mobilada com uma rapidez que se explica por três palavras: Paris! o operário francês! o dinheiro!*»<sup>88</sup>. Exactamente no mesmo prazo, «*vinte dias*», os «*operários*» contratados por César Birotteau renovar-lhe-ão o apartamento, trabalhando ininterruptamente, pois «*os operários*

---

<sup>81</sup> *Une double famille*, II 19, 20, 23.

<sup>82</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 238.

<sup>83</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1093.

<sup>84</sup> *Historique du procès auquel a donné lieu «Le Lys dans la vallée»*, IX 943.

<sup>85</sup> *Le Curé de village*, IX 780.

<sup>86</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 242.

<sup>87</sup> *Le Curé de village*, IX 831.

<sup>88</sup> *Honorine*, II 560. Noutro romance, e embora sem evocar «*o operário francês*», Balzac escreveu que «*em dez dias a venda do mobiliário, a devolução do apartamento e a mudança interior do de Agathe realizaram-se com essa rapidez que só se vê em Paris*» – *La Rabouilleuse*, IV 308.

passarão lá as noites»<sup>89</sup>. Explicou Balzac: «Os operários afadigados que trabalhavam à luz de arbores, pois houve operários de dia e operários de noite, faziam parar na rua os ociosos, os curiosos [...]»<sup>90</sup>. E tal como de l'Hostal, exclamou Birotteau: «Paris é o único lugar do mundo onde existem estas varinhas de condão»<sup>91</sup>. O que situou estes «operários» num plano muito diferente daqueles artífices de objectos de luxo a quem recorrera Louise de Macumer, née de Chaulieu, para confeccionar um serviço de almoço, e acerca de quem dissera que «os artistas de Paris são como des rois fainéants»<sup>92</sup>, ou seja, os «reis indolentes» da época merovíngia.

Maurice de l'Hostal, que vimos há pouco enaltecer a «rapidez» do «operário francês», usou, algumas páginas adiante, um substantivo diferente, dilucidando o problema linguístico que aqui me ocupa. «A sua postura lembrava todos os seus costados de nobreza com tanta altivez que na rua os proletários mais atrevidos» – Balzac escreveu «audacieux», «audaciosos», que tanto tem o sentido de «ousados» como o de «atrevidos» – «se desviavam para deixá-la passar»<sup>93</sup>. Era por se apresentar de maneira «atrevida», ou «audaciosa» se preferirmos uma tradução literal, que um trabalhador se tornava «proletário», e é esclarecedora a comparação daquela passagem com outra em que Émile Blondet, para explicar a parisiense elegante, afirmou que «a sua pose, ao mesmo tempo tranquila e desdenhosa, obriga o dandy mais insolente a se afastar para deixá-la passar»<sup>94</sup>. Em ambos os casos existia um ambiente de desafio, que colocava em posições equivalentes o «proletário» e o «dandy». A abrir uma novela, escreveu Balzac: «Em Outubro de 1827, ao amanhecer, um jovem com cerca de dezasseis anos de idade e cuja maneira de vestir [mise] assinalava o que a fraseologia moderna chama tão insolentemente um proletário [...]»<sup>95</sup>. Neste caso, aliás, a modernidade era mais acentuada ainda porque, segundo o *Dictionnaire* de Littré, o termo «mise» era um neologismo que só entrara no *Dictionnaire* da Académie Française na edição de 1835. Ora, nas páginas seguintes, quando a conotação de arrogância provocante já não estava presente, o mesmo personagem foi referido como «o jovem operário»<sup>96</sup> e «o operário»<sup>97</sup> ou ainda «o vigoroso operário»<sup>98</sup>, «um operáriozinho de marcenaria»<sup>99</sup>. E uma passagem do manuscrito onde Balzac, a propósito deste personagem, descrevera «o traje de um proletário bretão» foi corrigida numa das provas tipográficas para «o traje de um pobre

---

<sup>89</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 99-101.

<sup>90</sup> *Ibid.*, VI 143.

<sup>91</sup> *Ibid.*, VI 101.

<sup>92</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 317.

<sup>93</sup> *Honorine*, II 563-564.

<sup>94</sup> *Autre étude de femme*, III 694. Balzac evocou «o olhar seguro de si de um dandy» – *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1159.

<sup>95</sup> *Pierrette*, IV 29.

<sup>96</sup> *Ibid.*, IV 30, 73.

<sup>97</sup> *Ibid.*, IV 31, 32, 99, 157. Ver também a pág. 158.

<sup>98</sup> *Ibid.*, IV 72.

<sup>99</sup> *Ibid.*, IV 149.

*bretão*<sup>100</sup>. O «*proletário*» era decerto um trabalhador, mas não se definia pelo trabalho. Caracterizava-o a altivez do comportamento, a afirmação espontânea de uma dignidade que a sociedade não lhe reconhecia. Por isso ele era visto como insolente pelas classes dominantes. Conhecendo-se a figura de Gaudissart, liberal e bonapartista, que havia participado na conspiração frustrada de 1816 e haveria de se expor na revolução vitoriosa de 1830, é sugestivo que num discurso jocoso na terceira pessoa, onde revelou o orgulho dos seus antepassados plebeus, ele os tivesse qualificado de «*proletários*». «“[...] *Félix Gaudissart, filho de Jean-François Gaudissart, neto dos Gaudissart, vis proletários de alta antiguidade, seus antepassados*”<sup>101</sup>. Pouco antes, no entanto, o trabalhador que ajudava Gaudissart e um amigo a renovar um apartamento fora por duas vezes descrito por Balzac como um «*operário*»<sup>102</sup>. Outro contraste não menos elucidativo tem como pretexto a visita a Paris de Sylvestre Gazonal, um meridional proprietário de uma fábrica, que na sua pronúncia do Midi falava de «*mez ovrières*»<sup>103</sup>, «*as minbas operárias*», elogiado por um parente como «*um fabricante que tem centenas de operários*»<sup>104</sup> e a quem um conhecido perguntou: «*Tem operárias empregadas na sua fábrica?*»<sup>105</sup>. Mas eis que Gazonal deparou com Publicola Masson, «*um homem baixo, de cinquenta anos, cujo semblante lembra o de Marat*»<sup>106</sup>, pedicuro por ofício e «*republicano radical*»<sup>107</sup> por profissão de fé, homem de discurso a tal ponto temível que quando o industrial começou a observar-lhe que «*enquanto não consegue cortar a cabeça aos aristocratas...*», logo o outro o interrompeu: «*Limo-lhes as unhas*»<sup>108</sup>. E Publicola explicou: «*Tudo conspira a nosso favor. Assim, todos os que lastimam os povos, que urram sobre a questão dos proletários e dos salários, que fazem obras contra os Jesuítas, que se dedicam à melhoria de qualquer coisa... os comunistas, os humanitários, os filantropos, sabe, todos eles são a nossa vanguarda*»<sup>109</sup>. As «*ovrières*», as «*operárias*» do industrial, eram os «*proletários*» do revolucionário pedicuro.

Não foram aquelas as únicas obras em que se saltou de uma para outra denominação à medida que os trabalhadores se transformaram em revoltosos. «*Os operários, os malandrins da região passaram a gostar da taberna do Grand-I-Vert [...] os operários iam lá fechar os*

---

<sup>100</sup> Ibid., IV 34, 1114 n. d da pág. 34.

<sup>101</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 154.

<sup>102</sup> Ibid., VI 153.

<sup>103</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1156. A propósito da «*indústria parisiense*», Gazonal mencionou «*os operários*» – *ibid.*, VII 1178.

<sup>104</sup> Ibid., VII 1205.

<sup>105</sup> Ibid., VII 1208.

<sup>106</sup> Ibid., VII 1206.

<sup>107</sup> Ibid., VII 1208.

<sup>108</sup> Ibid., VII 1208.

<sup>109</sup> Ibid., VII 1207-1208.

negócios, saber notícias [...]»<sup>110</sup>. Por enquanto a denominação era neutra e os clientes eram «operários». Mas este estabelecimento, tão importante no desenrolar do romance, tornou-se um centro de intrigas e local de conspiração contra os ricos. «Nesta taberna, verdadeiro ninho de víboras, acalentava-se, vivaz e venenoso, quente e activo, o ódio do proletário e do camponês contra o proprietário» – Balzac escreveu «*maître*», que neste contexto poder-se-ia igualmente verter como «senhor» ou como «patrão» – «e o rico»<sup>111</sup>. Foi a luta de classes, em todas as suas formas, que converteu os «operários» em «proletários». Quando Balzac observou, a respeito de dois músicos ingénuos que valiam mais do que ganhavam, que eles «eram explorados», acrescentou logo, distanciando-se do conceito que acabara de empregar, «para usar uma palavra na moda»<sup>112</sup>. Um «operário» trabalhava, e como tal podia ser respeitado pelo romancista, quando este não se lhe mostrava indiferente; mas ser explorado fazia já parte daquela esfera semântica a que Balzac votava as suas antipatias e onde se incluía também o «proletário».

É instrutiva a comparação de *Les Paysans* com *Le Médecin de campagne*, o romance seguinte na ordem por que Balzac estruturou *La Comédie humaine*. A utopia, na aldeia do doutor Benassis, não foi a rapidez do crescimento económico. Esse era o símbolo. A utopia residiu na completa harmonia entre as classes, que fez com que o enriquecimento se desse sempre ao ânimo combativo e que todos os que permaneciam pobres tivessem um espírito resignado. Não espanta, por isso, que entre os personagens de *Le Médecin de campagne* figurem numerosos «operários», mas nenhum «proletário». Num longo discurso em que expôs as suas ideias sobre a organização social, ao mesmo tempo autoritárias e paternalistas, disse a certa altura Benassis: «Creio, decerto, ter demonstrado suficientemente a minha dedicação à classe pobre e sofredora [...]; mas, embora a admire na via laboriosa por onde prossegue, sublime de paciência e de resignação» – interrompamos um minuto. Até aqui desfilaram, como contas de um rosário, sucessivos aspectos da aceitação do destino social: a pobreza, o sofrimento, o trabalho, a paciência, a resignação. Logo o discurso continuou: «[...] sublime de paciência e de resignação, declaro-a incapaz de participar no governo. Os proletários parecem-me ser os menores de uma nação e devem sempre permanecer sob tutela. [...] A tutela sobre as massas afigura-se-me [...] uma coisa justa e necessária para a manutenção das sociedades»<sup>113</sup>. A transição foi abrupta. A partir do momento em que os trabalhadores abandonaram a submissão silenciosa e pretenderam «participar no governo», quando da resignação passaram à revolta, a terminologia mudou e eles tornaram-se «os proletários».

---

<sup>110</sup> *Les Paysans*, IX 89-90. O jogo de palavras com o nome da taberna é intraduzível, porque o «Grand-I-Vert», uma grande letra I pintada de verde, pronuncia-se como «grand hiver», o «grande Inverno».

<sup>111</sup> *Ibid.*, IX 91.

<sup>112</sup> *Le Cousin Pons*, VII 502.

<sup>113</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 508-509.

Sem fé nem lei, «os proletários» eram tão inquietantes como haviam sido tranquilizadores «os operários». «O efeito moral é pior do que o efeito material! exclamou o cura. Um proletariado desabituaado dos sentimentos, sem outro Deus senão a Inveja, sem outro fanatismo senão o desespero da Fome, sem fé nem crença, adiantar-se-á e calcará aos pés o coração do país»<sup>114</sup>. Note-se que não foram referidos aqui «proletários», uma multiplicidade de pessoas, mas um colectivo, «o proletariado», tanto mais ameaçador quanto os seus membros estavam fundidos num corpo social único. Escreveu Balzac na dedicatória de uma das suas obras: «Fizeram poesia com os criminosos, compadeceram-se dos carrascos, quase deificaram o Proletário!... Agitaram-se seitas, que gritam com todas as suas penas: Erguei-vos, trabalhadores!»<sup>115</sup>. Para Balzac, conhecedor de Spinoza, conceber os trabalhadores como agentes da história e apresentá-los como a classe capaz de trazer em si o futuro era deificá-los. Por isso não se limitaram aqui a ser «proletários», num plural de elementos dispersos, nem sequer foram designados como um colectivo, mas, providos de maiúscula inicial, passaram de pessoas a conceito.

Esta regra de emprego das palavras parece à primeira vista ser desmentida numa passagem em que Balzac mencionou «os proletários» num contexto de integração na sociedade vigente e de aceitação da ordem. «A harmonia é a poesia da ordem e os povos têm uma necessidade vital de ordem. [...] A França é o único país onde uma pequena frase pode produzir uma grande revolução. As massas aqui nunca se revoltaram senão para tentar pôr de acordo os homens, as coisas e os princípios». Mas era precisamente porque estava a expor a oposição entre as classes sociais que Balzac foi referir aqui os trabalhadores enquanto «proletários». «O Comércio e o Trabalho vão para a cama na altura em que a aristocracia pensa em jantar, uns agitam-se ruidosamente quando o outro descansa; os seus cálculos nunca se encontram, uns são a receita, o outro é a despesa. Resultam daqui costumes diametralmente opostos. Esta observação nada tem de depreciativo. Uma aristocracia é de certo modo o pensamento de uma sociedade, tal como a burguesia e os proletários são o seu organismo e a sua acção. [...] do antagonismo entre eles nasce uma antipatia aparente, que produz a diversidade de movimentos, feitos no entanto com um objectivo comum»<sup>116</sup>. Como todos os românticos conservadores, Balzac concebia as oposições enquanto formas de realização de uma unidade harmónica, e as forças antagónicas enquanto elementos de um organismo. Neste quadro, embora subordinados a um objectivo social convergente com o da aristocracia e o da burguesia, «os proletários» eram para Balzac mais do que trabalhadores, porque assumiam uma identidade própria que lhes viria de contribuir, nos seus termos, para o desenvolvimento do organismo social. Talvez seja esta mesma a explicação do uso de

---

<sup>114</sup> *Le Curé de village*, IX 820.

<sup>115</sup> *Les Paysans*, IX 49. No manuscrito Balzac escrevera «deificaram-se os proletários» – *ibid.*, IX 1282.

<sup>116</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 925-926.

«proletários» numa passagem onde, referindo-se aos que «*fum[am] como rebocadores*» – note-se que em francês «*fumer*» tanto significa «*fumar*» como «*deitar fumo*», e embora os dicionários registem ambas as acepções de «*fumar*» na língua portuguesa, o certo é que só a primeira é usada, o que prejudica a compreensão – «*ou beb[em] como Alexandre*», Balzac mencionou «*os elegíveis e os proletários que vão ler estas páginas*»<sup>117</sup>. No contexto de uma democracia censitária, era de uma clivagem de classes que ali se tratava, destacando-se num extremo quem pagava o imposto suficiente para poder ser eleito e no outro quem só dispunha das próprias mãos. Na mesma perspectiva devemos entender um enunciado onde cada bairro representou uma topografia estritamente social. «*[...] é fácil para o observador descobrir numa multidão, no meio de uma assembleia, no teatro, durante um passeio, o homem do Marais, do faubourg Saint-Germain, do Bairro Latino, da Chaussée d'Antin, o proletário, o proprietário, o consumidor e o produtor, o advogado e o militar, o homem que fala e o homem que age*»<sup>118</sup>. A menção ao «proletário» explicar-se-ia por estar associada e oposta ao «proprietário», enquanto, com uma tonalidade social neutra, era «o produtor» quem se conjugava com «o consumidor».

A situação era inteiramente diferente quando, no jogo das oposições sociais, os trabalhadores se resumiam a uma existência subordinada ou passiva. Então eles eram apenas «operários». Claude-Joseph Pillerault, um pequeno comerciante que à custa de esforço e probidade conseguira atingir uma certa mediania, «*animou a velhice com as suas convicções políticas que [...] eram as da extrema-esquerda. Pillerault pertencia àquela parcela operária que a revolução associara à burguesia*»<sup>119</sup>. Anexados pela burguesia republicana e conduzidos por ela, os trabalhadores não eram «proletários», mas «operários». Deparamos com um exemplo extremo de tensão terminológica quando Émile Blondet descreveu a insurreição dos trabalhadores do têxtil de Lyon, atribuindo-a por um lado a reivindicações inteiramente justas, mas por outro lado considerando que os republicanos se haviam aproveitado politicamente da revolta. «*A República apoderara-se do motim*», disse ele. «*Depois da revolução de Julho a miséria chegou ao ponto que os CANUTS hastearam a bandeira: Pão ou morte! [...] Os republicanos farejaram essa revolta a propósito do pão e organizaram os Canuts, que se bateram em partidas dobradas*»<sup>120</sup>. Neste caso, entre uma intervenção activa na história e uma sujeição passiva a interesses sociais alheios, combatendo «em partidas dobradas», os revoltosos foram denominados «canuts», não existindo qualquer referência a «proletários» e reservando-se o

---

<sup>117</sup> *Traité des excitants modernes*, XII 308.

<sup>118</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 251.

<sup>119</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 119.

<sup>120</sup> *La Maison Nucingen*, VI 375.



termo «operário» para as passagens que se limitaram a enunciar mecanismos estritamente económicos<sup>121</sup>.

Sempre que, nos conflitos sociais, se tratava exclusivamente da conciliação de classes, os trabalhadores eram «operários». «Há agora muito quem se compadeça do destino das classes operárias, quem as apresente como arruinadas pelos fabricantes [...]»<sup>122</sup>, «égorgées par les fabricants», escreveu Balzac, o que literalmente significa «degoladas pelos fabricantes», mas o *Dictionnaire de Littré* indica «arruinadas» como acepção figurada, que me parece a melhor opção. Aqui, contra os excessos da exploração patronal erguia-se um sentimentalismo não menos burguês, e o objecto passivo de ambos eram as «classes operárias». Quando era «quase deifcado», tínhamos «o Proletário», que se convertia em membro das «classes operárias» quando havia quem «se compadecesse» a seu respeito. Num a exaltação, nas outras a submissão. Deste tema da filantropia não se distanciava muito, excepto nos meios, o programa do socialismo autoritário, em que a sociedade seria remodelada mas os trabalhadores continuariam dirigidos. «[...] vou-me precipitar numa das doutrinas novas que parecem operar mudanças importantes na actual ordem social, dirigindo melhor os trabalhadores»<sup>123</sup>. Se, por um lado, a referência a transformações sociais profundas teria exigido a presença de «proletários», por outro lado, a palavra não poderia ser empregue a propósito de pessoas destinadas a obedecer. A mesma terminologia surgiu quando se tratou dos membros do *Compagnonnage*, apresentados como «cabeças pouco esclarecidas», que só sob a hipotética condução de «algun rude génio» poderiam ser capazes de levar a cabo «formidáveis empreendimentos»<sup>124</sup>. As facções rivais em que se dividia o *Compagnonnage*, mobilizando «instrumentos [...] quase cegos»<sup>125</sup> e servindo de modelo de obediência, não de revolta, foram denominadas por Balzac «seitas de operários»<sup>126</sup>. Outra passagem esclarecerá ainda melhor o rigor da terminologia. Alguém mencionou «uma grande fábrica onde todos os operários estão infectados pelas doutrinas comunistas e sonham com a destruição social, a decapitação dos patrões». Vou chamar antes de mais a atenção para um problema de tradução, já que estes «operários» «sonham» com «l'égorgement des maîtres», e há pouco interpretei «égorgement» na acepção figurada de «arruinar», mas aqui o termo possui necessariamente o sentido literal, e só por razões de estilo e de contexto histórico eu prefiro «decapitação» a «degolação». Todavia, é outro o problema principal. O emprego da palavra «operários» neste contexto só parecerá contrário a todas as regras do seu uso na

---

<sup>121</sup> Ibid., VI 375.

<sup>122</sup> *La Cousine Bette*, VII 187.

<sup>123</sup> *Le Curé de village*, IX 801.

<sup>124</sup> *Histoire des Treize*, V 789-790.

<sup>125</sup> Ibid., V 790.

<sup>126</sup> Ibid., V 790.

*Comédie* enquanto não soubermos que quem falava era o senhor Alain, o conspirador da caridade, um dos animadores de uma organização clandestina que tentava, mediante a beneficência cristã, destruir nos trabalhadores o sentimento de revolta. «*Sim, eu próprio*», explicou ele, «*fui destacado do convento para ficar no coração de um vulcão. Vou ser contramestre numa grande fábrica onde todos os operários estão infectados*» etc.<sup>127</sup>. Completado assim o texto, confirma-se a exactidão semântica. Era porque não via nos trabalhadores senão um objecto de piedade que o senhor Alain os designava como «*operários*». Ele considerava-os ordeiros por natureza e, portanto, «*operários*», que só a partir do exterior, como por uma doença contagiosa, haviam podido ser «*infectados*» pela subversão. E, evidentemente, nos termos do senhor Alain, como nos de muitos cristãos, quem laborava nas vinhas do Senhor era «*um operário da nossa vinha*»<sup>128</sup>. O vocabulário não foi menos escrupuloso num caso limite de indecisão entre as duas situações anteriores. Vituperando a filantropia – que detestava – no jovem advogado Théodose de La Peyrade, Balzac escreveu que ele «*devotava-se aos operários, aos proletários, às desgraças dos faubourgs Saint-Jacques e Saint-Marceau. [...] A vaidade constitui sem dúvida a base da filantropia; mas, no jovem provençal, tratava-se de estratagema, um papel a desempenhar, uma hipocrisia liberal e democrática representada com uma perfeição que nenhum actor seria capaz de atingir*»<sup>129</sup>. Como distinguir, a coberto de tanta simulação, a acção caritativa da panfletária? Balzac desdobrou o objecto das atenções do personagem, apresentando-o simultaneamente como «*operários*» e como «*proletários*», numa ambiguidade que correspondia à do próprio La Peyrade. «*Eh! acha que eu sou o amigo do povo?*», ouvimo-lo exclamar num momento em que desenvolveu a estratégia da sua hipocrisia; «*o advogado dos pobres há-de ser o dos ricos...*»<sup>130</sup>. E noutro lugar o hábil filantropo limitou-se a mencionar em termos neutros a influência obtida no bairro graças a «*alguma beneficência praticada nas classes pobres*»<sup>131</sup>.

E quando o trabalhador pretendia ultrapassar a sua esfera social, mas sem para isso romper com a sociedade? «*Infelizmente, respondeu o padre, uma das maiores calamidades das revoluções em França é que cada uma delas é uma nova recompensa dada à ambição das classes inferiores. Para sair da sua condição, para alcançar a fortuna, que é hoje considerada como a única garantia social, este operário compromete-se naqueles projectos pavorosos que, quando não têm êxito, levam forçosamente o especulador a prestar contas à justiça humana*»<sup>132</sup>. O desejo de mobilidade social ascendente por parte de indivíduos isolados não era uma ruptura mas, pelo contrário, uma aceitação da

---

<sup>127</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 324.

<sup>128</sup> *Ibid.*, VIII 322-323.

<sup>129</sup> *Les Petits bourgeois*, VIII 62.

<sup>130</sup> *Ibid.*, VIII 77.

<sup>131</sup> *Ibid.*, VIII 93.

<sup>132</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 226.

ordem vigente, por isso se tratava aqui de um «operário», tal como sucedeu também no caso daquele trabalhador que, graças a uma especulação engenhosa, conseguiu escoar uma mercadoria invendável que havia acumulado. Sem temer os efeitos estilísticos da repetição, Balzac apelidou-o quatro vezes de «operário» na mesma página<sup>133</sup>.

Uma excepção, porém, e flagrante, quando os trabalhadores, apesar de reduzidos a uma situação de objecto de piedade, foram designados como «proletários». «[...] o povo, os proletários sem auxílio, suportam todo o peso do sofrimento»<sup>134</sup>. Encontra-se ainda outro exemplo de utilização da palavra «proletário» fora de um contexto de insolência ou de revolta. «[...] o retrato, sempre o mesmo sob todos os pincéis, desse São Pedro em quem todos os pintores representaram a frente quadrangular do Povo, a forte cabeleira naturalmente encaracolada do Trabalhador, os músculos do Proletário, a teç do Pescador, [...] o pescoço do Forte [...]»<sup>135</sup>. É certo que um enunciado repetitivo perde o efeito se forem as próprias palavras a reproduzir-se, mas por que motivo Balzac incluiu no elenco «proletário» em vez de «operário»? Num *corpus* tão colossal como *La Comédie humaine* estas duas excepções parecem-me insignificantes. Além disso, ao proceder a uma longa descrição do movimento frenético que movia a economia parisiense, e ao mesmo tempo que mencionou repetidamente os «operários», Balzac citou numa acepção idêntica os «proletários», quando referiu «esta pequena burguesia que [...] armazena os produtos fabricados pelos proletários», acrescentando que entre os pequeno-burgueses «a torção física realiza-se sob a chicotada dos interesses, [...] como a dos proletários se realizou sob a cruel prensa das produções materiais incessantemente desejadas pelo despotismo do eu quero aristocrático», e evocou mais à frente «o movimento exorbitante dos proletários»<sup>136</sup>. Será que ele esqueceu nestas páginas a exactidão terminológica que geralmente o guiou no resto da obra ou recorreu à palavra «proletários» para evitar a excessiva repetição do termo «operários»? Fico na dúvida.

E só cinco vezes encontrei o termo «proletário» no sentido etimológico, indicando alguém inteiramente desprovido de bens. Ao enunciar a estratificação social de Nemours, depois de evocar a alta nobreza dos arredores, a pequena nobreza da cidade, a burguesia rica e os pequenos comerciantes, Balzac referiu «os proletários e os camponeses»<sup>137</sup>. Noutro livro,

---

<sup>133</sup> *La Maison Nucingen*, VI 377.

<sup>134</sup> *Le Cousin Pons*, VII 723. É curioso considerar que em *La Fausse maîtresse*, II 223, numa passagem onde se referiu ao «povo», sublinhando que se tratava do «verdadeiro povo», Balzac especificou apenas «os camponeses e os soldados».

<sup>135</sup> *Les Paysans*, IX 221. Noutro romance, ao evocar o aspecto de um certo personagem, Balzac escreveu: «Não lhe faltava nobreza na frente, parecia a frente clássica que todos os pintores atribuem a São Pedro, o mais rude, o mais povo e também o mais astuto dos apóstolos. As suas mãos eram as do trabalhador incansável [...] O seu busto evidenciava uma musculatura indestrutível» — *Le Curé de village*, IX 645. Os traços do retrato foram os mesmos, mas na descrição desta figura não aparece o termo «proletário».

<sup>136</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1044, 1045, 1052.

<sup>137</sup> *Ursule Mirouët*, III 782.

igualmente passado no meio rural, o romancista escreveu: «[...] as obras executadas pelo general tinham também espalhado o dinheiro nos três municípios que rodeavam as suas propriedades e fora difícil encontrar em Blangy, em Couches e em Cerneux cento e vinte proletários; só se chegara a este número contando com as velhas, as mães e as avós dos que possuíam alguma coisa, mas nada tinham elas próprias [...]»<sup>138</sup>. Deparei noutra lugar com dois casos de emprego de «proletário» e «proletariado» no mesmo sentido de camponês sem terra<sup>139</sup>. Finalmente, numa longa passagem da edição de 1834 de uma novela, que excluiu da edição de 1843, Balzac, depois de cobrir de sarcasmos impiedosos o meio literário parisiense, onde as ideias eram confundidas com as meras palavras e onde tudo se convertia em moeda sonante, exclamou: «Examinando essa espécie de panorama moral» – o termo «panorama» era recente e designava uma daquelas formas de espectáculos populares com jogos ópticos que foram os predecessores imediatos da fotografia e do cinema – «onde as ideias se condensam em resultados sólidos, fica sem dúvida demonstrado que, para quem souber cultivar as terras da inteligência, existem ali quintas, solares, arrendamentos, rendas, moinhos, burros e proletários»<sup>140</sup>. Aliás, é curioso verificar que nenhum destes cinco casos de emprego da palavra «proletário» no sentido etimológico diz respeito ao meio fabril, e mesmo na metáfora jocosa os «proletários» das letras foram situados no contexto de uma exploração rural, ao serviço dos empresários das «terras da inteligência», e em último lugar, depois dos «burros».

Desde o início do século XIX, desde o próprio momento em que o modo de produção capitalista se afirmou em França numa forma suficientemente desenvolvida, a classe explorada tem sido designada de duas maneiras. Ou «operários», trabalhadores diligentes que se inserem nos mecanismos sociais e os fazem operar, ou «proletários», que desafiam e se revoltam, rompendo a sociedade ou ameaçando fazê-lo. A dialéctica da ordem e da subversão, que inspira todo o pensamento político moderno, está contida na dualidade da terminologia que designa a classe explorada. A análise da linguagem de *La Comédie humaine* mostra-nos, sem margem para dúvidas, que os trabalhadores se repartem por duas vidas, e em cada uma são denominados por palavras diferentes. Com que clarividência Balzac colocou lado a lado os dois termos, quando escorçou em paralelo as duas existências do trabalhador. «Começai por examinar o mundo que nada tem. O operário, o proletário, o homem que mexe os pés, as mãos, a língua, as costas, o único braço, os cinco dedos para viver [...] excede as suas forças, atrela a mulher a uma máquina qualquer, desgasta o filho e prega-o a uma engrenagem. [...] este mundo de suor e de vontade, de estudo e de paciência [...] Estes homens, nascidos sem

---

<sup>138</sup> *Les Paysans*, IX 312.

<sup>139</sup> *Le Curé de village*, IX 819, 820.

<sup>140</sup> *L'Illustre Gaudissart*, IV 1334.

*dúvida para ser belos, pois toda a criatura tem a sua beleza relativa, arregimentaram-se, desde crianças, sob o comando da força, sob o reinado do martelo, das tesouras de chapa, da fiação e rapidamente se vulcanizaram. Vulcano, com a sua fealdade e a sua força, não será o emblema dessa feia e forte nação, sublime de inteligência mecânica, paciente por vezes, terrível um dia por século, inflamável como a pólvora e preparada para o incêndio revolucionário pela aguardente [...]!»<sup>141</sup>. Neste longo texto, maravilhoso poema abjecto e épico, de que só traduzi as curtas passagens necessárias ao entendimento das ideias, quando Balzac integrou num quadro único a submissão e a revolta, ele não conseguiu denominar o trabalhador senão por duas palavras sucessivas, «o operário, o proletário».*

---

<sup>141</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1041-1042.

## Que nome tinham os burgueses?

Para os trabalhadores, e em geral para a plebe, «*bourgeois*», «*burguês*», podia corresponder a uma definição social, designando os indivíduos da classe burguesa, como sucedeu quando um cocheiro, conversando com o criado de um conde, observou que «*pair de France ou bourgeois, tout le monde est bien regardant à ses pièces!*»<sup>1</sup>, que eu traduzo, tentando respeitar os coloquialismos, como «*par de França ou burguês, todos valem por mor do dinheiro que têm!*». De igual modo, se para os «*caseiros*», os «*moleiros*», os «*criadores de gado [nourrisseurs]*» e os «*cultivadores*» dos arredores de Paris, «*um notário*» ou «*um procurador*» eram considerados «*sumidades da Burguesia*»<sup>2</sup>, a maiúscula inicial definia indubitavelmente uma classe, sendo aqui a sua estratificação apresentada na perspectiva dos camponeses médios. A conotação da palavra era também obviamente social quando a voz do cocheiro Pierrotin, rude devido à profissão, adquiriu «*um tom suave para com os burgueses*»<sup>3</sup>. E a voz do doutor Rouget era «*a voz de um burguês*», até porque quem a ouvia era um pobre homem, «*um homem de mau aspecto*»<sup>4</sup>. Noutros contextos a classificação social implicava a hostilidade entre as classes. Contando as suas dificuldades iniciais com os camponeses, o doutor Benassis explicou «*eu era um burguês e para eles um burguês é um inimigo*»<sup>5</sup>. Por isso verificava-se «*a cumplicidade [entente] dos camponeses contra os burgueses relativamente ao preço dos géneros e da mão-de-obra*»<sup>6</sup>.

Na boca dos trabalhadores e da plebe «*bourgeois*» podia designar também os ricos em sentido genérico, como se para alguém que se situava nos estratos inferiores da hierarquia os «*burgueses*», posicionados logo acima, formassem a totalidade do horizonte e ocultassem a nobreza. Parece-me ter sido nesta acepção que Balzac escreveu que os antiquários e negociantes de velharias recorriam a todas as manhas e artifícios «*para entrar*

---

<sup>1</sup> *Un début dans la vie*, I 746.

<sup>2</sup> *La Cousine Bette*, VII 191. «*Fermiers*» significa «*rendeiros*» ou «*caseiros*», mas na linguagem rural e coloquial podia significar também «*agricultores*», em sentido lato; todavia, como no mesmo trecho estão referidos os «*cultivateurs*», palavra que se traduz apenas por «*cultivadores*» ou «*agricultores*», optei por verter «*fermiers*» no sentido restrito.

<sup>3</sup> *Un début dans la vie*, I 737.

<sup>4</sup> *La Rabouilleuse*, IV 386.

<sup>5</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 434.

<sup>6</sup> *Ursule Mirouët*, III 780.

*em casa do burguês*»<sup>7</sup>. E o velho Jérôme-Nicolas Séchard, rude e analfabeto, antigo dono de uma tipografia, disse ao seu filho David «os burgueses, quer dizer, o senhor marquês, o senhor conde, os senhores isto e mais aquilo»<sup>8</sup>, empregando aqui o vocábulo na acepção de gente importante. «O marinheiro é geralmente por todo o lado um ser à parte, que quase sempre professa o mais profundo desprezo pelas pessoas da terra firme. Quanto aos burgueses, ele não os entende, não os percebe, não lhes liga, rouba-os quando pode, sem achar que viola as leis da probidade»<sup>9</sup>. Nesta perspectiva os «burgueses» eram a gente rica, e Balzac adoptou um ponto de vista idêntico ao comentar que, em Issoudun, se «um operário» comesse habitualmente carne «iam achá-lo rico como um burguês», acrescentando que «muitos burgueses» se orgulhavam deste estado de atraso em que a região se encontrava<sup>10</sup>. E quando um dos criados do conde de Sérisy disse ao carroceiro Pierrotin que se qualquer deles tivesse o que o conde gastou a remodelar o seu palácio acima da soma aventada pelo carroceiro, «seríamos burgueses»<sup>11</sup>, a palavra significava genericamente os ricos, observados por aqueles que o não eram. Do mesmo modo, quando um agricultor perguntou ao cocheiro quem era o conde, que viajava incógnito, e o cocheiro pretendeu tratar-se do «príncipe a quem pertence o palácio de Maffliers», logo em seguida esse agricultor disse a outro viajante «é o burguês de Maffliers»<sup>12</sup>, empregando o termo na acepção de «proprietário». Mas tratava-se de um proprietário numa época em que o *ancien régime* estava extinto, e na perspectiva de um agricultor, para quem não existiam já os direitos senhoriais. Por isso, na linguagem plebeia o dono de um palácio podia ser designado não como «nobre» mas como «burguês». O certo é que muitos o eram.

Com maior intimidade, «bourgeois» podia também significar «patrão». «Em todos os mercados, dez léguas em redor, os camponeses perguntavam à gente de Montégnac: “Como vai a vossa burguesa?”», no sentido de «a vossa patroa», referindo-se a Madame Graslin, a maior proprietária de toda a região<sup>13</sup>. Com efeito ela era burguesa, mas chamar-lhe-iam o mesmo se fosse fidalga. Quando um camponês mencionou «a nossa burguesa, a senhora Vigneau»<sup>14</sup>, tratava-se, evidentemente, da patroa. «Se a minha burguesa» – ou seja, «a minha patroa» – «pensam todas as cozinheiras, fosse ela própria fazer as compras [...]»<sup>15</sup>. «É preciso arrear os cavalos,

<sup>7</sup> *Le Cousin Pons*, VII 577.

<sup>8</sup> *Illusions perdues*, V 226.

<sup>9</sup> *Le Contrat de mariage*, III 626.

<sup>10</sup> *La Rabouillaise*, IV 362.

<sup>11</sup> *Un début dans la vie*, I 745.

<sup>12</sup> *Ibid.*, I 804.

<sup>13</sup> *Le Curé de village*, IX 848.

<sup>14</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 435.

<sup>15</sup> *Les Paysans*, IX 140. «[...] Rémonencq, reconciliado com o seu antigo burguês Monistrol», ou seja, uma vez mais, «o seu antigo patrão» – *Le Cousin Pons*, VII 576.

*burguês?» disse a Pierrotin o seu moço de estrebaria»<sup>16</sup>, na acepção de «patrão» e, inversamente, um cliente, dirigindo-se ao ajudante do cocheiro, chamou ao cocheiro, que além disso era dono da caleche, «o seu burguês»<sup>17</sup>, ou seja, uma vez mais, «patrão». Os operários da tipografia dos Cointet, em plena expansão, ironizaram Cérizet, operário da tipografia de David Séchard, que sofria um acentuado declínio, e disseram-lhe «a tua burguesa é uma engomadeira», comentando pejorativamente o facto de a patroa ser uma antiga operária. Em resposta, Cérizet ridicularizou «as fronhas dos vossos burgueses»<sup>18</sup> e este operário insolente referiu depreciativamente perante a própria Ève Séchard o facto de ele ter «uma mulher como burguês»<sup>19</sup>, no original «une femme pour bourgeois», devendo notar-se neste caso o carácter invariável do substantivo. Passado tempo Petit-Claud estimularia Cérizet a averiguar onde estava escondido David Séchard, dizendo-lhe: «Se conseguires achar o teu antigo burguês e pô-lo nas minhas mãos [...]»<sup>20</sup>.*

Numa conversa de Cérizet com um dos irmãos Cointet, encontro decisivo para preparar a traição a David Séchard, ele viu igualmente nesse Cointet «o burguês»<sup>21</sup>, o que significa que o termo podia referir-se ao estado de patrão ainda que entre uma pessoa e o seu interlocutor não existisse qualquer relação de assalariamento, um pouco como se pode interpelar alguém na rua dizendo «oh! patrão». Do mesmo modo, quando o velho Jérôme-Nicolas Séchard preveniu os irmãos Cointet de que compreendera o segredo das suas manobras, exclamou: «Não sou estúpido, burgueses!...»<sup>22</sup>. Ora, apesar de rico, o velho Séchard mantinha-se num plano inteiramente popular, enquanto os Cointet pertenciam a uma camada social mais elevada, o que explica que fossem aqui tratados por «patrões». Nada impedia que o vocábulo reforçasse a carga metafórica, e Cérizet disse a Petit-Claud, num diálogo em que o ameaçou de morte se não cumprisse o prometido pela traição que iria vitimar David Séchard: «Combinado: vai ter o que quer, burguês!»<sup>23</sup>. Este «patrão» está no itálico da ironia porque Cérizet prometera, se as suas condições não fossem satisfeitas, deixar viúva a noiva de Petit-Claud. Num ambiente mais ameno, «bé! burguês, permite que lhe ofereça um copo de Alicante e umas queijadas?»<sup>24</sup>, disse alguém a um companheiro de viagem, e só uma assumida familiaridade explica aquele tratamento, tal como sucedeu quando um agricultor

---

<sup>16</sup> *Un début dans la vie*, I 741.

<sup>17</sup> *Ibid.*, I 771.

<sup>18</sup> *Illusions perdues*, V 567.

<sup>19</sup> *Ibid.*, V 569.

<sup>20</sup> *Ibid.*, V 673.

<sup>21</sup> *Ibid.*, V 568.

<sup>22</sup> *Ibid.*, V 634.

<sup>23</sup> *Ibid.*, V 683.

<sup>24</sup> *Un début dans la vie*, I 781. As «queijadas» eram «talmouses».



medianamente abastado explicou ao dono de uma hospedaria um negócio em curso. «*Nada mal, burguês, exclamou o estalajadeiro*»<sup>25</sup>. Neste contexto, o cliente podia surgir como «*patrão*», e também o cocheiro de uma diligência chamou «*burguês*» a um viajante que o interpelou<sup>26</sup>. Do mesmo modo uma vendedeira de nozes chamou a um eventual comprador «*meu burguês*»<sup>27</sup>. A palavra tinha igualmente curso no âmbito doméstico, onde um marido podia chamar à esposa, entre inúmeros outros nomes tidos como carinhosos, «*a burguesa*»<sup>28</sup>. Ainda hoje se emprega em França *ma bourgeoise* na acepção plebeia de «a minha mulher», o que pode traduzir-se em português, e relativamente às mesmas camadas sociais, por «a minha patroa», expressão de que se encontram outros ecos na *Comédie*. «*[...] nem as jovens nem as burguesas podiam cortejar um jovem*» como o tímido Jean-Jacques Rouget<sup>29</sup>. Ora, contrapostas às «*jeunes filles*», que traduzi por «*jovens*», as meninas solteiras, deduzo que «*as burguesas*» eram, nesta caso, mulheres casadas, o que recorda a expressão popular *ma bourgeoise*.

É em *Les Paysans* que melhor podemos observar as variações do emprego do termo «*bourgeois*» no meio rural. Por um lado, «*bourgeois*» designou os membros de uma classe social, definida em oposição tanto à antiga classe dominante como aos camponeses. «*[...] as famílias feudais, menos numerosas do que as famílias burguesas*», e logo depois a «*burguesia*» voltou a ser contraposta à «*nobrezza*»<sup>30</sup>. «*[...] o ódio que os burgueses do campo acalentam contra os grandes palácios e as grandes terras*»<sup>31</sup>. O salão de *Madame Soudry* era frequentado pelos «*burgueses mais ricos*» de Soulanges<sup>32</sup>, e embora Balzac os referisse com a mordacidade que sempre empregou para a burguesia, sobretudo a de província, a classificação social não deixava de ser objectiva. Ele designou como «*esses bons burgueses*» as pessoas ridículas que compunham «*a elite da sociedade Soulanges*» e concluiu: «*Esta burguesia de província, tão copiosamente contente de si própria, podia assim ter a primazia sobre todas as superioridades sociais*»<sup>33</sup>. E apesar de ter classificado a elite de Soulanges como «*essa pequena burguesia*», num contexto em que afirmava que um dado personagem lhe era muito superior intelectual e culturalmente<sup>34</sup>, isto não impediu que noutra passagem o romancista enunciasse a estratificação da burguesia:

---

<sup>25</sup> Ibid., I 797.

<sup>26</sup> Ibid., I 771.

<sup>27</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 115.

<sup>28</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 132.

<sup>29</sup> *La Rabouilleuse*, IV 395.

<sup>30</sup> *Les Paysans*, IX 140.

<sup>31</sup> Ibid., IX 302.

<sup>32</sup> Ibid., IX 260.

<sup>33</sup> Ibid., IX 272. «*[...] os burgueses menos letrados [...]*» – *ibid.*, IX 272.

<sup>34</sup> Ibid., IX 274.

«[...] a carne será em breve inacessível, não só ao povo, mas também à pequena burguesia [...]»<sup>35</sup>. «Socorrer os camponeses do vale, os pequeno-burgueses de Soulanges?... disse Sibilet»<sup>36</sup>.

Ao mesmo tempo, porém, em *Les Paysans* os «bourgeois» eram os donos da terra, fossem nobres ou burgueses em sentido estrito ou mesmo camponeses que tivessem adquirido a muito custo um simples lote. «Com mil francos», disse Gaubertin a Courtecuisse, «poderás comprar a Bâchellerie a Rigou, tonar-te burguês». Depois desta conversa, Courtecuisse «voltou ardendo no desejo de ser enfim proprietário, e burguês como os outros»<sup>37</sup>. Se o camponês «sabe, quando trabalha para o burguês, dar o mínimo possível a troco do mais possível»<sup>38</sup> e se «nesses trabalhos o burguês está à mercê do operário»<sup>39</sup>, então a palavra «burguês» designava qualquer tipo de proprietário fundiário, sucedendo o mesmo quando Tonsard exclamou «os burgueses alguma vez nos dão o que quer que seja?»<sup>40</sup>. E a propósito do «ódio do proletário e do camponês contra o proprietário» – Balzac escreveu «maître», que, como observei no capítulo anterior a respeito desta passagem, seria igualmente possível verter como «senhor» ou como «patrão» – «e o rico», Balzac mencionou os «coup[s] de main», que eu poderia aqui traduzir por «ataques insidiosos», empreendidos pelos clientes da taberna do Grand-I-Vert «contra O BURGUESES»<sup>41</sup>. Como disse o ti' Fourchon aos outros camponeses reunidos na taberna: «Ab! não é fácil lutar contra os burgueses! os burgueses fizeram tantas leis, que têm uma para cada manha...»<sup>42</sup>. Era um ambiente de tensão em que os conflitos estavam prestes a surgir, o que explica que os camponeses escondidos num bosque ficassem alerta quando ouviam «vozes de burguês»<sup>43</sup> – o romancista escreveu «des voix bourgeoises», o que literalmente significa «vozes burguesas». Aliás, talvez o termo «bourgeois» se aplicasse sobretudo aos principais proprietários fundiários. Quando o general conde de Montcornet adquiriu as mais vastas terras da região, ele, embora titular, viu-se convertido em «burguês» na linguagem rural e era conhecido como «o burguês das Aigues»<sup>44</sup>, ou seja, um dono de terras que só se destacava dos outros pela dimensão das suas propriedades. «Quis subir mais alto do que a escada», dizia-se a respeito do humilde Courtecuisse. «Quis ser burguês!» Com efeito, Courtecuisse, ao comprar a quinta da Bâchellerie, quisera

---

<sup>35</sup> Ibid., IX 248. «[...] palavras que escaparam aos pequeno-burgueses de Soulanges, aos de La-Ville-aux-Fayes [...]» – ibid., IX 173.

<sup>36</sup> Ibid., IX 160.

<sup>37</sup> Ibid., IX 164, 165.

<sup>38</sup> Ibid., IX 82.

<sup>39</sup> Ibid., IX 83.

<sup>40</sup> Ibid., IX 83.

<sup>41</sup> Ibid., IX 91.

<sup>42</sup> Ibid., IX 230.

<sup>43</sup> Ibid., IX 217.

<sup>44</sup> Ibid., IX 151. Ver igualmente as págs. 172, 229, 230, 231, 232 e 317. Na pág. 214, ao ver surgir a condessa de Montcornet e os seus convidados, Catherine Tonsard exclamou: «Vêm aí os burgueses das Aigues».

ficar *burguês*, gabara-se disso. [...] e acusava o burguês das Aigues de o ter desgraçado!»<sup>45</sup>. O conflito entre o conde e Courtecuisse era um conflito entre dois «*burgueses*». Mais curiosamente ainda, quando Balzac, depois de ter referido «os burgueses de La Ville-aux-Fayes»<sup>46</sup>, mencionou a «acusação tão veementemente feita pelas pessoas de La-Ville-aux-Fayes ao burguês das Aigues»<sup>47</sup>, temos a peculiar situação de burgueses designarem um conde como «*burguês*». Mesmo no âmbito da domesticidade do conde, um laçao referiu-se a um visitante do palácio como «o burguês»<sup>48</sup>. «São muito boas pessoas, aqui», pensou Émile Blondet acerca da família do conde de Montcornet. «A gente dos subúrbios de Paris havia de chamar lindos nomes a um burguês que deixasse roubar a caça!»<sup>49</sup>. Este literato sofisticado, embora nunca se exprimisse assim em Paris, usou «*burguês*» no sentido de dono de terras, como se fosse impossível retratar a vida rural sem aquela flutuação semântica. «Os camponeses, que cedem uns aos outros as suas parcelas de terra, não as alienam por nenhum preço nem sob nenhuma condição em benefício do burguês», disse ainda Blondet, precisando o significado da palavra ao acrescentar: «Quanto mais dinheiro o grande proprietário oferece, mais a vaga inquietação do camponês aumenta»<sup>50</sup>. Aliás, a paciência do conde, que tanto espantara Émile Blondet, acabou por se esgotar e ele «revelava por fim, passados quatro anos, o seu carácter de burguês decidido a não se deixar mais enganar»<sup>51</sup>. Mas quando «o burguês das Aigues» decidiu contra-atacar, foram outros «*burgueses*» que ele enfrentou, num conflito que era também um choque entre duas acepções da palavra. O chefe dos guardas disse ao conde: «Querem obrigar-vos a vender as Aigues [...] Desde Conches até La-Ville-aux-Fayes não há um camponês, um pequeno-burguês, um caseiro, um taberneiro que não tenha dinheiro pronto para o dia do assalto»<sup>52</sup>. E o conde replicou: «[...] eu cá vou divertir-me a arreliá-los, os burgueses de Soulanges e os seus camponeses...»<sup>53</sup>.

Finalmente, «*bourgeois*» foi ainda empregue em *Les Paysans* na acepção de «*patrão*». «O feitor, por seu lado, dava assignats à sua burguesa»<sup>54</sup>, ou seja, a *Mademoiselle* Laguerre, que havia sido a proprietária das terras adquiridas depois pelo conde de Montcornet. Com a mesma terminologia, uma das cabeças pensantes da burguesia de Soulanges e de La-Ville-aux-Fayes

---

<sup>45</sup> Ibid., IX 224-225.

<sup>46</sup> Ibid., IX 185.

<sup>47</sup> Ibid., IX 196.

<sup>48</sup> Ibid., IX 77.

<sup>49</sup> Ibid., IX 74.

<sup>50</sup> Ibid., IX 126-127.

<sup>51</sup> Ibid., IX 164.

<sup>52</sup> Ibid., IX 177.

<sup>53</sup> Ibid., IX 178.

<sup>54</sup> Ibid., IX 129. Os *assignats* eram papel-moeda emitido durante a Revolução Francesa e garantido pelas propriedades eclesiásticas confiscadas, mas a impressão em quantidade excessiva retirou-lhes praticamente todo o valor.

disse, a propósito da relação entre o conde de Montcornet e o feitor, «o seu burguês»<sup>55</sup>, e também o guarda das terras do conde disse ao antigo feitor: «Com que então, senhor Gaubertin, [...] teve uma desavença com o nosso burguês?»<sup>56</sup>. Mesmo numa camada social mais modesta deparamos com «aquele ponche que era ali admiravelmente preparado pelo burguês», ou seja, Socquard, o patrão do Café de la Paix<sup>57</sup>, e um camponês mencionou «a burguesa da posta»<sup>58</sup>.

Na boca dos mesmos personagens de *Les Paysans*, por vezes no decurso das mesmas conversas, a palavra «bourgeois» variava de sentido. Émile Blondet, amante da condessa de Montcornet e amigo do conde, era para o tí Fourchon «aquele burguesinho das Aigues» – o velho Fourchon disse «petit bourgeois», mas «petit», «pequeno», teve aqui uma função depreciativa e não se destinou a proceder a uma estratificação social – «que veio de Paris»<sup>59</sup> e de novo o designou como «o burguês das Aigues»<sup>60</sup>, empregando a palavra na acepção em que a usava a respeito do conde. Mas este mesmo tí Fourchon exclamou: «Se a filha de Courtecuisse quisesse deixar a sua burguesa de Auxerre [...]»<sup>61</sup>. Ora, a filha de Courtecuisse era serviçal e «a sua burguesa» era «a sua patroa». Outro camponês, Jean-Louis Tonsard, preveniu os demais de que, se tornassem a vida insuportável às «pessoas das Aigues» e a família do conde decidisse regressar definitivamente a Paris e vender as terras, estariam a fazer o jogo dos «burgueses do vale»<sup>62</sup>, e aqui o conde deixou de ser o «burguês» para a palavra designar os burgueses propriamente ditos. Do mesmo modo, quando o tí Fourchon disse à filha e ao genro «então, desde há trinta anos que o velho Rigou vos suga a medula dos ossos, e vocês ainda não viram que os burgueses hão-de ser piores do que os senhores?»<sup>63</sup>, aqui a palavra foi empregue no sentido exacto de classe social. No entanto, pouco depois outra personagem entrou na conversa e apelidou o conde de Montcornet de «o burguês das Aigues»<sup>64</sup>. E o pequeno Mouche, neto do tí Fourchon, ao ser interrogado por Émile Blondet e pelo conde e pela condessa de Montcornet, «compreendia maravilhosamente bem que estava a servir de divertimento aos burgueses»<sup>65</sup>, assumindo a palavra o sentido que teria na boca de Mouche, não na de Balzac. Mas a acepção de novo se inverteu noutra ocasião, pois o tí Fourchon replicou, ao ser

---

<sup>55</sup> Ibid., IX 283.

<sup>56</sup> Ibid., IX 147.

<sup>57</sup> Ibid., IX 292.

<sup>58</sup> Ibid., IX 339.

<sup>59</sup> Ibid., IX 95.

<sup>60</sup> Ibid., IX 96.

<sup>61</sup> Ibid., IX 233.

<sup>62</sup> Ibid., IX 234.

<sup>63</sup> Ibid., IX 98. Pouco depois a palavra voltou no mesmo sentido. «Fourchon tinha razão», observou Balzac na pág. 248, «os burgueses substituíam os senhores». Ainda que um destes «senhores» fosse «o burguês das Aigues».

<sup>64</sup> Ibid., IX 100.

<sup>65</sup> Ibid., IX 112.

acusado de roubo pelo feitor das propriedades do conde de Montcornet: «*Os ricos roubam sentados à lareira, rende mais do que andar na apanha pelos bosques. [...] O roubo não nos faz ficar ricos. Digam-me se somos nós ou vossemecês, os burgueses, quem pode viver sem fazer nada?*»<sup>66</sup>. Embora este discurso tivesse sido proferido diante do conde e da condessa e de Blondet, é visível que Fourchon se referia a pessoas como o próprio feitor, portanto burgueses em sentido estrito. Porém, quando Fourchon disse, perante os mesmos, «*para que é que nos serve o exército? para fazer os coronéis viverem à custa do soldado, como o burguês vive à custa do camponês*»<sup>67</sup>, agora «*o burguês*» era todo o dono da terra. Na linguagem dos camponeses, em suma, «*o burguês*» era o rico, em qualquer classe social que ele se encontrasse. Para Catherine Tonsard, e sem dúvida para os milhões de outros como ela, existiam os «*camponeses*» e os «*burgueses*»<sup>68</sup>. Afinal, o que parecia uma ambiguidade semântica era na verdade uma definição precisa, na perspectiva do lugar ocupado pelos camponeses nas novas relações capitalistas de exploração.

Podia suceder que os membros da nobreza usassem «*bourgeois*» e os seus compostos para designar uma classe social entre outras classes. «*Não fomos nós quem criou estas ideias, vemos que reinam por toda a parte, mesmo entre os burgueses*»<sup>69</sup>, disse Madame d'Espard, evocando a distinção que existia entre um nome plebeu e um título de nobreza. «*Mil e quinhentos francos de rendas, o preço do meu camarote na Ópera, a fortuna de muitos burgueses...*», exclamou a condessa Laginska<sup>70</sup>, numa quantificação a que parece presidir o rigor sociológico, e também a marquesa de Rochefide sabia que «*a sua miséria teria constituído a opulência de muitas burguesas ambiciosas*»<sup>71</sup>. Numa das mais importantes passagens políticas de toda a *Comédie*, onde o duque de Chaulieu explicou à filha a situação da França e afirmou que a obra da Revolução continuara após a Restauração, devido à extinção dos morgadios e à dissolução dos elos familiares, ele preveniu que «*as verdadeiras superioridades reconhecidas, constatadas, serão invadidas pelas vagas da burguesia*»<sup>72</sup>. Sem dúvida que se tratou aqui da burguesia enquanto classe social, tal como sucedeu quando, na mesma conversa, o duque disse: «*Não encontraremos em França [...] nenhum homem que queira por esposa uma jovem da mais alta nobreza sem dote e que lhe reconheça um. Se existir um marido assim, pertencerá à classe dos burgueses novos-ricos [...]*»<sup>73</sup>. Do mesmo modo, Louise, a arrogante filha do duque de Chaulieu, colocou de um lado o «*fidalgo*» e do outro o

---

<sup>66</sup> Ibid., IX 116-117.

<sup>67</sup> Ibid., IX 119.

<sup>68</sup> Ibid., IX 208.

<sup>69</sup> *Illusions perdues*, V 482.

<sup>70</sup> *La Fausse Maîtresse*, II 231-232.

<sup>71</sup> *Béatrix*, II 868.

<sup>72</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 243.

<sup>73</sup> Ibid., I 244.

«burguês» e «quem recebeu cartas de nobreza»<sup>74</sup>, tal como opôs «burguês» a «nobre»<sup>75</sup> e «duque» a «burguês»<sup>76</sup>. E ao contrapor «um marquês» a «um burguês»<sup>77</sup> e «um fidalgo» a «um burguês»<sup>78</sup>, o vice-almirante conde de Kergarouët deu à palavra a acepção de camada social. O termo recebeu também uma conotação social precisa quando a sobrinha do vice-almirante, a aristocratíssima Émilie de Fontaine, «se imaginava deixando em mais de um coração burguês a lembrança de um olhar e de um sorriso encantadores»<sup>79</sup> ou quando observava «a burguesia dançando com tanta elegância como a nobreza, por vezes melhor ainda»<sup>80</sup>. «A que classe social pertenceis?», perguntou Ernest de La Brière, sob a assinatura de Canalis, na estranha correspondência sentimental que trocou com Modeste Mignon. «Sois de uma família ilustre? de uma família nobre? de uma família burguesa?»<sup>81</sup>. E poucas linhas adiante a mesma acepção apareceu quando «a jovem burguesa» foi inserida num elenco onde figuravam também «uma camponesa a ceifar», «uma operária a quinze sous por dia», «a filha de um pequeno retalhista», «a prole de uma rica firma comercial» e «a jovem herdeira de uma nobre família»<sup>82</sup>.

Sucedeu também que Balzac empregasse «bourgeois», «bourgeoisie» ou «société bourgeoise» no sentido sociológico estrito, em passagens que podem, aliás, revelar um complexo jogo de oposições. Quando exclamou «o espectáculo mais horrível para um povo é o de um grande caído abaixo de um burguês!»<sup>83</sup>, ao mesmo tempo que manifestou as suas opções políticas Balzac usou numa acepção exacta a designação da classe social cuja ascensão ele tanto temia. E se na rue de la Montagne-Sainte-Genève, «terra em que é impossível haver mais igualdade», «desde os mais modestos até aos mais proeminentes, todos recusavam os privilégios da nobreza a um nobre sem dinheiro, pela simples razão de que os deixam ser usurpados pelos burgueses com fortuna feita»<sup>84</sup>, aqui a conotação negativa do termo proveio da hostilidade que Balzac sentia pelos «burgueses com fortuna feita», mas a palavra designou objectivamente a nova classe dominante. Sucedeu o mesmo quando o romancista referiu a situação precária do marquês do Rouvre, «cujos bens, crivados de hipotecas, eram cobiçados pelos burgueses»<sup>85</sup>. Também ao mencionar, a propósito do que se passava em Tours, «essa sociedade burguesa, secretamente inimiga da sociedade aristocrática»<sup>86</sup>, era a

---

<sup>74</sup> Ibid., I 216.

<sup>75</sup> Ibid., I 245, 247.

<sup>76</sup> Ibid., I 247.

<sup>77</sup> *Le Bal de Sceaux*, I 138.

<sup>78</sup> Ibid., I 155.

<sup>79</sup> Ibid., I 133.

<sup>80</sup> Ibid., I 134.

<sup>81</sup> *Modeste Mignon*, I 528.

<sup>82</sup> Ibid., I 528.

<sup>83</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 231-232.

<sup>84</sup> *L'Interdiction*, III 475-476.

<sup>85</sup> *Ursule Mirouët*, III 781.

<sup>86</sup> *Le Curé de Tours*, IV 199.

uma classificação objectiva que Balzac se atinha. Por seu lado, o juiz Popinot, um dos caracteres mais positivos de *La Comédie humaine*, possuidor de um «semblante burguesmente bonacheirão»<sup>87</sup> mas dotado de uma invulgar perspicácia, observou num estado de «contemplanção burguesa» o luxo de que se rodeava a marquesa d'Espard<sup>88</sup>, o que não o impediu de dizer com fina e dissimulada ironia acerca de uma plebeia a quem a altiva dama era hostil: «E essa criatura mora aqui perto, na rue Verte, num palacete! Já não há burgueses»<sup>89</sup>. Adiante, referindo-se ao encontro do juiz Popinot com o marquês d'Espard, Balzac escreveu: «Estes dois caracteres tão completos, tão fecundos, um burguês e divino, o outro nobre e sublime, tinham-se posto em uníssono suavemente [...]»<sup>90</sup>. A sequência das passagens relativas ao juiz Popinot revela-nos a extensão do emprego da palavra «burguês» na acepção sociológica, que completa aqui os trezentos e sessenta graus. Na mesma acepção o «burguês» ou a «burguesa» podiam situar-se numa escala de classes ou condições sociais, por exemplo quando o romancista escreveu que «entre Flore Brazier e a duquesa, entre a duquesa e a mais rica burguesa, entre a burguesa e a amante mais esplêndidamente paga as diferenças devem-se apenas à educação que receberam e aos meios onde vivem»<sup>91</sup>. Outro exemplo diz respeito a Charles Mignon, uma figura socialmente ambígua, oscilando entre os negócios e a nobreza. Ele informou-se acerca das oportunidades mercantis a partir do Havre «ouvindo discorrer dois burgueses»<sup>92</sup>, e a seguir, referindo-se à falência de Mignon, que durante uma década mantivera a maior firma comercial do Havre, Balzac mencionou «aquela queda imensa, coroando um reinado burguês de dez anos»<sup>93</sup>. Noutra caso a oscilação não se deveu à alternância das fases da vida mas ao envergar de uma máscara, como sucedeu quando o conde de Sérisy decidiu viajar incógnito. Ele «adoptou um ar de burguês bonacheirão»<sup>94</sup> e «todos os viajantes julgaram evidentemente que se tratava de um burguês chamado Lecomte»<sup>95</sup>, sendo Lecomte um nome corrente em França e que significa «o conde». Com mais pitoresco, quando Esther van Gobseck foi sondada a pedido de Philippe Bridau, para saber se aceitaria substituir Flore Brazier como amante do velho Jean-Jacques Rouget, ela, que tinha acabado de devorar «a fortuna de dois ingleses, de um russo e de um príncipe romeno», respondeu «a rir»: «Olha, nunca levei burgueses à falência, serve para me treinar!»<sup>96</sup>. E embriagado numa festa, o mais novo dos «escreventes» de um notário «dirigiu-se a burguesas de cinquenta e sete anos julgando

---

<sup>87</sup> *L'Interdiction*, III 466.

<sup>88</sup> *Ibid.*, III 458.

<sup>89</sup> *Ibid.*, III 462.

<sup>90</sup> *Ibid.*, III 491.

<sup>91</sup> *La Rabouilleuse*, IV 417-418.

<sup>92</sup> *Modeste Mignon*, I 486.

<sup>93</sup> *Ibid.*, I 491.

<sup>94</sup> *Un début dans la vie*, I 773.

<sup>95</sup> *Ibid.*, I 772.

<sup>96</sup> *La Rabouilleuse*, IV 517.

que eram mulheres fáceis»<sup>97</sup>. Abandonando o plano jocoso e os malabarismos conceptuais, quando descreveu Besançon, Balzac distinguiu «a sociedade nobre e a sociedade burguesa da cidade»<sup>98</sup>, e nesta oposição a nomenclatura designou estritamente classes sociais. No mesmo sentido Balzac explicou que «nunca se davam festas na burguesia sem que o senhor e a senhora Moreau fossem convidados»<sup>99</sup>. Marianna Gambarà «passara a manhã a compor uma toilette simples mas correcta, e que devorara todas as suas economias», ficando deste modo «despojada da sua poética miséria e transformada em simples burguesa»<sup>100</sup>. Ora, o romancista nunca teria designado Marianna, que ele tanto estimava, com um termo pejorativo, pelo que a palavra só pode ter aqui um significado social objectivo. A mesma conotação surgiu ao correr da pena, por exemplo quando o «chefe de posta» convidava para as suas festas «toda a burguesia de Nemours»<sup>101</sup> ou quando alguém «se sentia superior a toda a burguesia de Nemours»<sup>102</sup>, e com igual naturalidade o romancista pôde mencionar por duas vezes «a burguesia de Issoudun»<sup>103</sup>, indicar que «esta quinta pertencia a um burguês de Beaumont-sur-Oise»<sup>104</sup> e explicar que «o escrivão da Justiça de Paz» era «um dos mais ávidos burgueses daquela pequena cidade»<sup>105</sup>. Os exemplos do emprego objectivo de «bourgeois» e dos seus derivados são muitos, nada adianta neste livro mencioná-los todos.

Todavia, tanto para o romancista como para as figuras que lhe povoaram a obra, a distância era muito curta entre a utilização objectiva de «bourgeois» e dos seus derivados e a conotação pejorativa. «[...] a casa mais burguesmente decente»<sup>106</sup> foi uma apologia do asseio burguês ou uma ironia acerca do que a burguesia considerava decoroso? E fico sem saber se era o romancista ou o personagem quem zombava ao ouvir a exclamação «é tudo, burguês!» pronunciada precisamente por um destes burgueses<sup>107</sup>. O gracejo foi também discreto quando o conde de Granville mencionou o «interesse» que «um burguês de Paris pode manifestar pela conclusão do Palais-Royal»<sup>108</sup>, embora Balzac esclarecesse a possível utilização do termo ao mencionar «o semblante banal do burguês parisiense»<sup>109</sup> e «a estupidez dos burgueses de

---

<sup>97</sup> *Un début dans la vie*, I 853.

<sup>98</sup> *Albert Savarus*, I 920.

<sup>99</sup> *Un début dans la vie*, I 811.

<sup>100</sup> *Gambarà*, X 498.

<sup>101</sup> *Ursule Mirouët*, III 800.

<sup>102</sup> *Ibid.*, III 779.

<sup>103</sup> *La Rabouilleuse*, IV 272, 276. Nas págs. 360 e 361 «a burguesia» surge igualmente na acepção sociológica do termo, e na pág. 371 é referido o «mundo burguês». Na pág. 408 aparecem «burgueses» com a mesma precisão sociológica.

<sup>104</sup> *Un début dans la vie*, I 749.

<sup>105</sup> *Ursule Mirouët*, III 779.

<sup>106</sup> *Melmoth réconcilié*, X 386.

<sup>107</sup> *La Rabouilleuse*, IV 392.

<sup>108</sup> *Une double famille*, II 78.

<sup>109</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 78.



Paris»<sup>110</sup>. A nomenclatura parece objectiva, ainda que hostil, quando Daniel d'Arthez lastimou o facto de as damas da alta nobreza terem cometido «o erro de abandonar o terreno, com vergonha de lutar contra uma burguesia ébria de poder». Todavia, logo em seguida d'Arthez disse que «onde os burgueses julgam ver princesas, só encontramos jovens comme il faut», e nesta observação condensava-se a opinião depreciativa acerca dos «burgueses» incapazes de medir as distâncias sociais. Mas o sentido objectivo do termo regressou quando a marquesa de Rochefide acrescentou «com amargura» que essas «femmes comme il faut» «deslizam sem lustro entre as águas da burguesia e as da nobreza, nem inteiramente nobres nem inteiramente burguesas»<sup>111</sup>. Na mesma perspectiva, de Marsay resumiu a situação social da «femme comme il faut», «saída das fileiras da nobreza ou promovida da burguesia»<sup>112</sup>. Esta permanente tensão semântica era uma das características mais vincadas da constelação de vocábulos que tinha «bourgeois» como centro. Os «horríveis burgueses que [...] em má hora atulhavam o salão» eram sem dúvida «burgueses», mas eram «horríveis» na perspectiva do barão Henri Montès de Montéjanos, «magnífico exemplar da raça portuguesa no Brasil»<sup>113</sup>. Do mesmo modo, se um nobre, italiano e muito bem vestido, passeava «sem se perturbar com os furtivos relances burgueses de que era alvo»<sup>114</sup>, quem o mirava eram burgueses, mas a conotação depreciativa daqueles «furtivos relances» devia-se à perspectiva do nobre. E quando o marquês Raphaël de Valentin disse «eu desmentiria a minha origem, os meus sentimentos, o meu brio, se fosse tolamente burguês»<sup>115</sup> e evocou «aqueles bons burgueses que, depois de terem ouvido uma ópera nova de Rossini, condenam a música»<sup>116</sup>, ele estava a dar à palavra um sentido ao mesmo tempo objectivo e subjectivo. Encontramos de novo esta dualidade ao sabermos que «rebaixar a riqueza era, na opinião de Madame de Portenduère, exaltar a Nobreza e tirar toda a importância à Burguesia»<sup>117</sup>, pois se «a burguesia» era aqui uma classe social, tanto mais que foi registada com a maiúscula inicial de um conceito, nas empedrenidas concepções da velha viscondessa estava-lhe inerente um sentido pejorativo. O filho seguiu as pisadas da mãe, o que aliás quase lhe seria fatal. «Toda a cidade vê com prazer a derrocada de uma casa nobre», disse Savinien de Portenduère quando se viu levado à beira da ruína. «Estes burgueses são como uma matilha de cães de caça»<sup>118</sup>. Deparamos com outro exemplo de tensão semântica num diálogo que foi ao mesmo tempo um duelo psicológico e uma batalha

---

<sup>110</sup> *Le Bal de Sceaux*, I 132.

<sup>111</sup> *Autre étude de femme*, III 691.

<sup>112</sup> *Ibid.*, III 691-692.

<sup>113</sup> *La Cousine Bette*, VII 210-211.

<sup>114</sup> *Gambara*, X 460.

<sup>115</sup> *La Peau de chagrin*, X 148.

<sup>116</sup> *Ibid.*, X 196.

<sup>117</sup> *Ursule Mirouët*, III 887.

<sup>118</sup> *Ibid.*, III 925.

social. «*Que ingénues burguesas se deixem iludir com as vossas falsidades*», disse a duquesa de Langeais ao marquês de Montriveau; «*eu nunca me deixarei*»<sup>119</sup>. Foi com os mesmos termos de referência, embora invertendo-lhes os valores, que Montriveau replicou ao acusar a duquesa de crueldade sentimental. «*Infâmias assim são um luxo que não é compreendido por essas burguesas de quem troçais*»<sup>120</sup>. «*Essas burguesas, com quem me comparais*», objectou a duquesa, «*elas dão-se, mas combatem*»<sup>121</sup>, e disse ainda: «*Oh! meu amigo, e apesar de tudo eu vos amo, como amam as vossas burguesas. [...] Ah! queria ser uma simples burguesa, uma operária, se preferes uma mulher que te seja inferior [...]*»<sup>122</sup>. Nesta novela, onde os personagens foram usados como demonstração de determinações sociais sem deixarem por isso de ser pessoas inteiras, a propensão autodestrutiva da duquesa de Langeais exprimiu-se pela oscilação entre antípodas no vocabulário social. Passando a um plano menos trágico, numa das cartas que endereçou a Modeste Mignon, depois de ter afirmado que certas figuras de excepção permitiam-se desobedecer à lei comum, Ernest de La Brière perguntou à sua correspondente incógnita se ela se encontrava «*destinada à vida burguesa*» ou se era uma «*mulher superior*»<sup>123</sup>, sendo impossível deixar mais vincada a exclusão da burguesia de qualquer comportamento de elite. Canalis adoptou o mesmo tom numa carta assaz hipócrita endereçada à duquesa de Chaulieu, onde escreveu que «*as pessoas com quem passo o tempo [...] são tão burgueses que provocam náuseas*»<sup>124</sup>. E o veredicto fora proferido quando, a respeito de Sixte Châtelet, que o Império fizera barão do Châtelet, o romancista referiu «*o seu aspecto de espadachim burguês*»<sup>125</sup>. O grau máximo do denegrimiento atingia-se ao erigir a palavra, por si só, em insulto, como sucedeu quando Balzac se limitou a chamar ao senhor Crevel «*esse burguês*»<sup>126</sup>; ou ao usar o substantivo para converter o adjectivo no antónimo, como quando o romancista designou ironicamente o juiz Camusot e a esposa como «*esses dignos burgueses*»<sup>127</sup> ou «*digno burguês*» e «*digna burguesa*» o senhor Phellion e a esposa<sup>128</sup>. Conhecendo a vileza que caracterizava o imbecil Poiret, chamar-lhe «*antigo funcionário, sem dúvida uma pessoa de virtudes burguesas*»<sup>129</sup>, correspondia a indicar que as «*virtudes burguesas*» eram horríveis vícios. E a gente ridícula que compunha «*a elite da sociedade Soulanges*», «*essa burguesia de província, tão copiosamente contente de si*

<sup>119</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 975.

<sup>120</sup> *Ibid.*, V 994.

<sup>121</sup> *Ibid.*, V 997.

<sup>122</sup> *Ibid.*, V 999, 1000.

<sup>123</sup> *Modeste Mignon*, I 533. «*[...] a mesquinhez de um destino burguês [...]*» – *Les Employés*, VII 902.

<sup>124</sup> *Modeste Mignon*, I 684.

<sup>125</sup> *Illusions perdues*, V 168.

<sup>126</sup> *La Cousine Bette*, VII 192. «*Crevel, sempre burguês e lojista até à medula, apesar de maire de Paris*», escreveu o romancista na pág. 211.

<sup>127</sup> *Le Cousin Pons*, VII 559.

<sup>128</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 91.

<sup>129</sup> *Le Père Goriot*, III 188.

*própria*»<sup>130</sup>, foi apelidada de «*todos esses dignos burgueses*»<sup>131</sup>. Pior ainda foi o caso do «*digno e excelente Deschars, esse modelo de marido burguês*»<sup>132</sup>. Desde logo vemos a que fim a esposa o destinara.

Na Inglaterra, elucidou o engenheiro Grégoire Gérard, «*as eleições não estão nas mãos da estúpida burguesia, como estão em França*»<sup>133</sup>. Compreende-se que, na opinião do romancista, Metternich e o seu secretário Pilat «*têm razão em querer gozar o poder sem que os burgueses cheguem, em dias fixos, dos confins de cada um dos seus seis reinos*», já que a Áustria propriamente dita se compunha de seis reinos, «*para os arrelhar*»<sup>134</sup>. Tratava-se antes de mais de um choque de projectos políticos. «*[...] o comércio tem de brilhar e de não se deixar esmagar pela aristocracia*», disse um abastado empreiteiro da construção civil<sup>135</sup>, enquanto outros sonhavam com «*a vingança do rico comerciante sobre a aristocracia pobre*»<sup>136</sup>. «*Que admirável representante do burguês de hoje: bisbilhoteiro, intrometido, devorado de igualdade, disputando a clientela*»<sup>137</sup>, pensou Godefroid ao observar os vendedores de flores e de lacticínios. Em 1825 um «*ex-escrevente de notário*» «*divertia-se a prever para a Nobreza as desgraças com que a Burguesia sonhava então e que 1830 haveria de realizar*»<sup>138</sup>, e esta «*Burguesia*», com a maiúscula de um conceito, não era só uma classe social mas, mais do que isto, sustentava uma visão de sociedade. Ver a velha nobreza apeada do poder e na penúria era «*esse bálsamo com que se inebria a Burguesia desde 1830*»<sup>139</sup> e, com efeito, se para a antiga elite as coisas haviam estado mal encaminhadas em 1789, pior ainda estavam em 1830. «*[...] o nivelamento iniciado por 1789 e recomeçado em 1830 preparou a dúbia dominação da burguesia [...]*»<sup>140</sup>.

O «*triumfo da burguesia e do jornalismo em 1830*»<sup>141</sup>. Balzac designou os primeiros anos do reinado de Luís-Filipe como «*essa época burguesa*»<sup>142</sup> e denunciou as «*burguesas que ocupam actualmente o trono na nossa sociedade industrial e chicaneira*»<sup>143</sup>. «*[...] uma política ao mesmo tempo burguesa, mercantil e beata*»<sup>144</sup> era, evidentemente, a política da monarquia de Julho. «*Deram um*

---

<sup>130</sup> *Les Paysans*, IX 272.

<sup>131</sup> *Ibid.*, IX 273.

<sup>132</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 75.

<sup>133</sup> *Le Curé de village*, IX 822.

<sup>134</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1052.

<sup>135</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 141.

<sup>136</sup> *Illusions perdues*, V 654.

<sup>137</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 350.

<sup>138</sup> *Un début dans la vie*, I 863.

<sup>139</sup> *La Muse du département*, IV 782.

<sup>140</sup> *Les Paysans*, IX 180.

<sup>141</sup> *La Vieille Fille*, IV 928. «*[...] tudo o que a burguesia acabou por obter com a revolução de 1830 [...]*» – *Illusions perdues*, V 572. Ainda numa obra cujo enredo se situa em 1843, Balzac referiu «*a Burguesia reinante*» – *La Cousine Bette*, VII 435.

<sup>142</sup> *Une fille d'Ève*, II 297.

<sup>143</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 952.

<sup>144</sup> *Un prince de la bohème*, VII 814.

ao outro um desses sólidos apertos de mão, como os que haviam sido dados, em Agosto de 1830, entre a Burguesia e os homens do dia seguinte»<sup>145</sup>. Ao mencionar «a política burguesa entronizada em Julho de 1830»<sup>146</sup> o romancista seguiu a opinião de alguns dos seus personagens, como Bixiou, que afirmara «navegamos numa época essencialmente burguesa»<sup>147</sup>, ou o conde de La Palférine, que «não quer saber para nada dos burgueses de 1830»<sup>148</sup>. E numa discussão entre Théodose de La Peyrade, Thuillier e Olivier Vinet, os protagonistas mencionaram repetidamente «a Burguesia» como o sustentáculo da nova dinastia<sup>149</sup>. Alguns foram mais pessimistas, como o lúcido e céptico Émile Blondet, «vendo burgueses tolos e simplórios substituírem os personagens da corte e os ineptos da Restauração, e o governo reconstituir-se tal como era antes de 1830»<sup>150</sup>. E mesmo que, a propósito das facções políticas em Alençon, o romancista tivesse distinguido «a burguesia liberal» e «a burguesia realista-constitucional»<sup>151</sup>, foi a globalidade desta classe que ele responsabilizou pelo novo regime. Depois de ter evocado «a burguesia que ocupava então o trono»<sup>152</sup>, Balzac enumerou, para que não restassem dúvidas, os «novos-ricos», os «burgueses» e os «fazedores da nova política»<sup>153</sup>, sendo conveniente saber que «faiseur», «fazedor», tinha frequentemente uma conotação pejorativa e indicava quem fingia que fazia ou fazia mal as coisas, ou implicava até a aceção de «intrigante», «arrivista». Noutra lugar, porém, o romancista reduziu a base social do regime de Luís-Filipe e, referindo-se à pequena burguesia, considerou que «o sistema político da branche cadette tinha ali o seu ponto de apoio»<sup>154</sup>. Por isso Phellion, «esse modelo de pequeno-burguês»<sup>155</sup>, defendia o «elemento democrático» e era contrário ao «espírito republicano». «O elemento democrático é o desenvolvimento da pequena burguesia, é o reinado de Phellion»<sup>156</sup>.

Um antigo funcionário imperial, o barão Hulot, apesar de ocupar um importante lugar administrativo na monarquia de Julho, deplorou «uma ingrata época em que quinhentos burgueses sentados em bancadas não saberão nunca recompensar largamente as pessoas dedicadas, como fazia o Imperador»<sup>157</sup>. O mesmo pensava, embora com uma finalidade oposta, Fabien du Ronceret, que «reconheceu o grande defeito dos remendos sociais de 1830» e se decidiu a «explorá-lo

<sup>145</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 93.

<sup>146</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 955.

<sup>147</sup> *La Muse du département*, IV 748.

<sup>148</sup> *Un prince de la bohème*, VII 810.

<sup>149</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 57-59.

<sup>150</sup> *Les Paysans*, IX 346.

<sup>151</sup> *La Vieille Fille*, IV 929.

<sup>152</sup> *La Fausse Maîtresse*, II 196.

<sup>153</sup> *Ibid.*, II 200.

<sup>154</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 53.

<sup>155</sup> *Ibid.*, VIII 50.

<sup>156</sup> *Ibid.*, VIII 51.

<sup>157</sup> *La Cousine Bette*, VII 178.

em seu benefício, seguindo o exemplo dos espertalhões da burguesia»<sup>158</sup>. Outros personagens da *Comédie* adoptaram igual estratégia. «*Claudine explicou a du Bruel que o sistema elástico do governo burguês, da realeza burguesa, da corte burguesa era o único a poder permitir que uma Tullia, convertida em Madame du Bruel, fizesse parte do mundo onde ela tivera o bom senso de não querer penetrar*»<sup>159</sup>. Os deputados da monarquia de Julho foram designados como «os vossos trezentos burgueses, sentados em bancadas»<sup>160</sup>, e este regime proporcionava-lhes novas oportunidades de emprego. «*A acção bastante simplória daquilo a que se chama as instituições constitucionais, desenvolvida excessivamente, acabou como se sabe por precisar de muitos ministérios para satisfazer as ambições múltiplas da Burguesia*»<sup>161</sup>, e apesar de Balzac sempre ter traçado um retrato elogioso de Anselme Popinot, ministro por várias vezes, conde e par de França, ele era «*esse herói burguês da revolução de Julho*»<sup>162</sup>. O deputado Narcisse Parant, por seu turno, era «*um burguês-advogado*»<sup>163</sup> e o romancista comentou, a respeito de outra pessoa: «*Era uma voz burguesa, a voz de um elegível, uma voz potente e rica*»<sup>164</sup>. Mas a tradução perde o sabor original, porque Balzac escreveu que se tratava de uma voz «*bien rentée*», o que significa literalmente «*dispondo de bons rendimentos*».

La Peyrade disse que «*a Burguesia é mesquinha, degrada o poder até ela, em vez de se elevar até ele*»<sup>165</sup> – no original lê-se que a burguesia «*ravale le pouvoir jusqu'à elle*», e «*ravaler*» tanto podia significar «*rebaixar*» como «*degradar*»; escolhi aqui o sentido forte. Assim, tratava-se de um regime em catadupa, e o desprezo de Balzac cobria-o de cima a baixo, desde o palácio real até ao «*trono burguês da mairie*»<sup>166</sup>. Depois de denunciar ao longo de um romance o atraso e a estagnação em que se encontrava Issoudun, Balzac proclamou que «*o estado a que o triunfo da Burguesia levou esta capital de circunscrição é aquele que espera toda a França e mesmo Paris se a Burguesia continuar a dominar a política externa e interna do nosso país*»<sup>167</sup>. A tal ponto que, referindo-se a uma mudança de atitude relativamente à independência da Polónia, Balzac escreveu que «*a partir de então a burguesia prostrou com o seu ignóbil desprezo o Polaco que era deificado poucos dias antes*»<sup>168</sup>, como se governo e classe social se identificassem perfeitamente. Do mesmo modo, quando conhecemos a escassa simpatia com que Balzac encarava a

---

<sup>158</sup> *Béatrix*, II 905.

<sup>159</sup> *Un prince de la bohème*, VII 827.

<sup>160</sup> *La Peau de chagrin*, X 103.

<sup>161</sup> *Les Employés*, VII 912.

<sup>162</sup> *Le Cousin Pons*, VII 500.

<sup>163</sup> *La Vieille Fille*, IV 928.

<sup>164</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1166.

<sup>165</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 57.

<sup>166</sup> *La Cousine Bette*, VII 191.

<sup>167</sup> *La Rabouilleuse*, IV 364.

<sup>168</sup> *La Fausse Maîtresse*, II 197.

Guarda Nacional, a sua classificação como uma instituição burguesa é ao mesmo tempo objectiva e depreciativa. «Um homem gordo de estatura média com o uniforme de capitão da Guarda Nacional» é um «capitão burguês»<sup>169</sup>, «o capitão da milícia burguesa»<sup>170</sup>. «Que desejava o burguês? o sabre de guarda nacional, um imutável guisado, um lugar decente no cemitério e para a velhice um pouco de ouro ganho legitimamente»<sup>171</sup>.

Ao regressar a Paris em 1831, a marquesa de Rochefide «considerou talvez justificadamente que a revolução, na aparência meramente política aos olhos de certas pessoas, ia ser uma revolução moral. O mundo a que ela pertencia [...] ficaria esmigalhado sob as pancadas de aríete desferidas pela burguesia»<sup>172</sup>. Madame Évangélista, que não tinha menores pretensões, disse que «depois da revolução ocorrida em França, os costumes burgueses invadiram as casas aristocráticas»<sup>173</sup> e também o aristocratíssimo de Marsay referiu «os costumes burgueses criados pela revolução francesa»<sup>174</sup>. Quando Paul de Manerville explicou que não fazia parte, como de Marsay, de uma elite de homens de Estado situados acima das normas comuns, ele evocou «a vida dessa maioria, à qual eu pertenço burguesemente»<sup>175</sup>. Assim, viver «burguesemente», para um nobre, não era dedicar-se a uma profissão burguesa, mas adaptar-se a dados padrões de moral e de comportamento. «[...] as máximas que muitos burgueses hão-de considerar profundamente imorais», disse Lucien de Rubempré<sup>176</sup>. Foi numa perspectiva idêntica que Balzac vituperou «os burgueses que seguem a grande estrada batida pelos preconceitos»<sup>177</sup>. Mas, embora ele mencionasse «as nuances imperceptíveis dos nossos costumezinhos burgueses»<sup>178</sup> e pretendesse que «é mais difícil explicar a diferença que distingue a alta sociedade e a burguesia do que é à burguesia apagá-la»<sup>179</sup>, como se devem descrever os «costumezinhos» atribuídos à «burguesia»?

«A nossa época é a do triunfo do comércio, da indústria e da prudência [sagesse] burguesa», disse um pacífico comerciante<sup>180</sup>, e Philippe Bridau, que em nada correspondia a este quadro, viu-se na necessidade «de cativar a estima da burguesia graças a uma vida honesta, decente e

---

<sup>169</sup> *La Cousine Bette*, VII 55, 56.

<sup>170</sup> *Ibid.*, VII 57, 320. «[...] a arrogância de um manufactor, capitão da Guarda Nacional» – *Physiologie du mariage* [...], XI 1017.

<sup>171</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1044-1045. Em *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 173-174, Balzac insurgiu-se contra «essa burguesia que veste os filhos de lanceiro ou de guarda nacional».

<sup>172</sup> *Béatrix*, II 716-717.

<sup>173</sup> *Le Contrat de mariage*, III 609.

<sup>174</sup> *Ibid.*, III 534.

<sup>175</sup> *Ibid.*, III 534.

<sup>176</sup> *Illusions perdues*, V 706.

<sup>177</sup> *La Vieille Fille*, IV 841. «[...] as virtudes burguesas sobre as quais assenta a sociedade [...]» – *Illusions perdues*, V 175.

<sup>178</sup> *Préface* da primeira edição de *La Peau de chagrin*, X 48.

<sup>179</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 175.

<sup>180</sup> *La Cousine Bette*, VII 153.

ordenada»<sup>181</sup>. Em tudo aquela «prudência» se reflectia. «Os burgueses acreditam muito mais no que lhes dizem os notários do que no que lhes dizem os procuradores», afirmou Balzac, que conhecia pessoalmente a questão. «O notário está-lhes mais próximo do que qualquer outro profissional da justiça. O burguês de Paris nunca vai sem pavor consultar o seu procurador, cuja audácia beligerante o perturba, enquanto que sobe sempre com renovado prazer as escadas do notário, admira-lhe a prudência [sagesse] e o bom senso»<sup>182</sup>. Observe-se o contraste entre «conquistar honestamente uma existenciuzinha burguesa»<sup>183</sup> e a atitude de Rastignac, que «se mostrou grande senhor precisamente onde um burguês se sentiria muito embaraçado»<sup>184</sup>. Várias vezes na *Comédie* Rastignac deu mostras de uma indiferença aristocrática pelo dinheiro ou, mais exactamente, pelas dívidas. «Ora! a preocupares-te com isto, disse uma manhã Rastignac a d'Esgrignon, rindo», a respeito de contas e facturas. «Estás a pô-las em ordem, meu caro. Não te julgava tão burguês»<sup>185</sup>. É que bastavam as contas certas para converter um nobre num burguês, não socialmente, mas culturalmente. «Sob a Restauração», explicou Balzac, «a nobreza recordou-se sempre de ter sido batida e roubada; assim, pondo de lado duas ou três excepções, ela tornou-se poupada, prudente [sage], previdente, enfim, burguesa e sem grandeza»<sup>186</sup>. A duquesa de Maufrigneuse, futura princesa de Cadignan, foi uma daquelas excepções, e «decerto nenhuma burguesa teria sabido dizer angelicamente como ela a d'Esgrignon: "Jogai isto por mim!"»<sup>187</sup>. «Burguês» é quem conta, ou quem sabe contar, a ponto de as reduções orçamentais, só pelo facto de constituírem uma economia, serem taxadas de «burguesas», como fez Madame Rabourdin quando disse ao marido, alto funcionário num ministério: «Queres reduzir o orçamento, mas é uma ideia vulgar e burguesa! [...] O teu plano é um plano ao gosto da pequena burguesia»<sup>188</sup>. E carregando a palavra com toda a ironia de quem detestava o regime do Rei Cidadão, Balzac incluiu entre os traços do «excelente cidadão» o facto de «pag[ar] a renda de casa e a alimentação com a mais burguesa pontualidade»<sup>189</sup>. O prevalectimento do dinheiro, que serviu de factor determinante para a classificação social, serviu também para a classificação cultural. Ao escrever que Rastignac «esperava até ao último momento para saldar dívidas sagradas aos olhos dos burgueses»<sup>190</sup>, Balzac forneceu a chave económica daquele antagonismo cultural, mostrando uma nobreza que se mantinha ideologicamente no sistema da troca de presentes, em que as rapinas e os saques ocupavam um lugar muito

<sup>181</sup> *La Rabouilleuse*, IV 477-478.

<sup>182</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 159.

<sup>183</sup> *Béatrix*, II 899.

<sup>184</sup> *Préface* da primeira edição de *Pierrette*, IV 24.

<sup>185</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1022.

<sup>186</sup> *La Cousine Bette*, VII 151.

<sup>187</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1021.

<sup>188</sup> *Les Employés*, VII 1053.

<sup>189</sup> *Pierre Grassou*, VI 1102.

<sup>190</sup> *Le Père Goriot*, III 180.

importante nas operações da classe dominante, enquanto para a burguesia o pagamento e a cobrança das dívidas eram indispensáveis à circulação do capital. «*Sempre a regatear! os burgueses nunca hão-de aprender a dar!*»<sup>191</sup>.

Ficam assim esclarecidas algumas passagens que à primeira vista poderiam parecer estranhas. Quando Balzac, que sempre considerou a ambição como um traço de carácter positivo, apelidou o senhor Crevel de «*o ambicioso burguês*»<sup>192</sup>, o substantivo deu um valor negativo ao adjectivo, remetendo-o para a esfera dos novos-ricos. Situavam-se num plano diferente as ambições dos heróis da *Comédie*. «*Para os burgueses as virtudes burguesas*», disse o aristocratíssimo Rastignac ao burguesíssimo Bianchon, «*para os ambiciosos os vícios da ambição*»<sup>193</sup>. Numa época em que eram os «*burgueses*» que se mostravam «*ambiciosos*» a ponto de terem superado os nobres, a ambição evocada por Rastignac inseria-se naquele universo arcaico em que as dívidas dos senhores se destinavam a não ser pagas. Esta atitude caracterizava na *Comédie* a nobreza de comportamento. O conde Wenceslas Steinbock passava os dias «*como homem rico que não se presta a cuidados burgueses*», preferindo idealizar preguiçosamente as suas esculturas do que realizá-las, mas ouçamos o que lhe disse a este respeito a antiga operária Lisbeth Fischer, a prima Bette: «*O dinheiro só se arranja com coisas feitas, e que agradem aos burgueses o suficiente para eles as comprarem*»<sup>194</sup>. Consoante a perspectiva social de quem falava, assim o vocábulo «*burguês*» mudava de conotação, referindo-se a dois universos culturais distintos. Segura de si e superior aos equívocos, depois de ter censurado a Renée de l'Estorade, *née* de Maucombe, «*as estipulações judaicas da vossa filosofia*», Louise de Chaulieu exclamou: «*Olha, Renée, a tua carta entristeceu-me, aburguesaste-me a vida*»<sup>195</sup>. Mais do que como uma classe social, a burguesia surgiu nesta acusação como uma forma de comportamento decorrente do racionalismo monetário, «*as estipulações judaicas*». O senhor Crevel era «*esse burguês calculador*»<sup>196</sup> porque o «*burguês*», manuseador de dinheiro, reduzia tudo ao quantitativo. E um casal de «*negociantes aposentados*» foi apelidado de «*esses burgueses reforçados*» devido ao «*espírito de cálculo*» que demonstrava<sup>197</sup>. Balzac evocou «*a avidez de um burguês que vive da sua vinha*»<sup>198</sup>, «*essa avidez do ganho que caracteriza o verdadeiro comerciante*»<sup>199</sup>.

---

<sup>191</sup> *La Cousine Bette*, VII 227.

<sup>192</sup> *Ibid.*, VII 158. Na pág. seguinte Balzac sublinhou a «*vaidade burguesa*» de Crevel.

<sup>193</sup> *L'Interdiction*, III 425.

<sup>194</sup> *La Cousine Bette*, VII 240.

<sup>195</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 266.

<sup>196</sup> *La Cousine Bette*, VII 67.

<sup>197</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 222.

<sup>198</sup> *La Muse du département*, IV 639.

<sup>199</sup> *Illusions perdues*, V 138.



Assim, se por um lado a burguesia contava com uma solidez económica que a distinguia da plebe pobre, esta situação reflectia-se no seu comportamento de forma muito diferente da que caracterizava as maneiras da nobreza. A senhora Beauvisage tinha a mesa excelentemente servida, «*mas sem exhibir qualquer luxo, pois mantinha a casa de acordo com a vida burguesa de Arcis*»<sup>200</sup>. Isto não sucedia só naquela pequena cidade, e quando o romancista escreveu que «*esta família [...] ficou reduzida à obscuridade burguesa*»<sup>201</sup>, estava a evocar a eliminação de despesas consideradas supérfluas. Condenado a residência fixa em Issoudun, Philippe Bridau, frequentador de cafés e tascas e amante de álcoois fortes, preveniu ironicamente o tio. «*Moro na vossa cidade por ordem da polícia, com a elevada remuneração de sessenta francos por mês. Assim, os burgueses não devem ter receio de que eu faça aumentar o preço das bebidas*»<sup>202</sup>. Se contar os tostões era para os trabalhadores uma imposição das condições materiais em que viviam, para os burgueses era um requisito da acumulação de capital. Depois de observar, a propósito de um dado problema económico, que os pobres «*preferem dar menos do que mais*», o patrão de tipografia David Séchard concluiu: «*A classe burguesa age como o pobre*»<sup>203</sup>. «*Para mim a vida sóbria, laboriosa do comerciante*», disse ele, opondo-se às pretensões aristocráticas do seu amigo Lucien de Rubempré<sup>204</sup>. Por isso, numa classe em que até os ricos poupavam, era possível que, malgrado as adversidades, David Séchard e a esposa manifestassem «*todos os sintomas de uma abastança burguesa*»<sup>205</sup>. Aliás, «*um negociante fica na situação de bancarrota simples se fizer despesas consideradas excessivas*»<sup>206</sup>. Depois de saber da ruína da família e do suicídio do pai, o jovem Charles Grandet escreveu àquela que até então fora a sua amada para lhe comunicar que tentaria a fortuna nas Índias ou na América e explicou «*tenho de me adaptar à minha situação, ver burguesemente a vida e fazer bem as contas*»<sup>207</sup>, demonstrando a parcimónia que, mesmo entre os ricos, distinguia quem se preocupava em acumular, ao contrário da nobreza que, já na penúria, porfiava em gastar. De tão necessária que era, a frugalidade tornara-se um traço de carácter. «*Geralmente os burgueses previnem quando jantam fora*»<sup>208</sup>, comentou Balzac a propósito de um antigo comerciante muito abastado e que, retirado da actividade, vivia de rendas. A prudência pecuniária, convertida numa

---

<sup>200</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 756.

<sup>201</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 45.

<sup>202</sup> *La Rabouilleuse*, IV 472. Philippe Bridau mencionou «*le prix des consommations*», e neste contexto «*consommation*», «*consumo*», designa aquilo que se consome num café ou numa taberna, no caso de Bridau decerto mais a bebida do que a comida.

<sup>203</sup> *Illusions perdues*, V 220.

<sup>204</sup> *Ibid.*, V 184.

<sup>205</sup> *Ibid.*, V 248.

<sup>206</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 180.

<sup>207</sup> *Eugénie Grandet*, III 1124.

<sup>208</sup> *Un début dans la vie*, I 835.

obsessão de todos os instantes, determinava a circunspeção genérica do comportamento. «[...] o verdadeiro burguês de Paris, homem de guarda-chuva, perito em aguaceiros, que os previu e saiu de casa apesar dos conselhos da mulher [...]»<sup>209</sup>.

Além da prudência, o comportamento da burguesia caracterizava-se pela ausência de gestos grandiosos e por uma expressividade oposta ao artifício e às atitudes reservadas da nobreza. A frase «essa burguesa e ingénua ênfase»<sup>210</sup> permite entender o significado de «um sentimento verdadeiro, burguesemente expresso»<sup>211</sup>. Tratava-se de «manifest[ar] um prazer de que teriam rido pessoas que se acham superiores, e que estes bons burgueses consideravam natural»<sup>212</sup>. O velho Goriot, que fora abastado e só empobrecera por amor das filhas, não se envergonhava de mostrar «nos lábios o alegre sorriso do burguês»<sup>213</sup> e «o seu semblante» podia estar «inchado pela satisfação de uma felicidade burguesa»<sup>214</sup>. Este era um imbecil, mas a caracterização não dependia do valor intrínseco dos personagens, porque o juiz Popinot, uma das figuras mais positivas de *La Comédie humaine*, possuía um «semblante burguesemente bonacheirão»<sup>215</sup> e outro personagem equiparável, o senhor Alain, o conspirador da caridade, tinha o aspecto do «pequeno-burguês de Paris, um bom burguês com semblante de vitelo»<sup>216</sup>. «[...] esse contentamento burguês que se deleita com um cozido periódico, com uma doce braseira no Inverno, com uma lâmpada para a noite e com pantufas novas em cada trimestre»<sup>217</sup>. Isto era no quotidiano; e nos dias de festa? «“Nada dá mais prazer, disse o notário Cardot, do que esta espécie de bailes improvisados. Não me venham falar dessas assembleias onde estão todos cheios de afectação!...” Esta opinião constitui um axioma na burguesia»<sup>218</sup>. Por isso, acerca do grande jantar oferecido por César Birotteau, o romancista comentou que «o jantar foi o que são os jantares de comerciantes, extremamente alegre, cheio de bonomia»<sup>219</sup>. Todavia, no que dizia respeito às maneiras as *nuances* eram infindáveis, sobretudo porque a sua apreciação se situava no cruzamento de classes sociais com perspectivas opostas, e assim como a burguesia era acusada de demasiada expansividade, era igualmente acusada de uma excessiva petulância. Se era um homem, «il paraissait bourgeoisement sûr de sa soirée»<sup>220</sup>, entenda-

---

<sup>209</sup> Ferragus, *chef des Dévorants*, V 814-815.

<sup>210</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 93.

<sup>211</sup> *Ibid.*, VI 226.

<sup>212</sup> *Ibid.*, VI 293.

<sup>213</sup> *Le Père Goriot*, III 64. Mesmo no caso da pérfida Sylvie Rogron, a sua expressão caracterizava-se «por uma espécie de sorriso comercial, por uma estupidez burguesa que imitava tão bem a bonomia [...]» – *Pierrette*, IV 33.

<sup>214</sup> *Le Père Goriot*, III 72.

<sup>215</sup> *L'Interdiction*, III 466.

<sup>216</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 241.

<sup>217</sup> *L'Élixir de longue vie*, XI 485.

<sup>218</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 118-119.

<sup>219</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 173. «[...] um entusiasmo, uma alegria, uma bonomia, uma franca estupidez burguesa [...]» – *Pierre Grassou*, VI 1109. «[...] as brincadeiras vulgares de que os burgueses tanto gostam [...]» – *Le Député d'Arcis*, VIII 731.

<sup>220</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 430.

se «parecia estar burguesmente seguro do êxito que iria obter naquela festa». Se era uma mulher, podia suceder que estivesse vestida «com uma simplicidade burguesa»<sup>221</sup>, isto quando elas não ostentavam «toilettes pesadas, sólidas, esse algo de riqueza que dá às massas burguesas um aspecto ordinário»<sup>222</sup>. A discrepância explica «o ridículo que se abate sobre certas festas burguesas, em que o luxo é improvisado à custa dos hábitos de todos os dias e parece então uma exceção»<sup>223</sup>. Em todos os casos, era o sentido da medida que, para um lado ou para o outro, parecia faltar às maneiras da burguesia. É revelador que o «burguês Diderot» tivesse sido oposto ao «elegante Montesquieu»<sup>224</sup>, como se burguesia e deselegância fossem sinónimos, do mesmo modo que o seriam elegância e nobreza.

Do lado de lá das convenções sociais, «Blondet e Rastignac eram homens de uma política demasiado elevada e demasiado habituados ao mundo para se permitirem a mínima exclamação burguesa»<sup>225</sup>, e mesmo que Émile Blondet proviesse da burguesia, veremos que a boémia artística o emancipara dessa condição e lhe conferira o comportamento aristocrático<sup>226</sup>. Também a princesa de Cadignan «escapava a todas as condições ignóbeis e burguesas das mulheres que brigam e discutem taco a taco sentadas em divãs»<sup>227</sup>. Quando a marquesa de Rochefide «fitou o seu jovem apaixonado e lhe lançou o mais imperioso dos olhares do seu repertório», a sua amiga Mademoiselle des Touches, com um sinal discreto, «deu-lhe a entender a vulgaridade deste meio, digno de uma burguesa»<sup>228</sup>. Falhas destas não tinha a duquesa de Langeais, que se aproximou do marquês de Montriveau «sem lhe dizer burguesmente: “Como me achais?”»<sup>229</sup>. Para a nobreza o «burguês» era o repositório de todos os defeitos de gosto. «Para meu mal», exclamou Claudine, quando deixou de ser bailarina e abandonou o nome artístico de Tullia, «convivi com duques, com embaixadores, com grandes senhores e conheço-lhes as maneiras. Como isto torna a vida burguesa insuportável!»<sup>230</sup>. Não foi ela a única a «comparar as graças da burguesia com as maneiras da grande

---

<sup>221</sup> *La Vieille Fille*, IV 838.

<sup>222</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 173-174.

<sup>223</sup> *Les Employés*, VII 927. «[...] uma burguesa endomingada esticando o pescoço diante de uma valeta repleta por um aguaceiro» – *Gambara*, X 460.

<sup>224</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 997. Todavia, em *Illusions perdues*, V 443, ensinando a Lucien de Rubempré como se fazia um artigo de crítica literária à moda dos jornalistas, Étienne Lousteau aconselhou a certa altura: «Aqui introduzes, para o burguês, um elogio de Voltaire, de Rousseau, de Diderot, de Montesquieu, de Buffon». Este «burguês» era, portanto, um liberal, e o temo aparecia na sua conotação política. Note-se que Balzac, segundo a pág. 1317 n. a da pág. 443, acrescentou a frase «para o burguês» só na edição de 1843.

<sup>225</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 975.

<sup>226</sup> Contudo, ao recordar a juventude, Émile Blondet evocou o aspecto que oferecia, visto do exterior, o salão do marquês d'Esgrignon, povoado de figuras vetustas da antiga nobreza que jamais haviam aceitado as instituições do Império, e comentou: «[...] sentiamo-nos burgueses e pequeninos perante aquela corte orgulhosa» – *Le Cabinet des Antiques*, IV 977.

<sup>227</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 1000.

<sup>228</sup> *Béatrix*, II 758-759.

<sup>229</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 955.

<sup>230</sup> *Un prince de la bohème*, VII 835-836.

compagnie»<sup>231</sup>. Ao dar à filha alguns «*conseilhos sérios*» sobre o comportamento a ter nos primeiros tempos do seu casamento com o barão de Macumer, a duquesa de Chaulieu disse que o fazia «*sem lamúrias burguesas*»<sup>232</sup> e passados meses Louise recordava ainda que as advertências da mãe não haviam padecido da «*mínima pequenez burguesa*»<sup>233</sup>. Do mesmo modo Rastignac mencionou ironicamente, em conversa com o seu amigo Bianchon, «*os carinhos desenfreados das tuas burguesas de afeição hipotética*»<sup>234</sup>. Era todo um complexo código de procedimento que a nobreza não perdia oportunidade de afirmar contra a burguesia. «*Nós não gostamos de surpresas, como os burgueses*»<sup>235</sup>, disse Louise ao perguntar a Renée de l'Estorade que presente ela e o barão de Macumer deveriam oferecer ao recém-nascido filho de Renée. E Félix de Vandenesse explicou, referindo-se a Madame de Mortsauf: «*[...] ela provou-me que surpresas previstas eram de mau gosto*»<sup>236</sup>. Com efeito, ao comunicar à esposa, née de Grandlieu, «*quis fazer-te uma surpresa*», Calyste du Guénic acrescentou «*exactamente como um burguês da rue Saint-Denis*»<sup>237</sup>. E numa época em que todos podiam comprar tudo, desde que tivessem dinheiro para isso, as diferenças não vinham das coisas que se possuíam mas da maneira de as usar. «*[...] há pobres burguesas que, ao copiarem os nossos chapéus, esperam ficar com as nossas maneiras*», explicou ao jovem Rastignac a viscondessa de Beauséant, née Claire de Bourgogne<sup>238</sup>. Aquelas mulheres eram «*pobres burguesas*» pelo simples facto de serem «*burguesas*», e os seus modos não enganavam a quem tinha outros. «*A toilette de Amélie*», a esposa do juiz Camusot, «*contribuiu muito para que o duque*», o duque de Grandlieu, «*adivinhasse aquela vida burguesa desde Alençon até Mantes e de Mantes a Paris*»<sup>239</sup>. Referindo-se à *femme comme il faut*, Émile Blondet evocou «*o seu vestido, cujo estilo deixa surpreendidas tantas burguesas*». A *femme comme il faut* «*tem uma maneira própria de se envolver num xaile ou numa manta; sabe cobrir-se da queda dos rins até ao pescoço, desenhando uma espécie de carapaça que converteria uma burguesa numa tartaruga, mas sob a qual ela vos deixa perceber as mais belas formas, ao mesmo tempo que as dissimula*»<sup>240</sup>. Este tipo de parisiense frequentava «*as regiões menos enlameadas de burguesia*»<sup>241</sup>. «*Quanto à burguesa, é impossível confundi-la com a femme comme il faut [...] A burguesa está sempre com pressa [...] Enquanto a femme comme il faut sabe muito bem o que quer e o que faz, a burguesa é indecisa [...] a*

<sup>231</sup> *Les Employés*, VII 1070.

<sup>232</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 301.

<sup>233</sup> *Ibid.*, I 307.

<sup>234</sup> *L'Interdiction*, III 425.

<sup>235</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 317.

<sup>236</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1111.

<sup>237</sup> *Béatrix*, II 874.

<sup>238</sup> *Le Père Goriot*, III 117.

<sup>239</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 881.

<sup>240</sup> *Autre étude de femme*, III 693.

<sup>241</sup> *Ibid.*, III 694.

*burguesa compreende admiravelmente os pleonasmos de toilette*»<sup>242</sup>. «*Só a femme comme il faut está à vontade na sua toilette; nada a estorva. Nunca a surpreendereis, como uma burguesa, a puxar uma ombreira recalcitrante*» e por ali fora<sup>243</sup>, Blondet foi inesgotável na contraposição dos dois tipos femininos. Por isso nos aposentos da senhora Marneffe «*um dandy nada teria a censurar, a não ser que aquele luxo pecava por burguesismo. A arte, a distinção, que provém das coisas de que o bom gosto sabe apropriar-se, faltavam ali completamente*»<sup>244</sup>.

Enquanto categoria cultural, a «*burguesia*» caracterizava-se pela moderação e pelo espírito timorato apenas porque os «*burgueses*» calculavam e contabilizavam antes de agir. Por isso, a propósito do amor entre Césarine Birotteau e Anselme Popinot, o romancista pôde evocar «*a aritmética dos sentimentos burgueses*»<sup>245</sup>. Além da prudência e de uma expressividade ingênua, o «*burguês*» e a «*burguesa*» distinguiram-se pela virtude, real ou exibida. Descrevendo a sociedade boémia formada pela atriz Florine, as suas amigas e os frequentadores da sua casa – aquela mesma Florine «*que é alternadamente duquesa de vaudeville, burguesa de drama, preta, marquesa, coronel, camponesa na Suíça, virgem do Sol no Peru*»<sup>246</sup> – Balzac observou que «*ali o Spleen e a Fantasia eram sagrados como são para uma burguesa a honra e a virtude*»<sup>247</sup>. Em contraste com o comportamento burguês, a plebe miserável só não roubava quando não podia e copulava sem freio nem lei. Balzac contrapôs a imoralidade dos camponeses à «*moralidade das famílias burguesas*»<sup>248</sup>. Por seu lado, os nobres esbanjavam muito acima do que os seus rendimentos permitiam, não pagavam as dívidas, eram galantes e as suas esposas dedicavam-se atrevidamente à libertinagem. Modeste Mignon lastimou-se de que aqueles que interferiam no seu amor por Canalis iriam averiguar «*se ele não é culpado aos olhos dos burgueses de algum episódio de juventude*»<sup>249</sup> e na mesma perspectiva, embora admitindo que cometera «*uma falta*», ela especificou logo em seguida «*uma falta para os burgueses, [...] que medem a vida com esquadro*»<sup>250</sup>. Se a casta Modeste se sentia culpada aos olhos dos «*burgueses*», imagine-se a duquesa de Maufrigneuse, futura princesa de Cadignan! «*Por maiores que tivessem sido os defeitos da duquesa de Maufrigneuse aos olhos do mundo burguês [...]*»<sup>251</sup>. Outra como ela, a aristocratíssima Lady Dudley, a respeito da descrição a manter nas relações amorosas «*não*

---

<sup>242</sup> Ibid., III 695.

<sup>243</sup> Ibid., III 696.

<sup>244</sup> *La Cousine Bette*, VII 104.

<sup>245</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 132.

<sup>246</sup> *Une fille d'Ève*, II 382.

<sup>247</sup> Ibid., II 319.

<sup>248</sup> *Les Paysans*, IX 91.

<sup>249</sup> *Modeste Mignon*, I 588-589.

<sup>250</sup> Ibid., I 604.

<sup>251</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 955.

*adoptava essas ideias burguesas*»<sup>252</sup>. É sugestivo que quando o *chevalier* de Valois conversou com o marquês d'Esgrignon acerca do filho deste, Victurnien, lhe tivesse dito: «*Está a dormir com a inocência de um jovem que ainda só desgraçou cinco ou seis burguesinhas e que precisa agora de duquesas*»<sup>253</sup>. A esta moral opunha-se a da burguesia. «*Entre homens, a pretensão dos mais castos burgueses é parecerem escabrosos*»<sup>254</sup>. A substituição da antiga liberdade aristocrática dos costumes pela conversa licenciosa inaugurou para os homens a época da cisão entre as palavras desenvoltas e os actos tímidos, pois o deboche e o mau aspecto «*podiam assustar os virtuosos burgueses*»<sup>255</sup>. Quanto às mulheres, ainda que a cisão fosse a mesma, os termos invertiam-se. «*[...] os discursos hipócritas que circulam num salão mobilado com virtuosas burguesas*»<sup>256</sup>. Se é uma «*digna burguesa*»<sup>257</sup> quem entra numa loja, «*destacam-lhe o mais velho dos caixeiros*»<sup>258</sup>. E Olympe Bijou, uma jovem operária que fora amante do barão Hulot, «*tornou-se burguesa, casou-se*»<sup>259</sup>, como se a consagração do matrimónio, com a conotação de honestidade social que lhe era inerente, implicasse uma mudança de classe. «*Destinar-se à carreira vergonhosa das cortesãs, com o intuito de lhe embolsar os proventos, mas conservando as vestes de uma honesta burguesa casada, não basta*», escreveu Balzac a respeito da senhora Marneffe<sup>260</sup>, a mesma que disse a Célestin Crevel «*eu sou ainda uma digna e virtuosa burguesa*»<sup>261</sup>, e se evidentemente não o era, o que importa aqui é a terminologia usada. A senhora Marneffe pôde também ser classificada como uma «*pequeno-burguesa*»<sup>262</sup> ou, em alusão a uma personagem de *Liaisons dangereuses*, «*aquela Madame de Mertenil burguesa*»<sup>263</sup>. De um modo ou de outro, não era a arrogância das infracções mas o comedimento da virtude que devia transparecer na superfície da sociedade burguesa. «*[...] burgueses de bom tom [...]*»<sup>264</sup>.

O romancista explicou que «*as pessoas da classe média*» «*têm só esta maneira*», o casamento, «*de conquistar e se apossar de uma mulher*»<sup>265</sup>, e compreendemos assim que, por amor da «*sua filha natural*», Peyrade, agente secreto da polícia política, «*adoptara a aparência*

---

<sup>252</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1185.

<sup>253</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 995.

<sup>254</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 92.

<sup>255</sup> *Ibid.*, VI 146. Ver também a pág. 148. «*[...] um tom de bonomia que dava cólicas aos virtuosos burgueses*» – *Un homme d'affaires*, VII 785.

<sup>256</sup> *Un homme d'affaires*, VII 778.

<sup>257</sup> *Gaudissart II*, VII 852.

<sup>258</sup> *Ibid.*, VII 851.

<sup>259</sup> *La Cousine Bette*, VII 381.

<sup>260</sup> *Ibid.*, VII 186.

<sup>261</sup> *Ibid.*, VII 226.

<sup>262</sup> *Ibid.*, VII 309.

<sup>263</sup> *Ibid.*, VII 286.

<sup>264</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 146.

<sup>265</sup> *Ibid.*, VI 59.

burguesa, porque queria casar a sua Lydie com algum homem de bem»<sup>266</sup>. Não lhe teria sido difícil se o enredo tivesse corrido de outra forma, porque a «aparência casta» de Lydie, «sem exagero de modas, exalava um encantador perfume de burguesia»<sup>267</sup>. Por seu lado, Constance, a noiva de César Birotteau, «quis ser uma mulher de bem, uma boa mãe de família e encarou a vida de acordo com o religioso programa da classe média»<sup>268</sup>. Entre os personagens-tipo de uma conversa de salão, narrada no estilo de peça de teatro, figurava «UMA BURGUESA, assustada por causa da filha devido ao caminho que a conversa está a tomar»<sup>269</sup>. Em ambientes tais não espanta que o romancista tivesse observado a respeito de uma jovem casadoira, detentora de um bom dote e possuidora de uma considerável instrução: «Quanto sangue-frio não era necessário para governar uma mulher assim. Os burgueses assustados retiraram-se»<sup>270</sup>. O que o «burguês» pretendia era uma esposa para o interior doméstico e não para brilhar em salões, não instruída e muito menos culta, mas virtuosa. «[...] ela recebera a mais brilhante educação, consoante as ideias da burguesia»<sup>271</sup>. Ora, que «ideias» eram estas? Por um lado, a mãe de Modeste Colleville, lembrando-se do seu passado, «jurou secretamente a si mesma fazer de Modeste uma mulher de bem e não uma mulher ligeira, por isso ia com ela à missa e fez-lhe fazer a primeira comunhão»<sup>272</sup>; por outro lado, embora tivesse aprendido línguas, história, música e pintura, Modeste «ignorava completamente a distinção de maneiras»<sup>273</sup>. Temos ali o programa da menina casadoira na classe burguesa, e os resultados multiplicaram-se aos milhares. «[...] uma jovem de costumes puros, tal como são criadas em certas famílias burguesas [...]»<sup>274</sup>. O romancista queixou-se de que «uma burguesa religiosa é como um ouriço-cacheiro, como uma ostra dentro dos seus rudes invólucros»<sup>275</sup>, e note-se que «burguesa», no feminino, tinha usualmente uma conotação de castidade. «[...] burguesa pura e tímida [...]»<sup>276</sup>. A tal ponto que a prostituta Esther van Gobseck fingiu ser esposa do seu amante «e tornou-se amante de um homem todo-poderoso que a julgava a mais cândida das burguesas»<sup>277</sup>. E ainda que a prostituta Aquilina pretendesse que «vivemos mais num dia do que uma boa burguesa em dez anos»<sup>278</sup>, o romancista sabia que «a ideia fixa de muitas destas pobres raparigas consiste em quererem ser aceites como boas burguesas, pura e simplesmente fiéis aos maridos,

<sup>266</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 535.

<sup>267</sup> *Ibid.*, VI 539.

<sup>268</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 61.

<sup>269</sup> *Petites misères de la vie conjugale*, XII 182.

<sup>270</sup> *Les Employés*, VII 900.

<sup>271</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 45-46.

<sup>272</sup> *Ibid.*, VIII 45.

<sup>273</sup> *Ibid.*, VIII 46.

<sup>274</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1052-1053. «Aquele boa mulher, burguesa honesta e cheia de virtudes, devota até [...]» – *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 627.

<sup>275</sup> *Ferragus, chef des Dévorants*, V 809.

<sup>276</sup> *La Cousine Bette*, VII 143.

<sup>277</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 478.

<sup>278</sup> *La Peau de chagrin*, X 116.

capazes de ser excelentes mães de família, de tomar nota das despesas e de passar a roupa da casa»<sup>279</sup>. A mudança de condição social deveria implicar uma mudança de moral, por isso Claudine, que fora bailarina sob o nome de Tullia, quando abandonou a vida artística e a boémia de *femme entretenue* para casar com du Bruel, adoptou costumes estritos e devotos. «Ela estava tão feliz por se tornar burguesa [...]»<sup>280</sup>. Também a apócrifa *Madame Schontz*, amante do marquês de Rochefide, perguntou «sabem qual é o meu sonho? Gostava de ser uma boa burguesa, entrar numa família honesta e tornar o meu marido, todos eles muito felizes!»<sup>281</sup>. Até Flore Brazier, a Rabouilleuse, se deixou convencer a desposar o velho Rouget, «seduzida pela ideia de ser a senhora Rouget, uma digna e honesta burguesa»<sup>282</sup>.

*Madame Évangélista* considerava que «nada é mais burguês do que engravidar um mês depois da cerimónia [do casamento]»<sup>283</sup>. «Não conheço nada que seja mais tolamente burguês», afirmou ela<sup>284</sup>, exclamando, altiva, «pensais que adoptamos a mesquinhez do cerimonial burguês?»<sup>285</sup>. Passados anos, quando aquele matrimónio revelou o que fora desde início, Henri de Marsay aconselhou Paul de Manerville a não ser «tão estúpido como o burguês enganado pela esposa e que se espanta ou se escandaliza ou se zanga»<sup>286</sup>. E se o alto funcionário Rabourdin achava que a mulher do ministro, que na realidade era a esposa de *Monsieur de Villèle*, «tem ar de uma boa burguesa gorda»<sup>287</sup>, Balzac, por seu lado, classificou de «vida burguesa» o comportamento da duquesa de Orléans devido ao «leito conjugal» que «era tão ridiculamente mostrado aos visitantes do *Palais-Royal*»<sup>288</sup>. Com efeito, enquanto para a nobreza a casa se confundia com o nome, e os trabalhadores se davam por muito felizes quando tinham algum tugúrio onde habitar, o burguês e a sua esposa eram devotados ao lar como instituição e como espaço físico. «[...] a pequeno-burguesa dando conselhos ao marido, à noite, sobre a almofada [...]»<sup>289</sup>. Pode assim entender-se a soberba ironia de uma das principais aristocratas da *Comédie*. «Só em França [...] se vê as mulheres desposar tão bem os maridos que até lhes desposam as funções», disse a duquesa de Maufrigneuse; «[...] a [...] perseverança que as nossas burguesas francesas exercem para estarem ao

---

<sup>279</sup> *Melmoth réconcilié*, X 356.

<sup>280</sup> *Un prince de la bohème*, VII 827.

<sup>281</sup> *Béatrix*, II 909.

<sup>282</sup> *La Rabouilleuse*, IV 514.

<sup>283</sup> *Le Contrat de mariage*, III 611.

<sup>284</sup> *Ibid.*, III 585.

<sup>285</sup> *Ibid.*, III 593.

<sup>286</sup> *Ibid.*, III 642.

<sup>287</sup> *Les Employés*, VII 1056.

<sup>288</sup> *La Duchesse de Langeais*, V 933-934.

<sup>289</sup> *Les Employés*, VII 934. «Será impossível conversardes meia hora com uma burguesa sem que ela faça aparecer o marido de uma maneira qualquer [...]; mas se souberdes que a vossa femme comme il faut é casada, ela teve o tacto de dissimular tão bem o marido que só com um trabalho de Cristóvão Colombo o conseguireis descobrir» — *Autre étude de femme*, III 697.



corrente dos problemas da comunidade»<sup>290</sup>. Reflectindo uma perspectiva social oposta, neste caso a dos personagens que o ocupavam, Balzac apresentou sob outra luz a mesma situação. «O casamento provoca a uma jovem profundas perturbações morais e físicas; mas, ao se casar nas condições burguesas da classe média, ela tem além disso de estudar interesses completamente novos e de se iniciar nos negócios [...] pela triste aprendizagem da sua profissão laboriosa e pelos ensinamentos necessários à mulher de um comerciante»<sup>291</sup>. A permanente ocupação com as tarefas domésticas explica «a vermelhidão das suas mãos», das mãos de Césarine Birotteau, «assinatura de uma vida puramente burguesa»<sup>292</sup>. Explica também que, habituada à economia do lar, «uma honesta burguesa não compreenderia como uma fortuna se derrete nas mãos dessas criaturas»<sup>293</sup>, sendo as «criaturas», evidentemente, as *demi-mondaines* e as *femmes entretenues*. «Fui senhora tanto tempo», disse Dinah de La Baudraye a Lousteau, «vou agora ser burguesa e tratar da casa»<sup>294</sup>. Entende-se, por isso, a «vergonha que espera uma burguesa se abandonar o filho ou o marido aos cuidados públicos do hospital»<sup>295</sup>. Bem pôde Balzac escrever, referindo-se a Césarine Birotteau, que ela, «felizmente, tinha as virtudes da burguesia»<sup>296</sup>, mas num «burguês» ou numa «burguesa» até as virtudes foram tomadas como defeitos, porque representavam uma limitação, o estado de quem não conseguia ser outra coisa. «[...] a pequeno-burguesa [...] sem o mínimo mérito nas suas virtudes, ambiciosa sem segundas intenções e apenas graças ao desenvolvimento do egoísmo doméstico [...]»<sup>297</sup>. O tema apareceu repetidamente. «O moralista ficaria seriamente embaraçado se tivesse de decidir onde reside a mais bela qualidade de pudor, naquela que se esconde ao público ao inaugurar o lar e o leito domésticos como fazem os bons burgueses, ou naquela que se esconde à família expondo-se à luz nos caminhos, perante desconhecidos»<sup>298</sup>. Analítico subtil, Émile Blondet observou que «o espírito da femme comme il faut, quando ela o tem, [...] consiste em pôr tudo em dúvida, como o da burguesa lhe serve para tudo afirmar. Reside ali a grande diferença entre estas duas mulheres: a burguesa tem certamente virtude, a femme comme il faut não sabe se ainda a tem ou se a terá sempre; ela hesita e resiste onde a outra recusa categoricamente para ceder de todo»<sup>299</sup>.

A vida da «burguesia» era, em suma, mais simples, como eram mais directos e menos sofisticados os seus prazeres. Depois de ter lembrado a feroz actividade profissional exigida a uma actriz, o romancista narrou: «Muitas vezes Florine, para poder ir apanhar burguesmente flores

---

<sup>290</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1079.

<sup>291</sup> *Illusions perdues*, V 561.

<sup>292</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 103.

<sup>293</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 617.

<sup>294</sup> *La Muse du département*, IV 757.

<sup>295</sup> *L'illustre Gaudissart*, IV 579.

<sup>296</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 104.

<sup>297</sup> *Les Employés*, VII 934.

<sup>298</sup> *Béatrix*, II 844.

<sup>299</sup> *Autre étude de femme*, III 698.

ao campo, tem de dizer que está doente»<sup>300</sup>. Até Balzac, apesar das suas pretensões sociais e das suas opiniões políticas, evocou «essa burguesia [...] iludida pelas suas virtudes e ridicularizada pelos seus defeitos por uma sociedade que lhe é inferior, pois ela é generosa precisamente porque ignora as conveniências; essa virtuosa burguesia que educa filhas cândidas e habituadas ao trabalho, cheias de qualidades que o contacto com as classes superiores diminui logo que ela as projecta para lá [...]»<sup>301</sup>. E assim a burguesia, criadora da sociedade fabril, deu inesperadamente corpo a um bucolismo social. «[...] paisagem cheia de bonomia pudica, de castidade tranquila, de vistas modestas e burguesas [...]»<sup>302</sup>. Aquela mesma burguesia que tantas vezes acusaram há pouco de responsável por revoluções políticas e convulsões sociais serve agora para evocar «a simples e modesta casa do mercador onde viviam as virtudes burguesas da família, onde a religião, onde a santidade dos sentimentos e a honra estavam na atmosfera»<sup>303</sup>. Mesmo os nobres podiam sentir a nostalgia desta Arcádia social. «[...] quis fazer-te uma surpresa», disse Calyste du Guénic à esposa, née de Grandlieu, «exactamente como um burguês da rue Saint-Denis»<sup>304</sup>.

Não era apenas de falta de gosto e de falta de maneiras que o «burguês» e a «burguesa» padeciam, mas, por uma qualquer peculiaridade da natureza, esses defeitos reflectiam-se na própria compleição física. Evocando Modeste Colleville, Balzac esclareceu os leitores de que «um dos seus atractivos era uma magnífica cabeleira de um louro cinza, fina; mas as mãos, os pés tinham uma origem burguesa»<sup>305</sup>. Por seu lado, Eugénie Grandet «incluía-se perfeitamente naquele tipo de crianças constituídas com robustez, como são as da pequena burguesia, e cujos atractivos parecem vulgares»<sup>306</sup>, e Francisque Althor, «o dandy do Havre», era «dotado da beleza comum de que tanto gostam os burgueses», que Balzac descreveu como «uma tez rubicunda, volumoso, os membros musculosos»<sup>307</sup>. É curioso que o vigor físico servisse para identificar alguém como burguês, mas mais esclarecedor ainda é o facto de a condição social se revelar na morte. Como exclamou a aristocratíssima Lady Dudley, «nos nossos insípidos costumes modernos, a aristocracia já só se pode realçar pela singularidade dos sentimentos[.] Como poderei eu fazer com que os burgueses aprendam que o sangue das minhas veias não se parece com o deles, senão morrendo de maneira diferente da que eles morrem?»<sup>308</sup>. Quando Louise, née de Chaulieu, faleceu depois de uma trágica agonia moral e física, Renée de l'Estorade narrou numa carta os últimos momentos da amiga: «[...]

---

<sup>300</sup> *Une fille d'Ève*, II 320.

<sup>301</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 173-174.

<sup>302</sup> *La Vieille Fille*, IV 849.

<sup>303</sup> *Les Marana*, X 1049. «[...] construções ingénuas, onde se revela a existência tranquila e definida dos burgueses» – *Pierrette*, IV 29. «[...] a vida pura, laboriosa e burguesa [...]» – *Illusions perdues*, V 224.

<sup>304</sup> *Béatrix*, II 874.

<sup>305</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 46.

<sup>306</sup> *Eugénie Grandet*, III 1075.

<sup>307</sup> *Modeste Mignon*, I 501.

<sup>308</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1147.

*foi um delírio verdadeiramente elegante, o que prova que as pessoas de espírito não enlouquecem à maneira dos burgueses ou dos tolos»*<sup>309</sup>. Até na agonia havia boas maneiras, e o carácter de uma morte não dizia respeito aos bens materiais que podiam recheiar o testamento mas à elegância do delírio. Perante a derradeira prova, os «*burgueses*» ficavam colocados no plano dos «*tolos*». Outras figuras da *Comédie* procederam à mesma equivalência, por exemplo Canalis, o poeta da nobreza, que se desesperou: «*Respondi a burguesas, a tolas, a intriguistas que pretendiam um autógrafa!*»<sup>310</sup>. E a comparação regressou em ricochete quando Modeste Mignon exclamou, dirigindo-se indignadamente a Canalis: «*Julgais-me burguesa [...] É menos impertinente do que julgar-me tola*»<sup>311</sup>. Para alguns dos mais nobres personagens da *Comédie* e mesmo para o romancista existia uma espécie de predestinação, que manteria como castas física e mentalmente definidas as classes a que a mobilidade social dera fluidez.

Quando Modeste Mignon entrou em contacto com a mais alta nobreza, «*para ela*», cujo pai, apesar de ter recorrido aos negócios para restaurar a fortuna, era conde, «*tudo foi uma lição, ao contrário das burguesas, que se teriam coberto de ridículo ao imitarem aquelas maneiras*». E o romancista insistiu nas «*diferenças que separam o mundo aristocrático do mundo burguês*»<sup>312</sup>. Mas uma tal proliferação de invectivas e de sarcasmos, que temos seguido ao longo de muitas páginas, não será por si só suspeita? Poderemos ter a certeza de que na sua ânsia de promoção a alta burguesia não imitasse as maneiras da nobreza a ponto de iludir os mais atentos? Vemos o financeiro du Tillet, a própria figura do novo-rico, emblema do regime burguês de Luís-Filipe, dizer à esposa, filha de um conde: «*Tendes um ar burguês e simplório que me deixa desolado*»<sup>313</sup>. Eram perversos os labirintos da mobilidade social, e se para legitimar culturalmente a sua ascensão um burguês podia pretender-se mais aristocrático do que uma aristocrata, isto significava que alguma falha devia haver numa estratificação cultural que se imaginava estanque. No folhetim escrito por Savarus, um dos personagens inquietou-se sobre as possíveis consequências de não ter percebido a qualidade de uma grande dama italiana que tivera de se disfarçar para fugir às perseguições políticas. «*Mas que crime, aos olhos de uma mulher, alguém ter acreditado que era uma burguesa uma princesa nascida princesa?*»<sup>314</sup>. Com efeito, se o estatuto social não se desvendasse por detrás do disfarce – o que estranhamente tornaria a mascarada inútil – de que valeria ser «*uma princesa nascida princesa?*» No entanto, a elucidação nem sempre era simples. «*Albeio aos diferentes mundos que compõem a*

---

<sup>309</sup> *Mémoires de deux jeunes mariées*, I 403.

<sup>310</sup> *Modeste Mignon*, I 599.

<sup>311</sup> *Ibid.*, I 681.

<sup>312</sup> *Ibid.*, I 706.

<sup>313</sup> *Une fille d'Ève*, II 289.

<sup>314</sup> *Albert Savarus*, I 960.

sociedade parisiense, eu só conhecia das femmes comme il faut e das burguesas aquilo que via durante os meus passeios [...]»<sup>315</sup>. Mesmo olhares mais atentos e talvez menos ingênuos podiam não esclarecer a ambiguidade. «Assim, foi bastante difícil saber se Madame Willemsens [...] pertencia à burguesia rica, à alta nobreza ou a certas classes equívocas da espécie feminina»<sup>316</sup>. Afinal, o que muitos pretendiam apresentar como uma divisão rígida e evidente entre classes sociais era, pelo contrário, o campo de uma disputa cultural intensa.

Mistigris, sempre jocoso, exclamou «*peste soit du bourgeois!*»<sup>317</sup>, ou seja, «que o burguês vá para o raio que o parta!», e proferido por ele o termo designava conjuntamente uma forma de vida e uma cultura. Mistigris personificou o que na gíria do meio artístico se chamava o *rapin*, o aprendiz de pintor, «animais ferozes conhecidos pelo nome de artistas pelos burgueses e pelo nome de rapins nos ateliers»<sup>318</sup>, e nesta dicotomia estava implícita a oposição entre os «burgueses» e o meio artístico. «[...] [os] artistas, as pessoas mais cruéis para com os burgueses»<sup>319</sup>. O «burguês», observou Balzac, era o «alvo constante das ironias, dos gracejos do artista, eterno objecto do seu desprezo»<sup>320</sup>. Com efeito, numa conversa com o industrial e comerciante de perfumaria César Birotteau, o arquitecto Grindot, que tivera um *prix de Rome*, deixou por duas vezes escapar a palavra «burguês» em acepções que não foram as mais amáveis<sup>321</sup>. Noutra ocasião, Grindot examinou o velho Molineux, «um pequeno rentista grotesco», «com o prazer sentido por qualquer artista ao ver uma caricatura que confirma a sua opinião acerca dos burgueses»<sup>322</sup>. «[...] os artistas parisienses, tipo convencional cujo privilégio [...] é despertar nas imaginações burguesas as jovialidades mais mirabolantes [...]»<sup>323</sup>. Mesmo quando apreciavam a arte os «burgueses» tinham medo dos artistas. «Estes burgueses, loucos por arte, nunca ousaram aventurar-se num atelier», disse um coleccionador a um pintor que se especializara precisamente no público burguês<sup>324</sup>. «[...] o temor que o espírito ou o génio provoca no burguês [...]»<sup>325</sup>. E depois de a senhora Vauthier ter exprimido a sua convicção de que os escritores estavam destinados a morrer de fome, «Godefroid não pôde deixar de rir e deu as boas-noites àquela cozinheira que, sem o saber, representava a

---

<sup>315</sup> *Honorine*, II 533.

<sup>316</sup> *La Grenadière*, II 425.

<sup>317</sup> *Un début dans la vie*, I 777.

<sup>318</sup> *La Rabouilleuse*, IV 283.

<sup>319</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 185.

<sup>320</sup> *Ibid.*, VI 99. «[...] o falecido Musson», um pintor que fora também um mistificador célebre, «divertia-se a levar um burguês da rue Saint-Denis até Pierrefite sem que ele se desse conta de que já não estava à sombra do campanário de Saint-Leu» – *Physiologie du mariage* [...], XI 1054.

<sup>321</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 100, 101.

<sup>322</sup> *Ibid.*, VI 182. A frase intercalada encontra-se na pág. 105.

<sup>323</sup> *Le Cousin Pons*, VII 487.

<sup>324</sup> *Pierre Grassou*, VI 1094.

<sup>325</sup> *Le Cousin Pons*, VII 494. «[...] esses bons burgueses que consideram as pessoas de génio como uma espécie de monstros, que comem, bebem, andam, falam de maneira completamente diferente dos outros homens [...]» – *La Cousine Bette*, VII 381.

*burguesia*<sup>326</sup>. Na opinião dos artistas, o «*burguês*» era incapaz de ter sentido estético. O mobiliário antiquado e de mau gosto de que se rodeava Célestin Crevel, «*um merceiro, um lojista, um antigo fornecedor de massa de amêndoa [...], antigo negociante*»<sup>327</sup>, «*suscitava periodicamente a admiração de todos os burgueses recebidos por Crevel*»<sup>328</sup>, e um comerciante colocou os termos do problema ao afirmar que «*nunca se fez, em arte, um relógio que satisfizesse ao mesmo tempo os burgueses e os conhecedores*»<sup>329</sup>. Era a nova problemática das obras produzidas em série que começava a colocar-se. «*[...] a última palavra do luxo actualmente*», escreveu Balzac a propósito de alguém que mandava partir os moldes das suas peças decorativas de forma a possuir apenas exemplares únicos, «*o timbre do verdadeiro luxo*», consiste em «*possuir coisas que não estejam vulgarizadas por dois mil burgueses opulentos que se julgam luxuosos quando ostentam daquelas riquezas que abundam nas lojas*»<sup>330</sup>. Penso que era ainda a problemática da produção industrial de obras de arte a estar subjacente quando Balzac mencionou «*um escritório onde o gosto do burguês se adivinhava sob a aparência artística do mobiliário e apesar das estatuetas na moda, das mil pequenas coisas adaptadas aos nossos pequenos apartamentos pela arte moderna, que se tornou tão pequena como o consumidor*»<sup>331</sup>.

Na boca dos artistas, tanto pintores, escultores e arquitectos como literatos ou músicos, a palavra «*burguês*» nunca tinha um sentido social objectivo e padecia apenas de uma conotação pejorativa. Bem podia o vice-almirante conde de Kergarouët evocar «*este bom burguês, que me parece ter o ar de um escritor sonhando com as suas poesias*»<sup>332</sup>. Mas nenhum artista se qualificaria a si mesmo como um «*bom burguês*», a tal ponto que o pintor Joseph Bridau «*via-se convertido na fábula dos burgueses de Issoudun, tomavam-no [...] por uma coisa muito diferente do que ele queria ser, [...] um brave artiste!*», escreveu Balzac<sup>333</sup>, que eu poderia verter aproximadamente como «*um digno artista*», mas aqui torna-se necessária uma explicação. Em francês existem duas palavras, *bon* e *brave*, para designar alguém com boas qualidades, mas *brave* tem um sentido ligeiramente depreciativo, usando-se quando um superior se refere a um inferior, que pode facilmente converter-se num sentido irónico. Em português a inversão da ordem entre o substantivo e o adjectivo é geralmente suficiente para obter este efeito, e «*uma boa pessoa*» não é «*uma pessoa boa*», tal como «*esses bons burgueses*» não

---

<sup>326</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 346.

<sup>327</sup> *La Cousine Bette*, VII 60. Na pág. 322 Crevel referiu-se de novo a si mesmo como «*um antigo negociante*».

<sup>328</sup> *Ibid.*, VII 157.

<sup>329</sup> *Ibid.*, VII 134.

<sup>330</sup> *Ibid.*, VII 377.

<sup>331</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1178.

<sup>332</sup> *Le Bal de Sceaux*, I 138.

<sup>333</sup> *La Rabouilleuse*, IV 456.

são «esses burgueses bons». No caso de Joseph Bridau, porém, ao pretenderem ver nele «*un brave artiste*» não era «um bom artista» que os burgueses de Issoudun lhe chamavam, e a expressão serviu a Balzac para estabelecer uma simetria irónica com «*brave bourgeois*». Considerado «*um dos melhores pintores da nova Escola*», Joseph Bridau «*era estimado no Cenáculo precisamente por aquilo a que o mundo burguês teria chamado os seus defeitos*»<sup>334</sup>. Mais tarde, já célebre, Bridau, «*apesar de ser vigorosamente apoiado pelos seus amigos do Cenáculo, por Mademoiselle des Touches, [...] não agradava aos Burgueses*»<sup>335</sup>. A respeito daqueles que eram inovadores na arte, na ciência ou na política, o músico Gambará mencionou «*o acaso ou as suas inclinações de espírito, que não se adequam aos compartimentos onde cabem os burgueses*»<sup>336</sup>. Entre os profissionais da estética, «*burguês*» e «*artista*» apresentavam-se sempre como termos antinómicos. «*Para um burguês, como os senhores nos chamam nos vossos ateliers*», disse o falso burguês Lecomte ao falso pintor Schinner numa novela de enganos<sup>337</sup>. E quando um pintor, referindo-se a alguém que para fugir à polícia se disfarçara de «*burguês de Paris*», acrescentou que ele se fingiu «*tão estupidamente brincalh[ão] como todos o são*»<sup>338</sup>, devemos conferir o valor de um enunciado a esta norma geral. O «*burguês*» era por si só um objecto de ridículo, e numa roda de amigos Bixiou, «*o nosso principal cómico*», um artista do espírito, artista sobretudo quando não materializava nada, proferiu um lugar-comum pomposo «*com aquele registo grave e aquela importância burguesa que ele retrata tão bem*»<sup>339</sup>. Explicando que «*os Matifat fecharam-me a porta*» e comentando a este respeito que «*os burgueses e eu nunca nos entenderemos*»<sup>340</sup>, Bixiou resumiu a filha do casal. «*A filha deles era uma jovem sem maneiras, com ar de criada de quarto de uma casa rica, tocando mais ou menos uma sonata, tendo um lindo cursivo inglês, sabendo francês e ortografia, enfim, uma completa educação burguesa*»<sup>341</sup>. Por isso suspeito que Bixiou tivesse posto muito de seu quando atribuiu ao banqueiro Nucingen a observação de que «*Bonaparte fora estúpido como um burguês nas suas primeiras relações com Josefina*»<sup>342</sup>, porque, para Bixiou, Nucingen seria precisamente «*estúpido como um burguês*». E poderiam os espões ser

<sup>334</sup> *Illusions perdues*, V 316.

<sup>335</sup> *La Rabouilleuse*, IV 524-525.

<sup>336</sup> *Gambará*, X 477. «*Queremos ser livres*», exclamou Massimilla Doni, duquesa Cataneo, a um médico francês, referindo-se aos italianos, «*mas a liberdade que eu quero não é o vosso ignóbil e burguês liberalismo, que mataria as Artes*» – *Massimilla Doni*, X 577. E no folhetim escrito por Savarus, uma grande dama italiana, apesar de desposar opiniões políticas contrárias às da duquesa Cataneo e ser uma exilada com propensões liberais, disse: «*Não está certo. É burguês. Diríeis em francês não é artístico*» – *Albert Savarus*, I 951.

<sup>337</sup> *Un début dans la vie*, I 787.

<sup>338</sup> *Le Père Goriot*, III 222.

<sup>339</sup> *Illusions perdues*, V 665. Balzac referiu um «*accent de basse-taille*», o que me deixa sem saber exactamente que tipo de voz Bixiou imitava, porque o *Dictionnaire* de Littré, depois de indicar «*barítono*» como sinónimo de «*basse-taille*», acrescenta que naquela época a palavra era igualmente usada para designar um «*baixo*».

<sup>340</sup> *La Maison Nucingen*, VI 368.

<sup>341</sup> *Ibid.*, VI 368.

<sup>342</sup> *Ibid.*, VI 333.

considerados uma espécie de artistas, para que Peyrade, agente secreto da polícia política, tivesse evocado «*um homem de talento ignorado*», «*que os burgueses, os ricos e os imbecis deixam sem apoio nem protecção*»<sup>343</sup>? Parece que sim, porque Peyrade «*ia ao seu bem-amado café David, onde se regalava a ver burgueses como um artista se entretém a ver crescer flores*»<sup>344</sup>.

Em todos estes casos «*burguês*» tinha exactamente o mesmo significado que *philistin*, «*filisteu*», teve no meio artístico. O termo entrou no vocabulário francês importado da Alemanha, e Littré, que o registou somente como estrangeirismo, citou a este respeito um trecho de um artigo de 1847 de Théophile Gautier. «*Não sois, não fostes e nunca sereis mais do que aquilo que os estudantes alemães chamam um filisteu e os artistas franceses, um burguês*». Em duas linhas, Gautier sintetizou a lição lexical dos artistas da *Comédie*, que eram ele e os seus amigos. Aliás, *philistin* equivalia ao termo *péquin*, ou *pékin*, usado pelos militares para troçar dos civis, ambas as palavras designando aquele que não pertencia a um certo meio e não compreendia os valores desse meio. «*O soldado é o soldado, vocês são péquins*», preveniu um antigo soldado que regressara ao meio rural, «*nós temos o direito de vos espadeirar, para a frente e calados!...*»<sup>345</sup>. Durante a Revolução Francesa, num destacamento em que uma parte era formada por recrutas recentes, disse o comandante a um advogado incluído entre eles: «*Pois bem, [...] nomeio-te cabo dos teus burgueses*»<sup>346</sup>. Eles já não eram *péquins*, porque na realidade eram militares, mas desde há tão pouco tempo que o oficial os designou como «*burgueses*». Esta mesma oscilação semântica ocorreu na narrativa de um velho soldado. Referindo-se aos exércitos recrutados após a derrota na Rússia, ele comentou: «*Mas o Imperador regressa com recrutas e belos recrutas, aos quais mudou o moral completamente e fez deles feras bem treinadas para morder qualquer um, com burgueses na guarda de honra [...]*»<sup>347</sup>. Quando, porém, numa roda de camponeses, este antigo soldado recordou a campanha de Itália, disse que, «*entretanto, o péquin alberga-nos e trata-nos bem*»<sup>348</sup>, mostrando que fora dos quadros do exército o «*burguês*» era um «*péquin*». E depois de falar das benesses que Napoleão concedera aos militares, ele acrescentou «*mas o Imperador, que sabia que tinha de ser Imperador de toda a gente, pensa nos burgueses*»<sup>349</sup>, sendo «*burguês*» empregue aqui na acepção de *péquins*, os civis por oposição aos militares. Mas as implicações da palavra já se tornaram outras quando o mesmo personagem, a respeito do golpe de Estado pelo qual Bonaparte se

---

<sup>343</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 541.

<sup>344</sup> *Ibid.*, VI 557.

<sup>345</sup> *Les Paysans*, IX 231. O velho soldado foi mais lacónico, limitou-se a excluir «*et huel*», uma interjeição usada pelos carroceiros para fazer avançar os cavalos, e que eu traduzi por «*para a frente e calados!*».

<sup>346</sup> *Les Chouans [...]*, VIII 933.

<sup>347</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 533-534.

<sup>348</sup> *Ibid.*, IX 522.

<sup>349</sup> *Ibid.*, IX 528.

fizera cônsul, comentou: «E todos ficam contentes: primo, os padres que ele não deixa serem incomodados; segundo, o burguês que se dedica ao comércio [...]; tertio, os nobres [...]»<sup>350</sup>. Neste caso temos «o burguês» como designação objectiva de membro de uma classe social. Balzac explicou que uma grande parte dos militares do exército napoleónico «teve pelo burguês, pelo péquin, um desprezo igual ao dos nobres pelos vilões, do conquistador pelo conquistado»<sup>351</sup>. O comandante Genestas, por exemplo, «deixava de bom grado [os seus soldados] em campanha irem buscar aos burgueses os víveres e a forragem»<sup>352</sup>, e estes «burgueses» eram obviamente *des pékins*. Quando o falso Lecomte esclareceu a situação e revelou ser o conde de Sérisy, um dos viajantes que julgara rir-se à custa dele esboçou uma defesa. «Senhor conde, [...] é certo que me diverti a mistificar burgueses em viagem», disse ele a partir da edição de 1844, mas anteriormente dissera «*pékins*»<sup>353</sup>, o que confirma a equivalência das duas acepções pejorativas. Finalmente, por ocasião dos recrutamentos militares de 1793, «as exigências do momento não permitiam à República equipar de imediato os seus soldados e não era raro ver os caminbos cobertos de recrutas vestidos ainda com os seus habits bourgeois»<sup>354</sup>, numa versão literal «os seus trajés burgueses», ou seja, «trajés civis». «Um polícia vestido à bourgeois»<sup>355</sup> era um polícia «à paisana», o que permitia «reconhecer um militar sob o habit bourgeois»<sup>356</sup>, ou seja, quando ele estava «vestido de civil». Aliás, a expressão cobriu outras situações, a ponto de poder dizer-se, acerca dos funcionários de um ministério, que «os mais antigos só usam o uniforme oficial [la livrée de l'État] no ministério e saem vestidos à civil [en habit bourgeois]»<sup>357</sup>. A hostilidade do artista ao *philistin* não era menor do que a do militar ao *péquin*.

Com toda a naturalidade Balzac escreveu «qualquer artista, até qualquer burguês, que passe por *Gérande*»<sup>358</sup>. A contraposição das duas categorias foi ainda mais flagrante quando indicou que «ao ver *Minoret-Levrault*, um artista teria deixado a paisagem para desenhar o esboço deste burguês, a tal ponto ele era original à força de ser comum»<sup>359</sup>. Balzac, ou não fosse ele um artista,

<sup>350</sup> Ibid., IX 526. «Segundo» foi um erro do velho soldado, em vez de *secundo*, por analogia com *second*.

<sup>351</sup> *La Rabouilleuse*, IV 370. A oposição entre militar e «burguês», ou «*péquin*», surgiu de novo nas págs. 373, 491, 502-503, 506 e 512. Compreende-se, assim, que na pág. 371 alguns oficiais que não eram partidários daquela oposição «puseram-se do lado da burguesia». Em *Le Député d'Arvis*, VIII 717, assistindo ao arranjo de um salão para uma reunião preparatória de eleições na província, o coronel Giguet, que iria presidir à sessão, disse à irmã que ele, que nunca sentira medo nas batalhas, tremia só de pensar nos «quarenta burgueses que estarão sentados à minha frente, de boca aberta, os olhos fixos nos meus». Ora, o coronel, que não era nobre, decerto empregou «burguês» na acepção pejorativa de *péquins*.

<sup>352</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 388.

<sup>353</sup> *Un début dans la vie*, I 825, 1492 n. b da pág. 825.

<sup>354</sup> *Le Réquisitionnaire*, X 1115. A expressão «*habits bourgeois*» aparece igualmente em *La Vendetta*, I 1054.

<sup>355</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 557. Ver ainda as págs. 632, 637 e 907.

<sup>356</sup> *Ursule Mirouët*, III 906.

<sup>357</sup> *Les Employés*, VII 960.

<sup>358</sup> *Béatrix*, II 643.

<sup>359</sup> *Ursule Mirouët*, III 770.



não se coíbiu de empregar «*burguês*» na acepção de alguém alheio ao sentido estético e enalteceu «*o carácter de artista*», «*esse carácter louco ao qual tantos poderes estão confiados e que demasiadas vezes os excede, conduzindo a fria razão, os burgueses e mesmo alguns apreciadores por mil caminhos pedregosos onde, para eles, nada existe*»<sup>360</sup>. Noutra vez evocou «*essa suave harmonia que só os artistas sabem estabelecer ao prosseguirem um sistema de decoração até aos mínimos acessórios, e que os burgueses desconhecem, mas que os deixa surpreendidos*»<sup>361</sup>. As nuances eram infinitas. «*O buca, como o narguilé, é um aparelho muito elegante, mostra aos olhos formas inquietantes e estranhas que conferem uma espécie de superioridade aristocrática a quem o usa, aos olhos de um burguês admirado*»<sup>362</sup>. Fora do meio de que o artista se cercava e que contribuía para a sua aura, tínhamos o «*burguês*». Ao caracterizar longamente a residência pretensiosa e ridícula dos Rogron, onde escrevera no manuscrito «*aquelas bugigangas, que encarecem uma construção e agradam aos retroseiros aposentados*», o romancista corrigiu em provas para «*agradam aos burgueses*»<sup>363</sup>. E assim estes «*retroseiros*», que pelo facto de estarem «*aposentados*» seriam – vê-lo-emos adiante – classificados como «*burgueses*», passaram também a ser «*burgueses*» pelo simples facto de terem mau gosto. Os lugares-comuns e as tolices «*na língua francesa, na arte dramática, na política, na literatura, na ciência explicam o alcance dessas inteligências burguesas*»<sup>364</sup>. O veredicto foi sem apelo. Simon Giguet «*desenrolava solenemente frases confusas e secas que passavam por eloquência entre a alta burguesia de Arcis*»<sup>365</sup>. Colleville «*representava o Burguês competente e trocista, a faculdade sem o êxito, o trabalho persistente sem resultado, mas também a resignação jovial, o espírito sem alcance*»<sup>366</sup>, e a maiúscula inicial deu todo o peso à definição de classe. Quantos e quantos outros como eles! «*A burguesia da rue Saint-Denis exhibia-se majestosamente, mostrando-se em toda a plenitude dos seus direitos de ridícula tolice*»<sup>367</sup>. Para quem refere «*os infinitamente pequenos da existência burguesa*»<sup>368</sup>, é lógico que «*a invasão das classes mercantis ou burguesas torne o domingo quase tão tolo*

---

<sup>360</sup> *Le Chef-d'œuvre inconnu*, X 426.

<sup>361</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 169. «[...] o setim de uma causeuse é preferível ao veludo de Utrecht de um tolo canapé burguês» – *Les Paysans*, IX 63. «[...] cortinas de musselina que recordavam a um parisiense as propensões e as fantasias características das existências burguesas» – *ibid.*, IX 197.

<sup>362</sup> *Traité des excitants modernes*, XII 322.

<sup>363</sup> *Pierrette*, IV 62, 1132 n. e da pág. 62.

<sup>364</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 70. Sem dúvida por isso, Piron «passa por um homem prodigioso na burguesia» – *ibid.*, VI 174.

<sup>365</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 726.

<sup>366</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 52.

<sup>367</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 173-174. «Esta burguesia liberal, embirrenta e ignorante [...]» – *La Rabouillense*, IV 363. «[...] as palermices burguesas [...]» – *Les Petits Bourgeois*, VIII 139. «Palavreado de burguês, de palerma [...]» – *Théorie de la démarche*, XII 301. «[...] o olhar insolentemente protector de um burguês empedernido de estupidez [...]» – *Le Cousin Pons*, VII 494. Na sua época de apogeu, Goriot fora «o burguês corpulento e robusto, resplandecente de estupidez» – *Le Père Goriot*, III 72. É curioso que em *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1169, Balzac tivesse escrito «*ah! se doze ou quinze artistas, capitalistas ou dandies que dão o tom [...]*», como se pelo mero facto de serem chamados «*capitalistas*», e não «*burgueses*», eles já pudessem «*dar o tom*».

<sup>368</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 30.

em Paris como é enfadonho em Londres»<sup>369</sup>, e neste caso o poeta, considerado «o príncipe dos artistas», «está para o amor burguês assim como a eterna torrente dos Alpes está para os riachos das planícies»<sup>370</sup>. Finalmente, quando vemos Félix Davin, ou Balzac por ele, classificar como «essas palavras burguesas» uma apreciação estética tacanha<sup>371</sup>, devemos recordar que quem proferiu aquelas «palavras» pertencia a uma família burguesa, mas a designação sobrepôs um sentido cultural ao sentido sociológico. O burguês como membro de uma classe social e o burguês como *philistin* eram sinónimos, por isso Balzac censurou a modicidade das despesas praticadas por «um burguês de Paris» em benefício das artes<sup>372</sup>. «[...] Crevel, incapaz de compreender as artes, quisera, como todos os burgueses, gastar uma quantia fixa, estabelecida de antemão»<sup>373</sup>.

Bastaria a similitude da aceção pejorativa da palavra «burguês» empregue pela nobreza e pelos artistas para elucidar o carácter de aristocracia reivindicado pela boémia, que pretendia agir em matéria de dinheiro e de dívidas com a mesma desenvoltura manifestada pelos nobres. «[...] quando Lousteau, Blondet, Bixiou, Nathan explicaram a Lucien que um poeta não se devia importar com o tribunal de comércio, jurisdição criada para os lojistas [...]»<sup>374</sup>. Nesta perspectiva, a arte e a vida boémia ofereciam a única remissão para quem tivesse sofrido a fatalidade de um nascimento plebeu, o que esclarece alguns textos. «A verdadeira graciosidade é elástica. Presta-se a todas as circunstâncias, está em harmonia com todos os meios sociais, sabe usar um vestido de tecido comum, que se destaca apenas pelo corte, para sair à rua, em vez de arrastar as plumas e os bordados exuberantes com que certas burguesas se passeiam»<sup>375</sup>. E Madame de Mortsauf, na carta-guia que entregou a Félix de Vandenesse, explicou que, «apesar da sua educação, alguns nobres são grosseiros, enquanto certas pessoas de origem burguesa têm naturalmente bom gosto»<sup>376</sup>. Bixiou disse isto mesmo, com a *verve* que o singularizava. «[...] no meio da maior chateza podem descobrir-se ângulos!», observou ele a um grupo de amigos. «Sim, meu caro, um dado burguês está para outro assim como Rafael está para Natoire»<sup>377</sup>. E quando Bixiou recordou «o ministério onde cumpri sete anos de galés, emparelhado com burgueses»<sup>378</sup>, nada o distinguiu dos «burgueses» seus colegas a não ser a boémia e o espírito artístico. Podia ser-se socialmente burguês sem o ser

---

<sup>369</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 495.

<sup>370</sup> *Ibid.*, VI 475.

<sup>371</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1161.

<sup>372</sup> *La Cousine Bette*, VII 157.

<sup>373</sup> *Ibid.*, VII 398.

<sup>374</sup> *Illusions perdues*, V 597.

<sup>375</sup> *Modeste Mignon*, I 625.

<sup>376</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1087.

<sup>377</sup> *La Maison Nucingen*, VI 367. «E depois, não é natural que os burgueses aspirem à grandeza?» – Albert Savarus, I 957.

<sup>378</sup> *La Maison Nucingen*, VI 375.

culturalmente, e este paradoxo explica que, num romance inteiramente povoado por pequeno-burgueses, o hipócrita La Peyrade, referindo-se ao funcionário Colleville, que era músico e tocava oboé numa das melhores orquestras, dissesse «*Colleville, pobre homem, viu em mim o artista oprimido por todos estes burgueses [...] E, então, aquele homem, que tinha horror a toda esta burguesia [...]*»<sup>379</sup>. Soubemos há pouco que, para o romancista, Colleville «*representava o Burguês [...] o espírito sem alcance*»<sup>380</sup>, mas bastava o oboé para que La Peyrade o transfigurasse. A condição de artista, real ou imaginária, convertia um «*burguês*» no seu contrário, e foi assim que, regressado a Angoulême em mísero estado físico e mental, Lucien se deixou de novo apossar pela vaidade e, para justificar a seus olhos a desconfiança de que a mãe e a irmã lhe davam mostras, pensou: «*Elas são burguesas, não podem compreender-me*»<sup>381</sup>. Elas eram «*burguesas*», e por isso *philistines*, porque não viam qualquer opróbrio em se chamar Chardon, enquanto Lucien pretendia legitimar graças à boémia artística o nome de Rubempré. Eram numerosos os que pensavam assim. Depois de ter mencionado, além de Claude Vignon, vários outros literatos da *Comédie*, Balzac comentou que «*ele procede do seio da burguesia, à qual devemos a maioria dos grandes escritores*»<sup>382</sup>. Tratava-se de uma situação ambígua, porém, que em qualquer momento se podia reverter, e quando Nathan quis denegrir Lousteau evocou «*um filho de burguês vindo de Sancerre para ser poeta e que se torna o bravo da primeira revista que lhe apareça*» etc.<sup>383</sup>.

O tema de uma campanha antiburguesa conduzida por burgueses que se pretendiam culturalmente aristocratas viria a assumir a sua dimensão mais perigosa na génese do fascismo e durante as lutas sociais e políticas da primeira metade do século XX. A questão é, aliás, bastante complexa e a crítica de esquerda à burguesia nem sempre se demarcou facilmente da crítica de direita. Na medida em que se considerasse a oposição do «*proletário*», identificado ao «*operário*» vigoroso, a um «*burguês*» entendido como um ser pusilânime, estava de algum modo a antecipar-se a dialéctica histórica do marxismo. Se o «*proletário*» era a face revoltada do «*operário*», do outro lado o «*burguês*» desempenhava um papel torpe e mesquinho. Ao mesmo tempo, porém, esta redução da «*burguesia*» a uma entidade puramente moral e não económica, operação ideológica efectuada pela nobreza e pela boémia artística saída da própria burguesia, antecipou a renovação fascista das elites, que pretendia mais tarde anular a preponderância da burguesia tradicional sem em nada comprometer o funcionamento da economia capitalista.

---

<sup>379</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 112-113.

<sup>380</sup> *Ibid.*, VIII 52.

<sup>381</sup> *Illusions perdues*, V 647.

<sup>382</sup> *Béatrix*, II 723-724.

<sup>383</sup> *La Muse du département*, IV 763.

Tanto o autor de *La Comédie humaine* como as figuras que povoaram aquele universo podiam referir a existência de formas estéticas caracterizadamente burguesas sem por isso serem *philistines*. «O autor conta na sua obra suficientes desfechos em harmonia com as leis da poética do romance para se atrever a seguir, uma vez por outra, os da natureza social, em que tudo parece firmemente ligado e em que tudo acaba por se arranjar de maneira bastante burguesa, muitas vezes sem a mínima comoção»<sup>384</sup>. E acerca da «sociedade» que «nos passa pelas mãos», um notário exclamou «ah! garanto-lhe que se pudessemos revelar o segredo de certas doações, os nossos escritores poderiam fazer com eles terríveis tragédias burguesas»<sup>385</sup>. Referindo-se a uma das suas obras mais lidas, o romancista classificou-a como «uma terrível acção, uma tragédia burguesa sem veneno nem punhal nem sangue derramado; mas, relativamente aos actores, mais cruel do que todos os dramas ocorridos na ilustre família dos Átridas»<sup>386</sup>. «Que possa esta história», a história de César Birotteau, «ser o poema das vicissitudes burguesas pelas quais nenhuma voz se interessou»<sup>387</sup>, e Balzac considerou outra das suas obras como um «drama burguês»<sup>388</sup>. Nem a ironia apagou a classificação rigorosa do género literário quando Balzac enunciou a conclusão de uma novela. «De que maneira contar o desfecho desta aventura, já que é horrivelmente burguês. Uma palavra bastará para os adoradores do ideal. A duquesa engravidou»<sup>389</sup>. Só a estupenda impertinência aristocrática da princesa de Cadignan explica que ela tivesse dito a d'Arthez: «Acabastes, vós, os escritores, por tornar bastante risíveis as mulheres que se pretendem incompreendidas, que estão mal casadas, que se fingem dramáticas, interessantes, o que me parece maximamente burguês»<sup>390</sup>. A princesa rejeitava o drama burguês precisamente por ele ser burguês. Por outro lado, não há dúvida de que tanto Balzac como os artistas que lhe saíram da pluma consideraram os burgueses incapazes de entender e apreciar um «drama burguês», uma «tragédia burguesa». «Se tantas acusações estúpidas não fossem repetidas todos os dias», escreveu Balzac acerca das censuras que lhe eram dirigidas, «e não encontrassem dignos e virtuosos burgueses suficientemente pouco instruídos para as proclamarem da tribuna e em face do país [...]»<sup>391</sup>. O que explica que este autor de romances tivesse evocado «os mil estragos dos romances que se introduzem numa existência burguesa»<sup>392</sup>.

A sociedade burguesa poderia, então, fornecer matéria para a arte, mas não um público, e de todos os pintores da *Comédie* só Pierre Grassou foi classificado como «o pintor

---

<sup>384</sup> Préface da primeira edição de *Une fille d'Ève*, II 262.

<sup>385</sup> *La Femme de trente ans*, II 1152.

<sup>386</sup> *Engénie Grandet*, III 1148.

<sup>387</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 81.

<sup>388</sup> *Le Curé de Tours*, IV 200.

<sup>389</sup> *Massimilla Doni*, X 619.

<sup>390</sup> *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, VI 981.

<sup>391</sup> Préface da primeira edição da terceira parte de *Illusions perdues*, V 120.

<sup>392</sup> *Modeste Mignon*, I 540.

dos *burgueses*»<sup>393</sup>. Mediocre profissional, nascera «para ser um virtuoso *burguês*»<sup>394</sup>, e temos no seu caso um «*burguês*» compondo telas para «*burgueses*», num círculo vicioso da estética. «Abyssus abyssum, o *burguês* atrai o *burguês*»<sup>395</sup>, comentou Balzac a propósito do prazer que uma exemplar família de *philistins* sentia em visitar o *atelier* de Grassou. Devido à habilidade adquirida ao longo do tempo, Grassou «conseguiu aquela técnica satisfatória, aquele grau de execução que leva o artista a encolher os ombros e de que a burguesia tanto gosta»<sup>396</sup>. «[...] Pierre Grassou [...] fazia mamarrachos ao gosto da Burguesia, cujos apartamentos excluem as grandes telas»<sup>397</sup>. O pequeno conto intitulado *Pierre Grassou* retrata um artista medíocre, sendo esta mediocridade classificada com o vocabulário de conotação estética em que «*burguês*» era sinónimo de *philistin*. Trata-se de um excelente exercício de ironia semântica, o lugar da *Comédie* onde está melhor definido o antagonismo entre o «*burguês*» e o artista e onde melhor está explicado o carácter do *philistin*.

Mas a situação não era desprovida de uma certa simetria, porque do mesmo modo que «*burguês*» podia ser um termo depreciativo para a nobreza e para a boémia artística, também os hábitos da velha nobreza eram comentados negativamente por alguns «*burgueses críticos*»<sup>398</sup>. Balzac mencionou «a notabilidade mais considerável da burguesia, o chefe da pequena propriedade ciumenta, invejosa, ruminando e apregoando contra a aristocracia as maledicências»<sup>399</sup>, mas o que no seu ponto de vista eram «*maledicências*» eram sem dúvida verdades, ou pelo menos armas ideológicas, para a burguesia. Explicando ao notário Chesnel, velho servidor dos d'Esgrignon, os motivos por que não queria transigir e poupar ao jovem conde Victurnien a vergonha de um processo como falsário, disse du Croisier: «Senhor Chesnel, [...] trata-se de ensinar a esses seus senhores da nobreza que há uma justiça, leis, uma burguesia, uma pequena nobreza que valem tanto como eles e que os têm nas mãos!»<sup>400</sup>. Por seu lado, o doutor Minoret observou que «os nobres acham que nunca nos devem favores a nós, *burgueses*»<sup>401</sup>. E quando Grandet exclamou que «as jovens mais honestas podem cair em falta [...] vê-se isso entre a alta nobreza [*chez les grands seigneurs*] e até entre os *burgueses*»<sup>402</sup>, este «até» contém toda uma lição. Na *Comédie* não existia, contudo, qualquer equivalência entre o desprezo dos nobres pelos *burgueses* e o dos *burgueses* pelos

---

<sup>393</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 27. «[...] Pierre Grassou, o pintor de renome entre a burguesia [...]» – *La Cousine Bette*, VII 157.

<sup>394</sup> *Pierre Grassou*, VI 1096.

<sup>395</sup> *Ibid.*, VI 1106.

<sup>396</sup> *Ibid.*, VI 1101.

<sup>397</sup> *La Rabouilleuse*, IV 525.

<sup>398</sup> *Béatrix*, II 845.

<sup>399</sup> *L'illustre Gandissart*, IV 577.

<sup>400</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1054.

<sup>401</sup> *Ursule Mirouët*, III 889.

<sup>402</sup> *Eugénie Grandet*, III 1155.

nobres. «Nunca o homem de espírito se rebaixa a examinar os burgueses, que lhe escapam graças a esta inadvertência; e, enquanto se ri deles, eles têm tempo para o garrotar»<sup>403</sup>. Nesta oposição ao «homem de espírito», o «burguês» definia-se uma vez mais como *philistin*, mas afinal era ele quem triunfava.

Podia suceder que burgueses com pretensões aristocráticas proferissem a palavra «burguesia» com o mesmo desprezo com que a nobreza o fazia. Ouvimos já o financeiro du Tillet recriminar a esposa, filha de um conde. «Tendes um ar burguês e simplório que me deixa desolado»<sup>404</sup>. E quando quis ser simpático para com a senhora Colleville e acariciar-lhe as pretensões a mulher elegante, La Peyrade evocou perante ela «esses odiosos burgueses que nada sabem a vosso respeito, nem sequer o valor artístico de uma das vossas atitudes»<sup>405</sup>, o que não o impediu de lhe dizer também «vós sois o espírito e a beleza deste pequeno mundo burguês»<sup>406</sup>, numa involuntária demonstração de ambiguidade terminológica. Mas estes casos foram excepcionais, e em regra quando era empregue pelos próprios burgueses o vocábulo «bourgeois» e os seus derivados surgiu de maneira objectiva ou até elogiosa na *Comédie*. Bianchon, a quem Rastignac acabara de censurar pelas suas «opiniões liberais», disse-lhe que Madame d'Espard, «nobre ou burguesa, [...] seria sempre o tipo mais completo do egoísmo»<sup>407</sup>. Aqui tratava-se estritamente de uma classificação social, pois a palavra «burguesa» jamais poderia sair com um sentido depreciativa da boca de Bianchon, acerca de quem Rastignac observou «pobre Bianchon! nunca passará de um homem de bem»<sup>408</sup>, o que neste contexto significava exactamente «um burguês». E quando um agricultor abastado, que ao longo dos anos acumulara uma fortuna considerável, se referiu a um cocheiro, que também prosperara, dizendo que «Pierrotin é agora o único dono da carreira de diligências do vale do Oise [...] É um burguês de Beaumont»<sup>409</sup>, tratava-se de uma apreciação positiva que a burguesia fazia dela mesma. Por isso «o jovem Vinet achou que agia astuciosamente deixando satisfeito aquele salão cheio de pequeno-burgueses, se celebrasse a burguesia»<sup>410</sup>. Phellion, «esse modelo de pequeno-burguês»<sup>411</sup>, cuja «compaixão burguesa» foi mencionada pelo romancista<sup>412</sup>, proclamou: «A Burguesia possui em muito mais alto grau do que a nobreza, que ela tem a vocação de substituir, as obrigações das altas virtudes»<sup>413</sup>. E quando

---

<sup>403</sup> *La Muse du département*, IV 742.

<sup>404</sup> *Une fille d'Ève*, II 289.

<sup>405</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 75.

<sup>406</sup> *Ibid.*, VIII 112.

<sup>407</sup> *L'Interdiction*, III 423.

<sup>408</sup> *Ibid.*, III 427.

<sup>409</sup> *Un début dans la vie*, I 882.

<sup>410</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 59.

<sup>411</sup> *Ibid.*, VIII 50.

<sup>412</sup> *Ibid.*, VIII 89.

<sup>413</sup> *Ibid.*, VIII 95.

David Séchard, antevendo as transformações que o convívio com *Madame* de Bargeton provocaria em Lucien de Rubempré, «*receou que ele passasse a desdenhar os costumes burgueses*»<sup>414</sup>, a expressão ficou nos antípodas da acepção pejorativa. Mais tarde, desencantado de Paris e de *Madame* de Bargeton, Lucien lembrou-se de Angoulême com os olhos do seu amigo, «*recordou o lindo apartamento que David lhe decorara com o sacrifício de uma parte da sua fortuna, teve uma visão das alegrias tranquilas, modestas, burguesas que ali sentira*»<sup>415</sup>. O orgulho de ter certos costumes correspondia ao orgulho de pertencer a uma certa classe. Referindo-se ao notário Pierquin, Marguerite Claës disse que «*a sua família é da mais alta e da mais antiga burguesia*»<sup>416</sup>. Adoptando a mesma perspectiva, a esposa de François Minoret-Levrault, um ricoço de província, empresário de diligências, exclamou que «*os Minoret têm quinhentos anos de boa burguesia. Isto equivale à nobreza*»<sup>417</sup>. Não eram idênticas as estratégias matrimoniais de uma e outra classe? «*[...] todo o burguês é primo de um burguês, todo o nobre é primo de um nobre. [...] A teia da nobreza envolvida pela teia da burguesia [...]*»<sup>418</sup>.

Uma família burguesa podia, contra a nobreza, reivindicar a sua própria antiguidade, e os termos «*bourgeois*» e «*bourgeoisie*» aparecem também na *Comédie* numa acepção puramente histórica. Guérande era uma pequena cidade bretã imobilizada no tempo, «*completamente exterior ao movimento social*»<sup>419</sup>, um vestígio do feudalismo, onde as pessoas da plebe «*respeitam ainda as distâncias que separam a burguesia, a nobreza e o clero*»<sup>420</sup>. Mas para quê evocar a mentalidade dessa gente arcaica se temos as palavras do próprio Balzac? Numa das suas novelas ele referiu abundantemente os «*burgueses*» e a «*burguesia*» na época de Luís XI e até em relação directa com este monarca<sup>421</sup>, e as menções são especialmente numerosas em dois romances, num para descrever a linhagem familiar dos protagonistas<sup>422</sup> e no outro para analisar os conflitos sociais e ideológicos ocorridos em França entre o partido católico e o calvinista<sup>423</sup>. «*[...] uma dessas famílias burguesas que constituíram os primeiros apoios do calvinismo*», escreveu Balzac<sup>424</sup>, que noutra lugar sublinhou a devoção sincera ao

---

<sup>414</sup> *Illusions perdues*, V 234.

<sup>415</sup> *Ibid.*, V 291.

<sup>416</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 810.

<sup>417</sup> *Ursule Mirouët*, III 845.

<sup>418</sup> *Ibid.*, III 783.

<sup>419</sup> *Béatrix*, II 637.

<sup>420</sup> *Ibid.*, II 640.

<sup>421</sup> *Maître Cornélius*, XI 17, 18, 19, 35, 55, 58, 60. Em *Ursule Mirouët*, III 782, a expressão «*a burguesia de Nemours*» referia-se também ao reinado de Luís XI.

<sup>422</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 660-661, 661, 662, 663, 666, 682, 695, 709.

<sup>423</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 205, 207, 208, 209, 211, 212, 215, 216, 221, 225, 226, 230, 231, 232, 239, 253, 254, 265, 270, 303, 309, 310, 312, 314, 317, 320, 325, 337, 338, 340, 343, 344, 345, 355, 362, 366, 369, 370, 371, 372, 378, 395, 397, 412, 414-415.

<sup>424</sup> *La Muse du département*, IV 634.

calvinismo por parte dos «*jovens da burguesia francesa*»<sup>425</sup>. Os ecos reverberavam ainda três séculos depois. Calvino «*sublevava povos inteiros semeando as doutrinas republicanas no coração das Burguesias*»<sup>426</sup>. Balzac classificou este reformador da religião, «*que não se chamava Calvin, mas Cauvin*», e «*era filho de um tanoeiro de Noyon, na Picardia*», como «*um burguês francês*»<sup>427</sup> e fê-lo exclamar: «*Os burgueses compreenderam-me [...]*»<sup>428</sup>. A tese de que o calvinismo fora o precursor do liberalismo constitui um dos eixos de *Sur Catherine de Médicis*, onde ouvimos um jovem calvinista dizer, numa lúcida previsão do que a Revolução haveria mais tarde de realizar: «*Chegou a hora de podar a França dos monges, de entregar os seus bens à Coroa, que mais cedo ou mais tarde os há-de vender à burguesia*»<sup>429</sup>. Lecamus, o síndico da corporação dos peleiros, explicou, passo a passo: «*A Reforma [...] entregaria à burguesia as terras da Igreja. Uma vez suprimidos os privilégios eclesiásticos, os reformados tencionam exigir que nobres e burgueses sejam iguais em matéria de tributo*». Recordou também que «*nos Países Baixos os burgueses governam-se a si mesmos mediante os seus próprios vereadores, os quais elegem eles mesmos um chefe temporário*», e afirmou em seguida: «*Somos velhos demais para assistir ao triunfo da burguesia de Paris, mas ela há-de triunfar [...]*». Neste contexto Balzac mencionou «*as audácias burguesas da Liga*»<sup>430</sup>. Mais tarde, pouco antes da Revolução, Robespierre contou um sonho em que Catarina lhe aparecera. «*Chamando a atenção de todos os burgueses para os abusos da Igreja romana, disse ela, Lutero e Calvino fizeram nascer na Europa um espírito de indagação que devia levar os povos a quererem examinar tudo*»<sup>431</sup>. Ao defender a tese da relação directa entre o calvinismo e o liberalismo, Balzac conferiu a esta «*burguesia*» e àquelas «*famílias burguesas*» uma conotação tanto arcaica como moderna, pondo a elasticidade semântica ao serviço da sua interpretação da história.

A respeito da obra de Walter Scott, o romancista recordou «*a luta do servo ou da burguesia contra a nobreza*», enumerando entre as entidades sociais «*um burguês, mercador ou artesão*»<sup>432</sup>. E referindo-se aos «*costumes de outrora*», Félix Davin, ou Balzac por ele, evocou «*o camponês, o burguês, o artesão, o soldado, o magistrado, o homem de Igreja, o nobre e o príncipe*»<sup>433</sup>, um enunciado onde «*o burguês*» apareceu ambigualmente como estado e como categoria profissional. Noutras passagens o termo designou o membro de pleno direito de uma cidade medieval, aquele que lhe dava um corpo sólido. «*Nos primeiros tempos da monarquia,*

---

<sup>425</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 216.

<sup>426</sup> *Ibid.*, XI 253.

<sup>427</sup> *Ibid.*, XI 337.

<sup>428</sup> *Ibid.*, XI 345.

<sup>429</sup> *Ibid.*, XI 215.

<sup>430</sup> *Ibid.*, XI 232.

<sup>431</sup> *Ibid.*, XI 452.

<sup>432</sup> *Préface* da primeira edição de *Une fille d'Ève*, II 263. Os «*burgueses*» na obra de Walter Scott foram igualmente referidos por Félix Davin na *Introduction* aos *Études philosophiques*, X 1208.

<sup>433</sup> Félix Davin, *Introduction* aos *Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1154.



[...] os vilões [...] e os burgueses pertenciam a jurisdições urbanas ou senhoriais [...]»<sup>434</sup>. Assim, a expressão «*algum burguês*» indica uma pessoa que pertencera à elite cívica de um velho burgo<sup>435</sup> e, a respeito de uma instituição que desde o século XII existia em Milão, Balzac sublinhou o «*patriotismo dos burgueses e dos nobres pela sua cidade*»<sup>436</sup>. Do mesmo modo, numa narrativa situada «*numa época assaz indeterminada da história do Brabante*»<sup>437</sup>, numa Idade Média brumosa, encontramos «*um opulento [gros] burguês de Bruges*»<sup>438</sup>. Nos primeiros anos do século XIV vemos referidos «*burgueses ricos*»<sup>439</sup> e as menções continuaram a propósito de épocas posteriores, quando o patriciado urbano começara já a fornecer os quadros para a *noblesse de robe* e a *noblesse parlementaire*. Numas folhas postas de lado o romancista escreveu que a magistratura «*era desde sempre apanágio das notabilidades da Burguesia*»<sup>440</sup>. Consignada com maiúscula e no velho sentido do termo, «*a Burguesia*» aparece aqui como um *état*, um estrato social juridicamente definido, tanto mais que na obra publicada lemos que os lugares da magistratura e da finança «*baveriam sempre de ser como outrora apanágio das notabilidades do tiers état*»<sup>441</sup>, quer dizer, daqueles que não eram nobres nem dignitários eclesiásticos. Neste mesmo sentido foi evocada uma «*velha família parlamentar, burguesa sob Henrique IV*»<sup>442</sup>. Quando Balzac mencionou «*a burguesia do século dezasseis*»<sup>443</sup>, no manuscrito e na edição original ele havia escrito «*a opulência [opulence]*» em vez de «*a burguesia*»<sup>444</sup>, revelando que traço pretendia salientar na elite urbana de outrora. E assim «*um capricho de burguês enriquecido sob Luís XIV*»<sup>445</sup> só pode entender-se à luz de outros exemplos, como o de «*um tal Bergeret*», «*um fermier général dos velhos tempos*», ou seja, um financeiro que arrendava a cobrança dos impostos, «*homem célebre pela originalidade e que, entre outras heliogabalices, ia à Ópera com os cabelos empoados de ouro, mandava iluminar só para si o seu parque ou dava para si mesmo uma festa sumptuosa*». Balzac chamou-lhe «*esse burguês Sardanapalo*»<sup>446</sup>.

<sup>434</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 709.

<sup>435</sup> *Engénie Grandet*, III 1028. Em *La Rabouilleuse*, IV 359, a propósito de Issoudun, o romancista mencionou «*os usos e costumes da burguesia na Idade Média*», assim como recordou «*a antiga burguesia parisiense*» em *L'Interdiction*, III 472.

<sup>436</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 22.

<sup>437</sup> *Jésus-Christ en Flandre*, X 311.

<sup>438</sup> *Ibid.*, X 313. O mesmo personagem é novamente classificado como «*burguês*» na pág. 317.

<sup>439</sup> *Les Proscrits*, XI 537. Ver ainda a pág. 528.

<sup>440</sup> *Le Bal de Sceaux*, I 1211.

<sup>441</sup> *Ibid.*, I 118.

<sup>442</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1006.

<sup>443</sup> *La Maison du chat-qui-pelote*, I 39. Note-se que na primeira edição o romancista referira o século XV, embora no manuscrito tivesse indicado o século XVI. Ver *ibid.*, I 1184 n. g da pág. 39.

<sup>444</sup> *Ibid.*, I 1184 n. f da pág. 39.

<sup>445</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 25.

<sup>446</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 952.

Referindo-se à Idade Média, Balzac evocou «o tempo em que a burguesia era unicamente comerciante»<sup>447</sup>. Era heróica também, porque «um bom burgomestre dos Países Baixos» foi «capaz [...] de morrer burguesamente e sem grandes gestos [sans éclat] pelos interesses da sua Hansa»<sup>448</sup>, e o falso abade Herrera mencionou «um burguês chamado Jacques Cœur», «o heróico burguês»<sup>449</sup>. O emprego de «burguesia» e de «burguês» na acepção arcaica nunca adquiriu em *La Comédie humaine* conotações depreciativas. A Revolução Francesa ampliara a todo o país a cidadania que antes distinguira apenas o patriciado das cidades, e fora esta operação política que convertera a velha «burguesia» tão admirada por Balzac na nova «burguesia» que ele tanto odiava. Mas não foi só nas análises históricas e nas afirmações teóricas que Balzac poupou a antiga burguesia do opróbrio que lançava sobre a nova. Talvez mais reveladoramente ainda, ele lembrou as «construções burguesas dos velhos tempos»<sup>450</sup>, e quando conhecemos a importância que teve o tema do *philistinisme* para os artistas daquela época, é esclarecedor que Balzac tivesse escrito, a respeito das «existências burguesas» do século XVI, que nelas «a Arte estava sempre representada»<sup>451</sup>. Não se tratou de uma afirmação ocasional, pois o romancista deu-lhe o valor de uma regra geral. «Esta encantadora construção, devida à burguesia do século dezasseis, e que tão bem completa a história daquele tempo, quando o rei, a nobreza e a burguesia rivalizavam em graciosidade, em elegância e em riqueza na construção das suas residências [...]»<sup>452</sup>. Ora, a certo passo da mesma obra, ao mencionar os jardins adjacentes ao palácio de Blois, Balzac escreveu que uma parte deles, «nos nossos dias, é o pomar de algum burguês»<sup>453</sup>, e veja-se como a passagem para o século XIX foi suficiente para fazer mudar o tom, adquirendo o termo «burguês» um sentido depreciativo que nunca teve no resto do livro, quando se tratava do século XVI. Arguto intérprete das semiologias silenciosas, o romancista, que acerca da casa dos Claës comentou que ela «mostrava aos apreciadores de antiguidades burguesas o tipo das modestas casas construídas pela rica burguesia na Idade Média»<sup>454</sup>, deplorou que «a majestade burguesa do salão dos Cormon deixou de existir quando ficou branco e dourado, mobilado com otomanas de mogno e revestido de seda azul»<sup>455</sup>. Mas é que o velho mobiliário de Rose Cormon fora herdado de uma família que se aparentava à nobreza e que, além disso, representava o que a burguesia havia sido durante o *ancien régime*, enquanto o marido, embora proviesse também de uma velha família,

---

<sup>447</sup> *Les Paysans*, IX 255.

<sup>448</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 660-661.

<sup>449</sup> *Illusions perdues*, V 697.

<sup>450</sup> *Le Curé de village*, IX 641.

<sup>451</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 239.

<sup>452</sup> *Ibid.*, XI 309.

<sup>453</sup> *Ibid.*, XI 236.

<sup>454</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 663.

<sup>455</sup> *La Vieille Fille*, IV 923.

representava a nova burguesia, a da República e dos negócios do Directório. «[...] o interior da casa denotava o fornecedor do Directório»<sup>456</sup>, traduzindo aqui «*fournisseur*» por «fornecedor», os financeiros que realizaram enormes lucros com o abastecimento do exército e da marinha de guerra.

Em *La Comédie humaine* foi o modo de produção capitalista, e só ele, a justificar as dúvidas e reticências colocadas à «burguesia» e ao «burguês», enquanto a «burguesia» dos séculos anteriores sempre, sem excepção, mereceu o respeito de Balzac. «[...] das grandezas daquela velha burguesia, que foi, sem dúvida, grande, livre e nobre, mais talvez do que a burguesia de hoje [...]»<sup>457</sup>. O romancista referiu com admiração «a modéstia das famílias burguesas no tempo em que as Ordens se mantinham no lugar que lhes cabia no Estado»<sup>458</sup> e, esquecendo decerto aquele «capricho de burguês enriquecido» e as «heliogabalices» de um «burguês Sardanapalo», propôs-se «comparar a Burguesia de outrora à Burguesia de hoje»<sup>459</sup>. Bastava a conotação arcaica para conferir ao vocábulo uma acepção positiva, por exemplo quando Desplein, ao fazer o panegírico do carácter de Bourgeat, afirmou que ele «tinha um semblante burguês da Idade Média»<sup>460</sup>, o que seria o oposto a ter simplesmente «um semblante burguês». E não foi decerto por acaso que, acerca de um dos personagens mais elogiados da *Comédie*, o romancista explicou: «[...] a casa habitada pelo juiz Popinot, [...] espécimen da velha burguesia»<sup>461</sup>. Quando o notário Chesnel, modelo da «dedicação feudal do servidor ao senhor»<sup>462</sup>, tentou convencer a esposa de du Croisier dizendo-lhe «minha senhora, [...] vós, a glória da Burguesia como os d'Esgrignon são a glória da Nobreza desta província»<sup>463</sup>, subjacente a este apelo estavam as noções do *ancien régime*, em que cada *état* tinha as suas elites. Sempre que Balzac ou um dos seus personagens evocava as raízes históricas de alguma família burguesa da capital, podemos estar certos de que o fazia num sentido elogioso. «Um honesto notário», por exemplo, era o chefe de «uma velha família da burguesia parisiense»<sup>464</sup>, a sua esposa era uma «digna burguesa» e eles pertenciam a uma das «velhas famílias burguesas»<sup>465</sup>. Era esta a aspiração de César Birotteau ao dizer à esposa «quero que nos aposentemos como bons burgueses de Paris com quinze mil

---

<sup>456</sup> Ibid., IV 924.

<sup>457</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 205.

<sup>458</sup> *Un début dans la vie*, I 746.

<sup>459</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 23.

<sup>460</sup> *La Messe de l'athée*, III 398-399.

<sup>461</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 22.

<sup>462</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1095. Referindo-se a Chesnel, escreveu Balzac na pág. 1095: «Este sentimento, que já só existia nos confins da província e entre alguns velhos servidores da realeza, dignificava tanto a Nobreza que inspirava tais afeições como a Burguesia que as concebia».

<sup>463</sup> Ibid., IV 1057.

<sup>464</sup> *La Muse du département*, IV 737.

<sup>465</sup> Ibid., IV 742.

*libras de renda*»<sup>466</sup>, e tratava-se sem dúvida de uma noção arcaica, porque ele explicou: «*Se agir com prudência, conseguirei criar uma casa respeitada na burguesia de Paris, como se fazia outrora, fundar os Birotteau como há os Keller, os Jules Desmarets*», etc., etc.<sup>467</sup>. Ao mesmo tempo que evocou os nomes de grandes capitalistas seus contemporâneos, Birotteau sublinhou «*como se fazia outrora*». E isto não se deveu ao facto de ele ser um monárquico legitimista, porque o virtuoso Pillerault, cristão e republicano, modesto comerciante aposentado, disse do mesmo modo, acerca do casal Ragon, «*peças tão dignas, tão nobres, a fina flor da velha burguesia, enfim!*»<sup>468</sup>, empregando «*velha*» como um termo elogioso. Encontra-se uma idêntica conjugação das direitas e das esquerdas burguesas no enaltecimento do carácter arcaico da «*burguesia*» quando um jornal clerical e apologista do governo da Restauração classificou Isidore Baudoyer como «*representante de uma das mais antigas famílias da burguesia parisiense*», considerando em seguida «*como é vão o palavreado do liberalismo acerca do espírito da burguesia parisiense. Desde sempre que a alta burguesia é realista*»<sup>469</sup>. Ora, um jornal da oposição liberal, em resposta a este artigo, mencionou «*a antiguidade burguesa do senhor Baudoyer*» e acrescentou que «*evocar o senhor Baudoyer é prestar homenagem às virtudes, aos talentos das classes médias*»<sup>470</sup>.

Não foi ocasionalmente que aquele jornal liberal mencionou «*as classes médias*», lembrando assim o posicionamento da burguesia nas novas hierarquias sociais. «*[...] percorrer todos os graus da escala social e mostrar alternadamente o camponês, o mendigo, o pastor, o burguês, o ministro [...] o rei e o padre, esses dois últimos escalões da nossa hierarquia em derrocada*», explicou um amigo do romancista, a seu pedido<sup>471</sup>. Outro amigo, que também lhe emprestou a pena, enumerou em ordem socialmente crescente «*o povo, a burguesia e os grandes*»<sup>472</sup> e anunciou que Balzac evocara «*todas as fisionomias pálidas e apagadas da nobreza, da burguesia e do povo da nossa época*»<sup>473</sup>. Atento à lição do império napoleónico, que fizera proliferar a burocracia de Estado e a legara à Restauração, Balzac procedeu à divisão tripartida de uma cidade de província, «*a Angoulême nobre, a Angoulême administrativa, a Angoulême burguesa*»<sup>474</sup>. Noutro lugar a divisão tripartida esqueceu a nobreza e incidiu apenas na parte moderna da

<sup>466</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau* [...], VI 45.

<sup>467</sup> *Ibid.*, VI 49.

<sup>468</sup> *Ibid.*, VI 122. «*[...] os Ragon, modelo da mais respeitável burguesia*», leio na pág. 133, e mais elucidativamente, na pág. 226, Balzac evocou «*aquele século dezoito, cuja burguesia grave e séria, de costumes cómicos, de ideias respeitadas para com a nobreza, devotada ao soberano e à Igreja, era admiravelmente representada pelos Ragon*».

<sup>469</sup> *Les Employés*, VII 1033.

<sup>470</sup> *Ibid.*, VII 1041.

<sup>471</sup> P[hilarète] Ch[asles], *Introduction aos Romans et contes philosophiques*, X 1196.

<sup>472</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1155. Também, Clousier, juiz de paz de Montégnac, mencionou «*a burguesia*» em simultânea oposição aos nobres e aos camponeses. Ver *Le Curé de village*, IX 818.

<sup>473</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études philosophiques*, X 1208.

<sup>474</sup> *Illusions perdues*, V 195. Seria por ter antecipado os administradores de Estado que «*Mazarin é rejeitado pela Burguesia e pela Nobreza juntas*»? Ver *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 474.

sociedade, indicando «a fúria das massas, a malvadez da burguesia e a hostilidade da administração»<sup>475</sup>. E num vasto fresco, onde descreveu a mobilidade ascendente provocada pelo movimento económico da capital, Balzac ordenou, de baixo até cima, os estratos da burguesia. Começou pela «pequena burguesia», «os comerciantes grossistas e os seus aprendizes, os empregados, o pessoal dos pequenos bancos [...], os primeiros e os últimos caixeiros, os escreventes do meirinho, do procurador, do notário»<sup>476</sup>. Numa camada superior o romancista mencionou «a alta burguesia», explicando que o laborioso esforço dos pais «beneficia [...] os filhos, que esta pequena burguesia tende necessariamente a elevar até à alta burguesia»<sup>477</sup>. «O tipo desta classe seria quer o burguês ambicioso, que [...] entra para o Conselho de Estado [...]; quer um redactor de jornal [...] que o Rei faz par de França [...]; quer um notário que se tornou maire da sua circunscricção [...]»<sup>478</sup>.

Era a mobilidade social que ameaçava «a nossa hierarquia em derrocada», e as relações entre a burguesia e a velha nobreza não foram simples. Numa cena passada em 1793, o romancista explicou que, «apesar de Madame de Dey não frequentar outrora senão as famílias nobres da região quando vinha visitar as suas propriedades, ela tinha, por política, aberto a sua casa aos principais burgueses da cidade e às novas autoridades»<sup>479</sup>. O Império continuou neste plano, como em alguns outros, a obra da Revolução, mas apesar de «os elementos burgueses e os elementos nobres» terem estado «durante um momento reunidos sob a pressão da grande autoridade napoleónica»<sup>480</sup>, a situação inverteu-se em seguida. O romancista evocou «a barreira que nesse tempo», nos primeiros anos da Restauração, «os nobres da província erguiam entre eles e a burguesia»<sup>481</sup>. Esta reacção não ocorreu só na província, aliás, mas igualmente em Paris, e como regra geral deve dizer-se que a Restauração correspondeu «ao regresso da antiga sociedade, que repelia a burguesia»<sup>482</sup>. Apesar disto continuou a ocorrer na *Comédie* uma permanente tensão entre, por um lado, a fusão de ambas as elites, «os burgueses semiaristocratas»<sup>483</sup>, e, por outro lado, o esforço da nobreza para afirmar a sua distinção, que levava o duque de Hérerville a saudar o conde de La Palférine «daquele modo especial que, sem denotar estima ou intimidade, diz a todos: “Somos da mesma família, da mesma raça, equivalemo-nos!”». Este tipo de cumprimento,

---

<sup>475</sup> *Une ténébreuse affaire*, VIII 641.

<sup>476</sup> *La Fille aux yeux d'or*, V 1044-1045.

<sup>477</sup> *Ibid.*, V 1046.

<sup>478</sup> *Ibid.*, V 1048-1049.

<sup>479</sup> *Le Réquisitionnaire*, X 1106.

<sup>480</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 979.

<sup>481</sup> *La Vieille Fille*, IV 879. «Nos dois últimos anos a sociedade da cidade», a cidade de Douai, «passara a dividir-se em dois campos inimigos. A nobreza formara um primeiro círculo e a burguesia um segundo, naturalmente muito hostil ao primeiro» — *La Recherche de l'Absolu*, X 796.

<sup>482</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 34.

<sup>483</sup> *Traité de la vie élégante*, XII 239.

acrescentou Balzac, «foi criado para desespero das pessoas de espírito da alta burguesia»<sup>484</sup>. E destacavam-se algumas personalidades inflexíveis, como «a condessa de Cinq-Cygne, uma das sumidades aristocráticas, cujo salão era inacessível à burguesia e aos novos-ricos»<sup>485</sup>.

As «altas classes da burguesia»<sup>486</sup>, mas quais eram elas? «[...] as filhas de banqueiros, de notários e de negociantes; todas elas ricas, mas suportando todas o desdém [...] prodigado pelas outras jovens pertencentes á aristocracia»<sup>487</sup>. Aqui, em vez de ter oposto em bloco a «burguesia» à «aristocracia», Balzac decompô-la em sectores profissionais, mas algumas páginas adiante o romancista mencionou o «grupo das burguesas»<sup>488</sup>. Noutra obra o romancista referiu «a alta banca»<sup>489</sup>, que portanto se destacava dos demais estabelecimentos financeiros. A clivagem não foi tão absoluta noutros lugares. A provincianíssima *Madame des Grassins*, esposa de um banqueiro, disse ao jovem Charles Grandet, recém-chegado da capital: «O nosso salão é o único em Saumur onde vereis reunido o alto comércio e a nobreza»<sup>490</sup>. A propósito de Bayeux, mas no fundo a propósito de todas as pequenas cidades de província, porque «exceptuando alguns usos, todas as pequenas cidades se parecem»<sup>491</sup>, Balzac traçou sarcasticamente o retrato da elite nobre local. «Alguns burgueses ricos introduziram-se naquele pequeno faubourg Saint-Germain, graças às suas convicções aristocráticas ou à sua fortuna. [...] dois ou três eclesiásticos são recebidos nesta sociedade de elite, por causa da estola ou por terem espírito, e porque aqueles nobres personagens, aborrecendo-se entre eles, admitem o elemento burguês nos seus salões, tal como um padeiro põe levedura na massa»<sup>492</sup>. Este convívio reproduzia-se em Alençon, por exemplo, onde Balzac mencionou «a classe burguesa dos negociantes, dos ricos fabricantes, dos criadores de gado [herbagers]»<sup>493</sup>. Ali a posição dominante era ocupada pelos elementos mais abastados e com raízes mais antigas, socialmente próximos da baixa nobreza. «Descendente de uma velha família de Alençon, du Busquier situava-se entre o burguês e o fidalgo de província»<sup>494</sup>. E a família de *Mademoiselle Cormon*, com quem du Bousquier acabaria por se casar, «apesar de plebeia», «frequentava a nobreza, à qual muitas vezes se aliara matrimonialmente»; em suma, «não havia burguesia que mais se assemelhasse à nobreza»<sup>495</sup>. A classificação social repetiu-se noutra obra, onde du Bousquier apareceu com o nome de du

---

<sup>484</sup> *La Cousine Bette*, VII 407.

<sup>485</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 254.

<sup>486</sup> *Ibid.*, VIII 325.

<sup>487</sup> *La Vendetta*, I 1043.

<sup>488</sup> *Ibid.*, I 1047.

<sup>489</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 207.

<sup>490</sup> *Engénie Grandet*, III 1061.

<sup>491</sup> *La Femme abandonnée*, II 463.

<sup>492</sup> *Ibid.*, II 466.

<sup>493</sup> *La Vieille Fille*, IV 834. «Os burgueses e os proprietários» de Alençon, escreveu o romancista na pág. 929.

<sup>494</sup> *Ibid.*, IV 826.

<sup>495</sup> *Ibid.*, IV 847.

Croisier. «[...] a sociedade meio nobre meio burguesa que se reunia em casa de Monsieur du Croisier»<sup>496</sup>. Uma situação semelhante ocorria noutras cidades, e Balzac explicou que «a maior parte das casas do alto Angoulême é habitada ou por famílias nobres ou por velhas famílias burguesas que vivem dos rendimentos»<sup>497</sup>, observando adiante que «o mercador da cidade alta diz acerca de um negociante dos subúrbios, com um tom de voz indefinível: “É um homem do Houmeau!”»<sup>498</sup>. Noutra cidade de província Balzac evocou «os burgueses ricos que se reuniam em casa do notário Dionis»<sup>499</sup>, e a zona de Issoudun situada entre a porta Saint-Jean e a porta Villate era «o bairro dos burgueses ricos»<sup>500</sup>, sem dúvida a mesma «alta e velha burguesia» que formou um partido de opinião relativamente à sucessão de Jean-Jacques Rouget<sup>501</sup>.

Abaixo da elite burguesa, que podia eventualmente estar relacionada com a nobreza antiga, surgia a pequena burguesia, e o romance *Les Petits Bourgeois* seria perfeitamente revelador do que o nome indica se não tivesse sido deixado por completar. «[...] todos eles, sem ideias, sem instrução, provenientes dos escalões inferiores, apresentavam os tipos e os ridículos da pequena burguesia»<sup>502</sup>. Para Balzac, a pequena burguesia refinava o *philistinisme* que ele e outros encontravam na totalidade da classe burguesa. Em certo passo, os «pequeno-burgueses» que povoam aquele romance foram chamados «todos estes burgueses»<sup>503</sup>, e decerto o eram, enquanto espécie do género; e Thuillier, um dos «pequeno-burgueses» centrais do manuscrito, foi apelidado de «burguês»<sup>504</sup>. Nalgumas áreas da capital podia falar-se da «pequena burguesia do bairro»<sup>505</sup> ou das «famílias de funcionários e a pequena burguesia»<sup>506</sup>. «Em Paris, em cada bairro, há um médico cujo nome e a morada só são conhecidos pela classe inferior, pelos pequeno-burgueses, pelos porteiros [...]»<sup>507</sup>. A clientela deste médico de bairro compunha-se «de pequenos funcionários ou de pequenos fabricantes»<sup>508</sup>, ele exercia a profissão «junto aos pobres, junto aos pequeno-burgueses»<sup>509</sup>. E um procurador amigo do médico explicou: «Ocupo-me [...] das questões dos pequeno-burgueses, dos

<sup>496</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1048.

<sup>497</sup> *Illusions perdues*, V 151.

<sup>498</sup> *Ibid.*, V 152.

<sup>499</sup> *Ursule Mirouët*, III 930.

<sup>500</sup> *La Rabouilleuse*, IV 384.

<sup>501</sup> *Ibid.*, IV 423.

<sup>502</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 49. «Phellion, esse modelo de pequeno-burguês, apresentava tantas virtudes como ridículos» — *ibid.*, VIII 50. «[...] chicanero como uma pequeno-burguesa» — *Les Employés*, VII 907. «[...] uma pequeno-burguesa espalhafatosa e interesseira, devota e enterrada no Marais [...]» — *ibid.*, VII 954.

<sup>503</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 66.

<sup>504</sup> *Ibid.*, VIII 145. Na pág. 148, falando com La Peyrade, Cérizet designou os Thuilliers como «esses teus burgueses».

<sup>505</sup> *Le Cousin Pons*, VII 520.

<sup>506</sup> *La Cousine Bette*, VII 187.

<sup>507</sup> *Le Cousin Pons*, VII 569.

<sup>508</sup> *Ibid.*, VII 623.

<sup>509</sup> *Ibid.*, VII 624.

operários, das pessoas do povo»<sup>510</sup>. Balzac posicionou com exactidão «essa pequena burguesia parisiense, situada acima dos artesãos ricos e abaixo da classe alta»<sup>511</sup>, e noutro lugar indicou «uma esfera que começava na pequena burguesia e que acabava nos chefes de repartição»<sup>512</sup>. A localização podia ser mais complexa, e um dado personagem, «situado acima do mero burguês», «ocupava nos Negócios Estrangeiros a posição mas elevada dos lugares subalternos»<sup>513</sup>.

Na província como em Paris, a pequena burguesia marcava o seu lugar. Filho de uma família nobre onde não contava com a estima dos pais nem dos irmãos, Félix de Vandenesse descreveu os companheiros de colégio. «Os meus camaradas, que pertenciam quase todos à pequena burguesia [...]»<sup>514</sup>. Desenrolando a paisagem social de Alençon, o romancista evocou «todos os salões, os pequenos mercadores, os pobres, os mendigos, a nobreza, o comércio, enfim, toda a cidade»<sup>515</sup>, e «a pequena burguesia»<sup>516</sup> distinguia-se da alta burguesia integrada por *Mademoiselle* Cormon ou por du Bousquier. Noutra pequena cidade, em Provins, havia as «pessoas de situação mais elevada, de burguesia mais antiga», e os burgueses mais mal situados e cuja ascensão era mais recente<sup>517</sup>, sendo estas duas camadas classificadas como «a alta burguesia» e «a burguesia inferior»<sup>518</sup>. A primeira era formada pelas «grandes famílias burguesas de Provins»<sup>519</sup>, e enquanto penava na sua loja de Paris, Sylvie Rogron imaginava-se «recebendo os burgueses de Provins»<sup>520</sup>, que aqui se resumiam ao estrato superior da classe. Eram sonhos que outras realizavam, porque «duas vezes por semana» *Madame* Tiphaine, née Roguin, «recebia toda a burguesia de Provins»<sup>521</sup>, restringindo-se novamente «toda a burguesia» à elite burguesa. Em Nemours, além de três ou quatro famílias da nobreza conhecidas só na localidade, «agrupa-se uma dezena de ricos, antigos moleiros, negociantes aposentados, enfim, uma burguesia em miniatura sob a qual se agitam os pequenos retalhistas, os proletários e os camponeses»<sup>522</sup>. E ao sabermos que a senhora Crémière, «a mulher do recebedor de Nemours», «estava à espera da herança do tio para se dar ares, ornamentar o salão e receber a burguesia»<sup>523</sup>, deduzimos que lhe faltavam ainda os recursos necessários para aparecer como uma das figuras salientes da sua classe. Noutra cidadezita,

---

<sup>510</sup> Ibid., VII 665.

<sup>511</sup> *Les Employés*, VII 933.

<sup>512</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 31.

<sup>513</sup> *Ferragus, chef des Dévorants*, V 863.

<sup>514</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 973.

<sup>515</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1090.

<sup>516</sup> *La Vieille Fille*, IV 880, 895.

<sup>517</sup> *Pierrette*, IV 54.

<sup>518</sup> Ibid., IV 63.

<sup>519</sup> Ibid., IV 68.

<sup>520</sup> Ibid., IV 49.

<sup>521</sup> Ibid., IV 53.

<sup>522</sup> *Ursule Mirouët*, III 782.

<sup>523</sup> Ibid., III 779.



Arcis, um «estalajadeiro» e um «farmacêutico» eram «dois personagens da pequena burguesia»<sup>524</sup>, embora as pessoas presentes na reunião eleitoral em que eles participavam fossem genericamente designadas como «sessenta burgueses»<sup>525</sup>. E o procurador Derville, recordando os difíceis começos na vida, contou que era «o sétimo filho de um pequeno-burguês de Noyon»<sup>526</sup>. Na *Comédie* aparecem outros exemplos do escalonamento da burguesia de província, por exemplo ao vermos que «a influência do seu marido sobre o conde, demonstrada por tantas provas, impedia que a pequena burguesia troçasse da senhora Moreau, que aos olhos dos camponeses parecia um personagem»<sup>527</sup>. E quando sabemos que Zélie, esposa de François Minoret-Levrault, «quis viver burguesmente no interesse do seu filho»<sup>528</sup>, devemos reflectir que se para ela, apesar de ter partido de um nível relativamente abastado, «viver burguesmente» representava uma promoção social, o que não seria para os que se situavam numa condição inferior! Era decerto entre a pequena burguesia que se encontrava «a pobreza envergonhada da classe burguesa»<sup>529</sup>.

A estratificação interna da burguesia gerava desconfiança e fricções e era considerada por muitos uma posição incómoda, por exemplo pelo doutor Benassis, que profetizou: «Se, queira Deus que não, a burguesia derrubasse [...] as superioridades sociais contra as quais a sua vaidade se insurge, a este triunfo seguir-se-ia imediatamente um combate travado pela burguesia contra o povo, que, mais tarde, veria nela uma espécie de nobreza [...]»<sup>530</sup>. Para estes amantes da ordem, o futuro seria mais sombrio ainda se se agravassem as rivalidades no interior da burguesia. «A alta burguesia, disse Dutocq a Thuillier, há-de comportar-se como outrora a aristocracia»<sup>531</sup>. O romancista foi muito sensível à acção corrosiva da burguesia intermédia, sobretudo porque o «camponês», na sua ânsia de fragmentar e dividir a propriedade fundiária, é «convidado sempre a este festim por uma pequena burguesia que faz dele ao mesmo tempo um auxiliar e uma presa. Esse elemento insocial criado pela Revolução há-de um dia absorver a Burguesia, tal como a Burguesia devorou a Nobreza»<sup>532</sup>. Ao mesmo tempo, porém, são muitas as passagens de *La Comédie humaine* que nos mostram a função agregativa da pequena e da média burguesia. Desde uma alta burguesia que, apesar dos pruridos de muitos nobres, cada vez mais se

---

<sup>524</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 731.

<sup>525</sup> *Ibid.*, VIII 735.

<sup>526</sup> *Gobseck*, II 979.

<sup>527</sup> *Un début dans la vie*, I 812.

<sup>528</sup> *Ursule Mirouët*, III 928.

<sup>529</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 62.

<sup>530</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 507. Na pág. 508 lê-se que, «como o triunfo da burguesia sobre o sistema monárquico teve por objectivo aumentar aos olhos do povo o número de privilegiados, o triunfo do povo sobre a burguesia seria o efeito inevitável desta mudança». E a propósito das injustiças cometidas pela administração pública, o doutor Benassis disse, na pág. 460, que elas «alimentam no povo um ódio surdo contra as superioridades sociais. O burguês torna-se e mantém-se o inimigo do pobre».

<sup>531</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 59-60.

<sup>532</sup> *Les Paysans*, IX 49.

mesclava com a velha nobreza, até uma pequeníssima burguesia que confinava com os trabalhadores, a fluidez resultante deste escalonamento progressivo dificultava a ruptura do tecido social. «[...] desde as misérias das baixas classes até aos graves interesses dos opulentos [gros] *burgueses*»<sup>533</sup>. Numa conversa à mesa, o banqueiro Grossetête juntou ao «*camponês*» o «*pequeno-burguês*» ou a «*pequena burguesia*», mantendo a distinção de ambos relativamente à burguesia<sup>534</sup>; em resposta, o cura Bonnet mencionou também «*os pequeno-burgueses*» ao lado dos camponeses<sup>535</sup> e outro dos convivas, o engenheiro Grégoire Gérard, evocou a par o «*pequeno-burguês*» e o «*camponês*»<sup>536</sup>. «[...] um homem gordo, meio camponês meio burguês [...]»<sup>537</sup>. E a propósito da maneira de vestir do velho Jérôme-Nicolas Séchard, rude e analfabeto, antigo dono de uma tipografia, Balzac comentou «*essa roupa em que o operário subsistia ainda no burguês*»<sup>538</sup>. Porém, aquele mesmo Jérôme-Nicolas Séchard, que em conversa com o filho David lhe disse «*os burgueses, quer dizer, o senhor marquês, o senhor conde, os senhores isto e mais aquilo*»<sup>539</sup>, quando o filho lhe confessou que ia casar com Ève Chardon, exclamou, indignado: «*Casas com uma rapariga do Houmeau, tu, um burguês! tu, o impressor do Rei em Angoulême!*»<sup>540</sup>. O velho Séchard via os nobres como «*burgueses*», mas perante «*uma operária*»<sup>541</sup>, apesar de que Ève «*dirigia as operárias*»<sup>542</sup>, ele via o filho como «*burguês*», e incitou-o: «[...] tu tens de casar com uma burguesa da cidade [...]»<sup>543</sup>. Também na boca de Madame de Bargeton, *née* de Nègrepelisse, o casamento de David e Ève era uma «*boda de burgueses e de operários*»<sup>544</sup>. Dificilmente se classificaria melhor a situação intermédia da burguesia na sociedade francesa da época. «*Oscar*», comentou Balzac a propósito de um personagem medíocre e lamentável, «*é uma pessoa comum, pacífica, sem pretensões, modesta e, tal como o seu governo, mantendo-se sempre num justo meio. Não suscita nem inveja nem desprezo. É, enfim, o burguês moderno*»<sup>545</sup>.

Esta colocação da burguesia «*num justo meio*» preparou um novo campo terminológico, porque com o mesmo significado Balzac e os seus personagens usaram igualmente «*classe moyenne*», «*classe média*», ou «*classes moyennes*» no plural. «[...] as condições

<sup>533</sup> *Un début dans la vie*, I 775-776.

<sup>534</sup> *Le Curé de village*, IX 819. Todavia, na pág. 820, no final da sua longa diatribe, o banqueiro referiu, ao lado do «*camponês*», o «*burguês*» em vez de o «*pequeno-burguês*».

<sup>535</sup> *Ibid.*, IX 820.

<sup>536</sup> *Ibid.*, IX 823.

<sup>537</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 498.

<sup>538</sup> *Illusions perdues*, V 127-128.

<sup>539</sup> *Ibid.*, V 226.

<sup>540</sup> *Ibid.*, V 226.

<sup>541</sup> «[...] eu, uma pobre operária sem futuro», disse Ève Chardon – *ibid.*, V 215.

<sup>542</sup> *Ibid.*, V 141.

<sup>543</sup> *Ibid.*, V 227.

<sup>544</sup> *Ibid.*, V 251.

<sup>545</sup> *Un début dans la vie*, I 887.

*burguesas da classe média*», escreveu Balzac<sup>546</sup>, e o pleonasmo serve de definição. O cura Bonnet lamentou-se. «*Cada um consigo, cada um por si, que exercera os seus efeitos nas classes elevadas em Julho daquele ano, há-de gangrenar em breve as classes médias*»<sup>547</sup>. As «*classes médias*» eram a burguesia triunfante em Julho de 1830. «*[...] a classe média, que a revolução de Julho infiltrou nas fibras do poder [...]*»<sup>548</sup>. Disse o hipócrita La Peyrade, reflectindo aquilo que os seus interlocutores queriam ouvir: «*O sentido político da nova questão, a própria base do seu sintoma e a garantia da sua existência consiste numa certa partilha, num certo limite do poder com a classe média, a verdadeira força das sociedades modernas, a sede da moralidade, dos bons sentimentos, do trabalho inteligente*»<sup>549</sup>. Afinando pelo mesmo diapasão, um jornal da oposição liberal, depois de ter evocado «*a antiguidade burguesa*» de uma dada família, referiu «*[as] virtudes, [os] talentos das classes médias*»<sup>550</sup>. O anúncio do noivado de *Mademoiselle Cormon* e du Bousquier contou com a aprovação da «*classe média de Alençon*»<sup>551</sup>, aqui empregue no sentido evidente de «*burguesia*». Mas nem sempre a terminologia se manteve estável, e quando o romancista observou que César Birotteau era incapaz «*de se elevar acima do nível social sob o qual vive a classe média*»<sup>552</sup>, tratava-se neste caso não da burguesia enquanto classe intermédia na sociedade, mas do estrato mediano dessa classe, a média burguesia.

Até agora as acepções de «*bourgeois*» e dos seus derivados foram sempre delimitadas com rigor e a versatilidade semântica deste conjunto de vocábulos nunca foi aleatória. Temos uma situação inteiramente oposta, porém, quando se tratou de designar os proprietários dos meios de produção. A exactidão terminológica restringiu-se ao sistema de relações sociais em que a classe burguesa se inseria e desapareceu quando foram evocadas as relações de exploração ou, mais simplesmente, as actividades económicas.

Num texto irónico Balzac negou que tivesse aversão a «*certas classes da sociedade*» e enumerou «*os notários, os mercadores, os usurários, os burgueses, os proprietários, os jornalistas, os banqueiros, etc.*»<sup>553</sup>, aparecendo «*os burgueses*» como uma categoria entre outras igualmente burguesas, o que sucedeu de novo quando ele mencionou «*um administrador, um corretor da*

---

<sup>546</sup> *Illusions perdues*, V 561.

<sup>547</sup> *Le Curé de village*, IX 820.

<sup>548</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 49. A monarquia de Julho representava em França «*o triunfo da classe média*» – *Une fille d'Ève*, II 350.

<sup>549</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 107.

<sup>550</sup> *Les Employés*, VII 1041. Os presos, «*na maior parte, pertencem às classes mais baixas*», «*o homem das classes médias sendo ali a excepção*», por isso, como disse Jacques Collin, «*os jurados não gostam que matem burgueses...*» – *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 824, 826, 866.

<sup>551</sup> *La Vieille Fille*, IV 910.

<sup>552</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 80.

<sup>553</sup> *Préface* da primeira edição de *Pierrette*, IV 24.

*Bolsa, um banqueiro, um notário, um burguês qualquer*<sup>554</sup>. Com igual fluidez terminológica, na mesma alocução em que descrevera a monarquia de Luís-Filipe como «*um regime que amesquinha tudo*», a princesa de Cadignan referiu os «*épiciers qui gouvernent*»<sup>555</sup>, os «*merceeiros que estão no governo*». Podia ter mencionado directamente os burgueses, mas ao evocar os «*merceeiros*», recordando uma das profissões que estava na origem da acumulação do capital, aquela indómita princesa, nobre entre todas, pretendeu ela mesma «*amesquinha[r]*» o novo regime. Este processo estilístico foi empregue por outros personagens. «*Mas... não te cases*», disse de Marsay ao seu amigo Paul de Manerville. «*Quem se casa, hoje? comerciantes, no interesse do seu capital [...]*»<sup>556</sup>. Se não fosse a lição dada pela princesa, esperaria encontrar aqui os burgueses, no sentido amplo de classe social, em vez dos «*comerciantes*». E numa pequena cidade de província, por oposição à velha nobreza, demarcava-se também «*a sociedade comerciante e burguesa*»<sup>557</sup>. «*Quero lá saber das crianças das minhas primas Faucombe*», exclamou Mademoiselle des Touches, «*que já não são Faucombe, que não vejo desde há vinte anos e que, aliás, casaram com negociantes!*»<sup>558</sup>. Tal como sucedeu há pouco com «*comerciantes*», foi o sentido pejorativo dado aqui a «*negociantes*» que os definiu como burgueses. Ao sermos informados de que Michel Chrestien, «*que em 1830 contribuiu muito para o movimento moral dos saint-simonianos*», morreu na insurreição fracassada do claustro de Saint-Merry, trespassado pela «*bala de um qualquer negociante*»<sup>559</sup>, devemos notar que também ali, apesar de se tratar de um confronto violento entre classes e entre universos ideológicos, não foi um «*burguês*» mas um «*negociante*» quem matou Chrestien. A sinonimia é evidente noutro contexto, em que Balzac mencionou «*negociante enriquecido*» e «*burguês enriquecido*» como expressões equivalentes, evocando logo adiante o «*burguês da província*»<sup>560</sup>. Do mesmo modo, quando a marquesa d'Espard acusou em justiça o seu marido de se dedicar a actividades que «*acarretam para ele a qualidade de negociante*»<sup>561</sup>, «*negociante*» seria o oposto a nobre e apareceria portanto como equivalente a «*burguês*». A acepção da palavra não foi diferente na boca do marquês d'Espard, só que ao mencionar as «*terras confiscadas a infelizes negociantes*» e de novo, na mesma alocução, «*o pobre negociante*» e «*o negociante*»<sup>562</sup>, ele imprimiu um cunho de simpatia a expressões que para a esposa serviram de insulto.

<sup>554</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 430-431.

<sup>555</sup> *Autre étude de femme*, III 702.

<sup>556</sup> *Le Contrat de mariage*, III 531.

<sup>557</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 966.

<sup>558</sup> *Béatrix*, II 711.

<sup>559</sup> *Illusions perdues*, V 317.

<sup>560</sup> *Préface* da primeira edição da terceira parte de *Illusions perdues*, V 117.

<sup>561</sup> *L'Interdiction*, III 447.

<sup>562</sup> *Ibid.*, III 483, 484.

Invejando o destino de algumas colegas, uma actriz comentou: «*Nem todas podem ter, como Florine e Coralie, negociantes milionários cansados da família*»<sup>563</sup>. Com efeito, Matifat, o «*rico droguista da rue des Lombards*»<sup>564</sup> que sustentava Florine, era um «*negociante*»<sup>565</sup>, e Camusot, que pagava as contas de Coralie, «*era um bom corpulento e robusto mercador de sedas da rue des Bourdonnais*»<sup>566</sup>. Mas não confundamos, porque se nas horas licenciosas Camusot se apresentava «*bonacheirão*», «*indolente*», «*libertino*» e «*descrente*», à frente do seu estabelecimento ele era «*o negociante polvilhado de manhas e de virtudes*»<sup>567</sup>. O industrial e comerciante de perfumaria César Birotteau denominou certos colegas como «*alguns negociantes*»<sup>568</sup> e referiu-se a si mesmo como «*um dos notáveis negociantes que participam na eleição dos juizes do tribunal de comércio*»<sup>569</sup>, comparando a sua posição com aquela, inferior, ocupada por um «*lojista*»<sup>570</sup>. Porém, «*negociante*» não era uma designação exclusiva e permutava-se facilmente com outras, de modo que a eleição de Birotteau como «*juiz do tribunal de comércio*» o incluiu «*entre os notáveis comerciantes de Paris*»<sup>571</sup>, isto ainda que o Tribunal de Comércio «*seja composto por negociantes em exercício*»<sup>572</sup>. Mais interessante é o facto de o senhor Crevel ter traçado o seu retrato proclamando «*sou um merceeiro, um lojaista, um antigo fornecedor de massa de amêndoa [...] eu, antigo negociante*»<sup>573</sup>, porque enquanto Birotteau se considerara, como «*negociante*», acima dos «*lojistas*», Crevel colocou os dois termos num plano idêntico. O mesmo sucedeu noutras passagens. Por exemplo, quando Félix Davin, escrevendo por encomenda de Balzac, mencionou «*o negociante da rue Saint-Denis*»<sup>574</sup>, basta a topografia para sabermos que se tratava de um comerciante, um lojaista. Mais prolixamente, os membros da família que sustentava a firma do *Chat-qui-pelote* foram designados como «*os comerciantes*»<sup>575</sup>, o que não impediu o pai, o senhor Guillaume, de ser «*o velho negociante*»<sup>576</sup>, «*o velho mercador*»<sup>577</sup> ou simplesmente «*o*

---

<sup>563</sup> *Illusions perdues*, V 375.

<sup>564</sup> *Ibid.*, V 375.

<sup>565</sup> *Ibid.*, V 376. «*E aquele honesto negociante que ali está, de boca aberta, a admirar Florine, sem imaginar que lhe vamos extirpar trinta mil francos!...*», disse Lucien de Rubempré na pág. 385, referindo-se a Matifat, e em resposta Étienne Lousteau chamou-lhe «*o droguista*». Ver também as págs. 378, 407, 410 e 429.

<sup>566</sup> *Ibid.*, V 386. «*Camusot, um mercador de sedas que protegia Coralie*», explicou Balzac na pág. 377.

<sup>567</sup> *Ibid.*, V 527.

<sup>568</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 42.

<sup>569</sup> *Ibid.*, VI 47. Na pág. 186, Balzac chamou repetidamente «*negociante*» a Birotteau. Depois da sua falência, Birotteau foi classificado na pág. 287 como «*o ex-negociante*», e como «*o antigo negociante*» na pág. 305; reabilitado judiciariamente e reintegrado na Bolsa, César foi já novamente incluído entre os «*negociantes*» na pág. 309.

<sup>570</sup> *Ibid.*, VI 47.

<sup>571</sup> *Ibid.*, VI 67.

<sup>572</sup> *Ibid.*, VI 273.

<sup>573</sup> *La Cousine Bette*, VII 60.

<sup>574</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1156.

<sup>575</sup> *La Maison du chat-qui-pelote*, I 42.

<sup>576</sup> *Ibid.*, I 44, 47, 58, 63, 68, 70, 80.

<sup>577</sup> *Ibid.*, I 62.

*negociante*<sup>578</sup>, destacando-se entre «os mercadores de tecidos de Paris» e sendo classificado por Balzac como «o astuto negociante»<sup>579</sup>, mas também como «o honesto vendedor de tecidos [drapier]»<sup>580</sup>, «esse digno negociante»<sup>581</sup>, «o honrado [brave] negociante»<sup>582</sup>. Enfim, juntas as classificações que só na moral dos negócios não são opostas, ele era «o respeitável e astuto mercador»<sup>583</sup>. Quanto a Joseph Lebas, genro e sucessor de Guillaume, foi apresentado como «o hábil negociante»<sup>584</sup>. Se sairmos de Paris para a província, um dos primeiros clientes que Albert Savarus arranhou em Besançon era «um negociante»<sup>585</sup>. Passado algum tempo o advogado conseguiu como clientes «quatro dos maiores negociantes da cidade»<sup>586</sup> e começou a ocupar-se exclusivamente das questões «que dizem respeito aos negociantes», tendo uma clientela de «gens de commerce»<sup>587</sup>, ou seja, «pessoas dedicadas ao comércio». «Mas existe uma classe que faz os deputados, a classe dos comerciantes», escreveu Savarus a um amigo durante a monarquia de Julho<sup>588</sup> e, depois de repetir que «os comerciantes fazem os deputados», ele concluiu «preciso de obter votos na burguesia»<sup>589</sup>, apresentando ainda «estes negociantes» como sinónimo de «estes eleitores»<sup>590</sup>. Do mesmo modo, em Angoulême, «Gannerac e alguns grandes negociantes começavam a formar no Houmeau um comité liberal, que se ligava por relações de comércio aos chefes da Oposição»<sup>591</sup>, e o patrão de tipografia David Séchard empregou como sinónimos, na mesma frase, «comerciante» e «negociante»<sup>592</sup>. Mais modestamente, ao lermos que «uma actividade [affaire] puramente comercial [...] requer um negociante consumado»<sup>593</sup>, ficamos a saber que estes «negociantes» não eram outros senão «os mercadores ocupados com a abertura das lojas»<sup>594</sup>. Mas em que ramo de actividade se haviam distinguido «alguns negociantes franceses»<sup>595</sup>, «quatro negociantes»<sup>596</sup>, que depois de terem feito fortuna na América espanhola regressavam a França no mesmo veleiro que trazia d'Aiglemont? Nunca o saberemos, porque se no plano profissional tanto o romancista

---

<sup>578</sup> Ibid., I 63.

<sup>579</sup> Ibid., I 44.

<sup>580</sup> Ibid., I 50.

<sup>581</sup> Ibid., I 50.

<sup>582</sup> Ibid., I 64.

<sup>583</sup> Ibid., I 62.

<sup>584</sup> Ibid., I 79.

<sup>585</sup> *Albert Savarus*, I 927. «Um dos mais influentes negociantes [...]» – *ibid.*, I 975.

<sup>586</sup> Ibid., I 936. Estas pessoas foram novamente classificadas como «negociantes» nas págs. 936 e 937.

<sup>587</sup> Ibid., I 976.

<sup>588</sup> Ibid., I 974.

<sup>589</sup> Ibid., I 975.

<sup>590</sup> Ibid., I 977.

<sup>591</sup> *Illusions perdues*, V 672. Entre as famílias mais ricas de Angoulême contavam-se alguns «negociantes» – *ibid.*, V 156.

<sup>592</sup> Ibid., V 716.

<sup>593</sup> *Eugénie Grandet*, III 1117.

<sup>594</sup> Ibid., III 1151.

<sup>595</sup> *La Femme de trente ans*, II 1180.

<sup>596</sup> Ibid., II 1184, 1186.

como os seus personagens se referiram aos membros da boa burguesia como «negociantes» – e isto sucedeu com tanta frequência que é impossível, ou aliás inútil, registar todos os casos – nem sempre eles se dedicaram ao comércio e iremos vê-los a fazer fortuna noutros ramos. O «negociante» era um «*homem de negócios*», em sentido genérico, sendo usada também uma pluralidade de outros vocábulos, cuja acepção raramente foi precisa.

A «*Escola Politécnica*», disse Emmanuel de Solis, «*forneceu administradores, diplomatas, cientistas, engenheiros, generais, navegadores, magistrados, manufactores e banqueiros*»<sup>597</sup>. Neste contexto os financeiros foram equiparados à nova elite burocrática. Mas sucederia sempre assim? Um «*corretor da Bolsa*» foi classificado como «*respeitável negociante*»<sup>598</sup>. Um du Tillet ou um Nucingen era, sobretudo na perspectiva da duquesa de Maufrigneuse, um «*banqueiro burguês*»<sup>599</sup>, e Madame d'Espard classificou Nucingen, um dos maiores banqueiros da *Comédie*, como «*um fornecedor*», tendo aqui a palavra a carga pejorativa dos especuladores que haviam feito fortunas com o abastecimento dos exércitos durante o Directório e o Império, «*banqueiro, homem de negócios, adeleiro por atacado*»<sup>600</sup>. Por seu turno, Balzac apelidou-o de «*esse capitalista*»<sup>601</sup> e, referindo-se à Bolsa, evocou «*o Paris dos banqueiros e dos comerciantes*»<sup>602</sup>. Se Gaudissart, o «*ilustre*» caixeiro-viajante, «*era capaz de ir [...] como capitalista a casa de um banqueiro*»<sup>603</sup>, poderíamos deduzir que as duas expressões fossem sinónimas, mas ele também explicou que «*fui enviado aos departamentos por uma companhia de banqueiros e de capitalistas*»<sup>604</sup>, o que parece supor uma distinção e não uma identidade. Por vezes «*capitalista*» foi empregue em sentido literal, sem designar uma função económica específica, por exemplo quando, feitas as contas da tutela com o seu neto Baruch Borniche, que ele ia expulsar de casa, o velho Hochon lhe disse sarcasticamente: «*[...] sim, senhor capitalista, irá para Paris estudar a actividade bancária [la banque] na firma do senhor Mongenod*»<sup>605</sup>. Nesta situação ele era «*capitalista*» simplesmente por deter um capital, vinte mil francos resultantes da prestação de contas. A mesma acepção surgiu noutras ocasiões. Encarregado de averiguar quem na realidade era Ferragus, um homem hábil indicou que ele parecia ter meios cuja proveniência se desconhecia, que possuía diversas residências e, «*no entanto, este capitalista diz*

---

<sup>597</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 766. «*[...] as pessoas sérias, alguns velhos financeiros, alguns austeros administradores [...]*» – *Illusions perdues*, V 269.

<sup>598</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 1185.

<sup>599</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1036.

<sup>600</sup> *Illusions perdues*, V 276.

<sup>601</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 494.

<sup>602</sup> *Illusions perdues*, V 357.

<sup>603</sup> *L'illustre Gaudissart*, IV 565.

<sup>604</sup> *Ibid.*, IV 583.

<sup>605</sup> *La Rabouilleuse*, IV 484-485.

que vai novamente mudar de casa»<sup>606</sup>. Para além da *nuance* irónica, porque o relatório foi sempre proferido em tom de ironia, «capitalista» aqui significava simplesmente quem dispunha de capitais, entendidos como meios de fortuna. Taillefer, «antigo fornecedor dos exércitos imperiais»<sup>607</sup>, foi designado como «capitalista»<sup>608</sup>, mas ficamos sem saber a quem pertencia «a fortuna dos capitalistas ambiciosos»<sup>609</sup> e o que eles faziam com ela. A situação foi muito diferente quando o procurador Derville classificou repetidamente Gobseck como «capitalista»<sup>610</sup>. «Um capitalista é aos seus olhos», explicou Derville ao conde de Restaud, referindo-se a Gobseck, «uma pessoa que entra, mediante o excedente que exige pelo seu dinheiro, como associado por antecipação nos empreendimentos e nas especulações lucrativas»<sup>611</sup>. Esta definição, em tudo moderna, mostra o «capitalista» não como um rentista mas como um empresário financeiro, alguém que participava num negócio. Também noutro lugar o termo «capitalista» foi usado para designar uma pessoa que avançou o capital para um empreendimento<sup>612</sup>. E quando o crápula Cérizet «se via enfim burguês de Paris, capitalista capaz de empreender belos negócios»<sup>613</sup>, o sentido da palavra era uma vez mais o de empresário financeiro, tal como me parece ter sido quando se tratou de «uma imensa operação financeira e industrial»<sup>614</sup>. A ambiguidade foi, porém, grande numa passagem em que Balzac tratou da «alta dos fundos públicos». «Eles estavam então», nos primeiros dias de 1820, «a 89, os mais célebres capitalistas compravam-nos, no final de Janeiro, a 92»<sup>615</sup>. Mas estas somas destinavam-se a especular ou a investir? E quando o duque de Hérouville e Charles Mignon, conde de La Bastie, trataram de um empreendimento de secagem de terrenos pantanosos, Mignon observou que «qualquer capitalista devia examinar este negócio de cabeça fresca»<sup>616</sup> e mais tarde ele mencionou ao duque, a propósito do mesmo empreendimento, o interesse dos «capitalistas»<sup>617</sup>. Aqui a palavra tinha a acepção de quem adiantava o capital, e talvez por isto, de acordo com a mentalidade aristocrática que privilegiava os que ordenavam e nada faziam na prática, o termo «capitalista», apesar do seu significado económico, assumiu uma conotação de elite. Por isso

---

<sup>606</sup> Ferragus, *chef des Dévorants*, V 828.

<sup>607</sup> *L'Auberge rouge*, XI 91.

<sup>608</sup> *Ibid.*, XI 95.

<sup>609</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 221.

<sup>610</sup> *Gobseck*, II 979, 985, 992.

<sup>611</sup> *Ibid.*, II 995. A especificação «por antecipação» foi acrescentada na edição de 1842 – *ibid.*, II 1575 n. b da pág. 995.

<sup>612</sup> *La Peau de chagrin*, X 96, 97, 207.

<sup>613</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 176.

<sup>614</sup> *Z. Marcas*, VIII 844.

<sup>615</sup> *Eugénie Grandet*, III 1150.

<sup>616</sup> *Modeste Mignon*, I 637.

<sup>617</sup> *Ibid.*, I 708.



alguém pôde evocar «doze ou quinze artistas, capitalistas ou dandies que dão o tom»<sup>618</sup>. «Encontrais no meio de um salão alguém que havíeis perdido de vista há dez anos: ele é primeiro-ministro ou capitalista, conhecêste-lo sem sobrecasaca, sem espírito público nem privado, admirai-lo na sua glória [...]»<sup>619</sup>.

Admitindo que o «capitalista» fosse quem adiantava o capital, seria o «empresário» aquele que assumia no terreno a condução prática do negócio? Vejo mencionado um «empresário de alvenaria»<sup>620</sup> e uma das pessoas que mais ajudou Savarus na sua campanha secreta para ser eleito deputado era «um rico empresário»<sup>621</sup>. Mas que especificidade pode ter esse vocábulo ao sabermos que Savarus se referia a quem nomeava os deputados como «a classe dos comerciantes»<sup>622</sup>, «os comerciantes», «a burguesia»<sup>623</sup> ou ainda «estes negociantes»<sup>624</sup>? E quando, num romance de trágicos enganos e ainda mais trágicos desenganos, «ela julga que está a vender os produtos do seu elegante trabalho a um mercador»<sup>625</sup>, este «mercador» era um empresário no *putting-out system* e, portanto, era o antecessor directo do empresário industrial. Os «ricos mercadores de pano»<sup>626</sup> seriam, então, comerciantes ou empresários? Como distinguir a terminologia referente à indústria daquela que se referia ao comércio?

«Manufactura» pôde ser empregue como sinónimo de «fábrica»<sup>627</sup>, assim como a expressão «os fabricantes» foi usada como sinónimo do colectivo «o industrial»<sup>628</sup>. E quando Emmanuel de Solis mencionou «manufactores e banqueiros» entre os licenciados pela École Polytechnique<sup>629</sup>, vemos que os industriais podiam pertencer ao escol dos negócios. As instalações onde Anselme Popinot produzia o *Huile céphalique*, inventado por César Birotteau, foram chamadas por Balzac «a fábrica [fabrique]»<sup>630</sup> e Constance Birotteau referiu igualmente «a fábrica [fabrique]»<sup>631</sup>. Com a expansão dos negócios, o *Huile céphalique* passou a ser também produzido numa segunda «fábrica [fabrique]»<sup>632</sup>. A *Pâte des sultanes* e a *Eau*

---

<sup>618</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1169.

<sup>619</sup> *Préface* da primeira edição de *Une fille d'Ève*, II 265.

<sup>620</sup> *La Vendetta*, I 1086.

<sup>621</sup> *Albert Savarus*, I 984. «[...] o empresário [...]» – *ibid.*, I 995.

<sup>622</sup> *Ibid.*, I 974.

<sup>623</sup> *Ibid.*, I 975.

<sup>624</sup> *Ibid.*, I 977.

<sup>625</sup> *Honorine*, II 555.

<sup>626</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1063.

<sup>627</sup> *Le Curé de village*, IX 665, 666, 685; *L'Auberge rouge*, XI 98.

Balzac empregou por vezes «fabrique» na acepção técnica que o termo possuía entre os pintores, enquanto construções ornamentais integradas numa paisagem. Não registei estes casos porque não têm qualquer conotação semântica com as áreas económica e sociológica, partilhando apenas o étimo, e pelo mesmo motivo não mencionei os casos em que a palavra foi usada na acepção que lhe dava a administração eclesiástica, enquanto fundos e rendimentos destinados à manutenção de uma igreja paroquial.

<sup>628</sup> *La Cousine Bette*, VII 187.

<sup>629</sup> *La Recherche de l'Absolu*, X 766.

<sup>630</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 204, 207.

<sup>631</sup> *Ibid.*, VI 223.

<sup>632</sup> *Ibid.*, VI 287, 295.

*carminative*, antigas criações de Birotteau, eram produzidas noutra «*fábrica [fabrique]*»<sup>633</sup>. Por seu lado, Gazonal, que residia numa «*pequena cidade manufactureira*» dos Pirenéus Orientais, onde possuía uma «*fábrica [fabrique]*»<sup>634</sup> com cerca de cem operárias<sup>635</sup>, foi denominado «*fabricante*»<sup>636</sup> e mesmo «*honesto fabricante*»<sup>637</sup>, ou ainda um «*industrial*»<sup>638</sup>. Mas quando Balzac aludiu, nos diversos apartamentos de um miserável prédio de Paris, à «*estranha união da família e da fábrica [fabrique]*»<sup>639</sup>, tratava-se de minúsculas oficinas artesanais, muito diferentes das «*fábricas*» de Gazonal e de Popinot, isto para não falar de um dos bairros mais pobres e mal frequentados de Paris, onde o romancista mencionou entre os habitantes «*industriais sem indústrias*»<sup>640</sup>. E na província, no meio dos camponeses, «*o ti' Fourchon acabara por se tornar fabricante*». Tratava-se de um verdadeiro indigente, e eram cordas que ele fabricava. «*A oficina é [...] o primeiro muro que encontra, as máquinas mal valem dez francos, o aprendiz dorme como o mestre num celeiro e vive do que apanha*»<sup>641</sup>. A mesma variação entre indústrias consideráveis e indústrias miseráveis parece ocorrer noutras passagens, por exemplo quando Balzac descreveu «*estas ruas estreitas, sombrias e lamacentas, onde se exercem indústrias pouco preocupadas com a aparência*», enquanto noutras ruas, melhor afamadas, «*brilham as obras-primas da Indústria, da Moda e das Artes*»<sup>642</sup>. A mudança de minúscula para maiúscula acompanhou a transformação semântica. De qualquer modo, num extremo como no outro, parece natural que o termo «*fabricante*» denotasse uma actividade exclusivamente industrial. «*Se ele*», o proprietário de tipografia Jérôme-Nicolas Séchard, «*sabia que um fabricante estava em má situação, comprava-lhe o papel a baixo preço e armazenava-o*»<sup>643</sup>. A própria terminologia da moda parecia evoluir nesta direcção, e Balzac comentou que a palavra «*chapeleiro*» estava a cair em desuso e passara a dizer-se «*fabricante de chapéus*»<sup>644</sup>, tal como em sentido figurado um engenheiro pôde perguntar, em carta dirigida a um amigo, «*serão então as escolas especiais grandes fábricas [fabriques] de incapacidades?*»<sup>645</sup>. Dada a sua etimologia evidente, poderíamos pensar que estas

<sup>633</sup> Ibid., VI 283.

<sup>634</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1154, 1211.

<sup>635</sup> Ibid., VII 1156.

<sup>636</sup> Ibid., VII 1156, 1170, 1171, 1179, 1200, 1205, 1209, 1211, 1212.

<sup>637</sup> Ibid., VII 1165.

<sup>638</sup> Ibid., VII 1167.

<sup>639</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 257.

<sup>640</sup> *La Cousine Bette*, VII 436.

<sup>641</sup> *Les Paysans*, IX 85.

<sup>642</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 446.

<sup>643</sup> *Illusions perdues*, V 125. Ao proceder assim, aliás, Séchard fazia em pequena dimensão o que para outros eram actividades de vulto, pois entre as operações que constituíam «*a alta política do dinheiro*» contava-se a de «*espoliar em grande escala as indústrias, apropriando-se das matérias-primas*» – *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 591, 590.

<sup>644</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1165.

<sup>645</sup> *Le Curé de village*, IX 799. Este engenheiro mencionou, na pág. 802, «*uma empresa comercial ou industrial*», distinguindo portanto os dois ramos de actividade.

palavras arrastassem a exactidão dos demais vocábulos com que se relacionavam. Mas não foi o que sucedeu.

Quando Peyrade disse ao barão de Nucingen «*a vossa vida é uma manufactura de negócios*»<sup>646</sup>, podemos admitir que fosse por ironia que o agente da polícia secreta chamasse manufactureiro a um dos maiores banqueiros da *Comédie*. Mas isto não explica os outros casos de oscilação terminológica, por exemplo quando David Séchard, filho de Jérôme-Nicolas e também ele impressor em Angoulême, disse sobre si mesmo «*sou um artesão, um negociante, se preferires, mas um industrial estabelecido em loja própria*»<sup>647</sup>, «*un industriel établi en boutique*», e ainda que se possa verter «*boutique*» num sentido arcaico, não como «*loja*» mas como «*oficina*» de artesão, a proximidade do termo «*negociante*» acentuou o carácter comercial atribuído ao empreendimento. A imprecisão terminológica é também flagrante quando o conde de Sérisy, viajando incógnito, foi tomado por um «*burguês*», e Georges «*achou que o conde era um manufactor de segunda ordem*»<sup>648</sup>, designando-o adiante, por ironia, como «*pequeno fabricante de velas*» e «*merceeiro*»<sup>649</sup>, numa nova oscilação entre a actividade industrial e a comercial. Mesmo admitindo que «*manufactor*» fosse sinónimo de «*fabricante*», nem assim o campo semântico ficava claramente delimitado, porque se Goriot era «*um antigo fabricante de aletria, de massas de Itália e de amido*»<sup>650</sup>, os construtores da nova diligência que Pierrotin havia encomendado tanto eram «*fabricantes*» como «*negociantes*»<sup>651</sup>, podendo igualmente ser designados pelo ramo específico da sua actividade, e então eram «*carrossiers*»<sup>652</sup>, «*carpinteiros de coches*». Por seu lado, o proprietário de uma «*manufactura de alfinetes*» tanto era um «*negociante*» como foi incluído entre os «*fabricantes*»<sup>653</sup>. Como pretexto para exigir o rápido pagamento das letras assinadas por Victurnien d'Esgrignon, du Croisier disse que «*estava em dificuldades, tinha ajudado uns manufactores*»<sup>654</sup>, mas infelizmente não sabemos a que actividade eles se dedicavam. E mesmo que em Elbeuf, em Louviers e em Sedan encontremos «*ricos manufactores*»<sup>655</sup>, o «*manufactor*» não se incluiria decerto na elite da classe burguesa, porque a situação resultante da revolução de 1830 «*faz com que na Câmara*», entenda-se, no

---

<sup>646</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 542-543.

<sup>647</sup> *Illusions perdues*, V 183.

<sup>648</sup> *Un début dans la vie*, I 776.

<sup>649</sup> *Ibid.*, I 782.

<sup>650</sup> *Le Père Goriot*, III 56.

<sup>651</sup> *Un début dans la vie*, I 743.

<sup>652</sup> *Ibid.*, I 789.

<sup>653</sup> *L'Auberge rouge*, XI 98. Este personagem é também «*negociante*» nas págs. 99, 100, 101, 102 e 108, e «*fabricante*» na pág. 121.

<sup>654</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1028.

<sup>655</sup> *La Maison du chat-qui-pelote*, I 46. Ver igualmente o manuscrito abandonado de *Gloire et malheur* [depois *La Maison du chat-qui-pelote*], I 1183.

parlamento, «o *manufactor* tenha inveja do homem de Estado»<sup>656</sup>. E assim ficamos mais intrigados do que esclarecidos ao sabermos que o pai de alguém fora um «*ilustre fabricante*»<sup>657</sup>.

Em várias passagens encontramos a palavra «*indústria*» como sinónimo de actividade manufactureira e fabril<sup>658</sup>. «Nascida em Valenciennes e filha de tecelões muito pobres, *Europe*», pseudónimo de Prudence Servien, «fora mandada com sete anos de idade para uma fiação onde a *Indústria* moderna abusara das suas forças físicas, tal como o *Vício* a corrompera antes de tempo»<sup>659</sup>. Não há dúvida de que «*Indústria* moderna» foi empregue no seu sentido actual, mas a simetria de maiúsculas entre «*Indústria*» e «*Vício*» revela que o romancista adoptou aqui a perspectiva da classe trabalhadora. É para outros lugares que devemos olhar se quisermos encontrar essa «*indústria*». Balzac usou a terminologia com precisão ao descrever o *putting-out system*. «[...] os departamentos do Aube, do Marne e do Haute-Marne, já amplamente providos daqueles vinhedos [...] estão ainda repletos de indústrias florescentes. Sem referir as manufacturas de Reims, quase todas as malhas de França, um comércio considerável, são fabricadas em redor de Troyes. Os campos, num raio de dez léguas, estão cobertos de operários [...] Estes operários estão em contacto com *facteurs*, que posso aqui traduzir por «agentes», «os quais levam a um especulador chamado fabricante. Este fabricante trata com firmas de Paris ou muitas vezes com simples retalhistas de malhas que, tanto uns como outros, têm uma tabuleta onde se lêem estas palavras: Fábrica [Fabrique] de Malhas. Nem uns nem outros fazem uma meia sequer, nem uma touca, nem uma peúga»<sup>660</sup>. Isto passava-se num sistema arcaico, e por maioria de razão o doutor Bennassis, que empreendera a modernização de uma lugarejo perdido nas montanhas, empregou em sentido estrito as palavras «*indústria*» e «*industrial*». Ao explicar de que maneira havia conseguido suscitar o desenvolvimento económico numa aldeia cujos habitantes se alimentavam de batatas e lacticínios, cultivando poucos cereais, e onde «o único industrial da região era o maire, que possuía uma serração»<sup>661</sup>, Bennassis disse: «Comecei esta obra difícil por uma fábrica [fabrique] de cestos»<sup>662</sup>. E referindo-se ao crescimento económico que soubera suscitar graças às produções destinadas ao mercado, ele evocou «a nossa era industrial» e «os meus industriais», concluindo «de então em diante o movimento progressivo da população e das indústrias já não podia parar»<sup>663</sup>. No mesmo contexto o doutor Bennassis mencionou «o comércio, a indústria, a agricultura e o nosso consumo»<sup>664</sup>, num

---

<sup>656</sup> *Béatrix*, II 906.

<sup>657</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1006.

<sup>658</sup> Ver por exemplo *Le Curé de village*, IX 686.

<sup>659</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 586.

<sup>660</sup> *Le Député d'Arcis*, VIII 749.

<sup>661</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 414.

<sup>662</sup> *Ibid.*, IX 415.

<sup>663</sup> *Ibid.*, IX 421. «[...] uma das nossas indústrias novas, uma tijolaria» – *ibid.*, IX 469.

<sup>664</sup> *Ibid.*, IX 424.

enunciado que conferiu a «*indústria*» o sentido estrito de produção artesanal ou manufactureira. É certo que quando chamou a atenção para a caleche do proprietário de uma manufatura de telhas e para o seu condutor, dizendo «*vede como o bem-estar industrial do patrão se reflecte em tudo, mesmo na equipagem deste cocheiro! É ou não o indício de uma inteligência comercial bastante rara nos confins dos campos?*»<sup>665</sup>, o doutor Benassis confundiu as áreas semânticas do comércio e da indústria, usando «*inteligência comercial*» na acepção lata de inteligência económica. No entanto, quando ele mencionou a conveniência de subtrair a França «*ao jugo industrial do estrangeiro*» foi à «*indústria*» no sentido moderno que se referiu, porque em seguida deu o exemplo de estabelecimentos manufactureiros e de produção de matérias-primas<sup>666</sup>. Se abandonarmos a província e passarmos para a capital, ao dizer que em Paris os operários viviam ainda pior do que os porteiros, o «*industrial*»<sup>667</sup> Gazonal comentou que «*a indústria parisiense foi mais longe no impossível*»<sup>668</sup>, o que situou claramente esta «*indústria*» no âmbito fabril. E numa conversa em que o secretário-geral de um ministério evocou em sentido genérico «*o negociante hábil*», um deputado que era «*um manufactor*» expressou a sua concordância mencionando os interesses dos «*industriais*»<sup>669</sup>. A acepção foi igualmente precisa na evocação do «*pátio naturalmente solitário e ecoante do domingo, dia em que os industriais se dispersam e abandonam os seus laboratórios*»<sup>670</sup>, sendo as palavras que me interessam empregues aqui no sentido de «*artesãos*» e «*oficinas*». E uma firma dedicada à construção de monumentos funerários, aliás denegrada pelo romancista por não produzir peças únicas, mas obras feitas em série, viu-se classificada como «*esses industriais*»<sup>671</sup>. Um «*ourives*» era um «*industrial*»<sup>672</sup> e também não há dúvidas quanto ao sentido da palavra ao sabermos que a senhora Vauthier se dedicava a uma «*indústria*», «*fazia chinelos debruados para os vendedores ambulantes*», actividade que prosseguia com a ajuda da criada<sup>673</sup>. E quando um barbeiro e cabeleireiro foi classificado de «*industrial*», devemos recordar que se tratava de um verdadeiro homem de negócios, o maior vendedor grossista de cabelo, usurário, especulador na Bolsa, accionista de revistas de modas e produtor e vendedor de uma droga farmacêutica<sup>674</sup>. Também, a respeito de um alfaiate, o romancista mencionou «*a receita da sua*

---

<sup>665</sup> Ibid., IX 470.

<sup>666</sup> Ibid., IX 429.

<sup>667</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1167.

<sup>668</sup> Ibid., VII 1178.

<sup>669</sup> *Les Employés*, VII 1112.

<sup>670</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 153.

<sup>671</sup> *Le Cousin Pons*, VII 739.

<sup>672</sup> *Physiologie du mariage [...]*, XI 1119.

<sup>673</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 332.

<sup>674</sup> *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1187.

*indústria pessoal*<sup>675</sup>, embora se possa admitir que aqui a palavra tivesse o sentido vago de «*actividade*», «*engenho*».

Mas, assim como pôde ser empregue numa acepção precisa, a palavra «*indústria*» foi também objecto de flutuações semânticas. Aquele mesmo David Séchard, impressor em Angoulême, que já ouvimos dizer «*sou um artesão, um negociante, se preferires, mas um industrial estabelecido em loja própria*»<sup>676</sup>, explicou à noiva, Ève Chardon: «*O meu carácter, os meus hábitos, as ocupações que me agradam tornam-me inapto para tudo o que seja comércio e especulação, e no entanto não poderemos enriquecer senão pelo exercício de alguma indústria*»<sup>677</sup>. O «*comércio*» parece situar-se na relação directa com o mercado, mesmo neste caso em que se vende o resultado de uma produção industrial, enquanto «*indústria*» talvez designasse a actividade prática propriamente dita, a aplicação de um espírito engenhoso. E o facto de César Birotteau ter sido classificado por um banqueiro como «*um dos industriais mais reputados da perfumaria parisiense*»<sup>678</sup> não impediu, como já observei, que ele fosse considerado por si mesmo e por outros como «*negociante*» e «*comerciante*», mas é certo que este perfumista era ambas as coisas, porque fabricava e vendia. Porém, ao depararmos com «*um industrial*» que «*se encosta à porta da sua loja [magasin]*»<sup>679</sup>, tratar-se-ia de um fabricante ou artesão e seria «*magasin*» um «*armazém*», ou tratar-se-ia de um comerciante, e neste caso a palavra «*industrial*» tinha o sentido de «*empresário*» e «*magasin*» significava «*loja*»? A oscilação reproduziu-se noutros lugares e, a respeito de dois crápulas que se juntaram para negociar letras de câmbio e títulos de dívida, o romancista comentou que «*nunca dois industriais tão reles [...] se associaram para fazer um comércio tão sujo*»<sup>680</sup>. Um destes especialistas de negócios obscuros, o banqueiro Claparon, que aliás se limitava a ser um homem de palha, foi novamente denominado por Balzac «*este pretense grande industrial*»<sup>681</sup>; todavia, quando Claparon explicou a Birotteau os mecanismos da especulação, através dos quais os banqueiros emprestavam fundos aos empresários e no final ficavam com o melhor do negócio, ele disse a certa altura «*o banqueiro convoca então os industriais*»<sup>682</sup>, e neste caso o «*industrial*» já não era Claparon mas aquele que as pessoas como ele se propunham ludibriar. E ao vermos mencionada «*a paciência do industrial do século quinze*»<sup>683</sup>, este «*industrial*» não podia ser senão um comerciante, porque se tratava de

---

<sup>675</sup> *Le Cousin Pons*, VII 520.

<sup>676</sup> *Illusions perdues*, V 183.

<sup>677</sup> *Ibid.*, V 216.

<sup>678</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 221.

<sup>679</sup> Félix Davin, *Introduction aos Études de mœurs au XIX<sup>e</sup> siècle*, I 1155.

<sup>680</sup> *Un homme d'affaires*, VII 782.

<sup>681</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 239.

<sup>682</sup> *Ibid.*, VI 242.

<sup>683</sup> *La Maison du chat-qui-pelote*, I 41.

atrair clientes mediante a exibição de animais amestrados. Vale a pena seguir a flutuação da terminologia, vacilando entre a esfera da indústria e a do comércio, na descrição das actividades do senhor Minard, que «deixara a administração em 1827 para se dedicar à indústria [...] Minard vislumbrou uma fortuna num daqueles planos perversos que dão má reputação ao comércio francês [...] Minard comprou chá, misturou-lhe uma metade de chá que já tinha servido e fora secado novamente; depois praticou nos elementos do chocolate adulterações que lhe permitiram vendê-lo a baixo preço. Este comércio de produtos coloniais iniciado no bairro de Saint-Marcel converteu Minard num negociante, ele teve uma fábrica [usine] e graças às suas relações conseguiu chegar às fontes das matérias-primas, procedeu honestamente e por atacado ao comércio a que primeiro procedera fraudulentamente, tornou-se dono de uma destilaria, [...] era tido em 1835 como o mais rico negociante do bairro de Maubert [...]»<sup>684</sup>. Por fim, ao sabermos que Madame Graslin fundara uma bolsa para subvencionar qualquer jovem que manifestasse «aptidão para as artes, para as ciências ou para a indústria»<sup>685</sup>, fica claro que o último termo representava o conjunto das actividades económicas, incluindo o comércio. Inversamente, Émile Blondet disse que «o comércio de Lyon é um comércio sem alma, que não manda fabricar uma aune de seda sem que ela esteja encomendada e que o pagamento seja seguro»<sup>686</sup>. Nesta referência ao *putting-out system*, «comércio» foi empregue como sinónimo daquilo que Balzac designou, na região de Troyes, como «indústrias», de modo que nestes casos a esfera terminológica mercantil serviu para designar a actividade industrial.

O significado da palavra «industrial» mostrou-se mais uma vez fluido quando Balzac enunciou as ideias de Monsieur de Fontaine, que defendia a formação de uma nova elite resultante da fusão da elite saída da Revolução com a proveniente do *ancien régime*, e «estimulava as mães a orientarem os filhos para as profissões independentes e industriais»<sup>687</sup>. Ora, por oposição aos postos militares e aos altos cargos do Estado, citados logo em seguida, e que se deveriam destinar aos filhos mais novos das famílias nobres, «industriais» foi evidentemente usado pelo conde de Fontaine no sentido de «empresariais». A elasticidade semântica da palavra «indústria» confirma-se ao sabermos que «em 1822 du Croisier», nome que neste romance cobre du Bousquier, «se pôs à frente da indústria do departamento, como o marquês d'Esgrignon estava à frente da nobreza»<sup>688</sup>. Mais adiante du Croisier foi chamado de «grande industrial»<sup>689</sup> e, segundo Madame la présidente du Ronceret, du Croisier «tem relações com

---

<sup>684</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 47-48.

<sup>685</sup> *Le Curé de village*, IX 871-872.

<sup>686</sup> *La Maison Nucingen*, VI 375. Demorou muito até que o sistema de medidas decretado pela Revolução Francesa fosse adoptado na linguagem corrente, e a «aune» era uma antiga unidade equivalente a pouco mais de um metro.

<sup>687</sup> *Le Bal de Sceaux*, I 118.

<sup>688</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 980.

<sup>689</sup> *Ibid.*, IV 1049.

*a alta banca e os grandes industriais de Paris*»<sup>690</sup>. Ora, como ele «*se situava entre o burguês e o fidalgo de província*»<sup>691</sup>, concluo que no seu caso um «*grande industrial*» era simplesmente um burguês rico. Por isso, quando o romancista, ao evocar as consequências da Revolução Francesa, mencionou a certo passo «*a grande mudança provocada pela Indústria e pelos costumes modernos*»<sup>692</sup>, fico convencido de que se estava a referir mais à sociedade burguesa do que exclusivamente ao mundo fabril. Mas será que tenho razão? O industrial de tipografia David Séchard afirmou que «*para efectuar uma mudança apreciável na sua população, um país requer um quarto de século e grandes revoluções nos costumes, no comércio ou na agricultura*»<sup>693</sup>, parecendo-me que «*o comércio*» só pode referir-se aqui à produção manufactureira, por oposição à produção agrícola; se assim for, «*comércio*» e «*indústria*», em contextos equivalentes, teriam sido empregues em sentidos cruzados. No ponto de intersecção encontrava-se a «*burguesia*» em sentido genérico, tanto assim que, se Émile Blondet aconselhou cinicamente Lucien de Rubempré a evocar o progresso num artigo – «*Inventa o Progresso (uma encantadora maneira de mistificar os burgueses)*!»<sup>694</sup> – era a íntima relação entre o desenvolvimento técnico e a sociedade burguesa que uma vez mais se afirmava. Ressalta neste contexto a má vontade de Balzac contra os «*vândalos burgueses*», censurando-lhes os ataques às manufacturas do *ancien régime*, sem perceber que elas eram incompatíveis com o novo sistema industrial<sup>695</sup>.

O problema torna-se ainda mais complexo se tentarmos esclarecê-lo através de sucessões de sinónimos, porque depois de ter mencionado «*vinhateiros, proprietários, mercadores de madeira, tanoeiros, estalajadeiros, barqueiros*», Balzac chamou-lhes colectivamente «*esses bons [braves] industriais*» e designou-os também como «*os comerciantes*»<sup>696</sup>. Ora, este conjunto de profissões caracterizava o meio rural, e mesmo ali, onde poderíamos supor que a especificidade da indústria se destacasse, foi o contrário que sucedeu. Quando mencionou «*a incerteza que preside à produção inteiramente industrial da vinha*»<sup>697</sup>, Balzac indicou que entendia por «*industrial*» qualquer actividade transformadora de matérias-primas. Com efeito, ele considerava que a agricultura era uma espécie de indústria, o que nas condições da França da sua época revela mais o atraso da indústria do que os progressos da economia rural. «*[...] a cinquenta léguas de Paris uma propriedade [une terre] considerável implica tantas explorações diversas, tantas produções de diferente natureza, que constitui uma indústria com todos os acasos das fábricas [de la*

---

<sup>690</sup> Ibid., IV 1071-1072.

<sup>691</sup> *La Vieille Fille*, IV 826.

<sup>692</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 983.

<sup>693</sup> *Illusions perdues*, V 218.

<sup>694</sup> Ibid., V 459.

<sup>695</sup> *Illusions perdues*, V 732.

<sup>696</sup> *Eugénie Grandet*, III 1029.

<sup>697</sup> *Le Père Goriot*, III 74.



*fabrique*]. Um rico proprietário não é senão um mercador obrigado a escoar os seus produtos, exactamente como um fabricante de ferro ou de algodão»<sup>698</sup>. O que existe de comum em todas estas modalidades de «*indústria*» é a actividade transformadora. Esta opinião era partilhada por Madame de Mortsauf, para quem «a exploração de uma terra é aqui a mais fatigante das *indústrias*»<sup>699</sup>, e neste caso o vocábulo já se aproxima da acepção de «*actividade*» ou «*engenbo*».

O campo semântico da «*industrie*» enquanto «*actividade*» e «*engenbo*» remonta ao sentido primitivo da palavra, só neste âmbito se compreendendo que a prostituição fizesse parte das «*indústrias renegadas, precárias ou sem dignidade*»<sup>700</sup>. Cheio de pretensões e desejando em vão apresentar-se como um jovem elegante, Georges tinha «*as maneiras de um cavalheiro de indústria*»<sup>701</sup>, enquanto um seu homónimo de maior estofa, Georges-Marie Destourny, que depois assinou Georges d'Estourny, era «*um dos mais audaciosos cavalheiros de indústria*»<sup>702</sup>. Balzac manteve-se decerto nesta esfera ao evocar «*a Paris dos linceos e dos clubes, dos boulevards e dos industriais*»<sup>703</sup>. Com personagens de outra candura, mas na mesma acepção, o romancista referiu «*as mil indústrias de cada aluno*»<sup>704</sup>, e foi ainda no sentido de «*actividade*» que Balzac empregou «*industrie*» ao escrever que «*em Paris qualquer funcionário que não tenha, como Rabourdin, uma patriótica aspiração ou alguma capacidade superior, soma os frutos de uma indústria aos proventos do seu lugar para poder subsistir*»<sup>705</sup>. Afinal, o mesmo destino esperava Rabourdin, que, depois de ter fracassado na tentativa de reformar internamente a administração pública, anunciou à esposa que ia tentar a fortuna nos negócios e prometeu que «*dentro de dez anos a indústria há-de dar-te de novo o luxo de que gostas*»<sup>706</sup>. Neste contexto, «*indústria*» só pode significar a actividade económica em geral, tal como sucedia com outro funcionário, a respeito de quem Balzac escreveu: «*Colleville foi um desses funcionários chamados Cumulards nas repartições, por troça*». «*Cumulard*», literalmente «*aquele que acumula*», pode traduzir-se, nos mesmos planos de gíria e de ironia, por «*tachista*». «*Estes funcionários recomendam-se pela sua indústria*»<sup>707</sup>. E quando o romancista observou, a propósito da alta nobreza do faubourg Saint-Germain, que «*fazer figura em Paris sem ter uma fortuna confirmada, sem uma indústria*

---

<sup>698</sup> *Les Paysans*, IX 142.

<sup>699</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1032.

<sup>700</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 448.

<sup>701</sup> *Un début dans la vie*, I 774. «[...] ele há-de descobrir algum velho cavalheiro de indústria [...]» – *La Peau de chagrin*, X 166.

<sup>702</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 563.

<sup>703</sup> *Ibid.*, VI 564. «[...] criaturas de todos os géneros e de todas as indústrias [...]» – *Les Comédiens sans le savoir*, VII 1177.

<sup>704</sup> *Louis Lambert*, XI 607.

<sup>705</sup> *Les Employés*, VII 950.

<sup>706</sup> *Ibid.*, VII 1099.

<sup>707</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 40.

reconhecida, é uma posição que nenhum artifício pode sustentar durante muito tempo»<sup>708</sup>, vemos que aquela acepção da palavra não se restringia sequer ao âmbito da burguesia, tal como não se restringia quando, a respeito do conde de Mortsauf, Balzac explicou que ele «*não procurara, como alguns emigrados, encetar uma vida industriosa*»<sup>709</sup>. Finalmente, numa curiosa derivação do sentido de «*indústria*» enquanto «*engenho*», «*a indústria de um colarinho falso*»<sup>710</sup> era, evidentemente, «*o artifício de um colarinho falso*».

Em *La Comédie humaine* surgiu igualmente o capitalista passivo, e também ele sem rigor terminológico. No Café David «*reuniam-se os velhos negociantes aposentados ou os grandes comerciantes ainda em exercício*»<sup>711</sup>. «*[...] um senhor*», disse Bianchon a Rastignac, «*que me pareceu ser um agente da polícia disfarçado de honesto burguês que vive dos rendimentos*»<sup>712</sup>. E depois da parte que lhe coube na herança do tio, François Minoret-Levrault vendeu o estabelecimento de chefe de posta e passou «*da vida activa à vida burguesa*»<sup>713</sup>, «*esse descanso que tanto amolece o burguês parisiense*»<sup>714</sup>. «*[...] já não tem audácia, tornou-se rentista*», disse um literato boémio com ironia<sup>715</sup>. Também noutros casos a palavra «*bourgeois*» assumiu a acepção de «*rentista*». Um casal de «*negociantes aposentados*», sendo o marido «*um velho comerciante*», foi apelidado de «*esses burgueses reforçados*»<sup>716</sup> e a peixeira senhora Cardinal, quando se julgou a ponto de obter uma bela herança, exclamou «*então vou ser Burguesa de Paris!*»<sup>717</sup>, ambição que outras puderam satisfazer. «*[...] esta viúva resolvera aplicar a quantia numa renda vitalícia, vender a sua casa de Nanterre e viver como burguesa em Saint-Germain*»<sup>718</sup>, do mesmo modo que «*o senhor e a senhora Ragon [...] decidiram deixar o ramo da perfumaria [la parfumerie], viver como bons burgueses*»<sup>719</sup>, e a propósito de Sylvie Rogron e do seu irmão Jérôme-Denis, na época em que eram ainda pequenos comerciantes em Paris, Balzac observou que «*tout marchand aspire à la bourgeoisie*»<sup>720</sup>, «*todos os mercadores ambicionam tornar-se burgueses*». Neste caso o sonho dos dois irmãos era vender o seu estabelecimento e tornar-se rentistas na cidade natal. «*Burguês*» seria, assim, quem vivia dos rendimentos, e com efeito os dois Rogron foram definidos como «*uns comerciantes da rue*

---

<sup>708</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 509.

<sup>709</sup> *Le Lys dans la vallée*, IX 1008.

<sup>710</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 336.

<sup>711</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 527.

<sup>712</sup> *Le Père Goriot*, III 165.

<sup>713</sup> *Ursule Mirouët*, III 930. Na pág. 934 o romancista mencionou «*a vida burguesa levada pelos antigos chefes de posta*», ou seja, por Minoret-Levrault e pela sua esposa Zélie.

<sup>714</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 119. «*[...] a vida ociosa, passeante, palerma e criptogâmica dos burgueses aposentados*» – *Traité des excitants modernes*, XII 318.

<sup>715</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 443.

<sup>716</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 222.

<sup>717</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 176.

<sup>718</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 851.

<sup>719</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 58.

<sup>720</sup> *Pierrette*, IV 46.

*Saint-Denis, nascidos em Provins e que aí regressaram para gastar os rendimentos*<sup>721</sup>. Aliás, a parte baixa de Provins, onde eles moravam, foi classificada como «*uma cidade de hospedarias, de comércio, de burgueses aposentados*»<sup>722</sup>, e já transformados em «*burgueses*» os irmãos Rogron foram referidos como «*esses antigos negociantes*»<sup>723</sup>. Nesta acepção Rémonencq confidenciou à sua cúmplice, a porteira Cibot, com um forte sotaque da Auvergne, que se conseguissem apoderar-se da preciosa colecção de arte reunida por Pons, «*vouche auriez de quoi reschter bourgeois pour le reschte de vostre vie...*»<sup>724</sup>, «*teréich com que chêr burguêch para o rechto da vida...*», e note-se a forma invariável que «*burguês*» aqui assumiu. Mesmo num ramo de negócios vilipendiado, quando Jacques Collin assegurou a fortuna de Paccard e de Prudence Servien colocando-a a ela como patroa de um bordel, Paccard exclamou «*estamos burgueses*»<sup>725</sup>. Mas ainda aqui a regra foi a circularidade da terminologia, porque, apesar desta série de exemplos em que o «*negociante*» aposentado se classificou como «*burguês*», Balzac afirmou com o valor de uma norma geral que «*todos os burgueses aposentados se intitulam antigo negociante*»<sup>726</sup>. Assim, quando um «*procurador do ministério público*» confidenciou, a respeito de um crime, «*todos nós pensamos que a mulher pertence à classe da burguesia ou do comércio*»<sup>727</sup>, ele estava muito possivelmente a distinguir os negociantes aposentados e os comerciantes activos. «*Um rentista pensava consigo mesmo depois de ter examinado a casa com um olhar de proprietário [...]*»<sup>728</sup>. Mas existe alguma regra na escolha do termo «*rentier*», «*rentista*»? «*O senhor sabe, os rentistas, eles vivem de rendas...*»<sup>729</sup>, explicou um porteiro afecto às tautologias. «*O senhor Molineux era um pequeno rentista grotesco, como só se encontram em Paris*»<sup>730</sup>, o que nos permite compreender que eles nem sempre eram ricos ou sequer medianamente abastados. «*[...] um desses pequenos rentistas cujas despesas são todas elas tão exactamente determinadas pela mediocridade dos rendimentos [...]*»<sup>731</sup>. E ao descrever as várias categorias da pobreza em Paris, Balzac não esqueceu «*a miséria dos velhos rentistas, dos velhos funcionários*»<sup>732</sup>.

Que regra preside a esta fluidez terminológica? Ela deveu-se em parte à situação ambígua em que a burguesia se encontrava durante as primeiras décadas do capitalismo em

---

<sup>721</sup> Ibid., IV 54.

<sup>722</sup> Ibid., IV 48.

<sup>723</sup> Ibid., IV 55.

<sup>724</sup> *Le Cousin Pons*, VII 583. E na pág. 712 Rémonencq disse à Cibot, agora já sem o sotaque: «*[...] eu encarrego-me de lhe arranjar uma bela fortuna... se casar comigo... Há-de ser burguesa...*».

<sup>725</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 911.

<sup>726</sup> *La Cousine Bette*, VII 158.

<sup>727</sup> *Le Curé de village*, IX 692.

<sup>728</sup> *Une double famille*, II 20.

<sup>729</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 180.

<sup>730</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 105.

<sup>731</sup> *Le Cousin Pons*, VII 486. «*[...] algum pobre diabo, um rentista vindo do Marais [...]*» – *Illusions perdues*, V 268.

<sup>732</sup> *La Rabouilleuse*, IV 352.

França. Enquanto os assalariados se definiam apenas por oposição aos patrões, ou em geral aos ricos, os novos patrões da plebe definiam-se numa dupla oposição, por um lado contra a nobreza e por outro lado contra os assalariados e os camponeses pobres. A distinção entre «operários» e «proletários» dizia unicamente respeito à atitude social dos assalariados nas circunstâncias em que eram referidos; mas na esfera dos patrões a questão de saber quem era mencionado era tão decisiva como a questão de saber quem os designava. Esta situação dificultou quer a escolha de um termo único para designar a função económica desempenhada pelos patrões, quer o estabelecimento de um vocabulário sistemático para assinalar os vários ramos de actividade patronal, quer ainda a aceitação de um sentido unívoco para a palavra «bourgeois» e os seus derivados. A constelação vocabular relacionada com a burguesia ligava-se por fios múltiplos a campos semânticos variados, consoante o estrato social em que os termos eram usados.

Além disso, a confusão terminológica reflecte condições económicas bastante retardatárias, em que o comércio continuava a ser a forma geral da actividade capitalista e em que a banca não tinha ainda assumido as funções de crédito e de investimento necessárias para generalizar o capitalismo moderno. Neste contexto, palavras que designavam os investidores activos podiam igualmente ser aplicadas a rentistas ricos ou simplesmente a detentores de consideráveis meios de fortuna. Até palavras cuja conotação com a indústria poderíamos supor que fosse precisa e invariável remetiam para um leque de termos no âmbito do comércio. Balzac denominou «o Comércio»<sup>733</sup>, colectivamente e com a maiúscula de um conceito, a burguesia de Angoulême, residente não na cidade propriamente dita mas nos subúrbios, no Houmeau. E como em seguida o romancista evocou «os curtumes, a lavagem de roupa, todos os comércios aquáticos»<sup>734</sup>, ou seja, movidos pela energia hidráulica, vê-se que «o Comércio» incluía a indústria. Aliás, na versão prévia às provas corrigidas Balzac escrevera «todas as indústrias que vivem pela água»<sup>735</sup>. Esta conotação industrial ficou semanticamente reforçada quando o autor registou, logo depois, que «os subúrbios, o Houmeau, tornaram-se assim uma cidade industriosa e rica»<sup>736</sup>. Depois a terminologia mudou de novo e ao sintetizar aquela divisão topográfico-social Balzac anotou: «No alto a Nobreza e o Poder, em baixo o Comércio e o Dinheiro»<sup>737</sup>. «O Comércio é rico, a Nobreza é geralmente pobre», insistiu ele<sup>738</sup>, confirmando que «o Comércio» foi aqui usado na acepção de burguesia.

---

<sup>733</sup> *Illusions perdues*, V 150.

<sup>734</sup> *Ibid.*, V 151.

<sup>735</sup> *Ibid.*, V 1159 n. a da pág. 151.

<sup>736</sup> *Ibid.*, V 151.

<sup>737</sup> *Ibid.*, V 151.

<sup>738</sup> *Ibid.*, V 152.

Quando «comerciante» aparecia como sinónimo de «mercador», sendo ambos por sua vez sinónimos de «negociante» e incluindo-se os «industriais» entre os «comerciantes», podendo ainda qualquer deles simbolizar o «burguês», percebemos que o comércio, mais do que a indústria, era considerado como o principal negócio. «[...] o espírito de calúnia que anima os comerciantes uns contra os outros»<sup>739</sup> era um simples resultado da concorrência no mercado, mas neste caso a maledicência dos «comerciantes» caracterizaria igualmente os profissionais dos outros ramos de negócio, tanto assim que Balzac pôde evocar, referindo-se a Issoudun, «a mexeriqueira burguesia da cidade»<sup>740</sup>. Noutro contexto, ao denunciar «essa Burguesia que obscurece com as suas mesquinhas paixões os grandes interesses do país»<sup>741</sup>, o romancista estava a pretender que a concorrência fragmentava os interesses em vez de os unir num só anseio global, e aqui é já com a burguesia que deparamos, ainda para mais tomada como conceito, com maiúscula inicial. Os vários termos não tinham ainda adquirido um significado preciso e estável porque as realidades sociais a que se referiam estavam a surgir umas das outras.

Mas a principal imprecisão vocabular de *La Comédie humaine*, que resumia as demais, dizia respeito à própria classe dominante e aos seus membros. «Bourgeoisie» e «bourgeois» não eram termos exclusivos e em seu lugar podiam ser empregues outros que originariamente denotavam ramos de actividade específicos e não a totalidade da classe social. Só o desenvolvimento do capitalismo, aumentando a especialização económica e a divisão de funções entre os detentores dos meios de produção, dificultaria o emprego generalizante de termos de aceção particular e propiciaria a adopção de um termo de vocação unicamente global. A palavra «burguês» e os seus derivados acabaram por prevalecer enquanto designação genérica, e a ascensão e o triunfo deste vocábulo são ricos de ensinamentos. Vimos que termos como «negociante», «comerciante» ou «industrial» foram usados de maneira pejorativa com muitíssimo menos frequência do que «burguês», e aliás «negociante» exalava uma aura de respeitabilidade. E, no entanto, não foram eles que se impuseram numa aceção genérica, como se a burguesia quisesse lançar um repto à antiga classe dominante. Se a palavra «burguês» possuía frequentemente uma conotação depreciativa quando era proferida nos meios da nobreza e a possuía invariavelmente entre a boémia artística, só tendo uma conotação sistematicamente positiva quando era proferida nos meios burgueses, conluo que a evolução da terminologia, reflectiu a ascensão económica e social da burguesia e o seu domínio completo sobre o Estado, até que o vocábulo fosse

---

<sup>739</sup> *Modeste Mignon*, I 666.

<sup>740</sup> *La Rabouilleuse*, IV 391. Ainda em Issoudun, Balzac referiu na pág. 479 «une disette bourgeoise», ou seja, «um boato burguês».

<sup>741</sup> *Le Cabinet des Antiques*, IV 1061.

universalmente aceite como designando de maneira objectiva a classe dos proprietários privados dos meios de produção. Foi um desafio ideológico que os burgueses lançaram à velha elite social e à elite cultural, o de impor a palavra «*burguesia*» num sentido objectivo, e ganharam esse desafio. Do outro lado das clivagens sociais, para os operários e para a generalidade dos trabalhadores braçais urbanos, «*burguês*» designava o patrão, assim como para os camponeses designava o dono da terra, fosse ele nobre ou burguês propriamente dito. Assim, nas relações de exploração estava preparado o terreno para a aceitação de «*burguês*» como termo genérico e objectivo. A história das palavras é a história de quem, em algum plano, exerce poder sobre o dicionário.

## Anexo

«*Bourgeois*», «*burguês*», e os seus derivados foram ainda empregues em *La Comédie humaine* em frases cuja tradução noutras línguas remete para esferas semânticas distintas.

É absurdo traduzir literalmente a observação de Balzac de que «nenhuma das muitas invenções do luxo imperial obteve direitos de burguesia em casa de Madame de Granville»<sup>1</sup>, porque os «direitos de burguesia» eram, evidentemente, «direitos de cidadania». Do mesmo modo Étienne Lousteau, em conversa com Lucien de Rubempré, disse acerca de um dado romance que ele «dá em França direitos de burguesia a uma literatura sem ideias»<sup>2</sup>. E num tom jocoso, Balzac preveniu contra a vitória do estranho que conseguisse penetrar na fortaleza matrimonial. «Apesar da gravidade da crise à qual chega um marido, não acreditamos que o amante tenha adquirido completamente direitos de burguesia na cidade conjugal»<sup>3</sup>.

Balzac evocou também as «*pensions bourgeoises du quartier Latin*»<sup>4</sup>, as «pensões familiares do Bairro Latino», região estudantil em torno da Sorbonne. Mas se a expressão for transposta literalmente teremos «pensões burguesas», e é assim que vou traduzir aqui, para vincar a relação com o conjunto de acepções que envolvia a «burguesia». «Uma pensão burguesa» foi definida como «uma casa onde se janta e se almoça por abonnement»<sup>5</sup>, ou seja, neste caso, mediante um preço fixo, inferior ao praticado para refeições avulso. «Eu jantava numa pensão burguesa, a quarenta francos por mês»<sup>6</sup>, contou alguém. Comia-se, e dormia-se também. O doutor Benassis, recordando os tempos de estudante universitário, disse «o meu pai instalou-me numa pensão burguesa do Bairro Latino»<sup>7</sup>. Conhecemos o caso da senhora Vauthier, cuja «ambição era estar à frente de uma pensão burguesa»<sup>8</sup>, mas na *Comédie* o mais célebre destes estabelecimentos, que serviu de quadro a um dos romances cruciais, é a «pensão burguesa» da senhora Vauquer<sup>9</sup>. Será que se encontravam burgueses naquela «pensão burguesa»? O jovem Rastignac estava lá alojado e, embora nobre, a sua família era naquela época esquecida e

<sup>1</sup> *Une double famille*, II 59.

<sup>2</sup> *Illusions perdues*, V 444.

<sup>3</sup> *Physiologie du mariage* [...], XI 1091.

<sup>4</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 224.

<sup>5</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 756.

<sup>6</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 272.

<sup>7</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 541-542.

<sup>8</sup> *L'Envers de l'histoire contemporaine*, VIII 332.

<sup>9</sup> *Le Père Goriot*, III 49, 50, 51, 52, 65, 76, 79, 151, 167, 233, 234, 239, 288; *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 704, 723, 755, 756, 807; *Les Employés*, VII 962.

impecuniosa. Outro dos hóspedes, Jacques Collin, oculto sob o nome de Vautrin, «*dizia-se antigo negociante*»<sup>10</sup>, mas o chefe da polícia, que Bianchon vira «*disfarçado de honesto burguês*», explicou que Collin se dissimulara sob os traços de um «*bom burguês de Paris*»<sup>11</sup>. Balzac recordaria mais tarde que «*Jacques Collin [...] vivia sob o nome burguês de Vautrin na Casa Vauquer*»<sup>12</sup>. E *Mademoiselle Michonneau*, quando se preparava para aceitar a espionagem que o chefe da polícia lhe propôs, colocou a alternativa de saber se Vautrin era um forçado evadido ou «*um burguês*», termo com que o romancista substituiu a expressão «*um homem de bem*», que se encontrava no manuscrito<sup>13</sup>. Também, nas palavras de um artista, Collin disfarçara-se de «*burguês de Paris*»<sup>14</sup>. Outro hóspede, Goriot, na sua fase de relativa opulência mantivera-se em relação com «*negociantes*» e «*agricultores [fermiers]*»<sup>15</sup> e fora classificado como «*negociante*»<sup>16</sup> ou, de maneira mais estritamente profissional, como «*um*» ou «*o*» «*aletrieiro*»<sup>17</sup>, «*o antigo aletrieiro*»<sup>18</sup>, «*o velho aletrieiro*»<sup>19</sup>, «*o honesto aletrieiro*»<sup>20</sup> e «*o bom aletrieiro*»<sup>21</sup>. Enquanto durou a abastança de Goriot, a senhora Vauquer sonhou em casar-se com «*essa fina flor da burguesia*»<sup>22</sup>, que era então «*o burguês corpulento e robusto, resplandecente de estupidez*»<sup>23</sup>. Na pensão encontramos ainda Poiret, «*antigo funcionário, sem dúvida uma pessoa de virtudes burguesas*»<sup>24</sup>.

As «*maisons bourgeoises*»<sup>25</sup> eram literalmente «*casas burguesas*», e a expressão designava residências abastadas, como sucedia por exemplo com a casa de *Mademoiselle Cormon* em Alençon, que era, «*no seu género, um arquétipo das casas burguesas de uma grande parte da França*»<sup>26</sup>. «*As duas empenas terminam em ramalbetes de chumbo, símbolo de burguesia, porque outrora era exclusivo dos nobres o direito de ter cataventos*»<sup>27</sup>. A expressão tem raízes históricas, e referindo-se ao século XVI o romancista evocou «*uma época em que as casas burguesas eram muito mais construídas em madeira do que em pedra*»<sup>28</sup>, mas ela continuava a ser actual e podia mesmo designar

<sup>10</sup> *Le Père Goriot*, III 55.

<sup>11</sup> *Ibid.*, III 191.

<sup>12</sup> *Splendeurs et misères des courtisanes*, VI 502.

<sup>13</sup> *Le Père Goriot*, III 193, 1292 n. b da pág. 193.

<sup>14</sup> *Ibid.*, III 222.

<sup>15</sup> *Ibid.*, III 124.

<sup>16</sup> *Ibid.*, III 63, 65, 69.

<sup>17</sup> *Ibid.*, III 112, 124, 125, 204.

<sup>18</sup> *Ibid.*, III 63, 119, 168.

<sup>19</sup> *Ibid.*, III 67, 100, 114, 196.

<sup>20</sup> *Ibid.*, III 68.

<sup>21</sup> *Ibid.*, III 72.

<sup>22</sup> *Ibid.*, III 65.

<sup>23</sup> *Ibid.*, III 72.

<sup>24</sup> *Ibid.*, III 188.

<sup>25</sup> *Le Cousin Pons*, VII 530, 742.

<sup>26</sup> *La Vieille Fille*, IV 851.

<sup>27</sup> *Ibid.*, IV 848.

<sup>28</sup> *Sur Catherine de Médicis*, XI 309-310. Na pág. 346 lemos que no apartamento de Calvino «*entrava-se, como na maior parte das casas burguesas de Genebra, pela cozinha*».



edifícios novos. «*Talvez acabemos por adquirir um aspecto de cidadezinha e por ter casas burguesas*», disse o doutor Benassis<sup>29</sup>, o que contribui para esclarecer o sentido da expressão. Aliás, não seria preciso chegar a tanto, porque numa aldeia com cerca de sessenta casas existia «*uma casa burguesa*»<sup>30</sup>. Em conversa com o marido, a esposa de um rico de província chamou à residência de ambos «*uma casa burguesa*»<sup>31</sup>, e o domicílio renovado de César Birotteau, onde ocorreu o célebre baile, foi considerado por Balzac como uma dessas «*casas burguesas*»<sup>32</sup>. Naturalmente, em busca dos melhores negócios, os caixeiros-viajantes visitavam as «*casas burguesas*»<sup>33</sup> e Claparon, um especulador de baixo coturno sempre na beira da fraude, exclamou apreciativamente: «*Aqui está um destes molhos que só se comem nas casas burguesas [...]*»<sup>34</sup>. Balzac mencionou as «*pobres raparigas que se apresentam nas casas burguesas para todo o serviço*»<sup>35</sup>, ou seja, as empregadas domésticas não especializadas, decerto incapazes de fazer os molhos que Claparon tanto apreciava e mais incapazes ainda de superar as «*dificuldades suscitadas em casa pela preparação burguesa dos diferentes comestíveis requeridos pelo esplendor da festa*»<sup>36</sup>. Descrevendo um jantar em casa dos Thuillier, o romancista mencionou «*a fisionomia da cozinheira burguesa de 1840*»<sup>37</sup>, tão «*burguesa*» decerto como o era a casa onde trabalhava, e talvez ela soubesse preparar os tais molhos. E assim como existiam «*casas burguesas*» encontramos igualmente «*uma praça de cabriolés burgueses*»<sup>38</sup>. «*Ela própria foi alugar uma carruagem, para escolher um coupé que não fosse velho nem burguês nem insolente*»<sup>39</sup>.

---

<sup>29</sup> *Le Médecin de campagne*, IX 426.

<sup>30</sup> *Les Paysans*, IX 56. Na pág. 227 encontro mencionado «*um horrendo barrete, evidentemente apanhado em La-Ville-aux-Fayes à porta de qualquer casa burguesa*», e pela leitura da pág. 234 fico a saber que Jean-Louis Tonsard alugava os seus serviços «*nas casas burguesas*».

<sup>31</sup> *Ursule Mirouët*, III 957.

<sup>32</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 178.

<sup>33</sup> *L'Illustre Gaudissart*, IV 562.

<sup>34</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 150.

<sup>35</sup> *Une fille d'Ève*, II 302.

<sup>36</sup> *Histoire de la grandeur et de la décadence de César Birotteau [...]*, VI 166.

<sup>37</sup> *Les Petits Bourgeois*, VIII 103.

<sup>38</sup> *Ursule Mirouët*, III 834.

<sup>39</sup> *Les Employés*, VII 1060.